

Marcia Toscan

O corpo indelével: Tatuagens em presidiários

Universidade Fernando Pessoa

Porto

2021

Marcia Toscan

O corpo indelével: Tatuagens em presidiários

Universidade Fernando Pessoa

Porto

2021

© 2021
Marcia Toscan

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Marcia Toscan

O corpo indelével: Tatuagens em presidiários

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de doutor em Ciências da Informação, sob orientação do Professor Doutor Rui Torres e Professora Doutora Glória Jolluskin.

RESUMO

A tatuagem é uma forma de comunicação inscrita no corpo que, com um sentimento individualista, imprime homenagens, fúrias, alegrias, códigos; muitas com cunhos ideológicos e outros estéticos. Essas opções são produzidas em momentos distintos da vida de seu usuário. As tatuagens agudizam as várias áreas de atuação como a médica, a psicológica e antropológica. Contudo, nesta pesquisa, o foco de interesse foi nas tatuagens feitas por presidiários e foram consideradas aquelas feitas fora e dentro da prisão, onde – nessa população – encontram-se tatuagens com intenções diferenciadas e ficou evidente também que o meio interfere na decisão, motivação de escolhas para tatuar, considerando a mundivivência de cada entrevistado. A pesquisa foi realizada em duas penitenciárias distintas: na P1 (no Brasil) e P2 (em Portugal). Assim, este estudo tem como objetivo identificar as motivações dos presidiários em realizar as tatuagens. Para obter respostas, foram entrevistados 200 participantes com 1.177 tatuagens observadas, das quais 440 produzidas no cárcere. Desse modo, a pesquisa foi exploratória e dentro das necessidades que ela apontou, foram levantados dados de natureza qualitativa e quantitativa com diferentes técnicas de recolha como observação do campo de estudo, perfil dos participantes (população alvo), entrevistas com perguntas semiestruturadas e fotografias individuais. Para as análises, optou-se pela interpretação dos símbolos a partir da semiótica, pois as tatuagens são signos a serem decodificados e a análise de conteúdo interpretada por meio da categorização das tatuagens e das entrevistas, portanto, conseguiu-se traçar transversalmente os propósitos da investigação. Após as análises dos dados, os resultados obtidos apontam que, na categoria Família e Relacionamentos, está concentrado o maior número de tatuagens, das quais 216 e 88 (40%) são direcionadas aos filhos, onde o pertencimento, a homenagem e o estar junto são as principais motivações para realizá-las.

Palavras-chave: Corpo; Comunicação; Tatuagens carcerárias; Simbologias.

ABSTRACT

The tattoo is a form of communication inscribed in the body which, with an individualistic feeling, imprints tributes, fury, joys, codes; many with ideological and other with aesthetic characteristics. These options are produced at different times in the life of its user. The tattoos sharpen the various areas of performance such as medical, psychological and anthropological. However, in this research, the focus of interest was on the tattoos made by prisoners and were considered those made outside and inside the prison, where – in that population – there are tattoos with different intentions and it was also evidenced that the environment interferes in the decision, motivation of choices to tattoo, considering the globalization of each interviewee. The research was carried out in two different penitentiaries: in P1 (in Brazil) and in P2 (in Portugal). Thus, this study aims to identify the motivations of prisoners in performing the tattoos. To obtain answers, 200 participants were interviewed and 1.177 tattoos were observed, of which 440 were produced in prison. Therefore, the research was exploratory and within the needs it pointed out, qualitative and quantitative data were collected with different collection techniques such as observation of the field of study, profile of the participants (target population), interviews with semi-structured questions, and individual photographs. For the analyses, the interpretation of the symbols was chosen from the semiotics, because the tattoos are signs to be decoded and the analyses of content interpreted by means of the categorization of the tattoos and of the interviews, then it was possible to outline the purposes of the investigation. After the analyses of the data, the results obtained indicate that the highest number of tattoos are concentrated in the Family and Relationships category, 216 and 88 of which (40%) are directed to the children, where belonging, homage and being together are the main motivation to perform them.

Keywords: Body; Communication; Prison Tattoos; Symbologies.

SOMMAIRE

Le tatouage est une forme de communication inscrite dans le corps qui, avec un sentiment individualiste, imprime des hommages, des fureurs, des joies, des codes ; beaucoup avec des caractéristiques idéologiques et d'autres esthétiques. Ces options sont produites à différents moments de la vie de son utilisateur. Les tatouages aiguisent les différents domaines de performance tels que le médical, le psychologique et l'anthropologique. Cependant, dans cette recherche, le centre d'intérêt a été sur les tatouages faits par des détenus et ont été considérés ceux faits à l'intérieur et à l'extérieur de la prison, où – dans cette population – il y a des tatouages avec des intentions différentes et il a été évident que l'environnement interfère dans la décision, la motivation des choix de tatouage, compte tenu de la globalisation de chaque interviewé. La recherche a été menée dans deux pénitenciers différents : P1 (au Brésil) et P2 (au Portugal). Donc, cette étude vise à identifier les motivations des prisonniers dans l'exécution des tatouages. Pour obtenir des réponses, ont été interrogés 200 participants avec 1177 tatouages observés, dont 440 ont été produits en prison. Ainsi, la recherche a été exploratoire et dans les besoins qu'elle a indiqués, des données de nature qualitative et quantitative ont été collectées avec différentes techniques de collecte telles que l'observation du champ d'étude, le profil des participants (population cible), des entretiens avec des questions semi-structurées et des photos individuelles. Pour les analyses, on a opté pour l'interprétation des symboles à partir de la sémiologie, parce que les tatouages sont des signes à être décodés et l'analyse de contenu interprété par la catégorisation des tatouages et des interviews, donc il a été possible de décrire les objectifs de l'enquête. Après les analyses des données, les résultats obtenus indiquent que, dans la catégorie Famille et Relations, le plus grand nombre de tatouages est concentré, dont 216 et 88 (40%) sont dirigés vers les enfants, où l'appartenance, l'hommage et l'être ensemble sont les principales motivations pour les exécuter.

Mots-Clés : Corps ; Communication ; Tatouages en prison ; Symbologies.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus amores...

Ao meu filho

Vitor Hugo Miyamoto, meu grande amor: eu sinto muito, me perdoe, eu te amo, eu sou grata! Filho, que em algum momento de sua vida o seu desejo de conhecimento possa ser inspirado no meu.

As minhas duas Mães

Adelina e Nelva, mulheres guerreiras, divertidas, admiráveis por saberem manter a família sempre perto! Amo-as!

Aos meus irmãos

Jussara, Eleandra, Marcos e Francielle... nas próximas vidas eu escolho vocês novamente, obrigada por estarem comigo nesta jornada chamada Vida!

E aos amores de meus amores...

Ana Cláudia, Armando, Eloísa, João Pedro, Laura, Maria Beatriz, João Marcos, Alice, Marina e Júlia. Obrigada por todos os momentos maravilhosos que vocês sempre nos proporcionam ... Amo vocês!

À Armando G. Toscan e Victor Guércio Filho.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Rui Torres, meu orientador, o qual aceitou estar comigo nesta jornada e com maestria e competência sempre apontou o caminho melhor a seguir. Agradeço imensamente pelo conhecimento compartilhado, pela generosidade e comprometimento dedicados a cada passo dessa trajetória. Ao professor minha eterna admiração e gratidão.

A Professora Dra. Glória Jolluskin, por ter aceitado ser minha co-orientadora, a qual com competência profissional e dedicação apontou melhorias na pesquisa. Agradeço por compartilhar seu conhecimento, sua atenção e disponibilidade. À professora minha eterna admiração e gratidão.

A Universidade Fernando Pessoa pela oportunidade de acesso aos estudos, e especialmente aos professores do Doutorado em Ciências da Informação dos anos 2014/2017 os quais sempre com comprometimento e carinho compartilharam seus conhecimentos e experiência; e aos meus novos amigos nessa jornada Mario, Paulo, Marcio, Cristiane e Paola a minha saudade dos momentos vividos.

Ao DEPEN – Departamento de Penitenciárias do Estado do Paraná por ter autorizado a pesquisa na P1., e aos Diretores da P1, por terem gentilmente me recebido na unidade e disponibilizado o acesso necessário à pesquisa;

As Assistentes Sociais da P1 as quais não mediram esforços para repassar informações e dados sobre os detentos pesquisados. A secretária da P1 por ser solícita e gentil em repassar as informações necessárias;

Aos Agentes Penitenciários por me acompanharem durante as entrevistas, os quais salvaguardaram os detentos e estiveram disponíveis nesse processo.

A Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais de Portugal que prontamente autorizaram a pesquisa na P2.

A Adjunta para o Tratamento Penitenciário do Estabelecimento P2, a qual me recebeu repassando esclarecimentos da instituição e informações necessárias e ao Professor, que esteve comigo nos primeiros contatos com os detentos;

Aos Agentes Penitenciários da P2 pela disponibilidade nos dias da pesquisa; e a toda equipe do Setor de Segurança e dos Arquivos, que prontamente disponibilizaram informações para pesquisar, meu muito obrigada.

A Celso K. Miyamoto, o qual foi meu companheiro por 25 anos que sempre me incentivou em seguir nos estudos, gratidão.

À Nancy Plonczynski e Neuma Lopes obrigada por estarem comigo nesta caminhada acadêmica em terras Lusas. À Elizabeth Maia que esteve sempre ao lado e reduziu as saudades de casa, obrigada pelo carinho e amizade.

Ao querido amigo José Carlos Boura, e a amiga Sandra Cristina A. Ferreira, por me receberem em suas casas e por partilharem seus familiares e amigos e emprestarem seus abraços em momentos distintos. Obrigada pelo carinho, pelas palavras sempre pontuais e amáveis.

Aos 200 detentos pesquisados nas duas penitenciárias que oportunizaram proceder essa pesquisa. Meu muito Obrigada.

Índice

Resumo	vi
Abstract.....	vii
Sommaire.....	viii
Índice	xii
Índice de Figuras	xvii
Índice de Tabelas	xxii
Lista de Abreviaturas.....	xxiii
Introdução.....	1
1. Justificativa da escolha	1
2. Objetivos.....	2
3. Estrutura da Tese	3
4. Métodos e técnicas utilizados	8
5. Restrições e Limites da Pesquisa.....	9
6. Resultados do trabalho	10
Parte I - O corpo indelével.....	11
Capítulo I - Panorama da História da Tatuagem	12
1. Algumas considerações sobre o surgimento da tatuagem	12
2. A tatuagem na contemporaneidade	19
3. Modificações corporais: o corpo é meu e faço o que eu quero!	23
Capítulo II – Corpo-tatuagem-comunicação	29
1. Tatuagem, corpo: comunicando e marcando identidades.....	29
2. Tatuagem: texto impresso no corpo	37
3. Tatuagem: imagem e objeto semiótico.....	47
3.1 Símbolos e Simbologias: aspectos analisados na tatuagem	50
3.2 A semiótica na análise das tatuagens.....	52
3.2.1 Tatuagens categoria Ícone	60
3.2.2 Tatuagens categoria Ícone e Índice.....	61
3.2.3 Tatuagens categoria Ícone e Símbolo	62

3.3 Tatuagens categoria – Índice	63
3.3.1 Tatuagens categoria Índice e Símbolo	65
3.4 Tatuagens - categoria Símbolo	65
3.5 Considerações sobre as análises	67
Capítulo III - A Tatuagem em Cárcere	68
1. O cárcere: o ambiente a ser compreendido (Breve história da prisão)	68
2. Brasil e Portugal - Origens que se cruzam no sistema prisional	70
3. Conhecendo os ambientes da pesquisa	74
3.1 O ambiente I: P1 – Brasil	74
3.2 O ambiente II: P2 – Portugal	75
4. Os efeitos da prisionização	77
4.1 O corpo prisionizado	79
4.2 O corpo ressocializado	81
5. A tatuagem carcerária – Estado da Arte	83
6. Reflexão sobre o Estado da Arte	92
Parte II - Tatuagens em presidiários	94
Capítulo IV – Metodologias - A trajetória da pesquisa nas penitenciárias	95
1. Participantes	96
2. Instrumentos	96
3. Procedimentos	98
3.1. Os primeiros contatos – P1 e P2	98
4. Resultados	104
4.1 Perfil dos participantes	104
4.2 Perfil das tatuagens	107
Capítulo V – As análises das Tatuagens a partir das simbologias e das entrevistas: tatuagens iguais, motivos diferentes? (Brasil/Portugal)	122
1. Família/Relacionamentos	126
1.1 Nomes	126
1.2 Retrato	129

1.3 Pai	129
1.4 Mãe	130
1.5 Frases para a Mãe	131
1.6 Lágrimas	132
1.7 Diamante	133
1.8 Retrato da Mãe	134
1.9 Parentes	134
1.10 Palavra Família	135
1.11 Esposas (ex), Namoradas (ex), Companheiras (ex)	136
2. Categoria Espiritualidade	137
2.1 Cruz	138
2.2 Cristo	139
2.3 Terço / Rosário	140
2.4 Santas: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima	1422
3. Misticismo	143
3.1 Demônio/Diabo	143
3.2 Mago	144
3.3 Morte com Foice (Ceifeiro)	145
3.4 Olho Egípcio	146
3.5 Yin-Yang	147
3.6 Fênix	1488
3.7 Sol e Lua	1499
4. Autoafirmação e Identidade	149
4.1 Força e Eu	150
4.1.1 Águia	150
4.1.2 Cachorro	151
4.1.3 Tribal	152
4.1.4 Carpa	153
4.1.5 Dragão	154
4.1.6 Escorpião	155
4.1.7 Nome Próprio	157

4.1.8 Código de Barras	158
5. A Prisão	158
5.1 Reclusão	158
5.1.1 Algemas	158
5.1.2 Arame Farpado	159
5.2 Liberdade	160
5.2.1 Asas	160
5.2.2 Frase “Vida Loka”	161
5.3 Conflitos com a segurança do estabelecimento	161
5.3.1 Cop Killer	161
5.3.2 Frase “Only God can judge me” (Só Deus pode me julgar).....	162
5.3.3 Fuck Chibos	163
5.3.4 Fuck The Police	164
5.3.5 Pontos na mão	164
5.3.6 Caveira.....	165
5.3.7 Armas	166
5.3.8 Faca ou punhal	168
6. Vícios e Entretenimento	1699
6.1 Consumo de Substância	169
6.2 Jogos	169
6.2.1 Cartas / Baralho	169
6.2.2 Bilhar com dados e variações.....	170
6.2.3 Coringa.....	171
6.3 Diversão	172
6.3.1 Música.....	172
6.3.2 Mulher Nua	173
6.3.3 Palhaço	173
7. Reflexão sobre a Parte II tatuagens em prisioneiros.....	176
Conclusão	181
Referências	185

ANEXOS.....	206
Anexo 1 - Figuras	207
Anexo 2 - Parecer da Justiça Portuguesa - Parecer DEPEN - Brasil.....	273
Anexo 3 - Questionário.....	279
Anexo 4 - Declaração de consentimento Informado.....	280
Anexo 5 - Comissão de Ética da UFP.....	281

Índice de Figuras

Figura 1- Tabela evolutiva da tatuagem	207
Figura 2- Cabeças tatuadas de guerreiros Maoris.....	207
Figura 3- Homem do Gelo – Otzi.....	208
Figura 4- Detalhe de tatuagem de Otzi.....	208
Figura 5 - Protótipo da invenção do tatuógrafo.....	209
Figura 6 - Cartaz Damas Tatuadas.	209
Figura 7 - Cartaz de divulgação do programa Ink Master.....	210
Figura 8- Cartaz de divulgação da convenção Oporto Tattoo.	210
Figura 9- Cartaz de Evento sobre Tatuagem.	211
Figura 10- Ana Mendieta, Tree Of Life, 1976.	211
Figura 11- Mulher Ndebele.	212
Figura 12- Mulher aldeã com escarificações.....	212
Figura 13- Maria José Cristerna, a “Mulher Vampira” (la historia detras del mito – TV Asteca 2015).....	213
Figura 14- Maria José Cristerna, a “Mulher Vampira” (la historia detras del mito – Tv Asteca 2015).....	213
Figura 15- BMXNET, evento de modificações corporais.....	214
Figura 16- Composição da Tríade de um signo.....	214
Figura 17- P1	215
Figura 18- P2	215
Figura 19- Tatuagem prisional – P2	216
Figura 20- Máquina de tatuar caseira – prisão	216
Figura 21- Nome filhos – P1	217
Figura 22- Nome dos filhos – P2.....	217
Figura 23- Nome dos filhos com variações – P2.....	218
Figura 24- Nome dos filhos com variações – P2.....	218
Figura 25- Filhos - variações – P2.....	219
Figura 26- Filhos variação – P2.....	219
Figura 27- Filhos - variações – P2.....	220

Figura 28- Filhos - variação retrato – P2	220
Figura 29- Nome do Pai – P1	221
Figura 30- Nome do Pai – P2	221
Figura 31- Pai - Frase – P1	222
Figura 32- Retrato – P2	222
Figura 33- Nome da mãe – P2	223
Figura 34- Nome da mãe – P1	223
Figura 35- Frase para a mãe – P1.	224
Figura 36- Frase para a mãe – P2	224
Figura 37- Mãe - Diamante – P2.	225
Figura 38- Mãe - retrato – P2	225
Figura 39- Parentes – P1	226
Figura 40- Parentes – P2.....	226
Figura 41- Parentes – P2.....	227
Figura 42- Parentes – P2.....	227
Figura 43- Parentes - palavra família – P2	228
Figura 44- Parentes - Palavra família – P2	228
Figura 45- Relações conjugais – P1	229
Figura 46- Relações conjugais – P2	229
Figura 47- Relacionamentos – P1.....	230
Figura 48- Relacionamentos – P1.....	230
Figura 49- Religião P1.....	231
Figura 50- Religião – P2.....	231
Figura 51- Religião- P1	232
Figura 52- Detalhe da Figura 51 - com a Frase: Deus perdoa eu não	232
Figura 53- Religião – P2.....	233
Figura 54- Religião- P1	233
Figura 55- Religião - Terço – P2.....	234
Figura 56- Religião - Terço nas mãos – P2	234
Figura 57- N.Sra. Aparecida – P1	235
Figura 58- N.Sra de Fátima – P2	235

Figura 59- Misticismo - Demônio – P2	236
Figura 60- Misticismo - Demônio – P2	236
Figura 61- Misticismo - Mago – P1	237
Figura 62- Misticismo - Morte c/ foice – P1	237
Figura 63- Olho Egípcio – P2.....	238
Figura 64- Misticismo- Yin Yang – P2	238
Figura 65- Misticismo - Yin Yang – P1	239
Figura 66- Misticismo - Fênix – P1.....	239
Figura 67- Misticismo – Lua/Sol – P1	240
Figura 68- Autoafirmação / Águia - P2	240
Figura 69- Autoafirmação / Águia - P1	241
Figura 70- Autoafirmação - Cão – P1	241
Figura 71- Autoafirmação - Cão – P2	242
Figura 72- Autoafirmação - tribal – P1	242
Figura 73- Autoafirmação - Tribal – P2	243
Figura 74- Autoafirmação - Carpa – P1	243
Figura 75- Autoafirmação - Carpa – P1	244
Figura 76- Autoafirmação - Carpa – P2	244
Figura 77- Autoafirmação - Dragão – P1	245
Figura 78- Autoafirmação - Dragão – P2	245
Figura 79- Eu - Escorpião – P1	246
Figura 80- Eu - Escorpião – P2	246
Figura 81- Identidade - Nome Próprio – P1	247
Figura 82- Identidade - Nome Próprio – P2	247
Figura 83- Identidade - Código de Barra – P2.....	248
Figura 84- Reclusão – Algemas – P2	248
Figura 85- Reclusão – Algemas – P2	249
Figura 86- Reclusão – Arame Farpado – P1	249
Figura 87- Reclusão - Arame Farpado – P2	250
Figura 88- Liberdade - Asas – P1	250
Figura 89- Liberdade - asas – P2.....	251

Figura 90- Liberdade - Vida Loka – P1	251
Figura 91- Liberdade - Vida Loka – P2.....	252
Figura 92- Conflitos - Cop Killer – P2	252
Figura 93- Conflitos - Só Deus Pode me Julgar – P2.....	253
Figura 94- Conflitos - Só Deus Pode Me Julgar – P2	253
Figura 95- Conflito- Fuck Chibos – P2	254
Figura 96- Conflitos - Fuck The Police - P2	254
Figura 97- Conflitos - Pontos – P1	255
Figura 98- Conflitos - Pontos – P2.....	255
Figura 99- Conflitos - Pontos – P2	256
Figura 100- Conflitos - Pontos – P2.....	256
Figura 101- Conflitos - Caveira - P1	257
Figura 102- Conflitos - Caveira – P2	257
Figura 103- Caveira - Variação com outros elementos	258
Figura 104- Armas - Mexicana - P1	258
Figura 105- Armas - Fuzil - P1.....	259
Figura 106- Armas - revolver - P1.....	259
Figura 107- Armas - Revolver – P2.....	260
Figura 108- Armas - Faca - P1	260
Figura 109- Vícios - Folha da cannabis – P2.....	261
Figura 110- Vícios - Folha da Cannabis – P2.....	261
Figura 111- Vícios - Folha da Cannabis – P2.....	262
Figura 112- Vícios - Folha da Cannabis - P1	262
Figura 113- Jogos – P2	263
Figura 114- Jogos - P1.....	263
Figura 115- Jogos - P1.....	264
Figura 116- Jogos – P2.....	264
Figura 118- Jogos - Bola 8- P1	265
Figura 119- Jogos - Bola 8 - P1	266
Figura 120- Jogos – P2	266
Figura 121- Jogos - Coringa - P1.....	267

Figura 122- Jogos - Coringa - P1.....	267
Figura 123- Jogos - Coringa – P2.....	268
Figura 124- Música - Banda favorita - P1	268
Figura 125- Diversão - Mulher nua – P1	269
Figura 126- Diversão - Mulher nua – P2.....	269
Figura 127- Diversão Palhaço – P1	270
Figura 128- Diversão Palhaço – P1	270
Figura 129- Diversão Palhaço – P1	271
Figura 130- Diversão Palhaço – P1	271
Figura 131- Diversão Palhaço – P2	272
Figura 132- Diversão Palhaço – P2	272

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Tatuagens.....	60
Tabela 2 - Idade Geral	105
Tabela 3 - Relação familiar	107
Tabela 4 - Crimes cometidos	107
Tabela 5 - Escolaridade dos entrevistados.....	110
Tabela 6 - Idade da primeira tatuagem.....	111
Tabela 7 - Números de tatuagens.....	114
Tabela 8 - Tatuagem/delito.....	117
Tabela 9 - Tatuagem Significativa – categorias.....	118
Tabela 10 - Categorias da Tatuagens.....	125

Lista de Abreviaturas

AB	Aryan Brotherhood
AIDS	Acquired Immuno Deficiency Syndrome
AW	Aryan Warrior
BBC	British Broadcasting Corporation
BOPE	Batalhão de Operação da Polícia Especial
CECRIM	Centro de Estudos em Criminologia
CD	Compact Disc
CGN	Central Gazeta de Notícias
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
COE	Curso de Operações Especiais
CP	Código Penal
DEPEN	Departamento de Penitenciárias
DGSP	Direção Geral dos Serviços Prisionais
DSOPRE	Direção dos Serviços Prisionais e Reinserção
DP	Desvio Padrão
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA	Estados Unidos da América
GOE	Grupo de Operações Especiais
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
INML	Instituto Nacional Médico Legal
INMLCF	Instituto Nacional Médico Legal de Ciências Forenses
INFOPEN	Informações Nacional das Penitenciárias
MG	Minas Gerais
PJ	Polícia Judiciária
PM	Polícia Militar
SDP	Serviços de Divisão Policial
SIDA	Síndrome de Imune Deficiência Adquirida
SINAN	Sistema de Informação de Agravos e Notificação

SPR	Sistema de Informações Penitenciárias
SUS	Sistema Único de Saúde
TV	Televisão
UFP	Universidade Fernando Pessoa

Introdução

A cidade é um organismo vivo. Todos os dias recebemos um bombardeio de imagens e mensagens. Os passos são apressados, a vida pulsa. Passam pessoas que não se conhecem e não sabem a carga emocional e psicológica que seus passos emanam. São dramas, são vidas, angústias e alegrias. Todas as possibilidades de existência vagam pelas ruas em muitos corpos. Altos, baixos, magros, obesos, feios, bonitos, alegres, tristes, transgênero, transmutados, mutilados, enfim, corpos. Mas existem corpos que chamam mais a atenção. Em especial aqueles que os olhos correm pelas marcas das tatuagens com um *voyeurismo* curioso. As tatuagens passeiam nas cidades vindas de culturas diferentes que marcam suas histórias, seus costumes e tradições. Enquanto algumas são produzidas em ambientes sofisticados, outras são feitas em ambientes reclusos: nas prisões, onde os muros cercam o corpo banido, bandido e encarcerado. Assim, o corpo indelével tem suas marcas carregadas de significados e esses podem ser decodificados à luz de suas vivências e do ambiente cultural.

O corpo comunica e expressa vida. A tatuagem comunica e expressa vida. E foi a união de corpo-tatuagem-comunicação que impulsionou compreender a motivação de fazê-las, em especial nos presidiários. Esses corpos efêmeros vividos na prisão instigaram a pesquisa. Corpos que se moldam devido às diferentes situações de sobrevivência e das sociedades paralelas nos intramuros, corpos ausentes da sociedade, corpos que se expressam com tatuagens vindas com eles ou realizadas dentro da prisão, das quais emergem suas angústias, fúrias, saudades e liberdade. O corpo é o único espaço que nos pertence. O corpo é sujeito e objeto, consciência e matéria, observador e observado (Merleau-Ponty, 2006).

1. Justificativa da escolha

Os saberes a serem decodificados estimulam o conhecimento. As obras artísticas comunicam e articulam períodos e movimentos distintos e, por esses meios, pode-se conhecer como eram as épocas, pessoas e sociedades. Por isso, no Mestrado em Ciências

da Cultura - Artes, a escolha da temática da dissertação recaiu sobre as simbologias religiosas, em especial em dois santuários, um no Brasil e outro em Portugal, ambos com afinidades ao Barroco. Já no doutoramento, o interesse foi por simbologias mais contemporâneas. Assim, optou-se pelas tatuagens dos presidiários fazendo, novamente, uma relação entre Brasil e Portugal. As tatuagens são marcas indeléveis em seus usuários. Muitas delas são realizadas em momentos distintos da vida de cada pessoa, porém, na prisão, encontram-se muitas possibilidades e de interpretação a serem decifradas. Devido a isso, o interesse em realizar este estudo dentro de duas penitenciárias foi importante para atender às necessidades da pesquisa, procurando alcançar os objetivos propostos, nomeadamente interpretar a motivação da tatuagem realizada por detentos.

2. Objetivos

Para responder à proposta da pesquisa delimitou-se um objetivo geral: Qual a motivação dos presidiários para realizar uma tatuagem? De forma a cumprir este objetivo foram propostos quatro objetivos específicos que pretendem ajudar a responder ao objetivo geral:

1. Compreender a tatuagem como comunicação: para responder a esse objetivo, coube explicar, teoricamente, como a tatuagem e o corpo se fundem por meio de códigos, linguagens e do meio cultural.
2. Identificar a relação dos símbolos com as entrevistas: assim, esse objetivo ajudará a compreender como a tatuagem e as entrevistas dos detentos se interligaram, explicando, assim, os símbolos com significados pontuais.
3. Categorizar a linguagem codificada: para melhor compreender os signos e as motivações, as tatuagens foram classificadas por categorias, as quais foram extraídas das entrevistas.
4. Realizar uma análise das tatuagens: esse objetivo, foi dividido em dois momentos, na Parte I da tese, com análise das tatuagens no prisma da Semiótica; e na Parte II com análise de Símbolo e de Conteúdo; essa organização proporcionou desvelar

as tatuagens com o seu significado e relacionando-as com as simbologias culturalmente inscritas.

No estudo, a análise de conteúdo foi importante pois, por meio das entrevistas, foi observada a relação com a motivação de se tatuar. Para este objetivo (4), levantaram-se três questões de investigação:

1. Qual a relação das tatuagens com a comunicação nos corpos dos presidiários? Com base em um levantamento bibliográfico, pelas fontes pesquisadas e através da análise das tatuagens e do rol fotográfico realizado, intentou-se validar essa questão de investigação de que o corpo, comunicação, meio cultural e tatuagem não se desassociam.
2. As tatuagens realizadas nos detentos da P1¹ têm os mesmos significados das realizadas na P2? Para atender a esta questão foram entrevistados 200 detentos com tatuagens que foram fotografadas. Com esse montante, as tatuagens foram analisadas e verificou-se se os detentos possuíam motivações diferenciadas devido às situações de sobrevivência impostas no meio prisional, social, cultural e familiar.
3. Quais são as motivações dos presidiários para realizar a tatuagem? Para responder a esta questão, foi necessário realizar uma categorização das tatuagens, as quais foram separadas e organizadas respeitando as respostas dadas nas entrevistas, e com isto permitindo-nos descobrir a motivação.

3. Estrutura da Tese

Para responder aos objetivos e as questões da investigação apresentados, optou-se por estruturar esta tese em duas partes, agregando na primeira o arcabouço teórico do projeto, e remetendo para a segunda parte a metodologia, as análises, as tabelas e os resultados.

¹ Por motivos de privacidade e de segurança, os nomes das penitenciárias não serão divulgados, e passaremos a denominá-las por P1 (penitenciária brasileira) e P2 (penitenciária portuguesa).

A primeira parte está dividida em três capítulos e começa por apresentar um panorama da história da tatuagem. O interesse pelos estudos sobre a tatuagem tem vindo a aumentar progressivamente desde o início do século XX. Embora o ato de tatuar seja tão antigo como a história do ser humano, e por isso o arcabouço de informações seja considerável, mas não grandioso, trata-se de um assunto que alguns autores (Berger, 2000; Costa, 2003; DeMello, 2001; Ramos, 2001; Scott, 2017) acreditam ser quase impossível datar e detalhar, pois por ser a tinta da tatuagem introduzida na pele e não nos fósseis, os vestígios arqueológicos ficaram impossibilitados de datar com precisão o surgimento das tatuagens. Por outro lado, o interesse pela tatuagem é interdisciplinar, perpassando por várias áreas de estudos: na medicina (infectologia e psiquiatria), na psicologia e na antropologia social. Porém, há ainda algumas lacunas no que diz respeito ao surgimento da tatuagem, já que na vasta literatura encontrada, os dados sempre seguem a mesma cronologia, desse modo sem muito a acrescentar. Assim, foram tecidas neste primeiro capítulo algumas considerações sobre o surgimento da tatuagem, por meio de uma breve síntese de sua história.

Há, depois, a necessidade de compreender a tatuagem no limiar do século XXI, por isso a tatuagem na contemporaneidade foi explanada sobre as questões que envolvem a tatuagem como resultado de um processo da indústria cultural, da economia e sustento de muitos. A tatuagem é considerada como fenômeno da contemporaneidade e um estilo que está relacionado com a exploração comercial e a cultura de consumo. Por fim, termina-se este capítulo abordando o corpo como tela, identificando as modificações corporais que estão além da tatuagem, nesse sentido abordando a *Body Art*, movimento artístico em que o corpo passa ser a expressão do artista que o utiliza com novas possibilidades e experimentações, e a *Body Modification*, que além de um estilo de vida é um termo genérico utilizado para as diferentes modificações desde a tatuagem, o *piercing*, a escarificação, *branding* e também as cirurgias plásticas e tecnologias aplicadas ao corpo.

No segundo capítulo, intitulado “Corpo-tatuagem-comunicação”, partimos da hipótese de que o corpo tem necessidade de significar. As marcas corporais são indelévels, porém “elas por elas” nada significam. Existe a necessidade de se compreender que o

reconhecimento do significado está enraizado na experiência corporal e emocional que envolve o ambiente onde se está inserido. Portanto, o corpo necessita de se comunicar para explicar a sua existência. Para explicar a relação entre corpo e comunicação, optou-se por abordar, primeiro, a “Tatuagem, corpo: comunicando e marcando identidades”, apresentando alguns teóricos que comungam a ideia do corpo como comunicação, sendo a tatuagem entendida como uma rede de significações a ser decodificada, ligada à mundividência do tatuado que transforma o seu corpo em elemento comunicativo e cultural. Depois, em “Tatuagem: texto impresso no corpo”, tem-se a intenção de apresentar o processo comunicativo ao qual a tatuagem e o corpo nos reportam, afirmando que essa comunicação tem suas variações culturais. Na sequência, em “Tatuagem: imagem e objeto semiótico” serão abordadas questões que nos permitem compreender a tatuagem como imagem e representação, assim, afirmando-a como signo. Em “Símbolos e simbologias: aspectos analisados na tatuagem” optou-se em fazer um apanhado sobre o assunto utilizando alguns autores que discorreram sobre os símbolos e simbologias, assim o capítulo centrou em apresentar a função socializante do símbolo, pois este, comunica com o meio social. Por fim, “A semiótica na análise das tatuagens” é o momento em que a semiótica contribuiu para a leitura das tatuagens, as quais foram fotografadas dentro do sistema prisional.

No capítulo terceiro, “A Tatuagem em Cárcere”, focaliza-se o estado da arte nos estudos de tatuagem, no âmbito específico das tatuagens realizadas em presidiários ou dentro do cárcere. O interesse pelas tatuagens carcerárias tem resultado em pesquisas várias em áreas científicas diversas. Na ciência médica, por exemplo, a infectologia se preocupa com as questões de transmissão de doenças como hepatite B e C, doenças DST e a formação de eczemas e queloides, assim como pela falta de higiene ou pelos equipamentos rudimentares que são comuns em algumas prisões. No campo da psicologia e da psiquiatria, o foco das pesquisas está relacionado com as questões comportamentais, muitas vezes direcionadas ao delito e outras patologias psíquicas (psicopatas e outras psicopatologias). Já na antropologia, a investigação está direcionada para os padrões de comportamentos culturais desenvolvidos dentro e fora da prisão, e como isso afeta a sociedade, o meio prisional e o familiar. Desse modo, neste capítulo abordou o cárcere

como o ambiente a ser compreendido, expondo algumas questões sobre o surgimento da prisão, já que a pesquisa empírica foi realizada no interior de duas penitenciárias, sendo, por isso, oportuno realizar um resgate histórico em relação às origens das mesmas. Por se tratar de dois países distintos, será igualmente explanado como os códigos penais se interligaram entre Brasil e Portugal e têm suas peculiaridades no sistema penal. O Brasil tem ainda as heranças de seus colonizadores portugueses, sendo que as leis carcerárias foram determinadas a partir das Leis Afonsinas, Manuelinas e Filipinas. O sistema penal Português, por sua vez, tem a sua estrutura baseada nas leis europeias, no Iluminismo, como também nas Leis já mencionadas. Assim, ambos os países possuem leis que determinam suas necessidades atuais relativas aos crimes contra pessoas e ao patrimônio e outros atos que se julguem a necessidade de encarceramento. Sendo assim, na sequência apresentou-se os dois ambientes em estudo, a P1 e a P2 com algumas de suas características. Conhecer as diferenças culturais de funcionamento e segurança de cada unidade é fundamental para entender que a realização da pesquisa foi feita em países com suas estruturas e necessidades muito diferenciadas segundo as suas próprias leis, e para entender o corpo na prisão, realizou-se uma descrição desse corpo prisionizado e ressocializado. Posteriormente, a tatuagem carcerária será contextualizada e descrita por meio do resultado da pesquisa em livros, artigos, dissertações e teses sobre a tatuagem carcerária, sendo esse levantamento bibliográfico um estado da arte que ajudou a abordar os assuntos articulados pela temática da pesquisa.

Na segunda parte, apresenta-se o estudo de caso, contextualizando-o e justificando-o, metodologicamente, começando por descrever, no capítulo quarto, a trajetória das pesquisas realizadas nas penitenciárias. Deste modo, os números dos participantes da pesquisa são apresentados, sendo que a amostragem foi reduzida (200 participantes) diante da população carcerária existente nos dois países Segundo a INFOPEN, a população carcerária no Brasil em início de 2019 era de 812.564² pessoas em regime de privação da liberdade, e, em Portugal, segundo o Observatório da Justiça Portuguesa, era

² Segundo o Banco de Monitoramento de Prisões, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

de 12.618³ pessoas, também em 2019. Assim, após ter-se explicado e contextualizado o capítulo quarto, procedeu-se a apresentação das metodologias feitas no campo de estudo, expondo o modo como se realizou a investigação aplicada. Escolher a metodologia requer, antes de mais, conhecer o público-alvo e o assunto, para assim desenvolver as melhores estratégias para serem aplicadas e aceitar que, muitas das vezes, elas são modificadas conforme a necessidade e a realidade da pesquisa. Durante o processo, deve-se ter em conta a complexidade da realidade analisada.

Após a apresentação dos participantes, iniciou-se a explanação dos instrumentos de coleta de dados que, para esta pesquisa, foram as entrevistas com perguntas semiestruturadas e captura de fotografias. Na sequência, descreve-se como se procedeu o primeiro contato com o *staff* das penitenciárias e com os detentos nas duas unidades, e, como foram realizadas as entrevistas e posteriormente as fotografias. Após angariar todos esses dados, os resultados foram apresentadas no formato de tabelas e com análises das questões.

Ao se deparar com um campo de pesquisa que não se conhece, surge ansiedade e questionamentos, destarte, deve-se conhecer o que se irá pesquisar para não cair nas armadilhas da realidade do fato, pois às vezes se cometem erros ao entrar no terreno de pesquisa sem conhecer outros trabalhos desenvolvidos com a mesma temática. Isso, muitas das vezes, pode generalizar o tema pesquisado, não dando a devida importância ao objeto de estudo, não havendo desse modo o desejado diálogo entre teoria e a evidência dentro da construção do real. Assim, a compreensão se dá através de respostas encontradas a partir da escolha da metodologia aplicada. Para delimitar o objeto de estudo, este quarto capítulo foi dividido em: participantes, instrumentos, procedimentos e resultados.

Por fim, no capítulo quinto, “As análises das tatuagens”, analisou-se as imagens das tatuagens conforme a interpretação das entrevistas, cruzando essa interpretação com a análise de conteúdo, partindo do questionamento se tatuagens iguais (Brasil/Portugal)

³ Em 2109 – 12.618 presos, segundo <https://dgrsp.justica.gov.pt/>

podem ter motivos de realização diferentes. As análises foram feitas à luz de Chevalier e Gheerbrant (2009) e Bardin (2016), ou seja, Símbolo e Conteúdo. Optou-se na escolha desses autores pois os mesmos nos apresentam os conteúdos necessários para o presente estudo. Até mesmo porquê, as tatuagens por si só não dizem nada, já que a sua existência obedece ao ato comunicativo e simbólico a que se propõem. Assim, ao associar Símbolo e Conteúdo é possível enveredar-se nas “falas” das entrevistas dos presidiários e tecer as análises. Com isto, ao observar o ambiente em que o tatuado está inserido, torna-se possível interpretar as mesmas de acordo com a sua mundividência.

4. Métodos e técnicas utilizados

A pesquisa em questão focou-se na interpretação das tatuagens em presidiários, produzidas no cárcere e fora dele. Assim, dentro das necessidades que esta pesquisa apontou, foram levantados dados de natureza qualitativa e quantitativa, utilizando-se diferentes técnicas de recolha de dados, tais como a observação do campo de estudo, o perfil dos entrevistados (população alvo), entrevistas com perguntas semiestruturadas e fotografias individuais. Na pesquisa, optou-se ainda por agregar elementos para desenvolver estratégias de forma a atingir os objetivos e responder às questões da investigação.

Para tanto, a pesquisa partiu do conhecimento sustentado pela revisão bibliográfica, de forma a conhecer as pesquisas já realizadas com os mesmos cunhos sobre a temática tatuagem carcerária. Compreendendo a necessidade dessa pesquisa da investigação *in loco*, o campo de investigação foi conhecido, para perceber as limitações e restrições que o terreno apresentava, desse modo elaborando um planejamento adequado ao *locus*.

A opção central para defender a pesquisa foram as entrevistas juntamente com as fotografias das tatuagens. Para essas questões, procedeu-se à avaliação pelo Comitê de Ética da Universidade Fernando Pessoa, à autorização da Direção Geral de Reinserção e de Serviços Prisionais (Portugal) e, do Departamento de Penitenciárias do Paraná (Brasil), bem como à recolha de assinaturas na Declaração de Consentimento Informado,

explicando aos detentos os objetivos da pesquisa, como também salvaguardando a integridade dos pesquisados. Depois de atravessar esses procedimentos, iniciou-se a coleta de dados com a recolha das entrevistas e fotografias.

Para as entrevistas escolheu-se seis perguntas, as quais se julgou pertinentes para responder aos objetivos definidos. A coleta das fotografias ficou restrita somente às tatuagens que os detentos autorizaram a fazer. Após esse *rol* de dados coletados, o processo de análise das imagens foi iniciado.

À análise de conteúdo, ou seja, à avaliação das respostas às perguntas, serão agregadas as imagens, o que torna possível uma análise transversal entre imagem e conteúdo. As tatuagens foram organizadas em categorias, elaboradas a partir das entrevistas, as quais pretendiam responder às motivações que esses detentos tiveram quando realizaram as tatuagens. As perguntas/respostas foram dimensionadas em tabelas e permitiram verificar as diferenças entre os dois países em estudo.

5. Restrições e Limites da Pesquisa

Todo projeto de investigação tem as suas restrições. No caso desta pesquisa, o próprio ambiente onde se propôs a realização constituía, por si só, uma restrição: a penitenciária. Por outro lado, a aceitabilidade dos encarcerados em serem sujeitos de pesquisa também foi uma dificuldade a ultrapassar. No que diz respeito ao ambiente, trata-se de um espaço extremamente restrito e de contenção, sendo que isso influenciou na aplicação da pesquisa de campo. Outra restrição, talvez não tão limitante, é a questão de as duas penitenciárias escolhidas estarem em países diferentes, o que poderia vir a tornar-se um impedimento geográfico. Alguns limites eram passíveis de aparecer no decorrer da pesquisa, como a aceitabilidade dos detentos e das instituições, os contingentes e horários e, por fim, a realização das fotografias e das entrevistas.

6. Resultados do trabalho

Buscou-se com essa pesquisa entender a motivação que os detentos têm para se tatuarem. Os resultados da nossa análise, obtidos após a análise das tatuagens com um cruzamento de dados coletados, responderam aos objetivos e às questões da investigação, as quais estão apresentadas no capítulo quarto.

Enseja-se, também, que após os resultados serem apresentados, esta pesquisa não seja findada, pois há muito ainda por ser revelado no mundo do cárcere como também, nas tatuagens produzidas dentro e fora da prisão. Deste modo e como sugestão de segmento para futuras pesquisas, na conclusão desse estudo serão elencados alguns assuntos os quais consideramos pertinentes abordar futuramente.

Parte I - O corpo indelével

Capítulo I - Panorama da História da Tatuagem

1. Algumas considerações sobre o surgimento da tatuagem

A tatuagem tem a sua raiz no interior das culturas, nas quais o corpo era um local de exploração de marcas com intenções estéticas, ritualísticas e até mesmo medicinais. Marcelino (2007) realizou uma tabela didática (Figura 1, Anexo 1) sobre a evolução da tatuagem, e através dela pode-se observar o quão antiga é essa prática.

A origem da palavra *tatuagem* remete para a Polinésia e o Taiti: “tau” ou “tatau” unidas significam “ferida, desenho batido”. Há referências também na literatura (Lise *at al.*, 2010; Silva, 2012) sobre “bater no tronco oco”, era a forma como se referiam o som emitido no momento em que faziam a tatuagem. Posteriormente introduzido pelo explorador inglês James Cook (1769), o termo *tattoo* tem sido utilizado até a atualidade. Thevoz (1984) e Oettermann (1985) citam em suas pesquisas um trecho do diário do capitão Cook:

Homens e mulheres (de Tahiti) pintam seus corpos. Na sua língua. Isso é conhecido como *ta-tu*. Eles injetaram uma cor preta debaixo da pele. Deixando um rastro permanente ... Alguns têm figuras mal concebidas de homens. Aves ou cachorros; as mulheres geralmente têm a figura Z simplesmente em cada lado de seus dedos das mãos ou dos pés. Os homens também o fazem e ambos têm outras figuras, como círculos crescentes que eles têm em seus braços e pernas. Em resumo. Eles são tão variados na aplicação dessas figuras que tanto a quantidade como a situação delas parecem depender inteiramente do humor de cada indivíduo. No entanto, todos concordam em ter todas as nádegas cobertas com um preto profundo. Sobre isso, a maioria tem arcos desenhados um sobre o outro tão alto como suas curtas costelas que são próximas a um quarto de polegada de largura. Esses arcos parecem ser o seu grande orgulho, tanto homens como mulheres mostram com grande prazer. (Cook *cit. in* Thevoz 1984, pp. 39-40)

O capitão James Cook, conforme Carvalho (2017) explica, revelou à Europa a tatuagem *moko* dos Maori, povo da Nova Zelândia, aquando Cook ficou impressionado com a beleza das tatuagens, principalmente aquelas feitas nos rostos dos guerreiros.

Posteriormente, no século XIX, as cabeças desses guerreiros tatuados eram objeto de posse dos colecionadores europeus que em troca das cabeças ofereciam armas de fogo (Cf. Anexo 1, Figura 2).

Pires (2014) explicou que, no sentido científico, a tatuagem é uma pigmentação introduzida na pele com substâncias exógenas, podendo constituir uma experiência traumática e com muita dor. O ato de tatuar foi praticado em muitas culturas, as quais sentiam alguma necessidade de as fazerem, sendo elas entendidas como simples pinturas corporais. No Brasil, muitas tribos indígenas ainda as praticam, porém, ainda as realizam como marcas permanentes. Em relação às marcas permanentes praticadas na antiguidade, reportamo-nos ao Otzi, o conhecido “homem do gelo”, encontrando em Itália em 1991, com datação de 5.300 anos a.C., que comprova com o seu corpo ainda preservado essas marcas atávicas. Otzi possui 61 tatuagens e os cientistas afirmam que algumas dessas possam ter sido para fins terapêuticos (Cf. Anexo 1, Figuras 3 e 4).

Outra comprovação milenar da tatuagem foi a descoberta da múmia feminina de Amunet, que viveu de 2160 a.C. a 1994 a.C., a qual foi encontrada com várias marcas pontiagudas e linhas pelo corpo, principalmente na área do abdômen, no Egito antigo. Segundo Lise *et al.* (2013, p. 297) a exportação desse hábito, através do frequente escambo comercial e político, mantido, no período, com a Arábia, a Pérsia, a Grécia e a ilha de Creta, faz crer que foi do Egito que a arte da tatuagem partiu para o mundo, no período entre 2800 a.C e 2600 a.C.

Em 1948 foi encontrado o corpo de um guerreiro que viveu c. 2.500 a.C., na Sibéria. Trata-se de um Citas, antigo povo iraniano de pastores, que tinha tatuados animais em partes do corpo como costas, peito e pernas. Os Pictos, povos que viveram no norte da Europa, atual Escócia, foram mencionados por Heródoto (490-425/20 a.C.), historiador da Antiguidade, o qual dizia que os Pictos, “os pintados”, decoravam todo o corpo. (*cit. in* Sánchez, s.d.).

A tatuagem ou marcas corporais foram utilizadas nos prisioneiros e escravos durante o Império Romano para os mesmos não serem confundidos com os súditos, entre 509 a.C. e 27 a.C. (Godoi, 2015).

Godoi (2015) também explica que Nas Ilhas St. Lawrence (Bering), a história dos nativos tatuados tem 2.700 anos, e a partir do ano de 1900 os missionários cristãos proibiram os moradores da prática da tatuagem, como também de outras intervenções corporais.

Krutak (2015) explica que na Era Cristã, o Papa Adriano I (século VIII) proibiu a prática do uso da tatuagem ou marcas sob a alegação de ser “coisa do demônio” e profanação do corpo. No entanto, entre os séculos XV e XVII, os católicos tatuavam cruzes no corpo para evitar, caso fossem aprisionados pelos turcos e otomanos, rezarem por Alá. Também entre os padres coptas e outras comunidades cristãs orientais (etíopes, armênios, sírios, maronitas, kildanianas e outros), a tatuagem era utilizada para marcar a peregrinação à Terra Santa, e os Cruzados marcavam-se com uma cruz para serem identificados se morressem, podendo assim ser sepultados como cristãos.

No ano de 1600, a Mafia da Yakuza surgiu no momento em que as guerras se findaram e deste modo os samurais perderam a sua necessidade. Assim, na Yakuza os iniciados tinham que fazer tatuagens elaboradíssimas como sendo o limite para comprovar a dor e a fidelidade.

No início do século XVIII, a Polinésia era a maior disseminadora da tatuagem, e os europeus que por lá passavam se encantavam com essa prática, regressando ao seu país com alguma tatuagem feita. Marques (1997) acrescenta que por isso, nas expedições de navegação, inúmeras pessoas tatuadas chegavam ao ocidente, tendo estas começado a ser copiadas. Em meados do século XIX, Londres era a capital da tatuagem, sendo um ilustre tatuado o Rei George V (Marques, 1997).

Charles Darwin, em 1831-36, registrou que muitas das civilizações conheciam ou utilizavam algum tipo de tatuagem ou marcas corporais, e comenta que ao reconhecer as

diferenças culturais entre grupos humanos, foi defrontado com uma grande quantidade de semelhanças entre os grupos. Ele escreveu que “dificilmente pode se deixar de estar profundamente impressionado com a estreita semelhança entre os homens de todas as raças em gostos, disposições e hábitos. Isso é mostrado, ‘em parte’, pelo prazer que todos eles adotam a tatuagem” (Darwin ([1879] 2004, pp. 207-20).

Segundo Marques (1997), a primeira máquina de tatuar foi patenteada em Nova York por Samuel O’Reilly, “o qual batizou sua invenção de *tattaugraph*” (Marques, 1997, p. 58). Tratou-se essa invenção de uma adaptação da caneta perfuradora de invenção de Thomas Edison (Cf. Anexo 1, Figura 5).

Antes da invenção de O’Reilly, as tatuagens eram feitas à mão, ou seja, com um conjunto de agulhas que eram mergulhadas nas tintas e invasivamente eram adicionadas na pele, sendo um processo lento e doloroso. Com esta invenção, a tatuagem se tornou mais popular e atraente, como confirma Governar:

A máquina de tatuagem elétrica (padronizada após o mecanismo rotativo de uma máquina de costura) não só acelerou o processo e diminuiu a dor envolvida, mas facilitou maiores detalhes e sutileza em coloração e sombreamento. Com o aumento da proficiência técnica na própria tatuagem, a qualidade dos desenhos e nos quadros em que se basearam também melhorou. (Governar, 2000, p. 215)

Em 1880, alguns circos começaram a se aproveitar dos tatuados para mostrá-los em apresentações, muitos sendo considerados aberrações (Araújo, 2005). Nesse mesmo ano, um movimento chamado Damas Tatuadas surgiu em que as mulheres que se tatuavam aproveitaram o modismo e começaram a se apresentar nos circos, causando um furor nas cidades por onde passavam. Elas, as Damas Tatuadas (Cf. Anexo 1, Figura 6), contavam histórias ao público sobre a forma de como teriam sido aprisionadas por selvagens polinésios e obrigadas a serem marcadas. Essas práticas circenses continuaram no século XX.

A aristocracia europeia e a classe alta americana adotaram as tatuagens no final do século XIX. Parry (2006), Sanders e Vall (2008) e Bradley (2000) em suas pesquisas referem-se a um artigo na edição de 1898-1899 da *Harmsworth's Magazine* no qual o uso da tatuagem pela realeza europeia era vista como tendo uma “mania estranha”, tornando-os tão peculiares e exóticos quanto os “primitivos” de quem eles emprestaram a prática.

A história da tatuagem no Brasil e em Portugal ainda está sendo escrita. O Brasil, por sua vez, tem inicialmente com os indígenas a pintura corporal, os alargadores no lóbulo das orelhas, nariz e boca, como também as escarificações. Esses fatos foram registrados, primeiramente, na Carta de Pero Vaz de Caminha, que escreveu: “aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada e outros quartejados de escaques” (*cit. in* Lins, 2001).

A história sangrenta instaurada contra negros e indígenas no Brasil fez com que essas tradições fossem aos poucos sendo deixadas de ser produzidas, ficando os últimos registros dessa tradição feitas pelos artistas europeus que chegaram ao Brasil em missões, como Jean-Baptiste Debret, que no século XIX fez uma viagem de 360 graus pelo Brasil em 1834, e registrou em aquarelas e litografias os diversos povos que encontrava. Nas pinturas realizadas por Debret, este representou os rituais, as tatuagens e as modificações corporais produzidas por índios e afro-brasileiros (Marques, 1997).

Contudo, nos anos de 1935 e 1938, o antropólogo Claude Lévi-Strauss esteve em missões no Brasil e realizou um trabalho etnográfico pelo interior brasileiro conhecendo e estudando as tribos dos Caduveo (Kadweou), Bororó, Nambikwara e Tupi-Kawahib. Dentre essas tribos estudadas por Lévi-Strauss, uma em especial chamou a sua atenção: os Caduveos. Essa tribo tinha uma prática diferente, a qual, segundo Lévi-Strauss, foi localizada somente nos Maoris (Nova Zelândia) que eram as pinturas/tatuagens faciais. Lévi-Strauss (1996) acreditava que essas marcações tinham duas funções: efetuar a promoção dos homens da condição animal a civilizada e indicar o *status* no grupo.

Assim, com esses registros comprova-se que no Brasil as tradições com as tatuagens e as modificações corporais determinadas são por excelência pertencentes aos indígenas, cujas tribos, devido à colonização e à imposição religiosa, deixaram de praticar. Porém, no final do século XIX, a história tomou outro curso, momento esse que a tatuagem foi associada a indelinquência, responsabilidade da teoria lambrosiana, a qual será explicada no estado da arte.

Por sua vez, em Portugal, a história da tatuagem é escassa e a mesma começou a ser relatada no início do século XX, normalmente associada à marginalização, tendo sido Álvaro Teixeira Bastos, em 1903, o responsável por um estudo sobre tatuagens carcerárias. Portugal foi quem expôs, em 1500, na Carta que marcou o “nascimento” do território brasileiro, as questões dos indígenas com suas marcas corporais, todavia, na sua história, não possui relatos dessa prática antes do século XIX. Ferreira (2015) explica que foi no final dos anos 1990 que Portugal começou a aparecer no universo das tatuagens de maneira mais efetiva.

No início do século XX, a tatuagem avançou na sua história de forma direcionada ao preconceito e Nova York passou a ser o grande centro de tatuadores e tatuados. A prática da tatuagem se desenvolveu mais nos setores considerados marginalizados pela sociedade, sendo os presidiários, meretrizes e soldados os seus principais praticantes (Araújo, 2005; Marques, 1997). Como consequência, criou-se um preconceito arraigado na sociedade que atualmente ainda exerce um forte papel nas decisões de se tatuar ou não.

Sobre a questão preconceituosa nessas classes sociais, pode-se observar que em Portugal, o INMLCF - Instituto Nacional Médico Legal de Ciências Forenses - traçou um perfil do tatuado no limiar do século XX que comprova a ligação da tatuagem a marginalidade:

A estatística dos dados permite traçar o perfil do tatuado português. No sexo masculino: criminoso dos bairros populares da cidade de Lisboa, recorrentemente envolvido em desacatos e detenções; que se relaciona com meretrizes e frequenta tabernas/casas de fado. No homem, a tatuagem é francamente figurativa com motivos diversos. Os motivos preponderantes apontados para o ato

eram: a vaidade/ostentação/estatuto, a imitação, a ociosidade e a aglomeração que campeavam no meio prisional. A mulher tatuada é a meretriz, tantas vezes ferina e delituosa, na qual pontificam as tatuagens inscricivas (nomes de amantes e/ou datas marcantes). (Branco, 2017, p. 11)

Assim, também no Brasil o perfil traçado não foi diferente. Lise *et al.* descrevem como o Dr. Elysio de Carvalho menciona os tatuados:

(...) a grande maioria dos tatuados são homens de 18 a 29 anos, grande parte deles marinheiros, trabalhadores braçais ou pessoas simplesmente sem profissão. Poucas são mulheres, a maioria são prostitutas e se tatuam para pôr o nome ou as iniciais dos amantes. Já nos homens os motivos eram normalmente sentimental e religiosos com o poder de proteção. (Lise *et al.*, 2013, p. 306)

Verifica-se que mesmo com o distanciamento geográfico entre os dois países a questão do preconceito e estigmas com as tatuagens são praticamente os mesmos no início do século do XX, apontando para uma população de baixa renda, porém havendo uma motivação nas tatuagens no ato de serem feitas.

O século XX foi um século de mudanças, invenções, conflitos, duas grandes guerras, desenvolvimentos tecnológicos, movimentos culturais, tendo-se vivenciado aparecimentos de doenças e descobertas de curas. Com tudo isso, o ato de tatuar segue o seu fluxo, e em Nova York a tatuagem vai tomando proporções maiores onde começaram a perceber as questões de higiene relacionadas aos estúdios de tatuadores (Marques, 1997).

Em 1961, o governo americano proíbe a prática da tatuagem devido a um surto de hepatite B, mesmo não se comprovando ser a tatuagem a disseminadora da doença. Pérez (2006), referindo-se a estudos de Pierrat (2000) e Le Breton (2002), refere-se à evolução da tatuagem na sociedade da seguinte forma

No ano 1967, tribos urbanas, roqueiros, motoqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks* e os *skins*, foram apropriando-se desse imaginário encarnado na sociedade. Associando a tatuagem à transgressão, acabaram por adotá-la como uma marca corporal através da qual ostentavam

publicamente sua vontade de romperem com as regras sociais e de situarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade. (Pérez, 2006, p.180)

A preocupação com a história da tatuagem é marcada pelo trabalho inepreiracessante do antropólogo Lars Krutak, o qual possui um vasto conhecimento sobre as civilizações que ainda a praticam como rito de passagem, *status* social, mitologia e espiritualidade, religião e *theriantropy*⁴. Desde 1997 que o antropólogo visita as aldeias nos lugares mais longínquos para compreender a ligação da tatuagem com a identidade cultural. Atualmente tem vários documentários na em canais televisivos como a BBC, o Discovery Channel ou o National Geographic, sendo conhecido como “*tattoo hunter*”. No seu trabalho antropológico, Lars Krutak identificou que os anciãos que propagavam a prática da tatuagem estão chegando à extinção devido à falta de interesse dos mais jovens em continuarem essa tradição. Dessa forma, o seu maior objetivo é salvaguardar essas aldeias visitadas, elaborando documentários e registros literários.

A partir de 1980, o panorama da tatuagem começou a mudar, com algumas regras sendo estabelecidas nos estúdios dos tatuadores, e esses deveriam seguir algumas situações de funcionamento, sendo a higiene e esterilização de equipamentos as principais. Assim, os tatuadores começaram a perceber o nicho econômico dessa profissão e muitos se especializaram em novas técnicas e estilos, transformando o corpo de seus clientes em verdadeiras telas ambulantes.

2. A tatuagem na contemporaneidade

A tatuagem na contemporaneidade não está ao serviço dos papéis sociais mas sim da cultura, do modo de vida, pois a tatuagem saiu das comunidades primitivas e chegou à sociedade urbana, industrializada e capitalista. Como uma prática social continuada, a tatuagem tende em persistir como um sintoma da relação complexa entre o corpo físico e o corpo social. Na sociedade contemporânea, acresce um conjunto de fatores, como a

⁴ Conceito de acreditar que os seres humanos possam se transformar em animais poderosos, os quais são protetores e guias espirituais.

evolução de mudanças rápidas, corriqueiras, efêmeras e constantes, os quais são resultados sobressalientes da globalização e da identidade cultural (Bauman, 2010; Hall, 2005; Semprini, 1999).

Assim, a história desse período está sendo contada a partir dos novos atores que nela estão surgindo. Com isso, apresentam-se os sinais de fragmentação desse período, como explica Hannerz (1997), esses atores tornam-se “híbridos culturais”, ou seja, eles são um mosaico contemporâneo onde a vivência e a necessidade de pertencimento caminham juntos. Como Bauman (2010) prefere chamar, indivíduos líquidos, os quais nesta atual organização social circulam pelas esferas sociais construindo a sua própria identificação e que acabam por se engessar nas regras sociais.

É nessas novas cadeias sociais que o indivíduo ganha autonomia (velada) tendo que escolher em qual lado do “muro” deve ficar, e desse modo procura se ressignificar associando elementos para autenticar a sua existência, ou, como explica Bourdieu (2005), o indivíduo utiliza os elementos que a própria sociedade oferece, sendo por isso um *bricoleur*.

Pensando nestes momentos de transição por que a sociedade passa, em que atores dessa aventura social devem se adaptar aos acontecimentos e se responsabilizar por suas escolhas, volta-se à tatuagem. Em agosto de 2014, um vídeo toma conta nas redes sociais no Brasil: trata-se de um rapaz sendo torturado por alguns policiais por ele ter uma tatuagem de um palhaço. Segundo o conhecimento policial, mas também conforme descrito por alguma literatura a respeito (Pereira, 2017; Silva, 2012) essa tatuagem é conhecida no meio policial e criminal ser utilizada por “matadores” de policiais. No caso desta situação concreta, que não foi comprovado, já que o rapaz em questão era uma pessoa com algumas passagens pela polícia por pequenos delitos, porém sem provas como assassino, foi um exemplo da prática comum de associar a tatuagem ao mundo do crime, da marginalidade relacionando a imagem à pessoa.

Apenas como um dado curioso, em 2013⁵, no concurso público para a Polícia Militar de Santa Catarina, no Brasil, os concurreiros com tatuagens foram reprovados, já em Portugal, em 2015, aconteceu também um episódio de preconceito devido a tatuagem. Um tatuador foi impossibilitado de matricular sua filha na creche após mencionar que e sua profissão era tatuador e possuir tatuagens (Visão, 2015).

Em tempos de aceitação das diferenças, é curioso como a tatuagem ainda carrega os estigmas negativos que a acompanharam desde o início do século XX. Há tempos que a tatuagem está “buscando” o seu espaço e “tentando” se desassociar do pensamento da marginalidade. Hewitt comenta:

Se nas sociedades tribaistas tradicionais as marcas corporais acompanham ritos de passagem que visavam a integração social, o uso que lhe tem sido dado na sociedade ocidental tem-se articulado, sobretudo, a ritos de exclusão, voluntária ou involuntária. (Hewitt, 1997, p. 65)

Pereira (2007, p. 17) aponta para a opinião de Sweetman (1999), para quem “a tatuagem e o *piercing* são formas de expressão do *self* e da narrativa pessoal”. Para os autores, a tatuagem induz a um ritual narcisista que faz parte de uma biografia pessoal (Pereira, 2007), e não de uma marca da sociedade ou de um grupo, excluindo assim a possibilidade do envolvimento cultural no ato de tatuar, apontado somente para uma necessidade pessoal.

Bryan Turner (1996) considera o fenômeno da tatuagem na contemporaneidade como sendo um estilo que está relacionado muito mais à comercialização e ao consumo, do que a uma iniciação, como era comum nas sociedades consideradas tradicionais. Na opinião desse autor, a trajetória histórica da tatuagem está sendo escrita, em tempos atuais, como um produto explorado e comercializado, fazendo da tatuagem um produto da indústria cultural.

⁵ No parecer da Procuradoria, 07/08/2017, julgou inconstitucional a proibição de tatuagens a candidatos a cargo público estabelecida em leis e editais de concurso público: <https://advocaciageral.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/parecer-15.905-min.pdf>

Nesta assertiva, entende-se os séculos XX e XXI como os séculos da comunicação (Lins, 2001) e a tatuagem se tornou um fator mediático, passando a ser vista também como um fenômeno ligado à moda e vislumbrada em muitas revistas, como é o caso de revistas internacionalmente conhecidas que tratam da tatuagem e das modificações corporais como protagonistas: *SkinArt*, *Inked Magazine*, *Urban Ink*, *Tattoo Flash Magazine*, entre tantas outras. Nestes periódicos, as questões relacionadas com as tatuagens estão em imagens, reportagens e programação das convenções a respeito do tema. A tatuagem também está sendo legitimada nas redes sociais e na exposição de figuras públicas adeptas das marcas corporais.

Tudo isso parece assinalado pelo destaque que a tatuagem vem tendo nos meios de comunicação, por exemplo, nos programas de televisão chamados *Reality Show* como o *Ink Master*, *Miami Ink*, *Madrid Ink*, entre outros. Os participantes se reportam à tatuagem e esta é interpretada como uma história de vida a ser tatuada (Cf. Anexo 1, Figura 7, com cartaz do *Ink Master*, série norte-americana em que os tatuadores competem em desafios que avaliam as suas habilidades artísticas).

Atualmente no Brasil e em Portugal existem eventos denominados *Convenção Internacional de Tatuagem* e a atmosfera destes eventos tem uma mescla de simbolismos e de performances, os quais exaltam o corpo, confirmada pelos milhares de adeptos nos locais (Cf. Anexo 1, Figuras 8 e 9).

Para Fonseca (2003, p. 17), “[a] tatuagem é um universo específico e com características próprias e é importante ter em conta o contexto global onde se insere esse universo”. Assim, a autora aponta que o entorno cria o imaginário para uma interação em conjunto com o esse meio/universo. Nesse sentido, a tatuagem é global por ser praticada em várias regiões geográficas, não sendo uma prática única ou exclusiva de um local. Pelo contrário, ela é múltipla, pois os desenhos, os significados, a motivação e as técnicas de execução mudam de cultura para cultura, de sociedade para sociedade.

3. Modificações corporais: o corpo é meu e faço o que eu quero!

A história dos séculos XX e XXI, na sua função globalizada, mudou o corpo da humanidade de modo decisivo, do mesmo modo como o Renascimento o tinha feito para a cultura medieval do Ocidente cristão. Mudou o corpo teórico e linguístico, o corpo moral e ético, o corpo físico e ideológico e mudou, enfim, a representação artística do corpo. Há momentos dramáticos, condições trágicas, desenvolvimentos angustiantes ou eufóricos que marcam o corpo na humanidade nestes séculos, sendo as modificações corporais as mais visíveis e questionadas.

Com tudo isso, o artista, de um modo geral, se adaptou e se adapta a essas mudanças na sociedade para encontrar novas formas de se expressar, estando, por isso, consciente da luta com a realidade do seu tempo. Assim, o corpo na arte também começou a sofrer as modificações nas representações pictóricas: Picasso pintou os corpos em cubos, Modigliani ampliou os pescoços de seus modelos, Van Gogh se autorretratou sem uma das orelhas, Chagall dá asas aos seus personagens, Warhol serializou os rostos coloridos das celebridades. Mas a grande mudança, no sentido de utilizar o corpo como expressão artística (não no sentido da dança ou teatro), verifica-se a partir da segunda metade do século XX, momento em que o artista começou a utilizar do seu próprio corpo para se expressar. Surgiu a *body art* que iniciou então um longo percurso expressivo e social, sendo que a forma de se apresentar ao público se dá por meio de vídeos, fotografias, nas apresentações das *performances* e dos *happenings*. Danto (2008, p.15) escreve que “tudo pode ser usado como uma obra de arte”, sendo que o corpo se insere neste pensamento, tendo acrescentado que Marcel Duchamp foi o precursor da *body art*. Nesta mesma linha da ideia de Duchamp, Yves Klein, Vito Acconci e Piero Manzoni também são considerados predecessores da *body art*.

Fusco (1998) descreve a *body art* como exibicionista, sádica e masoquista, utilizando o corpo como lugar de figuração e tendo o seu precedente na tatuagem. Podemos centrar a tatuagem dentro dessas qualidades indicadas por Fusco para a *body art*. Essa necessidade de comunicação direta do artista e do seu corpo é diferenciada na tatuagem com o tatuador

e tatuado, sendo o tatuado a tela do artista. Enquanto que nos muitos artistas que utilizam o seu corpo como expressão se trata de algo efêmero e híbrido (*happening* e *performance*), já a tatuagem se caracteriza por ser permanente. Segundo Santaella (2003), a *body art* é pessoal, privada e autobiográfica, assim confirmando o corpo do artista como a própria obra de arte em exposição, como também, a tatuagem.

Já Pires (2005) acentua que o artista e seu corpo são a obra viva, tendo uma relação dinâmica e presencial com o público. Para melhor compreensão dessa afirmação de Pires, acrescenta-se um exemplo dessa relação do artista ser a própria obra em *Tree of Life*, de Ana Mendieta, de 1976 (Cf. Anexo 1, Figura 10), a qual se lançou com a sua temática de forma efêmera em relação ao seu corpo, sendo que Berger (2006, p. 3) comunga dessa mesma assertiva afirmar que “[o] corpo será assim como uma tela, o lugar da visibilidade de códigos de conduta, de regras estéticas e do próprio gosto cultural”.

Uma das diferenças entre a *body art* e a *body modification* é a relação de como o artista e a obra se unem, sendo que o corpo representa o objeto e é independente do tempo e do espaço, pois os adeptos das modificações circulam normalmente nos espaços, sendo que esse corpo vagante é o lugar. As práticas da *body modification* não têm relação com a corrente de pensamento racional nem conceitual da *body art*, porém ambas são livres em suas poéticas e comuns na opção em utilizar o corpo como suporte.

A *body modification* tem o seu início nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 80, a qual tem suas origens nas cenas *underground*, “sendo considerada uma subcultura que advoga adorno corporal, rituais e performances que misturam práticas indígenas, estilos sadomasoquistas e arte performática, com sequências de dores e sangramentos” (Pitts 1999, p. 291). Assim, a *body modification* (modificação corporal) é um termo genérico que designa a utilização de uma variedade de técnicas para transformação do estado natural de uma ou mais partes do corpo de maneira devidamente e conscientemente estruturada.

Cabe aqui citar uma outra vertente da *body modification*, os *modern primitives*. De acordo com Magalhães, referindo-se a um texto de Pires (2005):

Modern Primitives é um termo criado por Fakir Musafar para denominar as pessoas que se submetem a qualquer tipo de manipulação corporal: perfurações ou jogos de penetração (*piercings*, tatuagens e ritual de suspensão), jogos de constrição (espartilho, cintas, cinturões especiais), jogos de contorção (técnicas de alongamento), jogos de impedimento (acessórios, adornos e vestimentas que restringem os movimentos). (Magalhães, 2010, p. 19)

Braz (2006) nos diz que a *extreme modification* e *body annulation* são práticas em que os adeptos colocam o corpo no limite, sendo a amputação e a castração duas das execuções da *body annulation*.

Featherstone (1991) explicou que as modificações corporais (*body modification*) estão intimamente ligadas às várias combinações de práticas como o *piercing*, tatuagem, *branding*, implantes, escarificações, e *cutting*. O autor também acrescenta em sua lista a cirurgia plástica, as dietas alimentares, as próteses, a compulsão por exercícios físicos e as tecnologias aplicadas ao corpo. Santaella (2007, p. 130) descreve as modificações corporais como “a hibridização do biológico” e Mascia-Lees e Sharpe (1999) explicam que o corpo é modificado conforme a cultura em que está inserido.

Desse modo, observa-se a *body art* e *body modification* como um fator que a própria mudança de um período para o outro determina, pois o corpo é esse invólucro cultural e o mesmo se adapta artisticamente ou esteticamente, até mesmo porque o ser humano vê o mundo pelo prisma da cultura, variável de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo. E o corpo, por ser um invólucro social, sempre foi palco de manifestações culturais em diversas civilizações, as quais necessitam significar a sua existência:

Os brincos, argolas no pescoço e lábios, circuncisão, mumificação, afinamentos de cintura, prolongamento de cabeça, plásticas estéticas e tatuagens são opções de que as culturas dispõem

para registrar, no corpo, o imaginário que as constituem, no tempo e no espaço. (Lise *et al.*, 2013, p. 295)

Os autores Saikali *et al.* (2004), por seu lado, acreditam também que o meio cultural estabelecem regras na sociedade em relação o corpo. Os autores argumentam que:

Práticas de embelezamento, manipulação e mutilação, fazem do corpo um terreno de significados simbólicos. Mudanças artificiais em seu formato do corpo, tamanho e aparência são comuns em todas as sociedades e têm uma importante função social. (Saikali *et al.*, 2004, pp. 164-165)

Como tivemos oportunidade de observar, a *body modification* não tem exclusividade nos séculos XX e XXI da cultura ocidental, já que a sua história nos remete a povos em todo o globo terrestre. Mascia-Lees e Sharpe (1999), Osório (2006) e Rodriguez (2011) indicam que a opção pelo gosto das modificações corporais não pertence ao período contemporâneo, essas práticas têm as suas raízes há aproximadamente 30.000 anos. Em sua extensa pesquisa, Mascia-Lees e Sharpe (1999) desnaturalizam o corpo e revelam a sua essência na construção do social. As autoras discorrem sobre todas essas práticas culturais que deformam, adornam, mutilam e obliteram o corpo e o ilustram em seu *habitat* para dar importância à sua cultura. O corpo é objeto de estudo da antropologia, inscrito na história e nas diversas práticas culturais, podendo-se, assim, codificar suas mensagens sobre a forma humana.

Dias (2014, pp. 11-12) aponta que “nesta conjuntura, a tatuagem, enquanto uma prática de modificação corporal, pode nos proporcionar uma aproximação do universo particular dos indivíduos”, dessa maneira possibilitando-nos observar a construção em uma sociedade em constante mudanças e já saturada simbolicamente.

Em relação às práticas de modificações corporais, as culturas que as utilizam fazem-no de forma natural, como afirmam as autoras anteriores; no caso das mulheres da tribo Ndebele, em Lesedi, na África (Cf. Anexo 1, Figura 11) elas usam pesadas argolas de metal no pescoço, também as utilizando nas pernas e braços, sendo o objetivo dessa

prática, segundo a cultura local, garantir que as recém casadas não fujam dos maridos e não olhem para os lados (Gerdes, 2011).

Outro exemplo são as escarificações. Esses cortes marcados na pele relatam momentos importantes na vida da mulher (Cf. Anexo 1, Figura 12), pois conforme essas marcas vão cicatrizando, elas dão a sensação de um rendilhado que causa grande satisfação estética nas aldeãs (Gallois, 2005).

Com esses exemplos, percebe-se que *body art* e a *body modification* diferem entre si. A primeira é híbrida e efêmera e não tem um tempo de exposição delimitado; a segunda, pelo contrário, é imutável, devido à transmutação corporal, passando o corpo a adquirir as várias linguagens nele inscritas, e sua exposição é contínua. Rodrigues (2006, p. 62) acrescenta: “arranhando, rasgando, perfurando, queimando a pele - imprimem-se signos que são formas artísticas ou indicadores de *status*”. Porém, essas marcas, por si só, nada significam, porque o que vai dar sentido e significado a elas são os estratos sociais onde elas são produzidas.

Um exemplo da *body modification* é o da mexicana Maria José Cristerna, com 39 anos, mãe de quatro filhos, conhecida por “Mulher Vampira”, que relatou, em entrevista (TV Asteca, 2015), que a sua educação foi sólida em uma família católica e que iniciou a transformação corporal com as tatuagens e depois modificou sua aparência (Cf. Anexo 1, Figuras 13 e 14). Atualmente ela é tatuadora profissional, visto que, devido à sua mudança na aparência, foi proibida de exercer a sua profissão de advogada. Ela comenta: “Tatuagens são uma forma de liberação para mim” (Cristerna, 2015, *in* TV Asteca), e ainda: “Tatuagem foi a minha maneira de me tornar imortal, de realmente ser uma vampira e não morrer, deixando meu trabalho na pele de outras pessoas” (Cristerna, 2015, *in* TV Asteca).

A *body modification*, assim como a tatuagem, ganhou entretanto reconhecimento profissional. Com isso, cita-se um evento mundialmente conhecido pelos adeptos, o *BMXnet* (Cf. Anexo 1, Figura 15). Neste evento participam profissionais e apresentam-

se conferências e *workshops* acerca das diversas intervenções corporais. Um dos objetivos dos organizadores é transmitir aos profissionais da área as questões de saúde pública e sanitárias dos locais e das pessoas que praticam as modificações.

A notoriedade sobre as modificações corporais aumentou a sua popularidade, traduzindo-se em liberdade corporal, como bem argumenta Ferreira (2007, s.p.) ao afirmar que “a marcação extensiva do corpo satisfaz, portanto, o exercício pleno desse direito de propriedade corporal, concedendo ao jovem um *modo de governo* do corpo relativamente fácil de agenciar, pela sua disponibilidade comercial”. Ou seja, os adeptos das modificações corporais têm autoridade e liberdade sobre o seu corpo, mesmo tendo que ser “aprovado” pela camada social, familiar ou até religiosa, bem como por convívios escolares e profissionais. Isto é, eles possuem a autonomia na decisão para adornar, marcar ou perfurar o seu corpo e se responsabilizar pelas escolhas que isso implica, tanto em termos de estigma quanto simbolicamente.

Com estes exemplos, pode-se perceber a importância do território corporal e dele fazer o que se quiser. Tanto na *body art*, *body modification* quanto na tatuagem, as questões expressas são polêmicas, e as atitudes que o corpo emana são objeto de contestação. Os corpos expostos a estas modificações são carregados de memória e distinção, trazendo imprimidos consigo uma estrutura de vida que se traduz em signos a serem decodificados por uma sociedade em constante evolução. Assim, o corpo é por excelência a tela (Berger, 2000), e, exposta visualmente, percebe-se, então, as escolhas individuais sobre a autoridade que se tem sobre corpo.

Capítulo II – Corpo-tatuagem-comunicação

1. Tatuagem, corpo: comunicando e marcando identidades

O ser humano sempre buscou pertencer a um ambiente, e este tem variações educacionais, religiosas e familiares distintas. Por isso, a parte principal da existência humana é a comunicação. Sem ela, talvez o ser humano não tivesse evoluído de forma tão grandiosa. Sabe-se que a partir da Pré-História esta necessidade comunicativa esteve presente e manifestada no cotidiano. Desenhar em paredes/rochas seria o primeiro registro de uma comunicação impressa, como bem resume Gondim (2012, s.p.): “É possível compreender o homem que se comunicava através daquelas pinturas mediante o significado dos signos pintados”.

A evolução da humanidade parte das variadas necessidades de sobrevivência, já que “ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material” (Marx e Engels, 1984, s.p.). Dito isto, o trabalho tornou-se o principal fundamento da vida, criando o próprio ser humano; acrescentando os trabalhos manuais e suas técnicas que geraram ações de sobrevivência desencadeando a construção da espécie humana e a linguagem, esta, relevante para transformar a vida, simbolicamente, do ser humano. Germano explica:

Contudo, é necessário acrescentar que, ao transformar a natureza, o homem já o faz articulando-a simbolicamente através da linguagem, principal elemento da mediação simbólica entre a natureza e a cultura, logo não se orienta apenas por necessidades imediatas, mas pelo transcendente, pela imaginação e pelo desejo de dar um novo sentido à realidade. (Germano, 2011, p. 37)

A comunicação e a linguagem consolidaram o crescimento intelectual do ser humano tornando possível a evolução da espécie. Ora, “sendo a comunicação um elemento efetivador da mediação simbólica da cultura com a realidade” (Nunes, 1985, p. 105), é com a comunicação que as experiências se generalizam e se esquematizam no cotidiano do ser humano, ensinando-o a resolver problemas e a conviver em comunidade.

Com a evolução da comunicação, surgiu a escrita, resultado da necessidade de registro visível e impresso: cuneiformes, hieróglifos, ideogramas, desenhos e, por fim, o alfabeto adotado por muitas civilizações, são tentativas sistematizadoras da linguagem. Sobre a evolução da escrita, Horcades (2007, p. 16) comenta que “a escrita possibilitou o acúmulo de conhecimento humano”.

De fato, o ser humano deixou seus conhecimentos acumulados em registros escritos ou imagens pictográficas nos repassando as suas experiências adquiridas, dando-nos oportunidade de melhorias nas novas invenções. Com isso, a Igreja Católica (Idade Média) teve um papel importante na evolução da confecção de livros, pois percebeu um nicho de divulgação da doutrina cristã, sendo que a produção dos livros foram realizadas manualmente (Horcades, 2007).

A invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg (século XV) foi pontual para modificar a forma como desenvolvemos e preservamos nossa cultura. Mais ainda, com esse invento foi possível a difusão da alfabetização e a organização de empresas de comunicação, tais como as indústrias livreiras e a imprensa (jornais e revistas).

Após a invenção desta tecnologia de impressão, em 1794 foi inventado o telégrafo e em 1840 o código Morse, e estes inventos romperam fronteiras entre os povos. A capacidade e a facilidade de comunicar aumentou com as diferentes tecnologias de comunicação que se seguiram: rádio, televisão, telefone, fax, computador. Ao se unir às tecnologias, os processos de comunicação obtiveram resultados significativos e modeladores na sociedade.

Todavia, para nossa pesquisa, que se centra na análise de um modo de comunicação muito peculiar, a tatuagem, iremos nos focar e analisar a comunicação na perspectiva dos signos verbais e não-verbais. Assim, não se pode separar o contexto comunicativo, social e cultural para que a tatuagem remete. Para analisar esses contextos comunicativos específicos, a semiótica é uma aliada na construção dos aspectos envolvidos nos

processos de comunicação. Sobre a comunicação enquanto atividade semiótica complexa, Santaella e Nöth explicam:

No centro do campo de estudos da comunicação encontra-se a linguagem verbal como o sistema de comunicação predominantemente e semioticamente mais potente da vida social e da cultura humana. A próxima ciência mais geral na área da comunicação é a semiótica, que inclui a linguística como um dos seus ramos e estende o campo de pesquisa para os signos não verbais. A área seguinte, mais abrangente, a ciência geral da comunicação, inclui tanto a linguística quanto a semiótica e estende o espectro dos estudos para as ciências sociais. (Santaella e Nöth, 2004, p. 128)

Pensando assim sobre a evolução comunicativa e entendendo a tatuagem como parte desse processo, a semiótica nas análises das tatuagens é apropriada. De fato, as análises que se procurou fazer encontraram na semiótica o aparato metodológico adequado. Eco (2007, p. 5) explica que a semiótica estuda todos os processos culturais como processos de comunicação “(...) porque sob eles se estabelece um sistema de significação, o qual possui um código e este um destinatário”. Desse modo, a significação é válida para haver uma percepção/compreensão do código que está em contato com uma determinada cultura na qual os atores sociais possuem condições para a interpretação, dando-lhe uma significação segundo o seu *habitus*. *Habitus* é aqui compreendido como:

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (...). (Bourdieu, 1983, p. 65)

Com isso, o *habitus* é o fio condutor nas mediações culturais, as quais se apresentam nas práticas individuais e sociais de existência, e isto nos possibilita a interpretação social e cultural no meio onde se está.

Inspirado pela antropologia estrutural de Lévi-Strauss, Roman Jakobson distingue três níveis de comunicação social: a) comunicação por mensagens (o assunto da linguística e

da semiótica); b) comunicação como forma de troca de bens e serviços (o assunto da economia); e c) comunicação na forma dos parceiros sexuais (o assunto dos estudos sobre o parentesco e o matrimônio na antropologia social) (Jakobson, 1970, p. 25).

Nesse contexto, Jakobson analisa o intercâmbio dos valores sociais e econômicos como processo de semiose. Outro ponto importante é discorrer sobre a relação entre comunicação e semiótica. Ferrara explica:

a essa altura, a semiótica se revela como um momento imprescindível à comunicação enquanto ciência, porém, não se trata de um método que *a priori* se aplique aos processos comunicativos, ao contrário, a semiótica constitui um modo de enfrentar as relações e vínculos comunicativos pela iluminação dos seus processos representativos através de signos. (Ferrara, 2004, p. 25)

Assim, a semiótica no âmbito da comunicação instiga o cientista a passar dos “processos representativos para uma esfera propriamente interpretativa” (Ferrara, 2004, p. 188), revelando deste modo a produção de significados.

Na construção dessa semiose e seus interpretantes, encontram-se a capacidade do ser humano de argumentar, expressar-se, enfim de comunicar. Assim, a comunicação e a semiótica têm uma dimensão de atingir um efeito ou uma consequência. Os fenômenos da interpretação da comunicação revelam em seus atores sociais as formas necessárias de compreensão, pois será no ambiente cultural e social que a comunicação é estabelecida. Miège comenta que:

(...) as ciências da informação e da comunicação tem, precisamente, como objeto relacionar suportes e conteúdo, discursos e estratégias dos atores sociais, escrita das mensagens e lógicas tecnológicas em uma abordagem que articula sociologia, história e semiologia. (Miège, 2000, p. 34)

Com isso, pode-se entender o quanto a comunicação se conjuga com o aparato cultural, valendo lembrar, neste momento, a comunicação da cultura de massas criticada por Horkheimer e Adorno (1997). Esses dois teóricos defenderam que o desenvolvimento da

comunicação de massas impactou a natureza da cultura e da ideologia nas sociedades modernas. Na concepção de Horkheimer e Adorno (1997), deve-se fazer uma leitura mais globalizante das sociedades e culturas, não se baseando somente na política, mas sim abrangendo as diferentes formas simbólicas que circulam no meio, o qual vai atingir o indivíduo que recebe ou intensifica a massificação das informações. Esses mesmos teóricos da Escola de Frankfurt⁶ desenvolveram, em meados dos anos 1940, o conceito de indústria cultural, tratando-se de um conceito que engloba as produções dos bens culturais como mercadorias, o que pode a vir selar o papel da cultura filosoficamente constituída.

Efetivamente, com a chegada da indústria cultural, os meios de comunicação são levados à massificação cultural. Por outro lado, com a pós-modernidade, a comunicação se aliou com a filosofia, as humanidades, as artes, as ciências sociais e, nelas e com elas, o debate acerca da própria comunicação ficou mais instigador e provocador. Como explica Rüdiger,

(...) para eles, a cultura de massas, que é inseparável das tecnologias de comunicação, só adquire sentido em relação ao todo social, do qual são antes de tudo uma mediação e, por isso, precisam ser estudados à luz do processo histórico global da sociedade. (Rüdiger 2003, p. 132)

As marcas da tatuagem carregam consigo o “todo social” citado por Rüdiger. Esse “todo” está inscrito na pele de maneira simbólica que, de alguma forma, expõe uma realidade ou uma necessidade comunicativa, como também cultural.

Uma vez que o campo de estudos da comunicação é vasto, para este trabalho, o que nos interessa é a visão que considera a comunicação como parte da realidade sócio- histórica-humana. É a partir desse prisma que se intentou uma análise de tatuagens, não a

⁶ Rüdiger (2003, p. 132) explica que “os frankfurtianos trataram de um leque de assuntos que compreendia desde os processos civilizadores modernos e o destino do ser humano na era da técnica até a política, a arte, a música, a literatura e a vida cotidiana. Dentro desses temas e de forma original é que vieram a descobrir a crescente importância dos fenômenos de mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo”.

desassociando da relação comunicativa que se propõe efetivar. Para Rüdiger (1998, p. 17) “o termo comunicação deve ser reservado à interação humana, à troca de mensagens entre seres humanos, sejam quais forem os aparatos responsáveis por sua mediação”. Com isso, entende-se que o homem é esse ser social que se relaciona com o outro e espalha, através dele, os seus conhecimentos. Por isso, segundo Santaella e Nöth (2004, p. 63), a comunicação deve “ser entendida como um princípio de sociabilidade dotado de fundamentos históricos e culturais determinados”.

Outro autor que partilha esta opinião é Martín-Barbero (2006), apontando nos seus estudos que as mediações comunicativas ampliam o repertório em valores, hábitos locais e globais, coletivos e particulares, sem segmentação entre eles, ou seja, o meio cultural influencia a forma como nos comunicamos e nos fazemos entender.

Habermas, por seu turno, na sua teoria da ação comunicativa, centra a ação no sujeito, o qual vive em um meio, sendo esse o centro do processo da compreensão entre pessoas. Desde modo, havendo a necessidade da comunicação verbalizada, faz com que esses sujeitos se relacionam e interajam, gerando assim uma relação interpessoal e comunicativa:

Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa. (Habermas, 1984, pp. 285-286)

Para Habermas, portanto, a ação comunicativa é uma reciprocidade entre dois indivíduos que falam e agem e neste ato buscam compreender certa situação, com vista à coordenação de suas ações para chegarem a um consenso do que querem comunicar e assim obterem um entendimento mútuo.

Diferente de Habermas, Greimas acredita que o ato de comunicar é um ato de manipulação, pois quem quer comunicar algo quer fazer com que o outro creia em alguma coisa. Nesse sentido, Greimas e Courtés escrevem:

As ações humanas são divididas em dois blocos: o eixo da produção, quer dizer, a ação dos homens sobre as coisas; e o eixo da comunicação – a ação do homem sobre os próprios homens, criadora das relações intersubjetivas e fundadoras da sociedade. (Greimas e Courtés, 2008, pp.81-83)

Porém, Figaró (2010, p. 6) afirma que “a comunicação é a interação entre sujeitos determinados historicamente que se interrelacionam a partir de um contexto, compartilhando sistemas de códigos culturais e, ao fazê-lo, atuam, produzindo/renovando a sociedade”, sendo isso uma conexão dada pela comunicação. Assim, a comunicação está inserida na sociedade que culturalmente se alia para designar como este ou aquele produz códigos para comunicar, os quais podem ser o sotaque de uma região ou até mesmo a forma de como se posicionam perante o seu interlocutor.

Uma vez que “todas as práticas sociais comunicam significado, constituem-se como práticas de significação e podem ser examinadas pelo trabalho que fazem subjetivamente” (Hennigen e Guareschi, 2006, p. 58), essas práticas sociais comunicam significados que são enfatizados devido à necessidade que o ser humano tem de se reconhecer e assim interagir efetivamente com o seu entorno.

Desse modo, percebe-se que a comunicação é própria do ser humano e refere-se à sua produção cultural, pois ele é ao mesmo tempo o indivíduo e agente social.

Portanto, para compreender a comunicação, deve-se entender a linguagem. Palavras, gestos, cores e desenhos, entre outros, foram subsídios que o ser humano criou para poder expressar e melhorar a sua comunicação. Esse recurso comunicativo vem evoluindo sobremaneira. Como bem coloca Ribeiro (2013, p. 123), “os seres humanos utilizam sistemas ou códigos de significação para interpretar, organizar e regular sua conduta,

enfim, para dar sentido às próprias ações, bem como às ações dos outros de forma cultural”.

Podemos classificar a linguagem em verbal e não-verbal, como explica Farcas:

As linguagens se caracterizam em: Verbal: aqueles signos que são formados por palavras recebem o nome de linguagem verbal. Ela é formada por sinais visuais e sonoros: a letra e o fonema. Não verbal: signos sonoros ou visuais compõem a chamada linguagem não verbal. Exemplos de signos sonoros: a música, uma sirene, um apito ou uma buzina. Exemplos de signos visuais: cores (semáforo), formas (placas), movimentos (vídeos, imagens). (Farcas, 2014, p. 110)

Franchetto e Leite (2004, pp. 30-40) ressaltam que “o desenvolvimento da linguagem se deu quando as relações sociais entre os seres humanos se tornaram mais complexas. Trata-se do momento em que a evolução cultural substituiu a biológica em termos de seu valor adaptativo”. Assim, a linguagem, quando associada à diversidade da vida social, como também às especificidades dela, pode transformar, através das práticas sociais, a cultura material, a qual possui múltiplos sentidos que muitas das vezes interagem mutuamente em um mesmo espaço e tempo.

Almeida e Reis (2013, pp. 9-10) salientam que “a linguagem é um importante instrumento que permite nomear, presentificar, imergir no imaginário cultural de cada povo, bem como relatar história e cultura”, e acrescentam que também o corpo tatuado é um espaço da legitimação da linguagem social. Nele estão inscritas evidências de sentimentos e emoções, bem como simbolismos, pois o corpo denuncia, expõe, explicita e transcreve as relações de identidades e subjetividades angariadas pela cultura e por vivências.

Enquanto comunicação, a tatuagem irá encontrar na sua condição visual a linguagem não-verbal. Como aponta Orlandi (2010), trata-se de não-dizer o que está implícito na imagem, pois essa relata a condição significadora que se condiciona. Neste formato, pode-se dizer que a tatuagem sai da esfera individual e passa à coletiva para que possa ser interpretada devido à condição não-verbal dessa comunicação. A linguagem não-verbal

na pele, em forma de tatuagem, é permeada de significados sem ser necessária uma verbalização, pois a própria imagem reporta a intencionalidade de representar em forma comunicativa a interação entre aquele que se torna portador desta escrita e o mundo que o cerca.

Com isto, para se compreender a relação com a linguagem não-verbal, no caso particular da tatuagem, deve-se entender que a imagem tem um papel importante nessa relação de comunicar, pois a imagem tem a peculiaridade de ser compreendida por meio da sua aura de significações e por possuir códigos de mensagens visuais.

Nesta mesma linha de entendimento acerca da comunicação, Bakhtin (1981) já severava que na imagem também existe um enunciado que comunica algo, e este está relacionado com a cultura e com as relações sociais e históricas. Assim, a tatuagem, como enunciado, remete-nos a um signo, que para Bakhtin é ideológico. Como sintetiza Braga:

O autor [Bakhtin] explica que um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social), como todo corpo físico, instrumento de produção ou de consumo, mas, ao contrário destes, os signos ideológicos também refletem e refratam uma realidade que lhe é exterior. (Braga, 2009, s.p.)

Por tudo isto, podemos afirmar que a tatuagem é uma rede de significações a ser decodificada. Essa rede se forma devido ao poder que o homem tem de se comunicar, comunicação essa que está ligada à mundividência do tatuado, a qual transforma o seu corpo em uma reunião de elementos comunicativos.

2. Tatuagem: texto impresso no corpo

A tatuagem, vista assim como comunicação, remete-nos sempre a uma interpretação, até mesmo porque existe nela a possibilidade de compreensão que o portador quer repassar. Esse texto impresso na pele carrega consigo muitas metáforas. Assim, o corpo passa a ser o papel onde irá receber um texto a ser decodificado.

E, por ser o corpo protagonista, deve-se então reportá-lo à História. Optou-se, assim, pelo Renascimento, devido às mudanças científicas que o período ofereceu. Foi no Renascimento (Idade Moderna) que a concepção de corpo começou a mudar, tendo em vista que na Idade Média o corpo tinha conotações de inferioridade, porém com alusão de ser divino que o cingia em uma aura sagrada. Experiências médicas realizadas no Renascimento, deram início a um processo onde o corpo será dissecado para poder ser entendido, ou, para a Igreja, profanado.

Para Del Priore (1995, p. 15), o “Renascimento, momento por excelência de tantos tratados de medicina, de dança e de cosmética, sem contar as inúmeras representações do ser humano, cujas particularidades físicas nunca foram exploradas de forma tão convincente”. Com isso, a autora elencou que o corpo foi explorado de várias formas, sendo no simbólico e no imagético as principais, e foi no Renascimento o período que o indivíduo começou a entender e perceber o seu corpo, esse que, muitas vezes, foi amado/odiado devido às regras e imposições sociais e religiosas que o período determinou.

Por outro lado, é compreendida a revolução científica que se iniciou com Bacon, Descartes e Galileu. Essa nova revolução é o olhar sobre o mundo de consciência secularizada, da qual foi retirada a componente religiosa para considerar a natureza física e biológica: “O corpo, assim, passa a ser objeto de estudo da ciência” (Aranha e Martins s.d., p. 328).

Dito isto, é possível entender que desde do Renascimento o corpo vem sendo estudado com cunho científico, e, depois, com o desenvolvimento das ciências, o corpo iniciou um longo processo de estudos, tanto na área da saúde como na social. O corpo torna-se também foco de interesse do historiador que o vê como um corpo social, com valores e variações específicos. Para Crespo (2001), o corpo é um dado histórico em permanente construção que se não compadece com explicações a curto prazo, sendo antes um “processo contínuo de estruturação, desestruturação e reestruturação” (Crespo, 2001, p. 30), o que o leva a uma constante evolução.

Para Santaella (2004), o corpo humano é um invólucro que no seu interior tem carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos e todo esse conjunto físico-fisiológico deverá sobreviver ao tempo. Assim, *grosso modo*, esse corpo carnal também irá receber a sua carga emotiva, ele irá pulsar, criar imaginários e ser simbólico. Com essa produção, à qual o corpo se propõe, encontrará no cerne das sociedades e das culturas a sua ascensão ou degradação, pois está condicionado às imposições emergentes de ser agente histórico.

A sociedade atual evidencia o corpo de uma maneira apelativa, onde as mensagens que esse corpo passa são maioritariamente de perfeição. Assim, os apelos gerados pelos meios de comunicação veiculam um corpo jovem, saudável, malhado, triunfando nas exigências estéticas que a atualidade nos impõe, configurando-se um sistema que “incentiva o seu enquadramento numa serialização de imagens, seguindo determinados padrões” (Rodriguez e Carreteiro, 2014, p. 750).

O nosso corpo, segundo Heilborn (1997), é também uma entidade natural edificada pelos efeitos da cultura. Toda e qualquer sensação física é determinada pelo ambiente sócio-cultural, o qual nos dá os significados necessários para existência em grupo. O corpo sofre as variações da sociedade e está condicionado aos modos de viver nesse contexto. Como explicam Paim e Strey:

(...) a aparente realidade imutável, que significa que todos os indivíduos têm corpo, deve ser pensada dentro de um contexto cultural específico. Assim o corpo, não fala por si próprio, se ele anuncia algo é aquilo que a própria cultura o autoriza a falar. (Paim e Strey, 2004, s.p.)

Assim, pensamos na tatuagem e no corpo como comunicação. A tatuagem interligada com a vivência e experiência do tatuado gera questionamentos, pois os desenhos, as grafias, os números, as frases e símbolos circulam entre os indivíduos, sendo assim uma forma de linguagem, e estão intimamente ligados aos esquemas da comunicação entre pessoas: tanto corpo como tatuagem seguem o desejo de significar. Santaella sintetiza esta evidência do seguinte modo:

Desde Marx, Nietzsche e Freud, com a entrada em pauta da ação, vontade e desejo humanos, até então ignorados devido à supremacia da razão, os conceitos sobre a experiência do corpo e sua relação com o mundo começaram a extrapolar sua suposta dimensão exclusivamente natural até então mantida sob a tutela da fisiologia e da anatomia. (Santaella, 2004, p. 26)

Em seus ensaios sobre o corpo, esta autora reflete sobre questões latentes das percepções corporais na contemporaneidade, dando ênfase à comunicação que o corpo, transmutado pelas relações culturais, impõe. Para a autora, prevalece sobre o corpo o narcisismo, introjetado em um *rol* de simbologias ligados socialmente, como também nas normas: o corpo é seccionado a uma rede significadora de comunicação (Santaella, 2004). Deste modo, o corpo projetado em uma determinada sociedade, interage e passa a existir.

Nesta linha de pensamento, pode-se compreender o corpo físico como um repertório de símbolos, na senda de Bakhtin:

E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Convertendo-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade. (Bakhtin, 2002, p. 31)

Também a tatuagem tem essa linguagem comunicativa inscrita em um corpo que retrata uma realidade em que o tatuado se concentra. O corpo, neste momento, é um território a ser explorado e com significado, o qual dá sentido e se relaciona com o seu meio. Embora a comunicação seja formada de várias maneiras e inscrita em distintas formas e materialidades, será nas relações humanas que o corpo tem lugar essencial nos sistemas que constituem os sentidos e significados os quais são emitidos e assimilados continuamente, como explica Novak:

O corpo é a ponte de ligação, o intermediador da comunicação, e é através dele que a tatuagem se estabelece como linguagem, (...) e como meio de conectar o indivíduo a uma coletividade específica, ao mesmo tempo em que é capaz de distinguir coletividades entre si. (Novak, 2012, p. 32)

Face ao exposto, analisar as tatuagens é também ler o texto impresso no corpo, conjugado com suas relações pessoais, sociais e culturais. Sabe-se que a tatuagem vem sendo realizada desde sempre, e civilizações a utilizaram para demarcar o corpo com intuítos diferentes, por fim agregando valores às suas culturas, mesmo sendo vistas com preconceitos por outras culturas, conforme descreve Toffoli:

Na cultura europeia, sobretudo a católica (representada por Portugal, Espanha e Itália), a tatuagem sempre foi vista com maus olhos, por profanar o corpo, segundo preceitos professados e também por ser uma herança pagã de cultos a divindades e rituais como a antropofagia. (Toffoli, 2005, p. 2)

Destarte, a tatuagem, tida como linguagem, não pode ser apreendida isoladamente do tempo, ambiente e conjuntura sociocultural em que o corpo está inserido. Assim, o portador da tatuagem é um interlocutor o qual tem condições de decodificá-la e atribuir significados, pois o mesmo possui as informações para constituir a interpretação.

Nesse processo, a tatuagem é muito significativa, pois da mesma emana o poder que o indivíduo tem sobre o seu corpo, sendo que a visão externa dos outros não interfere na sua decisão de fazê-la, pois para ele, a tatuagem é uma expressão que culturalmente já está instituída. Conforme Ghiraldelli (2007, p. 116) propõe, “o corpo é o espaço de onde falamos tanto de nós próprios, como nos direciona a identificar outros. É no corpo que o poder faz as forças surgirem, silenciarem, ou se afastarem”.

A forma como um indivíduo utiliza o seu corpo, reforça a assertiva que ele está culturalmente inserido em uma sociedade organizada e conforme Mauss (1997, s.p.) salienta, “as diversas formas de caminhar, de nadar, de comer, de higiene e até mesmo de parir devem ser compreendidas como parte de um *habitus* que, de natureza social, configura os múltiplos elementos da arte de utilizar o corpo”. Nesse sentido, o *habitus*, para Mauss, é um produto da “razão prática” ou seja, aplicada no individual e no coletivo, determinando socialmente a forma de utilizar o corpo: o corpo faz parte das representações coletivas.

Nesta mesma linha de pensamento de Mauss, Leitão (2004) acrescenta que a cultura se torna fundamental para mostrar como os gestos e posturas estão ligados a uma aprendizagem. Também para Maluf (2011) o corpo é o lugar onde se dá a produção simbólica e onde se articulam as representações sociais culturalmente instituídas.

Deste modo, não se pode pensar no corpo físico separado do ser humano (razão-emoção), pois este possui suas vontades próprias e tem total domínio sobre o seu corpo, mesmo com todos os estigmas impostos pela sociedade contemporânea no seu programa de apontar e ditar regras estéticas e morais.

Pierre Clastres (1990) argumenta em seus estudos que o corpo é esse invólucro com marcas e cicatrizes em uma superfície escrita, o que o leva a passar por possíveis ritos de pertencimento e vontades próprias. Silveira acrescenta sobre essa assertiva de Clastres:

Analisando os rituais de iniciação das comunidades primitivas, Pierre Clastres nos chamou a atenção para o fato de que a sociedade, através dos seus ritos iniciáticos, marcados pela tortura e a violência do corpo levado aos seus últimos limites de exaustão e sofrimento, procuravam imprimir no corpo dos seus jovens os seus princípios, as suas normas, de tal forma que, aprovado pela comunidade, o jovem traria em seu corpo, para toda a vida, marca do seu compromisso com o seu grupo, não devendo rompê-lo sob nenhuma circunstância. (Silveira, 2012, p. 200)

Por outro lado, para Braunstein e Pépim (1999), o corpo é um meio de comunicação e faz parte da nossa existência na aquisição do produzir e do trocar utilizando-se de sinais, gestos, roupas, instituições e nossas percepções da realidade, fazendo-o existir.

Sendo o corpo a tela, “as percepções de vida e do mundo podem ser pintadas, despontando apoio ou desprezo a certos princípios e ideologias” (Berguer, 2006, p. 61). Ter uma tatuagem é, nesse sentido, possuir uma identificação a qual permanentemente terá uma mensagem inscrita na pele, podendo com isso pertencer a um grupo, mas também afastando-o de outros.

Para Ortega (2004), os indivíduos marcados corporalmente revelam uma crise simbólica e a construção de uma liberdade ficcional: “(...) não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação. As utopias corporais substituem as utopias sociais” (Ortega, 2004, p. 252).

É possível que por meio do corpo os indivíduos possam relatar as suas histórias, pois a antropologia, juntamente com a filosofia e a psicanálise, apontam para essa necessidade de o sujeito deixar suas experiências e vivências destacadas. Neste contexto, o corpo passa a ser o meio. No entanto, conforme avisa Berlinck, “(...) consideramos que algumas destas inscrições corporais podem também emudecer através de uma lesão não inscrita no campo simbólico” (2000, s.p.).

Silva (2013) acrescenta que em comunidades tribais também há a marca corporal de cunho estético, para tornar o corpo belo (pensando-se na maior amplitude em que a beleza possa ser concebida), de acordo com os padrões vigentes de cada cultura: “Em alguns lugares do continente africano a aquisição de marcas faz parte da construção de um corpo maduro e desejável” (Silva, 2013, pp. 34-35).

Lacan (1981) postulou que a imagem do corpo é de suma importância para a formação do eu. Como sugerem Cukiert e Prizkulnik, “(...) as articulações lacanianas possibilitam situar que o corpo, em sua vertente simbólica, é o corpo marcado pelo significante, no qual o inconsciente também se escreve e pode ser decifrado” (2002, p. 147).

Greiner (2005) comenta que a função do corpo biológico e do corpo cultural é fazer esses corpos existirem em um ambiente onde estes estejam sempre em movimentação, pois devem ser vistos como um sistema e não mais como um produto. Consequentemente, nosso corpo possui a complexidade necessária para a sobrevivência. Greiner (2005, pp. 16-17) argumenta ainda que “o modo como um corpo é descrito e analisado não está separado do que ele apresenta como possibilidade de ser quando está em ação no mundo”.

Também Foucault (2008) destacou em um de seus estudos que o corpo, sobretudo os gestos que ele emana, são construções culturais historicamente datadas: “(...) Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica” (Foucault, 2008, p. 77). Por isto, o corpo deixa de ser visto tão somente dentro de uma perspectiva biológica e fisiológica, e passa a ser um veículo para manifestar desejos e preocupações sociais, com uma intensificação na busca pela perfeição e comunicação. Aquilo a que Foucault chamou de “corpo biopolítico” não é um corpo individual, mas sim o corpo social que agrega os mecanismos sociais. Foucault (2008) discorre nesse contexto sobre a “tecnologia política do corpo” (2008, p. 143), o corpo que se torna objeto de saberes. Porém, a produção desses saberes (controle, normas e olhares) não é feita pelos indivíduos, esses saberes transformam os indivíduos que sistematicamente se disciplinam e é deste modo que o ser humano é fabricado como sujeito da e na sociedade.

Saindo do *locus* da relação de poder de Foucault, Thomas Csordas propõe uma nova discussão sobre o corpo. Csordas estabelece um novo paradigma que apelida de *embodiment*, sendo este um olhar diferente para o estudo da cultura em que o corpo é pensado como sujeito dela. Para o autor, o corpo não deve ser visto como uma matéria na qual a cultura opera, mas antes deve ter uma “participação primordial no domínio da cultura” (Csordas, 1994, p. 8). Para Csordas, a intenção é de construir paradigmas para o estudo do corpo por meio da cultura, com foco na experiência cultural do *embodiment*, termo esse, designado pelo autor.

De acordo com Peruzzolo (1998), o corpo é um aparato social que deve ser interpretado de uma forma não fragmentada, sendo essa interpretação feita pelo grupo cultural onde esse corpo se encontra, pois, até mesmo porque, o corpo é construído social e culturalmente e sua representatividade circula através da investida de múltiplos sentidos.

Peruzzolo acrescenta:

Esses sentidos por vezes reafirmam, por outras se ampliam ou remodelam, e por outras, ainda, enxugam, ou mesmo desaparecem. Mas de qualquer forma, as representações se formam de acordo com o desenvolvimento humano num dado contexto sócio-histórico. (Peruzzolo, 1998, p. 86)

Le Breton é outro autor que comunga da ideia de o corpo pertencer ao núcleo social. Para ele, “[o] corpo marcado transforma-se num arquivo de si” (Le Breton, 2002, p. 114), ou seja, o corpo é pensado como se tivesse um formato de módulos sociais e simbólicos que estruturam a identidade da pessoa. O autor acredita que a realidade adquirida sobre o corpo transmite múltiplas significações que operam culturalmente e são vistos como corporeidade. Como também adianta Ferreira,

O corpo representa uma intriga iconográfica que sinaliza e sintetiza uma história de vida, o traço indissipável de uma subjectividade que se constrói também por relação ao passado, através da narração visual de um enredo construído a partir dos episódios sucessivos ou paralelos que, nas suas várias esferas de inclusão (familiar, profissional, afectiva, amigal, religiosa, política, de lazer e consumo, etc.), entrelaçam uma existência. (Ferreira, 2011, p. 145)

A intriga iconográfica é também observada na tatuagem, pois o portador, ao escolher e ter motivação para certa tatuagem, irá buscar dentro de seu núcleo de conhecimento os saberes sobre tal, os quais podem estar relacionados com relatos de vida, homenagens, entre outros. Essa intriga passa, dessa forma, a ser significada neste corpo que entrelaçando com a cultura gera possibilidades a ser interpretadas.

Ramos (2006) acrescenta que a tatuagem é algo que chegou para ficar. O autor nos diz que a tatuagem é como um grito de liberdade mesmo que exista ainda uma imagem antissocial. Essa condição pessoal de ter ou não uma tatuagem é para alguns indivíduos a afirmação do direito que se tem sobre o corpo, sendo esse direito a própria mensagem.

McLuhan (1969) considera que o meio é a mensagem, afirmando que as mensagens estão condicionadas pela maneira como são informadas, motivando uma mudança de percepção e não de conteúdo. De igual modo, os autores Fabricio, Gomes e Lopes (2011, p. 81) entendem que “a mensagem de qualquer meio ou veículo é a mudança de padrão que este

meio provoca na sociedade, considerando-se que é o meio que rege a forma e a dimensão dos atos e associações humanas”.

Já para Deleuze (1980), o corpo é um “espaço-liso” que propicia o engajamento social por meio de *performances*, o qual, como espaço expressivo que confronta e diverge do Outro, “é também reclamado como suporte de manifestações de existência individual, no sentido de permitir expressar exercícios de reivindicação do poder de si próprio sobre si mesmo” (Ferreira, 2011, pp. 291-326).

A maneira como o nosso corpo adquire experiências está condicionada e se modifica conforme o meio sócio-cultural. Assim sendo, não é visto somente exteriormente, pois há a necessidade do equilíbrio interno e externo, o que apoia e sustenta o seu lugar e deslocamentos:

Nesse sentido, ele necessita ultrapassar a derme e, de alguma maneira, confundir-se com suas fronteiras. É assim que ele se torna, ao mesmo tempo, interior e exterior. Ele não vem somente de fora, mas é aquele que nos produz a experiência de sermos olhados como um objeto diferenciado de outros, arrancados da plenitude da imagem. Isso se arranca de lá onde estávamos entre outros, produz, ao mesmo tempo, dor e prazer. O vazio do lugar de nosso ser-objeto insiste em se traçar de nossa pele, para que dele possamos construir memórias, identidades, taxonomias, narrativas de fatos, ou mesmo geografias. (Costa, 2003, pp. 9-10)

Dentro destas descobertas acerca do corpo e das possibilidades de entendê-lo como um ser cultural que se molda conforme as investidas da contemporaneidade constroem-se novas identidades. Sendo assim, a tatuagem torna-se um *Self* carregado de elementos simbólicos e não ornamentais. Esse *Self* está ligado à identidade pessoal e a tatuagem é um elemento narrativo com as interpretações dos eventos vividos (Fruh e Thomas, 2012). Numa linha de pensamento próxima, Bezerra compreende que

o conceito de discurso e formação discursiva que atravessam e textualizam os corpos transgressores a partir dos textos, imagens e experiências coloridas que saltitam nosso olhar. Os discursos tatuados em sua grande maioria apresentamos indivíduos construtores de suas

subjetividades e de signos culturais que expressam sentimentos e emoções vivenciadas. Tais sujeitos dizem autores de seus discursos, pois incarnam com paleta de cores, desenhos e grafias, textos repletos de sentidos que são fragmentos de si. (Bezerra, 2014, p. 7)

O corpo e a tatuagem carregam consigo um discurso, do qual o seu portador é o maior conhecedor. Ambos produzem uma simbiose de significados os quais se abrem à compreensão e interpretação. Nesse sentido, poderíamos afirmar que corpo-tatuagem-comunicação não se desassociam.

3. Tatuagem: imagem e objeto semiótico

Por ser uma forma de comunicação impressa na pele, a tatuagem dá condições latentes de interpretação de seus significados. Assim, compreende-se, para esta pesquisa, a tatuagem como sendo imagem, representação e objeto semiótico, devido à miríade de significações que a mesma possibilita interpretar.

Greimas e Courtés (2008) apontam que na semiótica visual a imagem é autossuficiente, sendo assim plausível de significação e com capacidade de submissão à análise. Portanto, para isso deve haver um objeto semiótico (a tatuagem), para ser analisado seguindo as conotações de uma determinada cultura onde está inserido o portador, como também as suas motivações implicadas por suas vontades e significados por ele atribuídos.

A imagem, por sua vez, é decodificada por possuir uma linguagem de símbolos que identificam ações ou organizações simbólicas que transmitem mensagens, as quais são analisadas à luz de experiências, vivências e conhecimentos empíricos. Segundo Aumont (2002), a imagem é modelada por estruturas, vinculada em uma organização simbólica e apontada por uma cultura ou sociedade. No entanto, a imagem é igualmente um meio de comunicação e de representação do mundo e tem seu lugar em todas as sociedades humanas. Para Aumont (2002), por isso, a imagem é universal, mas sempre particularizada. Essa particularização é observada na tatuagem, pois ela tem, primeiramente, um referencial que é exposto pelo seu portador que determina o local no

corpo e a tatuagem com o seu significado pessoal. Deste modo, a tatuagem é uma ação individual e comunicativa grafada na pele.

A imagem codificada na pele, pelo tatuado, transmite ao leitor o ato a ser decodificado, permitindo que a compreensão do significado da imagem permaneça oculto às pessoas, ou não. A leitura da imagem impressa como tatuagem estará condicionada ao ambiente culturalmente datado em que a pessoa está inserida. Assim, pensando na tatuagem como imagem e objeto semiótico no ambiente carcerário é trazer à tona significados relativos à cultura do cárcere e do detento propriamente dito.

Joly (2008, p. 32) nos faz refletir sobre “o que diz uma imagem e, sobretudo, como o diz”, induzindo-nos ao ambiente cultural e ao repertório de conhecimentos para analisar uma imagem. Esta vista isolada remete a uma análise simples do olhar, porém, ao ser analisada como objeto semiótico, abre possibilidades de interpretação devido aos significados individuais do portador da tatuagem e do ambiente que o cerca. A imagem é interdisciplinar, circulando nos vários gêneros imagéticos, do mais tradicional às tecnologias.

A imagem, de um modo geral, pode ser analisada na estrutura de sua composição, relatando os seus códigos e elementos como uma sintaxe visual. No entanto, na tatuagem vai-se além e se observa que no ângulo da significação pode estar atribuído o valor estético e emocional de seu portador e espectador. Como destaca Aumont (2002, p. 114), “o espectador é também um sujeito de afetos, pulsões e emoções, que intervêm na sua relação com a imagem”. Ou seja, parte-se do princípio do conhecimento de ver e saber para a interpretação da imagem observada a qual está condicionada aos saberes de seu interpretante.

Para Barthes (1984), uma imagem que está relacionada com o seu conteúdo tem uma função de ancoragem. Barthes explica que “toda imagem é polissêmica, implicando, subjacente aos seus significantes, uma *cadeia flutuante* de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros” (1984, p. 32), portanto, a tatuagem, enquanto imagem,

não transmite uma leitura completa, ela necessita de uma ancoragem que pode ser o ato verbalizado de seu portador, o qual irá inserir em sua decodificação elementos para que quem a visualizar possa compreender a sua motivação em possuir tal imagem, nesse caso, impressa na pele. Dito isso, na proposta desta pesquisa a tatuagem será exposta pelo detento, e este se utilizará de mensagens verbais para explicar ao entrevistador o que aquela imagem representa. Como bem expõe Barthes, a palavra vai ser uma ancoragem para compreender a imagem.

Ao posicionar a imagem como representação ela é definida como signo. A representação é a apresentação do objeto ao seu intérprete (Peirce, 1995), ou seja, a imagem apresentada terá características de reconhecimento e, associando-a ao seu objeto, o intérprete tece o seu significado, gerando o seu interpretante. Peirce define esta representação que se mostra como *representamen*. Joly (2008) aponta que a imagem colocada na categoria de representação evoca algo que não seja ela (fisicamente), mas por semelhança, assim a imagem é percebida como signo icônico, por ter uma relação de analogia ou partilha de qualidade com aquilo que representa.

A representação, para Greimas e Courtés (2008), é a construção de uma linguagem de descrição, ou seja, possui conceitos a ser interpretados, ao mesmo tempo que implica um nível metalinguístico, já que esses conceitos são homologáveis entre si e traduzíveis uns com outros. Desse modo, a tatuagem é uma representação que, observada na teoria de Peirce como na de Greimas e Courtés, pode ser interpretada como um ato de transferência de significados, como uma cadeia de relação entre o tatuado, tatuador e tatuagem, já que ambos necessitam dar-lhe significado, assim passando a existir.

Nesta necessidade de existir, posicionamos a tatuagem, por ora imagem e representação, como signo. Segundo Peirce, o signo representa alguma coisa para alguém, e partindo desse princípio de “representar algo” a tatuagem é, então, signo. Nesta linha de pensamento, Aranha e Martins (s.d., 30-31) nos explicam que “o signo está no lugar do objeto que ele representa e essa representação pode assumir aspectos variados, dependendo do tipo de relação que o signo mantém com o objeto representado”.

Sendo o objeto semiótico a tatuagem, será a semiótica que permitirá analisar a comunicação pela imagem, isto é, entre ícone, índice e símbolo. Santaella e Nöth (1997, p. 38) explicam que “(...) o signo de imagem se constitui de um significante visual (*representamen* para Peirce), que remete a um objeto de referência ausente e evoca no observador um significado (interpretante) ou uma ideia de objeto”. É nesta tríade que o observador analisa a imagem como signo com a possibilidade de uma semiose infinita, obedecendo às relações que o signo tem com a imagem e seu intérprete.

3.1 Símbolos e Simbologias: aspectos analisados na tatuagem

Com a semiótica, pode-se compreender como a tatuagem opera enquanto signo a ser interpretado. As interpretações propostas nesta pesquisa partem também do princípio que a cultura do indivíduo em relação à imagem tatuada estão dinamizadas e associadas.

Culturalmente, os símbolos e suas simbologias vagam pela história, desde os primórdios quando o ser humano percebeu a necessidade de interpretar e dar sentido ao seu entorno e aos acontecimentos até então desconhecidos. Dar sentido a algo é ir ao encontro de seu significado e este ser acumulado ao seu *rol* de conhecimento e imaginação. Chevalier e Gheerbrant (2009, p. xiv) confirmam ao esclarecer que “o símbolo é eminentemente pessoal, não apenas no sentido em que varia de acordo com cada indivíduo, mas também no sentido de que procede da pessoa como um todo”. Assim, será por meio das experiências e heranças culturais que os símbolos são criados e interpretados, porém compreendendo que para cada área cultural o sentido básico das interpretações é diferente.

Para o caso das tatuagens, encontrar-se-á várias definições para uma mesma imagem, pois o que vai imperar será a sua motivação em fazê-la, levando em conta o ambiente (no caso, o cárcere), a experiência e significados, até mesmo porque foram encontrados no universo desta pesquisa figuras de interpretação universal e estas estão enraizadas nas estruturas da imaginação humana. Ainda assim, seus sentidos podem ser diferentes devido ao

momento em que a tatuagem foi produzida, o conhecimento da pessoa e o entorno cultural no qual foi realizada.

Assim, nas interpretações das simbologias das tatuagens, manter-se-á o cuidado em não se delongar para não generalizar a origem do símbolo, mas sim encontrar uma conexão entre o ato comunicativo da tatuagem com o seu usuário (o tatuado). Deste modo, urge lembrar que Jung nos diz que um símbolo é “(...) um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós” (Jung, 1977, p. 20).

As simbologias encontradas nas tatuagens estão além de uma interpretação ligada à convenção coletiva, mas sim transcendem o significado trivial, pois nestas tatuagens estão impregnadas suas dores e seus amores, como aliás Chevalier e Gheerbrant (2009, p. xxx) nos avisam: “[ao] afastar-se do significado convencional, abre caminho à interpretação subjetiva.” Essa interpretação subjetiva não está interessada em eliminar elementos intelectuais, históricos e culturais, mas sim agregar isso na interpretação.

Para Ricoeur (1977), o símbolo pode ser um sistema de significação onde um sentido depende de outro sentido. No entanto, o autor (Ricoeur, 1978) também acrescenta que todo o símbolo pode ter uma interpretação conflitante. Este conflito de interpretações depende do sistema cultural, o qual dará sentido à interpretação por meio do conhecimento, e também de suas heranças culturais.

Chevalier e Gheerbrant (2009) apresentam o símbolo com a função de substituto, pois ele substitui a resposta, solução ou satisfação, uma pergunta ou um conflito: “[o] símbolo exprime o mundo percebido e vivido” (Chevalier e Gheerbrant, 2009, p. 17), e fá-lo, acrescentaríamos, de forma efetiva e representativa. Deste modo, requer também uma mediação: estende, reúne, separa a matéria, o real, o irreal, estabelecendo precisamente um centro de relações chegando a uma unidade (Chevalier e Gheerbrant, 2009). Visto

assim, o símbolo exprime a realidade que responde às múltiplas necessidades de conhecimento.

No entanto, Todorov (1977) nos diz que no símbolo é produzido um fenômeno de condensação: “um só significante induz-nos ao conhecimento de mais de um significado; ou seja, para simplificar, o significado é mais abundante do que o significante” (*cit. in* Chevalier e Gheerbrant, 2009, p. xxiv). Durand (2000, p. 11) complementa: “o símbolo só é válido por si mesmo porque nunca a representação simbólica pode ser confirmada pela apresentação pura e simples do que ela significa”. E Lurker (2003, p. 656), por sua vez, também afirma que o símbolo “é um sinal visível de um realidade invisível”, é algo que representa algo para o coletivo ou individualmente.

Com isto, pode-se concluir que o símbolo e suas simbologias têm uma função socializante, pois o símbolo tem uma comunicação com o meio social. Porém, os símbolos gravados na pele têm uma função mais individual, com interpretações particulares, saindo da interpretação do consciente coletivo de um dado símbolo passando este a fazer parte do seu Eu, como colocam Chevalier e Gheerbrant (2009), explicando que símbolo, neste caso, é uma ressonância, pois o símbolo se ajusta à necessidade psicológica e espiritual de uma pessoa. Esse efeito de ressonância resulta na relação do social com o individual. Chevalier e Gheerbrant (2009, p. xxix) ainda acrescentam que “(...) o símbolo se inscreve no movimento evolutivo completo do homem, e não apenas enriquece seus conhecimentos e sensibiliza o seu senso estético, torna-o utilizável na conduta pessoal da vida”.

3.2 A semiótica na análise das tatuagens

Conforme já mencionado, a tatuagem é uma forma de comunicação grafada no corpo que transporta uma carga simbólica e emocional em quem a possui. Por isso, deve-se ter em consideração que:

Para o homem o símbolo perpassa pelas consequências sociais, econômicas, religiosas e culturais que irá atingi-lo nas suas experiências religiosas ou estéticas, mesmo porque o homem é este ser produtor de signos e interpretá-los faz parte das suas faculdades intelectuais, assim busca a sua organização social e cultural. (Toscan, 2013, p. 34)

Adicionalmente, busca-se na teoria de Charles Sanders Peirce um embasamento apropriado para as análises das tatuagens. Dentro da teoria de Peirce, pode-se entender a tatuagem como um signo e este, para Peirce, resulta da interrelação entre três elementos: o representamen, o objeto e o interpretante. Peirce fundamentou com cuidado os sistemas de significação e representação, tendo teorizado a ideia de signo o qual priorizasse o dinâmico e o evolutivo do próprio significado, ao contrário de Saussure (1978) que definiu o signo como sendo constituído de um significante, ou imagem acústica, e de um significado, ou conceito. Com isso, a fenomenologia dos sistemas de signos tem origem na ideia de Peirce de *phaneroscopia*, a qual manifestada tem a finalidade de compreender o *phaneron* (fenômeno) e como ele é interpretado. A definição clássica de signo proposta por Peirce explica, por isso, que:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (Peirce, 1995, p. 46)

Desde modo, é pertinente classificar a tatuagem como um signo, o qual representa algo para alguém que ao ser interpretado figura o seu objeto. O signo, por sua vez, só será interpretado caso isso tenha um significado próximo a quem o está interpretando.

Sob este ponto de vista, o signo tem como sina o crescimento, e seu desenvolvimento se dá ao intérprete que, conforme interpreta um signo, desenvolve outros signos, ou interpretantes, como coloca Peirce, *ad infinitum* (Cf. Anexo 1, Figura 16). O ato sígnico é idealizado como uma atividade de crescimento, de evolução e de progresso, e quando

interpretado, o signo cria um sistema sógnico, sendo o interpretante o elemento que desencadeia toda a cadeia sógnica.

A semiótica de Peirce foi utilizada por alguns pesquisadores que se familiarizam com a sua teoria em relação à interpretação da imagem. Como exemplo, Matos et al. (2011, p. 107) em sua pesquisa utilizaram a imagem fotográfica da Cadeira Thonet 209, e por meio da percepção dessa imagem tinham como objetivo desvelar como os processos de significações ou semioses da teoria peirceana descreveriam as categorias fenomenológicas nos aspectos formais e morfológicos observáveis na imagem.

Outra pesquisadora, Perez (2007), apresentou um diálogo interpretativo entre uma marca publicitária analisada a partir da teoria peirceana. A autora promoveu em sua pesquisa uma reflexão sobre a publicidade e o *marketing*, os quais se utilizam de signos apelativos, sendo estes considerados pela autora como objetos sógnicos.

Pignatari (2004) também estudou na sua obra a teoria de Peirce, fazendo uma interpretação de imagens relacionada à arquitetura e à arte, buscando comprovar a existência de um pensamento icônico e tendo utilizado a imagem de uma cadeira para aplicar a teoria de Peirce.

Para Silva e Silva, a semiótica peirceana proporciona fundamentação de novas perspectivas de interpretação:

A atenta observação do pensamento filosófico de Peirce, ou seja, o estudo das relações de interdependência e de sistematização de sua lógica, possibilita o uso da semiótica peirceana e de toda a sua fundamentação teórica proporcionando novas perspectivas para o entendimento de diversos fenômenos de mediação, processos de significação, representação e interpretação, e, portanto, na observação de todo e qualquer fenômeno de linguagem. (2012, p. 10)

Desta forma e, no entendimento dos fenômenos, é pertinente a colaboração da teoria peirceana para analisar também as tatuagens, sendo essas, por sua vez, uma linguagem a

ser decodificada. Os códigos da tatuagem enquanto linguagem fazem dela uma atividade sógnica que resulta em interpretações que vão além de meros desenhos na epiderme, pois quando associada às culturas e às histórias dos seus proprietários não se limita somente à interpretação do estilo artístico, mas antes nos direciona aos hábitos inerentes de cada tatuado. Novak (2012, p. 7) explica que “a tatuagem, entretanto, não é apenas arte na pele. É também memória, é dor, é uma forma de se apresentar para os outros, é comunicação”.

Nas divisões das tricotomias do signo, Peirce enunciou três que são consideradas as mais gerais, às quais Peirce se dedicou e que são as mais divulgadas, estabelecidas na relação entre o representamen e o seu objeto: (1º) Ícone – Quali-signo – é signo consigo mesmo, modo de ser, aspecto ou aparência; (2º) Índice – Sin-signo – é signo com o seu objeto dinâmico – existência singular, material, aqui e agora, indicando o universo a qual pertence; (3º) Símbolo – Legi-signo – o signo com o seu interpretante, uma lei em relação ao seu objeto, convenção ou pacto coletivo.

Santaella (2005, p. 39) explica que “[é] esse sentimento indiscernível que funcionará como objeto do signo, visto que uma qualidade, na sua pureza de qualidade, não representa nenhum objeto. Ao contrário, ela está aberta e apta para criar um objeto possível”. Por conseguinte, a tatuagem enquanto primeiridade (quali-signo) estabelece uma relação icônica, pois enquanto qualidade só irá funcionar como signo se esta se dirigir a alguém que produzirá na mente desse alguém algo que poderá ser um sentimento de analogia com o objeto representado. Já como secundidade (sin-signo), ela é índice: a tatuagem tem uma relação com o objeto existencialmente conectado, indicando uma outra coisa à qual está atualmente ligada. Ela, a tatuagem, como índice, é uma marca que está ligada à técnica, aos materiais e à sua história. Desde modo, a tatuagem é sin-signo pois funciona na mente interpretadora e estabelece conexão com alguma direção, sendo assim dual: liga uma coisa com outra. Portanto, a tatuagem possui qualidades de fazê-la ser um índice que funciona como signo devido à proeminência de ser físico-existencial que aponta para o seu objeto do qual ele é parte integrante. Na terceiridade (legi-signo), aparece como símbolo: a tatuagem, por estar ligada ao seu objeto por via de uma arbitrariedade, é símbolo pois extrai seu poder de representação que determina o objeto

por convenção ou pacto coletivo, representando algo de tipologia geral e não singular. Como lembra Santaella, “símbolos crescem e se disseminam, mas eles trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indiciais” (2005, p. 42). Desta forma, sendo nós seres ideológicos, estamos presos às representações do mundo que a nossa história nos impõe.

Estas abordagens nos conduzem a um outro patamar de análise semiótica que é compreender/analisar a tatuagem como imagem/comunicação, pois convocando a imagem um estudo interdisciplinar, é propícia a uma interpretação à luz do seu tempo. Santaella e Nöth (1997, p.15) explicam que “[n]ão há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais”. A imagem, nesse sentido, tem conceitos de signo e de representação.

Desta forma, a tatuagem, partindo do conceito polissêmico de imagem, aponta para o modelo triádico de signo, o qual é assim resumido por Santaella e Nöth (1997, p. 38): “o signo de imagem se constitui de um significante visual (representamem [sic] para Peirce), que remete a um objeto de referência ausente e evoca no observador um significado (interpretante) ou ideia de objeto”.

Dito isso, para as análises das tatuagens, e em especial as carcerárias, ir-se-á considerá-las como signos a serem interpretados à luz dos relatos dos tatuados, considerando que esses se encontram em um ambiente igual (prisão) mas com situações diferentes, os quais criam dentro da prisão uma sociedade paralela da vida além muros, produzindo seus próprios símbolos, iguais talvez na imagem, porém diferentes na verbalização dos mesmos.

Deste modo, foi elaborada uma tabela, baseada nas 200 entrevistas realizadas, as quais nos possibilitou categorizar e classificar as imagens em cinco categorias iniciais.

Assim, pode-se observar a Tabela 1 (B, Brasil; P, Portugal) que apresenta os números de cada tatuagem, bem como a motivação dos presidiários e com apontamentos de ser ícone, índice ou símbolo.

	Categorias Iniciais	Subcategorias	Tatuagem	B	P	Motivação	Ícone	Índice	Símbolo
1	FAMÍLIA E RELACIONAMENTOS	Filhos	Nome	22	35	Sentimento de estar perto mesmo estando longe – Posse/amor/saudade		X	
			Data de Nascimento	1	10	Importância ao evento nascimento/esquecimento		X	
			Retrato	1	3	Lembrar do rosto do filho, carinho	X		
			Horário de Nascimento	1	5	Pontual		X	
			Estrelas	2	17	Fonte de luz-vida	X		X
			Cardiograma	0	2	Sentimento de ouvir o coração – amor-posse	X		X
		Pai	Nome	4	5	A importância de seus ensinamentos e amor e respeito, Homenagem e gratidão		X	
			Frase	0	1			X	
			Retrato	0	2		X		
		Mãe	Nome	13	9	A mulher mais importante em minha vida – Posse/amor/alicerce		X	
			Retrato	0	2	Homenagem gratidão e respeito	X		X
			Frases, Palavras (mãe)	7	2				
			Lágrimas	0	4	Morte, perda		X	X
			Diamante	1	2	Valor	X		
			Parentes, irmãos,	Nomes	3	21	Saudades Posse/amor/gratidão / homenagem,		X
		Palavra família		0	3			X	

			Lágrimas	0	2	Santificar Morte, perda, solidão		X	X
			Retratos	1	5		X		
		Esposa(ex) Namorada (ex)	Coração	7	4	Homenagem Amor eterno, arrependimento Homenagem a toda a família, incluindo materno e paterno			X
			Nome esposa - ex	7	9			X	
Namorada - ex	6		1		X				
2	ESPIRITUALIDADE	Religião	Cruz	3	5	Sufrimento			X
			Jesus Cristo	6	4	Fé, proteção, Crente, oração, Devoção, ligação com alguém	X		X
			Terço/Rosário	1	6		X		X
			Santas	3	2		X		X
	ESPIRITUALIDADE	Misticismo	Demônio/ Diabo	0	3	Maldade	X		X
			Mago	4	0	Feitiçaria, alquimia	X	X	
			Morte com Foice	1	2	Provação, defesa, certeza		X	X
			Olho-Egípcio	1	4	Sabedoria, proteção			X
			Yin-Yang	2	2	Dualidade			X
			Fênix	2	1	Esperança		X	X
			Sol/Lua	5	1	Energia/vida	X		
3	AUTOAFIRMAÇÃO, IDENTIDADE	Força	Águia	1	1	Força, poder Fidelidade	X		
			Cachorro	2	7		X		
			Tribal	34	19				X
			Carpa	10	8	Objetivos, orientação Sabedoria, proteção	X		
			Dragão	13	10				X
			Aranha	2	0	Destino, prosperidade Disciplina			X
		Samurai	1	1	X				
		Eu	Escorpião	5	5	Meu signo (no horóscopo)	X		
			Gêmeos	1	1		X		
			Nome próprio	7	10	Identificação Minha marca Inicial do nome, representa		X	X
Código de barra e	0		1		X		X		

4	A PRISÃO		Letra	7	6	alguém		X	
		Reclusão	Algemas	1	2	Condenação Prisão	X		
			Arame farpado	1	2		X		
		Liberdade	Asas	1	1	Fora dos mundos da prisão		X	
			Frase “Vida Loka”	4	5	Vida na criminalidade		X	
			Tocha - Estátua	1	1	Homenagem à criminalidade			X
		Conflitos com a segurança do Estabelecimento	Frases “COP KILLER”,	0	1	Ódio responsabilidade para outro, delatores		X	
			“Só Deus Pode Me Julgar”,	1	5			X	
			“FUCK CHIBOS”	0	1			X	
			Pontos na mão	1	2	Estigma		X	
			Escudo	1	1	Proteção Revolta	X		X
			Bomba	1	1			X	
			Caveira	7	6		X		X
		Armas	Espada	2	2	Preferência com armas	X		
			Mexicana	1	1		X		
			Faca	1	0		X		
			Revolver	1	2		X		
5	VÍCIOS E ENTRETENIMENTO	Consumo de Substância	Folha da Cannabis	1	3	Identificação do consumo	X		
		Jogos	Bilhar	2	0	Preferência de jogos	X		X
			Cartas	1	5	Vício em Jogos	X		
			Dados	1	1	Jogatinas	X		
			Coringa	1	2	Figura que pode tudo no Baralho	X		

	Diversão	Música	3	2	Banda de rock favorita			X
		Mulher nua	3	3	Sexo	X		
		Palhaço	6	4	Brincar com o outro			X

Tabela 1 - Tatuagens

3.2.1 Tatuagens categoria Ícone

Nesta categoria encontraram-se as tatuagens de retratos, uma das mais realizadas pelos detentos. Segundo explanação dos presos, é por meio destas tatuagens que homenagearam seus filhos, pai, mãe e parentes. O retrato, segundo o dicionário da língua portuguesa⁷ é a “descrição exata de alguma coisa; reprodução”, e para Peirce o retrato é um ícone pois este signo imita uma qualidade do objeto o qual representa, e substitui a presença física de alguém com as suas características por meio de um desenho ou fotografia. Conforme explica Peirce (1995, s.p.), “[s]ob certos aspectos são exatamente como os objetos que representa por conexão física”. Neste caso, a imagem da pessoa retratada tem uma função informativa, assim tornando a natureza da imagem linguisticamente mais fácil de ser identificada, o que ganha um significado pessoal para quem observa o retrato, levando em conta o seu conhecimento sobre a imagem diferem as interpretações.

Outras tatuagens também foram categorizadas como ícone por representarem similaridade entre o *representamen* e objeto, pois para Peirce, como já referido, o *representamen* se assemelha ao seu objeto (CP, 3.362), mas também se refere a um signo que participa “do caráter do objeto” (CP, 4.531), “cujas qualidades são semelhantes às do objeto e excitam sensações analógicas na mente para a qual é uma semelhança”. Inclui-se por isso como Ícone as tatuagens como Sol/Lua, diamante, águia, cão, carpa, samurai, escorpião, gêmeos, algemas, arame farpado, a mexicana, faca, revólver, bilhar, cartas, dados e mulher nua.

⁷<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/retrato>

Analisemos, por exemplo, a imagem da tatuagem do diamante. Na leitura semiótica essa tatuagem é um signo icônico, pois ela tem semelhança com o objeto que representa, assim sendo o ícone (diamante) é um signo e o objeto representado outro signo, com isto diamante e sua representação apresentam características semelhantes, “[e] esta é a identidade do ícone: manter uma relação de semelhança com o ‘outro’ que ele denota” (Peirce, 1995, p. 53). Essa semelhança entre o signo (diamante) e outro signo (sua representação) não necessita de uma legenda para explicá-lo, pois a imagem possui seu próprio discurso que pode ser analisado segundo o contexto que envolvem os clichês da imagem (diamante) que descarta a explicação verbal, porém não descarta a representação emocional ou especial de sua escolha em se tornar uma tatuagem pessoal.

Outros exemplos são as tatuagens do Sol e Lua (signos icônicos), pois os mesmos na imagem são substituídos por meio da imitação de suas características de conhecimento coletivo. De igual forma, as tatuagem da águia e do cão, que por serem ícones são semelhantes e imitam o seu objeto, e Peirce (1995, p. 52) explica que o ícone “[d]enota apenas em virtude de seus caracteres próprios”, ou seja, possui características do objeto real. Esses objetos representados podem apresentar dificuldades à análise devido às concepções simbólicas que cada receptor (ou observador, ou ainda, na terminologia de Peirce, intérprete) analisa ao ver a imagem, pois há uma personificação com a realidade como, por exemplo, o Sol, que por vezes é representado com um círculo luminoso. Assim, essas tatuagens acabam por estar ligadas à representatividade coletiva, podendo ter ou não um cunho emocional, diferente talvez, em relação à tatuagem do cão, podendo essa ser a imagem do seu animal de estimação, ou da águia que representa uma equipe de futebol, ou ainda alguma ascensão conquistada. Podemos por isso observar que a ligação à sua representação vai além do que a coletividade possa nomear.

3.2.2 Tatuagens categoria Ícone e Índice

Em algumas tatuagens percebe-se que há uma combinação de sinsigno icônico que transmite a informação com um sinsigno indicial remático o qual indica o objeto.

Nesta classificação temos como signo a tatuagem do mago. Enquanto ícone, a imagem por semelhança é designada pelo consciente coletivo, pois em nossa imaginação atribuímos essa característica; há de pensar que em algum momento de nossas vidas é possível termos visto uma imagem de um mago; assim, a representação imita essas características arraigadas em nossa memória, e como índice, o mago, devido aos aspectos psicológicos que a imagem transmite, emana ação e reação devido à fidelização entre a representação e a tatuagem (no preso), pois no caso dessa tatuagem, o mesmo declarou gostar de alquimia, magias e sobrenatural. Isto nos leva a concluir que a imagem estabelece uma relação por meio de uma transferência de conhecimentos com a pessoa, no caso desta, o preso.

3.2.3 Tatuagens categoria Ícone e Símbolo

As tatuagens nesta categoria apresentam uma combinação entre ícone e símbolo: ou seja, se interpreta como ícone devido à semelhança com o objeto, e como símbolo por fazer parte de uma convicção/lei, mas também condicionada à própria cultura do tatuado que pode classificar a sua tatuagem como um símbolo, já que esse conhecimento faz parte do senso comum. São as tatuagens categorizadas como cardiograma, Jesus, terço, santas, demônio, escudo, caveira e bilhar.

Há algumas tatuagens que nos permitem exemplificar esta relação: Na tatuagem do terço/Jesus (ícone e símbolo) pode-se explicar que, enquanto ícone, ela substitui o objeto real por sua imitação, sendo a tatuagem a representação do objeto. Enquanto símbolo, o terço/Jesus é associado com o seu objeto, assim levando a uma interpretação do objeto que ultrapassa a própria imagem e que se relaciona com um sistema de ideologias: oração, fé, religião, novenas, cristianismos, calvário e a própria cultura de conhecimentos do tatuado. Ambas as tatuagens possuem significados próprios pois mantêm uma relação com códigos ideológicos e comunicam visualmente sem necessidade de verbalização, assim simbolizando o que o ser humano já convencionou.

As tatuagens das santas são classificadas como ícone pelo fato de a imagem ter semelhança com o seu objeto, pois o ícone proporciona essa qualidade ao intérprete. Enquanto símbolo, porém, essas imagens são interpretadas devido a uma regra interpretativa de associação, por exemplo no Brasil quando se diz “Padroeira do Brasil” a interpretação é “Nossa S^a Aparecida”, assim como acontece em Portugal com a N. S^a de Fátima. Pode-se aqui entender que essas tatuagens têm uma ligação emocional com o tatuado, nos remetendo às questões culturais de cada um em relação à sua própria interpretação, isto é, as imagens comunicam por um conhecimento coletivo e são escolhidas pela relação emocional com a imagem.

No que se refere à semiótica, o demônio tatuado é simultaneamente ícone e símbolo. Sendo ícone, a imagem retratada substitui o seu objeto por semelhança e imitação, por se tratar de algo que não se sabe a forma real entramos no nível da imaginação e do senso comum. No entanto, a imagem também é símbolo pois referencia algo ou alguma imagem já pré-definida pela coletividade e pelos sistemas culturais, religiosos e pessoais.

Também a imagem da caveira, vista como ícone, apresenta similaridade com a imagem real, e temos em consideração que “(...) qualquer coisa é capaz de ser substituto para qualquer coisa com a qual se assemelhe” (Peirce, 1995, p. 64). Enquanto símbolo, todavia, ela nos remete a uma imagem pré-existente da caveira, já que “[o] símbolo é aplicável a tudo que possa concretizar a ideia ligada à palavra” (Peirce, 1995, p. 73). Assim, quando pronunciamos a palavra “caveira”, o nosso conhecimento sobre essa palavra é aberto e, desse modo, elaboramos uma associação que está ligada à nossa experiência, assim vinculando imagem/palavra.

3.3 Tatuagens categoria – Índice

As tatuagens nesta categoria foram classificadas devido à relação íntima que tatuado tem com a imagem escolhida. As seguintes tatuagens estão nesta categoria: nomes, data de nascimento, horário de nascimento, frases, palavras, lágrimas, letras, asas, pontos nas

mãos, bomba. Por ser índice, o signo nestas tatuagens será afetado por ele, assim, para comprovarmos, escolhemos algumas tatuagens para a análise.

Iniciaremos pela tatuagem com nomes. Os nomes próprios são indexais, nos termos da tricotomia dos signos de Peirce. Um índice é um signo que em virtude de seu objeto é afetado por ele. Neste caso, não se encaixa em qualisigno porque as qualidades são independentes. Porém, o índice necessita de uma qualidade comum entre os objetos, pois elas, as qualidades, se relacionam e assim passam a existir. Embora não seja habitual dizer que um nome próprio tem um significado, ele apresenta uma certa função denotativa peculiar e, em cada caso, o nome e seus equivalentes contêm uma função denotativa ou indicativa, assim se relacionando com o objeto na sua existência real. Um nome próprio é algo que invoca no intérprete um conhecimento que não é proposicional.

Nesta linha de pensamento sobre indicar algo, a data de nascimento e horário de nascimento aparece nas tatuagens como sinal denotativo, pois indica uma situação pontual, um acontecimento registrado na pele.

As tatuagens com frases, palavras e letras também constituem índices. Palavras são um termo, um vocábulo e uma expressão que podem ser verbalizadas, escritas ou gesticuladas (caso dos surdos). As tatuagens com palavras e letras indicam, nesse sentido, uma ação e reação, que leva à compreensão síncrona (signo/mensagem) com o seu significado pessoal. Já as frases são uma sequência de palavras, sendo indiciais pois afetam o seu objeto dando-lhe sentido e forma, pois os signos com as mensagens combinam entre si.

Asas, pontos nas mãos, bomba são outras tatuagens classificadas como índice. São índices por expressarem a ação (função) e a reação (causa/efeito) do objeto, substitui por exemplo, a ação voar na tatuagem das asas.

3.3.1 Tatuagens categoria Índice e Símbolo

Nesta subcategoria estão as tatuagens das lágrimas, da morte com foice, da fênix, do código de barras.

Como exemplo de análise escolheu-se a tatuagem da morte com a foice e da fênix. Enquanto índice a imagem da morte com a foice exerce uma poder de ação (o ato de morrer) e reação (deixar de existir). Neste caso, a foice, é o deixar de existir, o ceifador da vida, o levar embora. Porém, observando a morte com a foice no aspecto simbólico, pode-se entender que esta imagem está associada ao consciente coletivo, passando, assim, ser uma convenção estabelecida pelo homem, deste modo sendo um símbolo.

Na tatuagem da fênix, pela sua conexão com a mitologia de “ressurgir das cinzas” nos faz classificá-la como índice devido a ação (morrer) e a reação (ressurgir). Enquanto símbolo a fênix por sua vez representa o renascer, a ressurreição, o eterno recomeçar. Mas, como a história da fênix é mitológica ela agrega muitos elementos e alegorias, com isto nos leva a interpretação do senso comum, e estes são instituídos pela coletividade, e com isso passa a ser um símbolo.

3.4 Tatuagens - categoria Símbolo

As tatuagens classificadas nesta categoria são coração, cruz, tribal, dragão, aranha, tocha, estátua, música e palhaço. Vários são os símbolos conhecidos universalmente, porém alguns deles, muitas vezes, não tem o mesmo significado para quem o interpreta, deste modo, surgem assim, outras interpretações e conforme o meio social se estabelece novos significados. Portanto, quando um símbolo é disseminado entre pessoas, o seu sentido é ampliado conforme as experiências de cada um e é interpretado conforme a sua cultura, com isto podendo ter um significado evidente e convencional. E assim Peirce explica:

Um símbolo, ao se constituir como tal, se dissemina entre as pessoas. Ao ser usado e experimentado, tem seu sentido ampliado. Palavras como força, lei, riqueza e casamento, para nós,

remetem a significados bem diferentes daqueles a que elas remetiam para nossos antepassados. (CP, 2.302)

Estas tatuagens possuem também uma carga emocional, pois para cada pessoa elas têm um propósito e esse, o símbolo, será interpretado à luz de seus conhecimentos. Tomemos por exemplo o dragão: para os chineses é um animal sagrado, mas podemos encontrá-lo no brasão de Portugal representando a Casa de Bragança, como símbolo de vigilância e confiança. Já na religião, São Jorge matou o dragão que, por sua vez, religiosamente simboliza o mal.

Deste modo, as tatuagens categorizadas como símbolo são convencionadas, pois os seus significados são interpretados partindo do conhecimento com o objeto de uma dada cultura. O mesmo se verifica na tatuagem da cruz, símbolo ideológico que no meio das culturas tem interpretações relacionadas com as vivências e experiências por meio de uma convenção estipulada pelo homem. A cruz na tatuagem carrega uma carga emocional, o que nos leva a perceber que esse tatuado tenha alguma relação com o cristianismo, por exemplo, pois a cruz embora não pertença apenas aos cristãos, ela nos remete a essa interpretação por se tratar de um conhecimento universal. Isto está em sintonia com a teoria de Peirce (2.307), que define o símbolo como “um signo que se constitui como tal simplesmente ou principalmente pelo fato de ser usado e entendido como tal, quer o hábito seja natural ou convencional, e sem se levar em conta os motivos que originalmente governaram a sua seleção”.

Outro exemplo é a tatuagem do palhaço. Apesar de essa tatuagem ser uma das mais temidas no meio criminal, ela, por si, simboliza a alegria. A tatuagem está categorizada como símbolo por produzir um sentido comum entre as pessoas, é dizer, por partilhar uma convenção.

3.5 Considerações sobre as análises

Verifica-se, após analisar as tatuagens supracitadas, que o signo entra em uma relação com o objeto e esse dará origem, na mente do observador, à interpretação. No caso da tatuagem, a própria verbalização da palavra já remete o ouvinte a algo que existe na pele, e ao observar o desenho tatuado, se tece uma cadeia de significações ligadas às experiências e vivências de seu portador. Ao pensar na tatuagem como signo icônico, estamos perante uma relação de representar algo semelhante com a imagem. No caso da tatuagem carcerária, a qual é produzida em um ambiente de reclusão, os signos tatuados carregam consigo um amálgama de significados que, quando observados por pessoas que não conhecem a cultura do cárcere, passam despercebidos, assim deixando de lado muitas interpretações interessantes.

Como objeto semiótico, a tatuagem possibilita ao leitor da imagem um repertório de significados que perpassa pelo inconsciente coletivo e individual. A composição dos elementos da tatuagem, unidos à motivação e ao significado, possibilita abrir regras que se combinam para uma análise interessante e produtora de conhecimento. A estreita relação cultural também deve ser observada no ato da análise, pois a cultura exerce sobre as pessoas diretrizes de entendimento sobre o corpo, a tatuagem e a comunicação que essa expõe, isto é, as tatuagens se repetem mas os corpos são diferentes, assim esses desenhos repetidos passam a ter novos significados pelos portadores e a tatuagem observada isoladamente, cria simbologias diferenciadas devido ao ambiente cultural e social.

Capítulo III - A Tatuagem em Cárcere

1. O cárcere: o ambiente a ser compreendido (Breve história da prisão)

O cárcere e os espaços de encarceramento são elementos de castigo amplamente conhecidos pelas antigas civilizações até à atualidade. A gênese das prisões tem seu início na sociedade egípcia por volta de 1700 a.C e 1.280 a.C., mas com uma característica diferente da prisão como a conhecemos na atualidade. Isso porque os egípcios não utilizavam as prisões como forma de punição por cometimento de crimes, mas antes para conter seus escravos (Filho, 2013). Essa prática também foi utilizada na Grécia, Pérsia e Babilônia. E, para se tornar escravo, bastava estar endividado, não conseguir pagar os impostos, ser estrangeiro e/ou prisioneiro de guerra (Filho, 2013).

Dessa forma, o aprisionamento existia não numa perspectiva de sanção penal mas antes como forma de se manter alguém sob custódia para, posteriormente, exercer a punição à qual o indivíduo seria condenado. Por não haver sanção penal, apenas punição, também não havia locais exclusivos para a custódia dos presos/escravos, motivo pelo qual se utilizavam os mais distintos locais para a manutenção dos enclausurados: torres, calabouços, casarões em ruínas, conventos, mosteiros ou seja, todo local que se pudesse manter o acusado recluso até que o dia do julgamento ou da execução (Filho, 2013).

De uma maneira geral, as penas aplicadas naquele período eram o açoite, a condenação à morte, a condenação à morte cruel, o esartejamento, ter as partes do corpo decepadas, a força, o banimento, o desterro, bem como o envio para as galés.

A história da humanidade foi marcada pela penalização que teve início antes de Cristo e prolongou-se até a Revolução Francesa, período conhecido pelos suplícios, e cujas mortes cruentas eram consideradas verdadeiros espetáculos, com famílias inteiras participando como espectadores e inclusive crianças assistindo aos esartejamentos e linchamentos, já que as mortes deveriam ser lentas e com grande sofrimento.

Segundo Foucault (2006), é no fim do século XVIII e início do XIX que a melancólica festa das punições em público foi eliminada, tendo a punição se tornando mais velada: “a intenção agora é atingir a alma do condenado e não mais o corpo de maneira que vão se extinguindo as grandes fogueiras” (Foucault, 2006, p. 31).

Embora estes ideais de amenização do poder punitivo tenham surgido com a Revolução Francesa, as prisões como penas em si mesmas, e não apenas como cautela, já existiam de forma legalizada, evitando assim que o delinquente se evadisse. Além disso, as prisões tinham a função de custodiar mendigos, prostitutas e órfãos.

A primeira prisão como forma de penalização foi construída em Bridewell, Inglaterra, no ano de 1552, conhecida como *House of Correction*, e possuía uma rígida disciplina (Assis, 2017). Essa prisão não possuía uma arquitetura sofisticada, de maneira que se tratava de dormitórios, os quais não possuíam divisões. No ano de 1596, surge na cidade de Amsterdã um modelo prisional no qual o trabalho é obrigatório: os prisioneiros ficam reclusos em celas que continham de 4 a 12 pessoas, dividindo as camas em 2 ou 3. Havia, também, celas individuais, contudo estas serviam apenas para aplicação de sanções disciplinares suplementares. Esta prisão foi chamada de *Rasphuis* e, além do trabalho forçado, os apenados deviam fazer leituras espirituais como forma de correção e afastamento do mal.

É importante ressaltar que as primeiras unidades prisionais custodiavam prostitutas, mendigos e jovens delinquentes, considerados pela sociedade da época como o maior problema social. Isso fez com que as prisões se destinassem mais ao trabalho, pois estes eram submetidos a trabalhos forçados. Se nos lembrarmos do momento histórico, veremos que este foi o período da gênese da industrialização, onde se carecia de mão de obra, não sendo por isso admissível a existência de “vagabundos”.

Rasphuis serviu de modelo para as demais prisões pós Revolução Francesa. Esta concepção de recuperar o delinquente por meio da penitência e trabalho foi a base das primeiras prisões do século XVIII, sendo elas: a *Walnut Street Jail*, em Filadélfia, nos

EUA; a *Manson de Force de Gand*, na Bélgica; e a *Auburn*, dos EUA (Foucault, 2006, p. 102). Esta última deu origem ao sistema auburniano, no qual os apenados trabalhavam durante o dia e se isolavam à noite, devendo permanecer em silêncio profundo durante todo esse período, não recebendo visitas e ficando isolados do mundo exterior.

Foi depois da criação deste sistema auburniano (Inglaterra) que o sistema progressivo foi criado, no qual cada apenado recebia em seu prontuário uma marca, podendo ser ela positiva ou negativa, dependendo do trabalho realizado ou de sua conduta (Silva, 2012, s.p.).

2. Brasil e Portugal - Origens que se cruzam no sistema prisional

Os sistemas de prisões no Brasil têm seu início com a chegada dos portugueses. Já em Portugal, em 1446, surgiram as Ordenações, em 1521 as Manuelinas, em 1569 a Compilação de Duarte Nunes Leão e, posteriormente, as Leis Extravagantes e as Ordenações Filipinas, as quais foram criadas no reinado de Filipe II de Castela e publicadas em 1603 na Espanha, nas quais o crime era confundido com o pecado (Belo, 2015). Anteriormente, a primeira legislação da Península Ibérica data de 693, o *Codex Legum* ou *Lex Visigothorum* e, entre 1211 a 1251, a Compilação de leis em Portugal foi denominada de Leis Gerais (Coelho, 2014).

Em 1643, após a restauração, D. João IV confirmou estas ordenações e, no Brasil, em 1823, com autorização de D. Pedro I, determinou que estas fossem permanecidas “em inteiro vigor na parte em que não tiveram sido revogadas, para elas se regularem os negócios do interior do Império” (Marques 1953, p. 82).

As ordenações Filipinas no Brasil foram chamadas de “O grande código do Brasil colonial”, entrando em vigor em 1830. Neste código, as penas eram consideradas desiguais entre os delitos e seus infratores, devido à grande distorção existente entre os valores morais e religiosos e outros vícios, em que plebeus e nobres tinham condenações diferentes pelo mesmo crime ou delito. A superlotação nos presídios já era comum nesse

período de 1650, sendo no Estado da Bahia a única prisão e todos os criminosos deveriam ir cumprir sua pena nesse local de extrema decadência (Coelho, 2014).

Foi em 1827 que D. Pedro I sancionou o primeiro projeto do Código Criminal. Belo (2015) aponta como sendo esse o primeiro Código autônomo da América Latina, considerado uma obra honrosa com expressão jurídica avançada para aquela época, estando o código modelado no pensamento de Bentham.

Bentham, jurista inglês, considerava que o legislador deveria ter dois pensamentos provocados: “o modo de preveni-lo para que o crime não torne acontecer e o meio de reparar quanto for possível o mal, que tem causado” (1822, p. 19). Bentham também foi o primeiro jurista a pensar sobre a arquitetura penitenciária chamada de *Panóptico*⁸, o qual de alguma maneira contribuiu para sintetizar os princípios universalizados e adotados pela reforma penitenciária ocidental no século XIX (Silva, 1997). Os princípios sobre o Panóptico foram mais tarde retomados por Foucault em seus estudos.

Em 1890 foi promulgado o novo Código Penal, pois com a proclamação da República entendeu-se a necessidade urgente de mudanças para substituir o Código Imperial. Na descrição de Costa, “[n]este código foram inseridas as penas de privação de liberdade, ou seja, a prisão celular, reclusão, prisão com trabalho obrigatório e prisão disciplinar” (Costa, 2013, p. 87).

Somente em 1932 o código anterior sofreu outra aprovação, devido às modificações incessantes do código de 1890, sendo essas a justificativa para a reformulação. Nessa altura já havia um pensamento na Ciência da Penitenciária. Com esse novo código os

⁸No que se refere à reforma penitenciária, o Panóptico deu as diretrizes não só arquitetônicas como também organizacionais às instituições (Silva, 1997). Como explica Coelho: “Tratava-se de um edifício com uma planta circular, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. Dividia-se em pequenas celas com aberturas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Deste modo, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela. Tudo o que o indivíduo fazia estava exposto ao seu olhar, observava tudo, sem que ninguém o pudesse ver. O panoptismo corresponde à inspeção total. O indivíduo é observado durante todo o tempo, sem que veja o seu vigia, nem o momento em que está a ser vigiado” (Coelho, 2014, p. 21).

Estados tiveram que se adaptar às questões de construção de presídios e com as questões do cumprimento das leis impostas.

Em 1940, o Código Penal recebeu a reforma geral, inspirada nos Códigos Penais Italiano (1930) e Suíço (1937). Nesse código foram introduzidas as penas de privação de liberdade (reclusão e detenção) e o sistema progressivo para cumpri-las. As medidas de segurança foram também beneficiadas neste código que considerava de fato que os agentes tinham uma função periculosa. As formas de como os detentos deveriam cumprir suas penas foram expostas neste código como o regime fechado e semiaberto.

Nos anos 1980, foi verificado que este código ainda não supria a justiça criminal nem a penitenciária e em 1984 sofreu novamente alterações, sendo algumas consideradas importantes sobre a reclusão, nomeadamente estas três: privativas de liberdade, restritivas de direito e de multa. Este código está ainda em vigor no Brasil.

Assim como no Brasil, Portugal se adaptou às necessidades sociais e culturais que os períodos apontavam, conforme Gomes nos informa:

Em Portugal, com o advento do período das grandes navegações e posteriormente do período colonial e dada a necessidade de mão de obra para as colônias transoceânicas, a pena de degredo passa progressivamente a ocupar o espaço de pena por excelência em Portugal a partir dos séculos XV e XVI. (2017, p. 114)

O ano de 1820 corresponde ao momento em que desencadeou a Revolução Liberal Portuguesa, assim tendo acontecido o rompimento com o *Ancien Régime*. Este rompimento gerou e incentivou as ideias liberais fazendo com que, em 1852, houvesse a promulgação do primeiro Código Penal Português, que revolucionou o sistema carcerário (Gomes, 2017).

Com a Revolução Liberal, a sociedade portuguesa se intensificou por buscar os ideais liberais. Como no Brasil, em Portugal os paradigmas dos ideais de Bentham serviram para a reforma penal portuguesa com a introdução de leis humanistas (Romão 2014). Romão (2014) destaca ainda que a adesão de Portugal às inovações nas leis ocorreu de forma lenta, gradual e incompleta. Na reforma de 1867, a prisão passou a ser vista como uma forma normal e cotidiana do tempo de permanência na cadeia, onde o trabalho começou a ocupar como oportunidade legitimada e com potencial moralizador, e a partir de 1896 e 1920, o trabalho tornou-se obrigatório para os indivíduos que entrassem no sistema prisional como dimensão corretiva e correcional.

Em 1936, ano da Reforma Prisional:

(...) ponto de chegada num processo de reformatação progressiva do conteúdo da pena de prisão e ponto de partida de um caminho mais determinado na criação de estabelecimentos penais e de possibilidades legais que, de acordo com a visão da época, pudessem concretizar finalmente, de forma sistemática, os fins visados por essa pena. (Romão, 2014, s.p.)

Assim, ao longo dos séculos XIX e XX o processo da pena de prisão como punição em Portugal foi instituído.

Após a Revolução de 25 de abril de 1974 em Portugal, as transformações ocorridas a nível econômico, político e social afetaram o cumprimento das penas criminais (Coelho, 2014). Posteriormente, o país necessitou de outras reformas, em 1979 e 1982. Segundo Coelho (2014, p. 24) “estas novas políticas penais visavam transformar o indivíduo. Esta reforma veio flexibilizar o cumprimento das penas, possibilitando uma interação com a sociedade, uma prisão mais aberta, dentro das suas limitações”.

O código Penal de 1982 está em vigor atualmente e recebe alterações nas leis as quais se julguem necessárias. Ressalta-se que os Códigos Penais de Brasil e Portugal são baseados em suas realidades, necessidades e experiências em detrimento ao sistema penal.

3. Conhecendo os ambientes da pesquisa

3.1 O ambiente I: P1 – Brasil

Com uma área de mais de 6.800 metros quadrados, a P1 (Cf. Anexo 1, Figura 17) foi um investimento que o Governo Federal e Estadual realizaram, inaugurada no dia 22 de fevereiro de 2002 com 373 internados, mas com capacidade para 360 detentos. A Penitenciária foi projetada afim de seguir as diretrizes que visam humanizar a condição penal, como também, por meio do trabalho interno para se ressocializar (Silva, 2007). A penitenciária recebe presos condenados, do sexo masculino, e em regime fechado, os quais são enviados pela cadeia municipal e de outras 17 comarcas da região. A P1 é considerada uma penitenciária de segurança máxima e de acordo com o Departamento Penitenciário Nacional (Damázio, 2010) as penitenciárias com essa classificação são locais que abrigam pessoas condenadas, que ficam em celas individuais ou coletivas, na qual existe todo um aparato de segurança para garantir a integridade dos detentos e dos funcionários.

Silva (2007) complementa:

Mesmo sendo de segurança máxima, a Direção da P1⁹ em nenhum momento olvida esforços para torná-la uma unidade com condições para ressocialização num esforço coletivo, transformando alguns espaços físicos em locais para trabalho, obedecendo critério rigoroso estabelecido pela Vara de Execuções Penais de Cascavel e a coordenadoria do Departamento Penitenciário do Paraná. (Silva, 2007, p. 6)

A P1 é uma unidade penitenciária de caráter industrial, possui 5 galerias as quais são compostas por celas para 4 detentos, além de uma galeria para a realização das visitas íntimas, sendo que cada galeria possui seu pátio de sol. A unidade ainda possui o complexo dos barracões que possuem as indústrias (fábrica de vasos de jardins, fábrica de brinquedos lúdicos, fábrica de caixas de presentes, fábrica de confecção) e, anexo ao

⁹ Na citação original encontra-se o nome do estabelecimento.

complexo industrial, tem a panificadora e cozinha industrial para a realização dos cursos de gastronomia e padaria, bem como o ambiente para os ensaios e aulas da orquestra. O complexo administrativo conta com as unidades de segurança, saúde, refeitório, salas de aulas, biblioteca, salas de atendimentos técnicos, além do pátio de visitas e de práticas de esportes para os detentos.

A pesquisa que se decidiu fazer no Brasil foi exclusivamente realizada naquela unidade. Os procedimentos de solicitação de investigação seguiram as determinações do Comitê de Ética da Universidade Fernando Pessoa e dos órgãos do Paraná DEPEN – Departamento de Penitenciárias e aos Diretores da P1. Passados por esses processos, iniciou-se a visita à unidade penal.

3.2 O ambiente II: P2 – Portugal

O P2 (Cf. Anexo 1, Figura 18), nas palavras de Fernandes:

(...) iniciou o seu percurso de construção em 1961 pela Brigada de Trabalho Prisional do Porto e ergueu-se por completo em Abril de 1974, data em que foi inaugurado. Atendendo às suas características, constitui uma obra de grande dimensão na freguesia de Custóias, concelho de Matosinhos. A P2¹⁰ foi construído com o objetivo de substituir a Cadeia da Relação, sediada no Porto, e suprir as necessidades do recluso e a orientação para a sua integração social de uma forma condigna. (Fernandes, 2016, p. 23)

Esse autor também associa a prisão como se fosse uma fortaleza medieval, e sobre isso expõe:

As primeiras marcas do Controlo e Vigilância encontram-se visíveis nos muros enormes, nas sete torres de vigia, nos detectores de metais junto à entrada do (P2)¹¹ e da área prisional e nos guardas

¹⁰ Na citação original encontra-se o nome do estabelecimento.

¹¹ Na citação original encontra-se o nome do estabelecimento.

prisionais que têm a função de vigiar a dinâmica prisional, assegurando a ordem e a segurança. (Fernandes, 2016, p. 24)

A P2 possui as necessidades para o cumprimento das medidas privativas da liberdade presentes no Código de Execução de Penas (Fernandes, 2016). O local possui 4 grandes corredores chamados de bloco A, B, C e D, em cada qual tem uma equipe de segurança e os corredores com portões de ferro. Sobre a edificação da P2, Fernandes (2016, p. 26) explica: “Relativamente à estrutura física, a P2 foi edificada com a forma de poste telegráfico”. Gonçalves (2000) comentou que esta estrutura prisional deixa a dinâmica prisional menos severa, diferente do Panóptico, o qual Foucault explicou ser um sistema de informação o qual propiciava um controle permanente do comportamento dos indivíduos. As celas estão localizadas nos pavilhões, numerados de A-D, ficando paralelamente um com o outro, e ao meio dos pavilhões há locais de descanso e tomada de sol, unidos por um corredor perpendicular. Gonçalves (2000) nos informa que esta estrutura arquitetônica tem a intenção de separar os detentos conforme o crime praticado.

Inicialmente a prisão tinha como objetivo receber reclusos preventivos, mas atualmente é uma prisão de condenados que aguardam transferência para o estabelecimento de cumprimento da pena. Passam pela instituição muitos reclusos de todo o país e daí são distribuídos para outras unidades prisionais. A prisão (P2) recebe somente detentos do sexo masculino e também é classificada como um estabelecimento de alta segurança. O regime de privação da liberdade é de média e longa duração, em regime fechado e aberto. A construção inicial foi feita para abrigar 686 internados, mas até ao fim da pesquisa, em 20 de janeiro de 2017, havia 1.232 detentos e, no mesmo período em 2016, havia 1.194 reclusos (Fonte: Secretaria do P2).

Compreendendo a estrutura prisional, assim como os ambientes deste estudo, a seguir ir-se-á apresentar como é a dinâmica da prisionização (corpo é *locus* na pesquisa), o que é comum em todo o ambiente prisional, sendo ele no Brasil ou em Portugal.

4. Os efeitos da prisionização

A penitenciária ou a prisão, até pela magnitude que esses nomes emitem, vai além das paredes e das penas. Os efeitos de adentrar em um ambiente desconhecido causa nos detentos mudanças de atitude. Conhecer as leis, a história das prisões, não molda a forma de se pensar sobre esse local, que no imaginário coletivo e individual é de pura degradação humana. Para efeitos desta pesquisa, parte-se do princípio de corpo-tatuagem-comunicação na população carcerária de duas penitenciárias, e essa tríade, segundo a prerrogativa da pesquisa, não desassocia esses elementos: esse corpo é psicológico e, deste modo, receberá os efeitos da prisionização.

Segundo Lobosco,

É na fase inicial de prisionização, ao adentrar no sistema carcerário, o indivíduo sofre uma mudança brusca em seu *status* social em razão do ambiente hostil, pautado numa sujeição de poder formal e informal. Alguns dias ou semanas de encarceramento são suficientes para desestruturar a identidade de um detento e lhe propiciar a sensação de ter sido, literalmente, engolido, absorvido, tragado pela estrutura penitenciária. A estrutura penitenciária e os processos sociais nela inseridos atuam reciprocamente, criando uma força social determinante, capaz de alterar os aspectos sócio-psicológicos de seus membros, condicionando suas atitudes conforme os valores da vida carcerária. (2011, p. 153)

Clemmer (1958) definiu que a prisionização é o “assumir em maior ou em menor grau, os modos de vida, tradições, costumes em suma, a cultura penitenciária” (p. 299), e ao assumi-los o detento sofre todos os impactos das mudanças dos trâmites do acultramento apreendidos no cárcere. Esses trâmites mudam, de fato, o período da reclusão, pois neste novo meio em que o preso irá viver, deverá conhecer e seguir as normas do local.

Clemmer (1958) chamou ainda a atenção para esses “fatores universais” pois o detento não estará imune à adaptação. Eles perpassam, por exemplo, os novos vestuários, linguagem local (gírias), trabalho, lazer, ociosidade, estudos e regras a que estes estarão expostos nessa sociedade intramuros. Esse envolvimento com a cultura prisional será

determinada, também, pelo tempo da pena, como será a integração social entre os presos, e se haverá continuidade da convivência/visitas da família, o crime praticado, a participação nos “jogos” de sobrevivência dentro da prisão e, por vezes, a hostilidade por parte do *staff* da penitenciária. Thompson afirmou que o prisionizado é aquele que

(...) desliza para dentro dos padrões existentes; aprende a jogar ou aprende novas maneiras de fazê-lo; adquire comportamento sexual anormal; desconfia de todos, olha com rancor os guardas e até os companheiros etc. Em suma: vem a aceitar os dogmas da comunidade. (Thompson, 1993, p. 24)

Esse aceitar dos dogmas da comunidade é afirmado pelas teorias de Clemmer sobre a cultura prisional, a qual altera toda a forma de ser e agir do encarcerado, afetando, não só os padrões sociais mas principalmente os psicológicos.

Lobosco (2011) nos informa que os efeitos da separação social vivenciada no meio criminal pelo encarcerado causa danos sócio-psicológicos e, como consequência, a sua desorganização psicológica da vida extramuros devido ao confinamento e isolamento.

Conforme observa Sá (2010, p. 115-16) a prisionização tem consequências psicológicas no encarcerado, tais como:

(...) perda de identidade e aquisição de nova identidade; sentimento de inferioridade; empobrecimento psíquico; infantilização, regressão. Esses efeitos, associados ao tempo de permanência e assimilação à sua estrutura estática, proporcionam ao detento um estreitamento do horizonte psicológico, pobreza de experiências, dificuldades de elaboração de planos a médio e longo prazo. (Sá, 2010, pp.115-116)

A identidade do detento será substituída por um número e uma alcunha recebida de “presente” dos seus novos companheiros. Essa nova convivência faz com que a prisionização desestruture a individualidade do detento. Essa perda repentina de identidade é derivada da pressão diária do confinamento e da convivência no sistema prisional, e é bem descrita por Foucault (2008), que nos diz que a prisão não diminui, não

corrige e nem pune a delinquência, ao contrário, provoca a reincidência, fabrica delinquentes e estimula o crime organizado.

Esta infantilização e regressão, mencionadas por Sá (2010), dá-se devido aos índices elevados do uso de entorpecentes, desencadeando a depressão e outras psicopatologias; sendo fator preponderante nesses aspectos a solidão e, tencionando sanar isso, o detento busca uma certa proteção, seja ela na religião, em novos grupos de amizades e às vezes aceitando a reclusão de forma silenciosa.

Não só a convivência com a cultura carcerária será a grande transformação, ele agora recebe o estigma de criminoso, o qual internaliza, passando isso a ser para ele algo natural, ou seja, a sua identidade (Stohlrck, 2013), assim produzindo efeitos negativos sobre a sua imagem. Essa ambientalização com a prisão irá modificar a sua personalidade (o Eu), já que, conforme dito por Goffman (1975), a identidade pessoal é formada a partir do controle das informações absorvidas pela pessoa.

4.1 O corpo prisionizado

Inicialmente, o corpo que sofreu o processo de prisionização, ou seja, que se adaptou à cultura carcerária, foi também afastado do convívio familiar e social e, conseqüentemente, se afastou de si, tendo que novamente se reconstruir quando retornar à vida social.

Ao adentrar o sistema carcerário, o detento entra com os resquícios sociais e familiares do mundo exterior. Agora ele será despido de seu referencial, pois é desvinculado dos objetos pessoais, roupas, documentos, e seu nome muitas é trocado, momento esse da perda de identidade. Onofre (2006, p. 2) acrescenta sobre essa perda “(...) ao despir sua roupa e vestir o uniforme da instituição o indivíduo começa a perder suas identificações anteriores para sujeitar-se aos parâmetros ditados pelas regras da penitenciária”.

Campana (2004) descreve os corpos dos prisioneiros e comenta que não são só as mazelas da cadeia em si que atormentam, mas sim como essas mazelas são introjetadas no corpo físico e psicológico dos detentos. A autora explica que o corpo sofre uma nova linguagem: “olhos aterrorizados”, “cabeça abaixadas”, “rostos jovens envelhecidos”, “expressões desesperadas ou apáticas”, “magreza”, “obesidade” (2004, s.p.). De tal modo, percebe-se que as expressões corporais emitem o diagnóstico de estar encarcerado.

Desta maneira, o corpo passa a ser integrado no sistema onde as necessidades básicas e fisiológicas começam a ser tolhidas devido à perda da individualidade corporal, tornando-se submisso às imposições do cárcere. Segundo Foucault (2008), é na prisão que o corpo é envolvido à submissão e à sistematização carcerária, com a disciplina e a coerção sendo o que afeta o comportamento do encarcerado, aquilo que Foucault apelida de adestramento corpóreo: “fabricar corpos ao mesmo tempo dóceis e capazes” (Foucault, 2008, p. 258).

Essa fabricação de um novo corpo não se opera sozinha. Todos os componentes da prisionização irão ajudar a plasmar esse corpo. A própria observação do *staff* da penitenciária e dos seus colegas do cárcere faz com que a postura corporal e emocional se alterem. Essa modelagem extrema na mudança corporal é o mecanismo mais aparente no contexto prisional, pois a rotina diária, com horários de refeições, para o banho, para o sol, lazer e desporto, estudos e trabalho, “instrumentaliza o corpo de maneira coerciva e disciplinar” (Silveira, 2001, p. 58).

Foucault (2008) indaga em seus estudos sobre os modelos coercivos adotados nas prisões, que na realidade exercem sobre o corpo as manifestações de poder por meio das práticas disciplinadoras. Assim, a clausura corporal será também atribuída ao espaço onde esses corpos estão distribuídos, cercando-os e levando-os a se auto-aprisionar.

Dito isso, o espaço arquitetônico da prisão também é um processo que faz o corpo do detento sofrer modificações, pois ele está sempre no mesmo lugar por meses ou anos, neste local onde acontecem sempre os mesmos fenômenos e por vezes os espaços

dificultam a atividade física e até um simples ir e vir é afetado. Sá (2010) nos diz que a estrutura arquitetônica é a cena que transcorre a vida do preso e de uma certa forma o envolve, pois é o espaço onde se encontra o seu estado psíquico. Deste modo, esse processo gera no corpo físico e emocional do detento um quadro de angústia e constrição e essas, acompanhadas da vigilância e do convívio coletivo, incitam à mudança corporal e emocional, não dando a oportunidade aparente para pensamentos que possam servir de mudanças positivas para o detento.

A dimensão das práticas coletivas opera sobre os corpos aprisionados; e as imagens de suas flagelações emocionais e corporais denunciam isso. O andar desses corpos no espaço institucional da prisão demonstra gestos, olhares, falas, andares e ações as quais foram integradas ao ambiente. Como aponta Gil (2008), o corpo é impregnado a receber as forças do mundo. Esse mundo, neste caso, é o cárcere agregado às diversas imposições que esse corpo, devido ao rigor punitivo e autopunitivo em que ele se introjetou, transforma o aspecto interior e exterior de sua corporeidade.

4.2 O corpo ressocializado

A personalidade, após ser “moldada” pelo sistema carcerário, sofre as consequências da ressocialização quando o detento é posto em liberdade. No retorno à sociedade “além muros”, apesar do sintoma prazeroso da liberdade, o ex-detento se depara com os estereótipos e rótulo de criminoso e ex-presidiário, momento em que novamente será julgado, antes pela justiça, agora novamente pela sociedade, o excluindo da projeção de pertencimento e aumentando a probabilidade de reincidência ao cárcere (Stohlirck, 2013).

De fato, o Conselho Nacional de Justiça do Brasil (2017) anunciou que em cada quatro ex-detentos, um é reincidente ao crime, sendo essa uma reincidência genérica, legal, penitenciária ou criminal. Já em Portugal, os dados estão desatualizados, sendo o último relatório da Provedoria de Justiça de 2013, o qual afirma que 51% da população carcerária masculina é reincidente ao sistema penitenciário.

Assim, no retorno à sociedade, após ter sido absorvido as humilhações do sistema carcerário, da separação do convívio familiar e social, o modo como o presidiário se vê é uma identidade desviada e um corpo marcado, como explica Goffman:

(...) se a estada do internado é muito longa, pode ocorrer, caso ele volte para o mundo exterior, o que já foi denominado ‘desculturamento’, isto é, ‘destreinamento’, o que o torna temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária. (Goffman, 1975, p. 23).

É importante ter consciência em relação aos conceitos de família, pois quando uma pessoa passa a ser custodiada pelo Estado, seja preventivamente ou para o cumprimento de uma pena em razão da prática de um delito, todos aqueles que possuem laços afetivos com este sujeito passam a sofrer com esta penalização.

Vê-se, assim, que quando ocorre a prisão, a situação acaba por atingir toda uma família, a qual passa a sofrer duras consequências em virtude desse fato, desde a ausência física e emocional até aos desdobramentos destas situações – o afastamento dos filhos, pais e esposas, economia familiar, como também as dificuldades que a prisão dá em relação à manutenção de vínculos afetivos, ou como Comfort (2008) chamou de prisionização secundária. Esse processo de prisionização secundária acontece principalmente com a esposa do preso que segundo a autora é a

aceitação de um papel inferior, a acumulação de fatos relativos à organização da prisão, o desenvolvimento de hábitos alimentares, de vestuário, de trabalho, de sono e algo diferentes, a adoção da linguagem local, o reconhecimento de que nada é devido ao meio em termos de satisfação e necessidades. (Comfort, 2008, p.127)

Na forma de ressocializar os indivíduos encarcerados, a família é por vezes o único meio de contato com o exterior, ou seja, com a sociedade, o que faz com que a sua ausência seja causa de muita ansiedade pelos presos. Isto porque são os familiares que ouvem suas aflições e angústias, são eles que atendem suas necessidades afetivas, emocionais, materiais e físicas, considerando a insuficiência do Estado na manutenção do recluso em

todos estes aspectos. A falta de contato com o mundo externo faz com que os indivíduos reclusos valorizem mais a família, demonstrando inclusive que a ausência desta acarreta uma dificuldade muito maior no processo de ressocialização. De fato, o sentimento de rejeição acaba sendo potencializado entre os presos que não têm visitantes, ou entre aqueles que têm os vínculos rompidos e/ou fragilizados, sendo estes os que geralmente apresentam mau comportamento e apresentam resistência quanto às regras do sistema.

Sobre a ressocialização Ribeiro (2011, p. 40) aponta que:

O grande desafio da cadeia é assim, por uma lado, ressocializar aos nível das condições objectivas e subjectivas de vida, é evitar o efeito dessocializador provocado pelo afastamento da sociedade e pela vivência prisional e ainda é provocar o efeito intimidatório sobre o sujeito ao mesmo tempo que se apazigua e actua sobre o alarme social provocado pelo acto desviante.

A sociedade será implacável com esse ex-detento, o qual é reconhecido pelo crime que praticou e pela sua carreira marginal, e com isso sua identidade fica deturpada e sem um destino provável. A tarefa da ressocialização é árdua e é um momento em que a sociedade prefere isolar os desviantes do que colocá-los novamente no convívio social (Karam, 2009).

5. A tatuagem carcerária – Estado da Arte

As tatuagens carcerárias têm sido estudadas por vários pesquisadores devido à proporção e precariedade com que acontecem. As pesquisas apontam para um tema que é transversal e interdisciplinar, chamando a atenção da classe médica (da psiquiatria à infectologia) como das ciências sociais (da psicologia à antropologia).

Um dos primeiros autores a se interessar pelas tatuagens prisionais foi Cesare Lombroso (1835-1909) e, em sua teoria, explicou que a mesma tem um propósito psicológico que permite “discernir os lados obscuros da alma do criminoso” (Ribeiro, 2010, s.p.). Lombroso também acreditava que através da tatuagem era possível reconhecer grupos,

simbolismos, desejo de vingança, fidelização, vaidade, imitação ou ociosidade. A teoria lambrosiana foi seguida pela Escola Positiva de Direito Penal¹² que acreditava que as marcas corporais eram um hábito relacionado com o “primitivo” no sentido de selvageria, deste modo gerando um estigma ao portador de tatuagem, especificamente o estigma de delinquente.

Dessa forma, as pesquisas sobre tatuagens tinham como foco de interesse os “psicopatas” e criminosos. Esse interesse estava em encontrar explicações, por meio das tatuagens, das condutas antissociais, considerando a teoria lambrosiana que na tatuagem era possível identificar a personalidade dos criminosos.

Outro pesquisador pioneiro sobre as tatuagens prisionais foi Lacassagne, o primeiro adversário da teoria de Lambroso, pois para Lacassagne “(...) lado biológico e lado social” são os dois aspectos fundamentais do crime e dados essenciais para a antropologia criminal. Em especial nas suas pesquisas realizadas entre 1880 e 1886, analisou que em 111 tatuagens de criminosos, 51 registravam indícios de seus crimes: “(...) a inscrição parece um grito de cólera ou de vingança: é a manifestação evidente de uma natureza revoltada contra a sociedade” (1881, p. 48). Ernest Berchon (1869) e Locard (1932), pesquisadores/médicos se interessaram, também, pelos significados das tatuagens e pelas doenças por elas transmitidas no interior dos presídios, tentaram dentro das possibilidades de suas épocas alertar para a precariedade com que as tatuagens eram produzidas.

Em Portugal, especificamente no Porto, Álvaro Teixeira Bastos fez em 1903 um estudo minucioso sobre a tatuagem carcerária na Cadeia da Relação. O seu estudo foi de abrangência antropológica e utilizou a teoria de Lambroso para identificar os delinquentes.

¹²“A Escola Positiva surgiu no contexto de um acelerado desenvolvimento das ciências sociais (Antropologia, Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, Estatística). Esse fato determinou de forma significativa uma nova orientação nos estudos criminológicos. Ao abstrato individualismo da Escola Clássica, a Escola Positiva opôs a necessidade de defender mais enfaticamente o corpo social contra a ação do delinquente, priorizando os interesses sociais em relação aos indivíduos” (Bitencourt 2000, p. 52).

No Brasil, em meados do século XX, o pesquisador interessado em tatuagens carcerárias, foi José Moraes Mello, também se baseou na teoria de Lambroso para tirar suas conclusões sobre o delinquente e determinou que nos presos tatuados estava a classe pobre e os símbolos utilizados representavam ódio, vingança, morte, religião, erotismo e relacionamentos, sendo a maior pesquisa realizada na cidade de São Paulo. O Dr. José Moraes Mello, psiquiatra (Salla, 1999), catalogou 1800 fotos entre 1920 e 1940 no complexo penitenciário e havia o *Arquivo do Tatuado*, onde eram catalogadas as fotografias das tatuagens do detento juntamente com dados sobre o dia, o local e porque essa foi realizada. Com isto, o psiquiatra criou um montante e elaborou um laudo de biotipologia dos detentos que contribuiu para a posterior análise comportamental dentro das prisões brasileiras. Assim tem-se a explicação desse laudo:

Este Laudo de Biotipologia Criminal era uma avaliação obrigatória à qual todos os ingressantes do sistema penitenciário eram submetidos periodicamente e preconizado pelo Direito e pela Medicina da época, influenciados pelos estudos de Antropologia Criminal. (Tofolli, 2005, p. 3)

Mais avante, também no Brasil, o Dr. Drauzio Varella, enquanto médico do complexo penitenciário do Carandiru (extinto em 2002), fez igualmente um levantamento sobre as tatuagens em um catálogo/livro, sem cunho científico, mas de relato do cotidiano da penitenciária, o qual alertava para a necessidade de programas de prevenção sobre os equipamentos usados na produção da tatuagem.

Na atualidade, pesquisadores buscam compreender a tatuagem como um comportamento e uma atitude perante situações vivenciadas. Do ponto de vista sociológico, a tatuagem, como explicou Lévi-Strauss (1975), é uma manifestação que está atrelada à organização social, como para mostrar as diferenças de poder, privilégios e prestígio. Nesse sentido, a cultura é o conjunto que induz uma produção com significados, pois a cultura também é comunicação e está ligada no ambiente social. Desse modo, as tatuagens produzidas em ambientes específicos irão seguir as condições daquele ambiente, como é o caso das tatuagens produzidas em cárcere, as quais vão unir as condições daquele local ou a cultura do cárcere.

No cárcere, as tatuagens são produzidas de forma silenciosa, dentro de um ambiente com diferentes indivíduos e com precárias condições de higiene nos equipamentos criados por eles. Para Le Breton (2004), as tatuagens praticadas no interior das penitenciárias são um incitamento à transgressão, mas os detentos aproveitam e sabem usar os intervalos para realizar essas marcas. Conforme explica o autor, “estes momentos são os episódios duma cerimónia secreta que os muros da prisão favorecem um sentimento de reconquista de si” (Le Breton, 2004, p. 59).

Silva (2012, p. 37) complementa que “é nos sistemas carcerários que a tatuagem adquire uma função de identificação e organização entre os detentos”. Uma vez que o corpo é o último espaço de liberdade de um detento, as inscrições delimitam a forma de utilização e apropriação desse espaço. Os detentos adotam a prática da tatuagem como um método de comunicação e identificação interna. Entretanto, esta codificação organizacional ultrapassa o núcleo dos detentos e passa a ser lida e interpretada pelos que se relacionam com o ambiente carcerário: agentes penitenciários, advogados, juízes, policiais, promotores, jornalistas, além da sociedade que aos poucos toma conhecimento destes símbolos.

Essa dedução fornece aos prisioneiros tatuados um mecanismo de defesa. McNaughton (2007) acrescenta que os ambientes prisionais oferecem uma oportunidade interessante para explorar o papel do corpo na argumentação visual, assim como para entender como os detentos se apropriam do seu corpo. A autora relata ainda que

American culture generally associates tattoos with violence and other antisocial behaviors, so penitential tattoos - particularly with violent images such as skulls and knives - demonstrate the masculinity of a prisoner *vis-à-vis* imposing his toughness. (McNaughton, 2007, pp. 133-134)

Guimarães (2005), por seu lado, comenta que alguns detentos tatuavam indícios dos crimes praticados, escrevendo-os nas paredes das celas e em tatuagens. Chaves (2012, p. 94) em sua pesquisa fez “uma análise da tatuagem como estratégia de resistência em que

o corpo marcado serve para assinalar a criação de um território e segundo o mesmo era uma forma de selar o destino do infrator”.

Como explica DeMello (1993), a tatuagem é um ato de subversão; os criminosos começaram a se tatuar voluntariamente como meio de documentar suas carreiras criminais e construindo, assim, uma subjetividade narrada.

A questão emocional e psicológica tem uma relação forte com as histórias de vida, e alguns pesquisadores se apropriam dessas histórias para relatar questões da vida do detento na tentativa de associar ou desassociar a tatuagem ao crime. Na pesquisa de Howell, Payne e Roe (1971), os autores procuraram relacionar em seus 101 entrevistados, divididos em tatuados e não tatuados, na Prisão de Utah (EUA), os diversos comportamentos, associando-os ao seu estado emocional e interligando-os com a imagem tatuada. Em resposta observaram que os presos com tatuagens tinham muito mais a relatar sobre a sua vida do que os demais não tatuados, chegando à conclusão que a imagem os remetia para um episódio de sua história e que não estava necessariamente ligada ao crime cometido.

Em contrapartida, no estudo de Birmingham, Mason e Grubin (1999), os autores relataram a forma como as tatuagens, visíveis numa população prisional de adultos do sexo masculino, estavam significativamente relacionadas com uma história de adversidade na infância e transtornos esquizofrênicos e de personalidade: “Adversity in childhood, misuse of drugs and alcohol, self-injunctions, violent behaviors and previous prisons were found to be significantly associated with the presence of visible tattoos in this population” (Birmingham *et al.* 1999, s.p.).

As histórias de vida também fizeram parte do livro de Artuso, França e Steffen (2016) que realizaram sua pesquisa com 302 detentos do Estado do Rio Grande do Sul, em especial no Presídio Central de Porto Alegre, classificada pela Comissão dos Direitos Humanos como uma das piores penitenciárias da América Latina (2014). Eles realizaram um levantamento de fotografias e histórias de vida desses detentos do sexo masculino e

feminino e em suas análises perceberam que um ou outro detento tinha uma tatuagem que confessava estar relacionada com o crime. Os autores concluem:

Em síntese, verificamos que essa política de catalogação de marcas como instrumento de identificação criminosa empresta um método criminológico arcaico, cuja validade científica foi muito questionada, sustenta uma lenda — curiosa, porém falsa — e pretende que ela se torne um retrato etnográfico verdadeiro e geral, e reproduz uma semiótica fechada quando as comunicações e os significados se mostram necessariamente plurais, dinâmicos e saudavelmente hesitantes. (Artuso, França e Steffen, 2016, p. 219)

Com isso, pode-se verificar que em muitas investigações a tendência é a de vasculhar sobre o delito e grau de violência e se esses estão inscritos na tatuagem do detento. Alguns pesquisadores tentam formular catálogos de imagens, associando-as aos crimes cometidos e, devido à grande disseminação da tatuagem como estética e relato de vida, é possível que alguns padrões acabem caindo em desuso nas penitenciárias.

Outro autor que pesquisou a história de vida dos detentos é Carvalho Filho (2002) que estudou as relações da vida antes, durante e depois da prisão. O autor relata questões de sobrevivência dentro das penitenciárias e comenta que as marcas corporais e tatuagens são uma forma de o indivíduo manter a memória viva sobre o “estar preso, [porque] mesmo fora da prisão, o corpo expressa a experiência vivida” (Carvalho Filho, 2002, p. 35) e traumática dentro das paredes dos presídios.

Tatuagem e crime foram o foco de interesse nos estudos de Bales *et al.* (2013), os quais procuraram respostas para algumas destas questões sobre a associação da tatuagem com o crime. Os pesquisadores realizaram o seu estudo nas prisões da Flórida (EUA) entre 1995 e 2001, e obtiveram os resultados de que “(...) prisoners with at least one tattoo are more likely to commit prison offenses for violent behavior and post-prison recidivism for violent crimes” (2013, p. 20).

Também Harry (2015), em seu estudo com encarcerados por crimes violentos, detetou em sua pesquisa que estes utilizaram a tatuagem como uma forma de autoflagelação:

“This research is supported by the notion that tattoos, despite their ostensibly decorative quality, tend to be a form of self-mutilation” (2015, p. 171). A pesquisa realizada por Harry (2015) tinha o propósito de levantar dados em encarcerados tatuados e não tatuados para verificar se essas tatuagens tinham ligação com o grau de complexidade com o delito praticado.

Manuel e Retzlaff (2002), por seu lado, em seu estudo com 8.754 detentos do Departamento de Correção do Colorado (EUA), entenderam que a tatuagem sempre foi associada à criminalidade e aos criminosos. Os autores analisaram as psicopatologias dos detentos associadas às suas marcas corporais e concluíram que as infrações estão ligadas à escolha da tatuagem: os mais tatuados tendem a ter um comportamento antissocial, sádico, sendo mais negativistas e com síndrome de *borderline*, enquanto que os detentos com menos tatuagens têm síndromes clínicas associadas a manias, abuso de drogas, transtorno de estresse pós-traumático e de comportamento.

Mesmo que em nossos entrevistados não tenha sido detetada qualquer participação em gangues, cabe relatar o trabalho de alguns pesquisadores que se interessaram pelo assunto, pois estes se apropriaram também de histórias de vida e as buscaram nas tatuagens dos presos. Na pesquisa de Hunt e Phelan (1998), os investigadores escolheram como cenário uma penitenciária da Califórnia e em especial os detentos da chamada gangue *Nostra Famiglia*. Nesse estudo, os autores tentaram encontrar vestígios de supostas marcações corporais que identificavam esses membros, como também, se havia ligações das tatuagens com a sua vida antes e durante a prisão, procurando, desse modo, compreender a relação simbólica da tatuagem com a identidade da gangue e seus membros.

As questões sobre prisioneiros específicos foram analisadas no artigo de Shohan (2009) que estudou, em quatro penitenciárias israelenses, as questões simbólicas das tatuagens em detentos russos e analisou a função dessas entre os prisioneiros, assim como o papel que desempenham na construção da auto identidade criminosa destes detidos nas prisões de Israel. As tatuagens foram observadas nos anos de 2005 e 2006 entre os prisioneiros russos, em quatro grandes prisões israelenses, as quais, segundo o autor, refletem os

valores da subcultura criminosa russa a partir da qual eles evoluíram e para a qual foram importados. Esta subcultura é caracterizada por uma estrutura hierárquica de classes e manifestações de machismo, dominação, desafio, rebelião e aberto antagonismo contra o estabelecimento e seus representantes.

Riley (2006) é outro pesquisador interessado nos estudos de tatuagens de gangues, afirmando a importância de compreender os códigos ocultos marcados na epiderme. Segundo Riley, esses códigos são letras e números que seriam imprescindíveis para o sistema prisional poder diluir a violência dentro das penitenciárias. Citando como exemplo as iniciais AB – *Aryan Brotherhood* (Irmandade Ariana) e também AW - *Aryan Warrior* (Guerreiro Branco ou Ariano) e os números para representar o nome do grupo (2006, pp. 46-47, 51-53), acrescenta que em sua pesquisa detectou que as tatuagens numéricas muitas vezes representam o território geográfico da quadrilha por meio de números de rua, números de bloco e códigos de área.

Andrade e Mathias (2015) são outros autores que, também se interessaram pelo assunto. Sua pesquisa se direcionou para as tatuagens feitas nas prisões russas (campos de concentração Gulag), e os autores concluem:

As tatuagens dos presidiários eram elementos de acesso para que os policiais identificassem à que sociedades secretas criminosas pertenciam. Ao longo de décadas, agindo como etnógrafos, os policiais, Danzig Baldaev e Arkady Bronnikov documentaram, com ilustrações e fotografias, milhares de tatuagens. Quase todas foram decifradas e catalogadas, tendo se tornado um material fundamental para a solução de inúmeros crimes. (Andrade e Mathias, 2015, p. 147)

Ainda sobre as tatuagens russas, Goscilo (s.d.) fez um estudo sobre as tatuagens prisionais catalogadas pelo Major Danzig Baldaev (2003), tendo concluído que as tatuagens dos prisioneiros funcionavam como um passaporte, uma autobiografia, um índice de posição social, um uniforme com medalhas, mas também como uma declaração política ou emocional.

A maior parte das pesquisas sobre as tatuagens relacionadas ao cárcere estão baseadas nas atitudes comportamentais, e o psiquiatra Aldis Putnins (2011) não foi exceção. Em sua extensa pesquisa, desenvolvida na Austrália com jovens infratores (898 pesquisados, dos quais 47% admitiram ter tatuagens), Putnins percebeu que nos entrevistados tatuados as marcas tinham correlações significativas com a sua vida de delitos, sendo uma resposta a aspetos relacionados à agressão (temperamento, luta, autoagressão deliberada) e uso de substâncias psicoativas. Muitos desses jovens também responderam não ter o desejo de remoção da tatuagem para destigmatizar após alcançar a liberdade.

Outros pesquisadores analisam a tatuagem prisional como uma questão de saúde dentro das penitenciárias. As formas como são produzidas e a respectiva precariedade higiênica foram estudadas por Dias e Santos (2016) que analisaram as tatuagens produzidas em uma prisão no Porto e apontam essa situação como sendo um fenômeno de saúde pública, pois verificaram também a precariedade de como são realizadas. Estes investigadores nos informam que, a tatuagem como prática na prisão, são feitas devido a ociosidade que a situação impõe e pela a afetividade familiar (saúde, arrependimento) como também, uma forma de rebeldia e de provocar o sistema prisional. No final de seu estudo, os investigadores acreditam na necessidade de promover programas e medidas preventivas de saúde.

Coelho *et al.* (2009), em pesquisa realizada com 333 reclusos em um presídio brasileiro, detectaram que um número significativo de participantes com tatuagem (36,0%) estavam infectados com hepatite B e soropositivo (AIDS). Os pesquisadores “sinalizam para a necessidade de programas preventivos voltados para essa população, os quais devem ser instituídos com base no conhecimento da situação epidemiológica e da dinâmica de transmissão” (Coelho *et al.* 2009, s.p.).

Gonçalves (2005), por seu turno, fez uma pesquisa minuciosa em uma penitenciária de Goiás sobre a história de vida e a incidência da hepatite C nessa instituição. Segundo a sua conclusão, a tatuagem praticada dentro do estabelecimento também é um fator de

contágio e disseminação da doença que posteriormente, fora da prisão, pode continuar o ciclo da doença.

6. Reflexão sobre o Estado da Arte

Apesar da extensa história da tatuagem, as investigações encontradas para o Estado da Arte demonstra o interesse dirigido a marginalidade, sendo isso perceptível nos autores escolhidos. Mesmo sendo um assunto multidisciplinar, a tatuagem na prisão é algo que ainda chama à atenção e à curiosidade. Nas muitas pesquisas encontradas, poucas trazem esse assunto com a preocupação de prevenção ou de melhorias para o tatuado e tatuador no interior do cárcere, pois a cadeia no senso comum é vista como um lugar degradante e de ócio, Ribeiro (2011, p. 42) nos diz que “As cadeias, ao contrário do que muitas vezes é representado socialmente, não são lugares de ócio” o autor relata que há uma preocupação pelas autoridades prisionais de integrar os presos no trabalho e nos estudos. Podendo ser, essa impressão que se tem da cadeia, um dos motivos da falta de interesse dos investigadores pelo assunto.

As tatuagens produzidas no cárcere recebem o estigma de marginalizado, como se estivessem anunciando um crime. Nas análises apresentados no Estado da Arte, é possível observar o interesse pela temática. A prática da tatuagem na prisão é algo que se fala “sussurrando” pelo fato de as autoridades saberem que existe, porém sem, ainda, dela terem um controle preventivo. As tatuagens carcerárias produzem sentidos contidos em imagens e frases e são maneiras de expor as verdades que muito interessam ao portador. O mundo do cárcere é um ambiente onde estruturas sociais são determinadas internamente por sujeitos repletos de histórias e vivências, os quais escolhem a pele para expor as suas memórias escondidas na alma. Os significados das tatuagens muitas vezes se modificam devido à forma como os presos convivem e é notório que no cárcere os sujeitos burlam a forma de pensar sobre o seu corpo, pois agora está deslocado do mundo exterior. Assim, a tatuagem passa a ser uma forma de sentir o corpo, expondo-o à dor, ao prazer da transgressão com as autoridades, ao estresse da ociosidade. Deste modo, a tatuagem vai além de cravar a tinta na pele. Numa tentativa de encontrar sobre o detento

o estereótipo de ser uma revista ambulante onde os crimes, amores, angústias e liberdade são protagonistas da capa, as pesquisas pelo assunto ainda interpelam a curiosidade, de forma de encontrar respostas para muitos segredos, e a pele sendo confessorário deles.

Parte II - Tatuagens em presidiários

Capítulo IV – Metodologias - A trajetória da pesquisa nas penitenciárias

Para responder ao nosso objetivo principal de identificar a motivação dos presidiários para realizar uma tatuagem, organizou-se esse capítulo em quatro partes: participantes, instrumentos, procedimentos e resultados.

Inicialmente a pesquisa tem um caráter exploratório. Barbosa (2012) afirma que as pesquisas exploratórias são caracterizadas por serem aplicadas sobre os problemas que apresentam “escasso conhecimento acumulado e sistematizado, desta forma, o estudo causa familiaridade com a temática, tornando-o mais explícito e assim aprimorando as ideias” (Barbosa, 2012, p. 79) e Gil (2008) acrescenta ser a etapa inicial de toda a investigação.

Assim, constatou-se que em relação à natureza desta pesquisa, dentro das necessidades que foram identificadas, foram levantados dados que nos obrigaram a conjugar abordagens de natureza qualitativa e quantitativa de forma complementares. Objetivando-se a contribuição da temática nas variadas frentes de interesse investigativo, a defesa da complementaridade é reconhecida, já que os seus propósitos não podem ser alcançados por uma única abordagem (Gramsci, 1995).

A pesquisa em questão utilizou como estratégia de estudo a análise comparativa, ou método comparativo, pois pretende comparar e analisar as tatuagens de duas penitenciárias (Brasil e Portugal). Conforme Collier (1993, p. 21) esclarece, “a comparação é uma ferramenta fundamental de análise” que “agudiza o nosso poder de descrição, e joga um papel fundamental na formação de conceitos enfocando similitudes sugestivas e contrastes entre casos”. Lakatos e Markoni (2003) apontam que o método comparativo dá condições para analisar concretamente os dados, reduzindo as repetições, como os conteúdos abstratos e gerais.

1. Participantes

Em relação aos participantes, o estudo contou com presidiários do sexo masculino que possuem tatuagens, realizadas fora e dentro da prisão. O ambiente da pesquisa deu-se em duas penitenciárias que pudessem representar os países envolvidos na pesquisa: Brasil e Portugal. A escolha do ambiente foi por amostragem não-probabilística, sendo feita a opção de uma Penitenciária Industrial no sul do Brasil, e outra no Norte de Portugal.

A amostra da pesquisa é composta pela totalidade de 200 presos das respectivas penitenciárias (100 de cada país).

Por ser uma população que soma, entre as duas penitenciárias, em 2017, 1.605 detentos, restringiu-se a recolha a 200 entrevistas, sendo que na P2 havia até o término da pesquisa 1.232 presos, assim 8,12% foram entrevistados, e na P1 o total de 373 detentos, sendo 26,83% entrevistados. Embora estes apresentem características diferentes, têm em comum serem todos do sexo masculino, assim como a convivência na prisão e o fato de estarem privados de sua liberdade, por terem cometido um delito. Gonçalves (1999, p. 209) descreve os detentos como “um grupo de indivíduos que são obrigados a viver em determinadas condições de espaço e clima social, por um tempo igualmente determinado, mas bastante variável de indivíduo para indivíduo.” Trata-se de um grupo que deverá “sobreviver” às rotinas impostas de controle e vigilância em que cada indivíduo terá uma forma de adaptação que resultará em diferentes atitudes e comportamentos.

2. Instrumentos

Utilizou-se como instrumento de recolha de dados um roteiro de perguntas elaborado para as entrevistas (Anexo 5) e as imagens fotográficas como registro das tatuagens. Entre os vários modelos de entrevista existentes, todos devem focalizar-se na finalidade de responder à temática da investigação (Manzini, 1990). Contudo, deve-se estabelecer um *rapport*, ou seja, conquistar e passar segurança ao entrevistador e entrevistado, para assim obter respostas mais confiáveis e francas. Desta forma, cabe ao entrevistador explicar a

finalidade da pesquisa e de que modo a participação do interrogado é importante para obter resultados satisfatórios. O ambiente onde as pesquisas e entrevistas acontecem também deve ser estudado, e no caso do nosso estudo o ambiente é considerado hostil e adverso: a prisão. Neste contexto prisional solitário, individual e opressor, onde as expectativas de vida são escassas, existe, muitas vezes, a necessidade por parte dos encarcerados de ter alguém para ouvi-los.

Nesse sentido, as entrevistas são o aparato necessário para angariar dados para analisar e entender a história de como a (re)construção de identidades se molda devido às necessidades diárias de sobrevivência dos presos. Neste contexto, deve-se ter o controle emocional no início das entrevistas (Berguer, 2009). Assim, escutar não é apenas um processo de som verbalizado, mas é estar ouvindo a realidade do entrevistado e, de alguma forma, participar por alguns minutos na sua vida. Cabe mencionar que *a priori* a história destes entrevistados não é conhecida, assim o que nos é respondido ou contado se torna a realidade no momento e nesta relação há uma mútua determinação entre o pesquisador e pesquisado. Nessa relação metodológica, o pesquisador busca recuperar, através das pesquisas/entrevistas e das narrativas, as diferentes interpretações, a vida cotidiana e as experiências dos sujeitos que constroem a sua história.

Fez parte dos instrumentos a recolha de assinaturas e explicação dos objetivos contidas na “Declaração de Consentimento Informado” emitido e aprovado pelo Comitê de Ética da UFP (anexo 4). Para melhor visualização e objetivação dos resultados, optou-se por tabelas. Mesmo sendo dois grupos de detentos em duas penitenciárias diferentes, as questões das entrevistas (anexo 5) são as mesmas, com respostas abertas, sendo elas:

Primeira: Quantos anos o senhor tem?

Segunda: Com quantos anos realizou a sua primeira tatuagem?

O objetivo era analisar com quantos anos fez a primeira tatuagem e, assim, entender os acontecimentos anteriores à prisão.

Terceira: Quantas tatuagens possui? Quantas realizou na prisão?

O objetivo primeiro dessa pergunta (quantas tatuagens possui?) era de chegar à segunda (quantas tatuagens realizou na prisão?), trazendo esta pergunta a possibilidade de reconhecer a real função da tatuagem para essas pessoas.

Quarta: Alguma de suas tatuagens tem relação com o seu delito? Aqui o objetivo era verificar se a tatuagem tem uma conexão com crime praticado. Desta pergunta, também responderam sobre o crime pelo qual estão presos.

Quinta: Qual a tatuagem mais significativa para o senhor e porquê?

Nesta questão o objetivo era encontrar padrões de tatuagens que se combinassem entre os detentos da P1 e P2, ao mesmo tempo entendendo os relatos sobre a motivação do detento e qual a tatuagem mais significativa para eles, e o porquê da preferência/motivação.

Sexta: Qual é a sua relação familiar?

3. Procedimentos

3.1. Os primeiros contatos – P1 e P2

Entrar em uma prisão por opção é muito significativo: passar pelas revistas diárias, mostrar objetos pessoais, adentrar as inúmeras portas de ferro que soam sirenes aos serem atravessadas, detectores de metais, detentos que cruzam em seu caminho. Assim, a rotina do local é desgastante. É impossível imaginar como é viver 24 horas dentro de tal ambiente. Os detentos na P1 usam uniformes restritos e mesmo no frio eles só podem ter uma única blusa e chinelos nos pés.

O local é de extrema limpeza, sendo possível ver os detentos limpando a prisão, alguns em salas de aula, outros em leitura na biblioteca, muitos na orquestra da prisão e vários

nas indústrias instaladas dentro do complexo, muitas das quais, infelizmente, devido à crise do país, fecharam. A maioria dos presos deseja trabalhar¹³ nestas unidades pois recebem um salário-mínimo¹⁴, além de que diminui a pena de reclusão, uma vez que a cada três dias trabalhados diminui-se um dia da sua pena¹⁵. De acordo com Silva:

No sistema prisional o trabalho é meramente uma terapia ocupacional, por isso, deve ser oferecido aos presos como alternativa de redução de pena, aprendizagem de bons hábitos e geração de renda pessoal com menos sofrimento, mais respeito e humildade, visando na qualificação profissional alternativas para atenuar os regimes impostos para os apenados. O trabalho é a chave primordial para os detentos obterem uma continuidade profissional ao ser egresso do sistema penitenciário, é o modo de estas pessoas terem uma nova chance na sociedade, criando forças para enfrentar desafios e subsídios para redirecionar o apenado da rota do crime. (Silva, 2007, p. 7)

Inicialmente, o Serviço Social da Penitenciária explicou sobre o SPR (Sistema Penitenciário do Estado), o qual possui todos os dados dos detentos com fotografias e toda e qualquer marca corporal possam ter. Assim, me alertaram que, naquela unidade, haveria muitas tatuagens. Deste modo, foi-me disponibilizada uma relação com os nomes dos detentos e, acompanhada de um agente penitenciário, fomos de cela em cela conversar com os presos e convidá-los a participar da pesquisa. Em cada cela, havia em média 4 detentos.

Durante esta visita, foi-se explicando o que seria a pesquisa. Houve muitas rejeições e desconfianças, mas de antemão, já havia sido alertada para uma possível dificuldade na adesão para a pesquisa.

Embora a pesquisa tenha durado apenas 15 dias, foi uma intensa e extensa atividade, no ir e vir e passar todos os dias pela mesma rotina de segurança. Cada dia de pesquisa foi

¹³ É importante salientar que no Brasil 143.561 presos trabalham no sistema prisional e 110 mil estudam, e isso colabora para o melhor diagnóstico do sistema prisional brasileiro e contribui para a elaboração de políticas públicas para os privados de liberdade (DEPEN, 2019).

¹⁴Salário mínimo: valor determinado pelas Leis Trabalhista do país que garante um valor mínimo mensal que um trabalhador deverá receber.

¹⁵O termo utilizado para essa finalidade é Remição.

um aprendizado. Durante esses dias a adaptação à rotina da unidade foi necessária, pois além de não haver horários fixos, havia as movimentações rotineiras e as atípicas, como a chegada de novos detentos e saída de outros ou o fato de não ter apoio de pessoal para acompanhar nas entrevistas – só havia pesquisa na presença de profissionais da segurança, desse modo, não foram raras as vezes que desmarcamos ou adiamos as entrevistas conforme a conjuntura diária do local.

A unidade penal disponibilizou uma sala que possuía somente uma mesa e duas cadeiras. Na antessala ficava o agente penitenciário e, em outro local com grades, ambiente denominado cela de triagem, os detentos aguardavam para serem entrevistados. Neste local o silêncio era sepulcral e não se notava que havia um grupo de pessoas ali, já que a qualquer tentativa de conversa entre os detentos o agente penitenciário chamava a atenção. O detento entrava na sala algemado e era preso a uma barra de ferro que ficava na parede, seguindo os protocolos de segurança (DEPEN, 2011).

No que tange as limitações da pesquisa houve a princípio a tentativa de reunir todos os reclusos em um único local onde se poderia explicar a pesquisa e convidá-los a participar. Porém, a chefia de segurança¹⁶ preferiu ir de cela em cela a explicar e convidando os detentos, deste modo não haveria mudança na rotina dos detentos. Foi também uma limitação a falta de contingente, por isso levou três dias a percorrer as celas para fazer os convites para participarem da pesquisa. Os horários foram outro obstáculo, pois não havia um horário delimitado, por isso aguardava que a unidade de serviço social avisasse se havia contingente para me acompanhar nas entrevistas. O tempo de entrevista também foi reduzido, devido às mudanças de equipes nos plantões. Em relação às entrevistas, no momento em que o detento entrava na sala, recebia a “Declaração de Consentimento Informado”, o qual garante a confidencialidade dos dados e informa sobre os objetivos do estudo, as quais foram lidas e entregues para assinar. As entrevistas foram realizadas de forma verbal, e anotadas as respostas. Na autorização emitida pelo DEPEN (anexo 2),

¹⁶Cargo ocupado por servidor público que organiza todas os protocolos de segurança de uma unidade penal.

foi autorizada a recolha de imagens fotográficas e entrevistas com registro escrito, assim as mesmas não foram gravadas em áudio. Referente às fotografias¹⁷, houve algumas situações em que os detentos estavam algemados nas mãos e pés, e em alguns dias foram presos na barra de ferro na parede, assim as tatuagens que estavam em um local não muito visível não foram registradas. Esse procedimento (algemas) segue as determinações do protocolo de segurança da unidade.

A abordagem para a recolha das fotografias foi: *O senhor me autoriza a fotografar as suas tatuagens? Ou aquela à qual o senhor declarou ser a mais importante?*

Na unidade prisional P2, e apesar de já ter entrado em uma prisão com os mesmos fins, trata-se sempre de um processo agonizante. Em especial nesta unidade, pois era um campo totalmente diferente: país e pessoas diferentes com realidades distintas. Ao chegar no local depara-se com uma construção enorme e torres de vigias, portões imensos, o que me reportou a uma fortaleza.

Após passar pelas regras de segurança e por olhares contestadores dos guardas e dos funcionários, a Direção Adjunta da unidade, a qual me recebeu gentil e prontamente, explicou as diretrizes do estabelecimento, passando informações do mesmo e esclarecendo acerca de situações que poderiam acontecer. Fui então direcionada à chefia de segurança e um técnico-professor me apresentou a unidade. Ao continuar a visita, pode-se conhecer o ginásio de atividades físicas, o pátio com vários detentos circulando, as salas de aulas, a biblioteca, a barbearia, a sala de música com ensaios animados, a enfermaria e as salas de apoio. Nestes espaços o dia segue como outro qualquer, os detentos estavam nos ginásios fazendo atividades, jogando basquete na quadra, sentados fumando e conversando. Observei também que os presos não usam uniformes e são livres para vestirem qualquer tipo de roupas e acessórios como cintas, relógios, bijuterias, e estavam preparados para o frio que estava fazendo. Acompanhada do professor

¹⁷ Todas as fotografias das tatuagens tanto da P1 como da P2 foram tratadas para obscurecer todos os elementos extra das tatuagem que pudessem constituir elemento de identificação do detento.

conversamos com esses grupos de pessoas e perguntamos se havia interesse em participar de uma pesquisa acadêmica sobre tatuagens.

Este ambiente é diferente da penitenciária brasileira, onde todo preso é catalogado por um sistema que registra toda e qualquer marca corporal. Recebi a informação que em Portugal não há, ainda, este procedimento. Assim, houve muita resistência em participar da pesquisa pois havia um certo receio de esta pesquisa ser da Polícia Judiciária, para fazer um levantamento de tatuagens para colocar em um banco de dados sobre os detentos. Devido a esta barreira, houve presidiários que se negaram a participar das entrevistas. Os guardas responsáveis pelos blocos arrumaram um local para que eu pudesse trabalhar e passaram nas celas, avisando e convidando os presidiários para participarem da entrevista e fotografias.

No que diz respeito às limitações encontradas neste local, a primeira foi em relação à exposição da pesquisa. O professor-técnico solicitou aos detentos a possibilidade de reuni-los, aos que estavam no pátio ou num outro local, de modo a expor a pesquisa, mas isso não foi possível, pois os próprios detentos se manifestaram contra, já que sempre que explicava o motivo da investigação os detentos se negavam a participar.

Nos locais onde estavam os presos livres (pátio, quadra de esporte, ginásio, corredores) estes foram sendo convidados de forma solta, que a meu ver foi inadequada, pois não se conseguiu explicar sobre a confidencialidade das entrevistas. Somente quando, fui para uma sala onde seriam as pesquisas, os agentes gritaram no corredor: “quem tem tatuagem venha até aqui!”. Este procedimento poderia ter sido evitado se tivesse conseguido, ao menos, agrupar os detentos no corredor das alas e tê-los convidados a participar, deste modo acredito que haveria já um contato diferenciado entre ambos: entrevistador e entrevistado, o que é importante para a criação do vínculo.

Outro obstáculo ocorreu no segundo dia. Segundo foi-me passado, na penitenciária se espalhou a notícia que a pesquisadora poderia ser da Polícia Judiciária. Por causa disso, os detentos estavam negando a participação. Devido a isto, teve-se que começar do zero,

ou seja, voltei ao pátio onde estavam os detentos e conversei com eles, apresentando minhas credenciais da UFP. Após isso, os detentos começaram a voltar para a sala de entrevista.

Em relação ao contingente, esta instituição tem quatro grandes alas (A, B, C e D) e cada ala tem uma chefia de segurança com plantões diferentes, característica do sistema prisional. Assim, a cada mudança de plantão havia a necessidade de tudo explicar novamente aos guardas e solicitar a colaboração de todos. Referente às entrevistas, elas ocorreram em uma sala de cada ala. Antes de iniciar a entrevista era apresentada a “Declaração de Consentimento Informado” onde explicava a confidencialidade da sua identidade bem como a autorização sobre a imagem fotográfica, assim foi-se coletando as assinaturas dos mesmos. Muitas vezes, os detentos ficavam na porta da sala em grupos, conversando, entrando e saindo da sala, assim, era forçada a interromper a entrevista e a solicitar a colaboração e respeito com o detento que estava sendo entrevistado. Não houve, por isso, uma colaboração efetiva por parte dos entrevistados, nem dos agentes, os quais poderiam, na minha opinião, ter evitado a aglomeração de pessoas na porta da sala. As entrevistas ocorreram por verbalização dos detentos e com registro escrito. No Ofício assinado pela Direção-Geral dos Serviços Prisionais (anexo 3) apenas se autorizou a entrevista verbalizada/escrita e imagem fotográfica, não sendo possível por isso a gravação de áudio. Para a realização das imagens fotográficas das tatuagens, houve somente três detentos que se recusaram a fazê-lo, já que os demais autorizaram e assim foram realizadas. A abordagem para as fotografias foi a mesma que tinha sido feita no Brasil: “O senhor me autoriza a fotografar as suas tatuagens? Ou, aquela à qual o senhor declarou ser a mais importante?”.

4. Resultados

4.1 Perfil dos participantes

A amostra em estudo foi de 200 participantes, todos com tatuagens, do sexo masculino, com idades compreendidas entre 18 a 55 anos (Tabela 2) , tanto no estabelecimento prisional no Brasil ($M^{18}=29,91$; $DP^{19}=6,52$), como em Portugal ($M=31,82$; $DP=8,60$). Dos 200 entrevistados, verificou-se que ainda estão numa faixa etária considerada produtiva, tanto para estudos como para ascensão profissional. Porém, levando em consideração os fatores internos de cada país pesquisado, pode-se dizer que na grande maioria, e observando os dados coletados, é possível constatar que na faixa etária de maior produtividade do indivíduo, o mesmo está encarcerado, isso demonstrando a inserção precoce na criminalidade, conceito desenvolvido por Christian Costa como “maturidade criminal”. O autor explica que, após seis meses no interior de um sistema prisional, o indivíduo adquire a maturidade criminal, sendo assim necessário pensar em uma sólida educação e o papel da profissionalização desses jovens, isto sendo, uma reflexão inevitável para os países envolvidos.

O maior índice de encarceramento encontra-se na faixa dos 26-32 anos de idade em ambos os países, através dos dados obtidos nesta pesquisa, o que comprova os dados do INFOPEN - Levantamento Nacional de Informações Penitenciária, e aproximado dos resultados da DGSP - Direcção Geral dos Serviços Prisionais. Para fins de análise por faixa etária, é necessário delimitar a incidência do encarceramento nesta população, o que nos leva a analisar a conjuntura social e econômica dos países e os fatores que incidem na entrada no mundo do crime, os quais, segundo Bogado e Medina (2012) e também de acordo com Poletto e Koller (2008), são: direitos na infância e adolescência violados, ausência de vínculos afetivos duradouros, histórico escolar rebaixado, histórico laboral rebaixado, histórico familiar em situação de risco ou vulnerabilidade, envolvimento com pares desviantes, ausência de postura de autorreflexão, entre outros fatores.

¹⁸ M: Média

¹⁹ DP: Desvio Padrão

Idade	Freq.B ²⁰	%B	Freq. P	% P	Total	% Total
18-25	28	28%	25	25%	53	26,5%
26-32	35	35%	33	33%	68	34%
33-39	21	21%	27	27%	59	29,5%
40-49	4	4%	9	9%	13	6,5%
50-55	1	1%	6	6%	7	3,5%

Tabela 2 - Idade Geral

Já na Tabela 3, se observa a relação familiar que os participantes declararam ter. Foram pertinentes estas questões para podermos analisar se a família tem alguma influência na escolha das tatuagens, no sentido da produção e não no consentimento, e isto já foi respondido na categoria (a) da Tabela 9. Sabe-se que a família é a principal ligação dos detentos com o extramuros. Enquanto o detento cumpre a condenação, os familiares e amigos são o elo que o une com o mundo externo, mas mesmo assim, muitas vezes esse elo é insuficiente para manter o vínculo afetivo. Uma vez que são os familiares que os acolhem e ajudam com as situações necessárias no exterior da prisão, eles declararam ser a família o seu suporte principal, desde a prisão à sua liberdade. Neste seguimento de ideias, a privação de liberdade pode trazer consequências para a vida familiar dos reclusos, como o afastamento definitivo ou temporário da família, perdendo assim o vínculo afetivo, o que dificulta, entre outros fatores, a sua estada na prisão e, conseqüentemente, a sua ressocialização na sociedade (Chaves, 2012).

Analisa-se novamente a questão geográfica entre os países pois o “*morar longe*” no Brasil é diferente do que em Portugal, e a questão familiar também está vinculada a isso. Assim, verifica-se que a P1 tem 30% a mais de detentos que declararam *não ter contato* com a família, e conforme suas declarações, isso se dá porque muitos desses presidiários estavam, antes da prisão, morando longe dos familiares, perdendo assim o vínculo afetivo, ou porque a família simplesmente os abandonou pelo fato de estarem presos. Há ainda os detentos que preferem não ter contato devido a não quererem que o familiar passe pelos constrangimentos das revistas minuciosas em dia de visita. Esse fato também foi mencionado pelos detentos P2, referente a não terem contato com família para evitar a

²⁰ Nas tabelas serão utilizados B: Brasil e P: Portugal

entrada na penitenciária, pois para eles o tratamento feito nas revistas minuciosas afasta os familiares. No caso de *melhorou depois de ter sido preso*, isso pode estar associado de como o preso levava sua vida em liberdade. Dependendo das situações que o mesmo se colocava em liberdade, é compreensível que para a família seja melhor que ele esteja preso (pensando neste caso no histórico preso/família).

Outra questão, conforme os relatos dos detentos, é que o tempo de ociosidade dentro da penitenciária faz com que esses detentos reflitam e a partir daí sintam uma necessidade maior de começarem a valorizar a presença dos familiares, percebendo que dessa melhoria possam vir as ajudas do exterior e na vida prisional, assim como para a futura saída. Já para *piorou depois que foi preso*, entende-se que a própria situação da condição de estar preso faça com que a família se afaste.

Ainda conforme as declarações, muitas vezes as esposas, companheiras e mães assumem o sustento da família, devido ao preso estar detido na penitenciária; assim, as cobranças referentes a isso além dos preconceitos que os filhos sofrem com essa situação, acaba por distanciar e piorar a situação do vínculo familiar. A razão porque ele está na prisão, ou seja, o crime praticado, também é um fator de afastamento. Os detentos declararam que com a prisão a situação familiar piorou, sendo isso uma nova condenação e também, para muitos, o tempo prisional pode passar dos 10 anos, o que afasta ainda mais do convívio com os familiares. Na relação familiar, *continua boa* é onde na Tabela 3 está a maior concentração, atingindo 92%, sendo que no P2 está 50% a mais.

Os 92 detentos que declararam que a relação *continua boa* são aqueles que possivelmente têm um contato mais efetivo com a família, que recebem visitas e naturalmente têm apoio familiar para resolver situações jurídicas, sendo, assim, um convívio mais fraterno. Ao saírem da prisão, esses detentos vão ter para onde ir, pois têm o apoio familiar. Já no que diz respeito aos 50% que separaram a P1 da P2, é possível verificar que, como já identificado anteriormente, as relações familiares são mais vulneráveis, podendo aqui estar incluídos aqueles que nunca tiveram uma família ou se afastaram devido à condição de estar preso, como também, o motivo de estar preso.

Relação Familiar	Freq.B	% B	Freq. P	% P	Total	% Total
Sem Contato	39	39%	12	12%	51	25.5
Melhorou depois de ter sido preso	22	22%	17	17%	39	19.5
Pirou depois de ter sido preso	8	8%	10	10%	18	9
Continua boa	31	31%	61	61%	92	46
Totais	100	100%	100	100%	200	100

Tabela 3 - Relação familiar

4.2 Perfil das tatuagens

Apresentar-se-ão a seguir algumas variáveis cujas informações irão integrar o perfil dos participantes.

De antemão, exclui-se aqui qualquer preconceito que possa ser interpretado pelos leitores de que quem possui tatuagens comete ou cometeu algum delito, porém para esta pesquisa, os participantes possuem tatuagens e cometeram algum crime.

Crimes	Freq.B	% B	Freq. P	% P	Total	% Total
Homicídios	38	38%	5	5%	43	21.5%
Tráfico de Drogas	20	20%	38	38%	58	29%
Furto	20	20%	39	39%	59	29.5%
Estupro	18	18%	1	1%	19	9.5%
Violência doméstica	3	3%	5	5%	8	4%
Outros ²¹	1	1%	12	12%	13	6.5%

Tabela 4 - Crimes cometidos

Referentes aos crimes praticados pelos participantes da pesquisa, pode-se observar na Tabela 4 que a incidência maior de homicídios está concentrada no Brasil com 33% a mais em relação a Portugal. Aqui pode-se considerar a dimensão geográfica, assim como, o número de habitantes entre os dois países, além de que a P1 está localizada em uma região que abriga um número de micro municípios em seu entorno, assim recebendo os condenados desses locais. Segundo Corazza (2018) o número de homicídios nesta região está relacionado com o tráfico de drogas, defesa da conduta moral e também por ser uma região com poder aquisitivo elevado, levando assim à prática do roubo/furto seguido de

²¹ Incêndio criminoso, posse de armas, conduzir sem habilitação.

morte. Dito isso, os nossos participantes residem nesta região conhecendo suas características, e com histórico criminal, sendo isso uma possível justificativa para o índice alto de homicídios.

No que diz respeito ao tráfico de drogas, pode-se observar na Tabela 4 que a concentração está no P2, com 18% a mais em relação a outra unidade; no entanto, considerando que na P1 os homicídios estão, muitos deles, relacionados ao tráfico de intorpecentes, verifica-se que é diferente do que aparece na P2, como um acontecimento isolado, e isto pode demonstrar que no Brasil a violência está presente nos diferentes tipos de crime.

Segundo o Relatório Anual de Combate ao Tráfico de Estupefacientes/2017 da Polícia Judiciária, o número de apreensões de portugueses em 2017 foi de 3.745, considerados traficantes/consumidores. A PJ também salienta que Portugal é uma porta de entrada de drogas para a Europa e tem como rota de chegada o espaço aéreo, o marítimo e o terrestre. Sendo o tráfico de drogas algo rápido para conseguir dinheiro, substitui muitas vezes a forma de sustento desses condenados, que além de distribuírem no território português também exportam para os países vizinhos. Considerando os 20 participantes da P1 detidos por tráfico de drogas, retomamos a questão geográfica da cidade, como também o poder aquisitivo dessa população.

A P1 está relativamente próxima das fronteiras de outros dois países sul americanos, facilitando, em muito, a fuga e a entrada de quantidades de drogas para o Brasil. Além disso, a cidade dá acesso a outras rotas, ou seja, é passagem obrigatória por via terrestre para outros estados brasileiros. Devido a estes fatores, o tráfico de drogas é relativamente “comum” neste contexto. Arrisca-se observar que é possível que esses 20 condenados façam parte também, na modalidade criminal de homicídios.

No que tange à variável furto, observa-se que o número maior está concentrado na P2, com 19% a mais do que a P1. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna/2017, em Portugal foram registrados 105.881 furtos, sendo esse o delito mais comum no território, sendo por isso relevante associar a estes furtos a circulação corrente de turistas, os quais

são alvos frequentes dos delinquentes, aparecendo no referido relatório a concentração de um número elevado para furto de carteiras.

Referente à P1, na cidade onde está localizada, no ano de 2017, segundo o Relatório Anual da Secretaria e Administração de Penitenciárias, houve 18.367 registros de furtos. Segundo Diniz (2016, s.p.), “[a] partir de 2015 e 2016 o Brasil passa pela recessão econômica e desemprego mais longa e mais profunda da história. O número do desemprego aberto está em 11,4 milhões de pessoas”. Além destas, existe o desemprego oculto, o desalento e o subemprego (Bezerra, 2011); com esse número elevado de desemprego, é possível localizar a prática dos furtos como sendo um meio de subsistência da maioria dos apenados que a consideram uma forma rápida de aquisição de bens e suprir suas necessidades.

No que diz respeito à Tabela 4, sobre a violência sexual/estupro, observa-se o índice elevado na P1, que representa um total de 17% a mais do que na P2. Esse número acentuado de pessoas presas nessa tipologia criminológica pode ser resultado da obrigatoriedade nas notificações via SUS (Sistema Único de Saúde) de casos de violências sexuais identificadas, que a partir do ano de 2011 passou a fazer parte do programa nacional de combate a violência sexual através do SINAM - Sistema de Informações de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (Brasil, 2011).

Foi a partir deste novo sistema que os dados referentes à violência sexual no Brasil começaram a sair da invisibilidade. De acordo com dados de 2011 do SINAN, há no Brasil pelo menos 527 mil pessoas estupradas por ano, sendo que apenas 10% dos casos são denunciados às autoridades. Os registros do SINAN apresentam que 89% das vítimas são mulheres e possuem, em geral, baixa escolaridade. Do total, 70% são crianças e adolescentes. Com isso, a quantidade de presos nesta tipologia está relacionada com a denúncia de suas vítimas ou por anônimos.

Em relação à violência doméstica, a Tabela 4 apresenta 3 presos na P1 e 5 detentos na P2. Esse crime, no Brasil, é protegido pela Lei Maria da Penha/2006, que tem a intenção de

coibir a violência doméstica, a qual, por meio de denúncia de quem sofre a violência ou de um denunciante, poderá levar à detenção do acusado. Contudo, este mecanismo ainda está em processo de garantia, uma vez que, do grande contingente de denúncias a esta modalidade de crime, ainda são baixas as condenações. A P1, por meio do seu Serviço Social, explicou que uma vez que a penitenciária está localizada numa região rural, muitos dos crimes de violência doméstica que aí acontecem ainda não são denunciados. Em Portugal, a Lei contra a violência doméstica foi implantada em 1991, como os mesmos objetivos que a lei do Brasil: coibir, punir e prevenir tal crime, sendo nesse crime incluída a violência contra as mulheres, crianças e idosos, os quais apresentam a mesma situação vulnerável perante ao agressor. Na P2, com essa tipologia criminológica, encontrou-se 5 detentos, o que pode significar que os mecanismos de denúncia em Portugal possam ser mais efetivos e garantidos, ou simplesmente não há denúncias às autoridades. Em outros crimes (Tabela 3) estão agrupados: posse de armas, incêndio criminoso e conduzir sem habilitação. Optou-se na Tabela 3 por esse agrupamento, por que dois desses crimes não foi localizado na P1, como, incêndio e condução sem habilitação. Na P1, somente um detento afirmou estar preso por porte ilegal de arma, porém o índice por homicídios está maior na P1 e pode-se afirmar que dentro desses homicídios algum tipo de armas foram utilizadas. Na P2, 7 detentos declararam estarem presos por conduzir sem habilitação, 2 por porte ilegal de armas e 3 por incêndio criminoso, sendo esses relacionados com a violência doméstica.

Escolaridade	Freq.B	%B	Freq. P	% P	Total	% Total
Até 9º Ano	98	98%	97	97%	195	97.5%
Médio/Secundário	0	-	0	-	0	-
Superior	0	-	2	2%	2	0.5%
Analfabetos declarados	2	2%	0	-	3	2%
Total	100	100%	100	100%	200	100%

Tabela 5 - Escolaridade dos entrevistados

Observa-se na Tabela 5 que, para a variável escolaridade, existe entre as duas penitenciárias uma semelhança em relação ao nível escolar. A tabela ilustra que o grau de escolaridade da população carcerária dos dois países é baixo, possuindo a grande maioria apenas o ensino fundamental básico. Essa observação pode confirmar a impressão de que

os detentos fazem parte do estrato social de pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola ou, se tiveram, simplesmente não seguiram ou não tiveram o incentivo necessário para tal, dados já encontrados anteriormente pelo CECRIM - Centro de Estudos em Criminologia. O que difere de uma unidade para outra é que a P2 tem dois detentos com nível superior, sendo que um deles é de nacionalidade brasileira e está detido em Portugal. Considerando essa informação, a variável escolaridade torna praticamente iguais os valores entre países; e referente ao analfabetismo, percebe-se 2% dos participantes na P1 e 1% na P2, sendo isso de relevância, pois se pode entender que a escolaridade não limita a formação de personalidade e nem a entrada na criminalidade, conforme afirma Costa (2008).

1ª Tatuagem - Idade	Freq.B	%B	Freq. P	% P	Total	% Total
11-17 Anos	55	55%	37	37%	92	46%
18-28 Anos	38	38%	49	49%	87	43.5%
29-48 Anos	07	7%	11	11%	18	9%
49-55 Anos	01	-	02	2%	03	1.5%
Média	19.11		21.79			
Desvio Padrão	6.70		7.50			

Tabela 6 - Idade da Primeira tatuagem

Na Tabela 6, visualiza-se com quantos anos os 200 participantes realizaram a sua primeira tatuagem, dessa forma ajudando a entender os acontecimentos anteriores à prisão.

Verifica-se também que a média na faixa etária para a produção da tatuagem é de 19,11 anos (P1) e 21,79 anos (P2), observando com isso que na P1 os participantes manifestaram ter realizado a sua primeira tatuagem com 19 anos aproximadamente, corroborando com a visão geral da tabela na concentração de 11 a 17 anos.

Devido ao alto índice da produção de tatuagens na adolescência, optou-se por apresentar um panorama para desse modo entender se tatuagem, adolescência e delinquência têm alguma relação com as escolhas futuras, ou seja, na idade compreendida dos 11 aos 17 anos.

No Brasil, é a partir dos 18 anos que o indivíduo atinge a chamada idade adulta (adulto jovem), e segundo o Código Civil Brasileiro, Lei 10.406 (2002), no Artigo 5º, “[a] menoridade cessa aos 18 anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil.” Assim, pode-se perceber na tabela referida que 55 dos detentos realizaram uma ou mais tatuagens fora da responsabilidade de seus atos civis, como determina a lei. Alguns estados brasileiros possuem estatutos próprios, e alguns aplicam leis sobre a confecção de tatuagem em menores, sendo necessário autorização dos pais para serem realizadas. Segundo Sumara Aparecida Marçal Soares (*cit. in* Eusébio 2012), Promotora de Justiça de Extrema-MG, a tatuagem pode configurar um crime de lesão corporal: “A tatuagem constitui forma de lesão corporal, de natureza deformante e permanente. Menores são incapazes juridicamente para consentir no próprio lesionamento, donde absolutamente ineficaz sua manifestação, à revelia dos pais”.

Em Portugal, a maioria inicia aos 18 anos de idade completos. Segundo o Código Civil Português Decreto-Lei n.º 47344, de 25 de novembro de 1966, no Artigo 122º: “É menor quem não tiver ainda completado dezoito anos de idade” e, no Artigo 128º: “Em tudo quanto não seja ilícito ou imoral, devem os menores não emancipados obedecer a seus pais ou tutor e cumprir os seus preceitos”. No entanto, para Portugal a idade mínima sem autorização dos pais e/ou responsáveis para realizar uma tatuagem é de 16 anos de idade. No caso dos 32 detentos da P2, 9 deles declararam ter feito as tatuagens com tatuadores por eles considerados profissionais, porém sem autorização. Na P1 somente dois relataram ter solicitado autorização aos pais ou responsáveis.

Nas entrevistas, muitas falas nos levam a entender que essa amostragem da idade de 11 aos 17 anos, que soma entre as duas penitenciárias 87 pessoas, ou 43,5% dos pesquisados, determina compreender as suas vivências antes de estarem efetivos na Penitenciária após atingir a maioria. Na P1, as respostas sobre a primeira tatuagem foram: “*vivia na rua*”²², “*vivia em abrigos para menores infratores*”, “*já vivia no crime desde cedo*”, Os

²² Usaremos nas fontes o *itálico* e “entre-aspas” como opção a destacar as respostas dos detentos às entrevistas daquilo que são outro tipo de citações.

demais entrevistados relataram: *“um amigo queria testar a maquinha dele daí fiz para ajudar”*, *“eu queria aprender a fazer tatuagens, mas não deu certo”*, *“eu estava drogado e embriagado quando acordei já era”*, *“eu e meu amigo bebemos e fumamos daí fizemos”*, *“fiz para homenagear minha mãe, daí tatuei o nome dela”*, *“estava triste porque meu irmão havia morrido, daí fiquei rebelde, fiz duas num dia só!”*. Sendo que as respostas na P2 não se distanciaram muito da P1: *“fiz escondido da minha mãe”*, *“já vivia na bandidagem e ser tatuado fazia parte!”*, *“fiz para ajudar um colega que queria ser tatuador”*, *“estava drogado e eu meu amigo fizemos, eu fiz nele e ele em mim”*, *“estava no abrigo para menores, fiz lá mesmo, eu fiz em mim!”*, *“estou em instituição desde os 06 anos, fui abandonado, roubo para sobreviver, acha que alguém ia me impedir de fazer uma tatuagem?”*, *“estou desde os 11 anos no crime, fiz a primeira na casa de um amigo”*, *“eu inventei a maquininha com prego e fiz em mim”*, *“estava revoltado com a morte de duas pessoas que gostava, daí fiz para mostrar que sou forte”*, *“fiz em mim todas as tatuagens que possa ver”*.

Observa-se que esses entrevistados viviam em uma situação de vulnerabilidade, praticando rebeldias próprias (ou conhecidas) da idade de adolescente, além do uso de drogas e álcool, tendo alguns já transgredido as leis e sido detidos em abrigos para menores infratores. Estes fatores são perceptíveis nas duas unidades pesquisadas, corroborando os fatores que influenciam a entrada no mundo do crime (Fernandes e Fernandes, 2010).

Os adolescentes, particularmente, são vulneráveis às pressões exercidas pela sociedade, absorvendo com mais facilidade as convenções estabelecidas por grupos de pessoas e amizades que estejam relativamente ao contrário do que é certo, tendo sido observado neste grupo de detentos que muitos realizaram as tatuagens com amigos numa altura de vulnerabilidade familiar e na própria idade de se descobrir como mais um na multidão, isto é, com necessidade de serem aceitos em seus grupos de pares. Assim, a tatuagem é mais uma forma comunicativa neste corpo que grita para ser visto e aceito, misturando-se com as possibilidades e a adrenalina de ter feito algo transgressor perante a família e a saúde.

Nas respostas pode-se observar, ainda, uma total falta de preocupação com o que era tatuado ou com a dimensão que isso poderia acarretar ao nível da transmissão de doenças, sofrer algum tipo de preconceito social para o trabalho ou relacionamentos familiares e amorosos, como ter feito qualquer desenho no seu corpo, assim marcando-o para sempre.

Todos declararam ser as tatuagens “caseiras”, ou seja, feitas em ambiente não profissional e com tatuadores aprendizes. Os entrevistados não souberam responder quais as tatuagens (os desenhos) que fizeram nesta faixa etária. Outro problema referido por eles era o fato de não haver condições de higiene na feitura das tatuagens, assim adentravam um setor perigoso de realizar tatuagens em locais não seguros, como as contaminações e riscos de transmissão de HIV, hepatite B, C e tétano; e formação de queloides e eczema (Lise *et al.* 2010).

Nº Tatuagem	Freq.B	%B	Freq. P	% P	Total	% Total
Fora da prisão	433	37.29%	744	55%	1.177	72.83
Na prisão	157	36.25%	282	37.90%	439	37.29

Tabela 7 - Números de tatuagens

Para realizar esta Tabela 7, os entrevistados tiveram que responder à primeira pergunta (quantas tatuagens possui?) para chegar à segunda (quantas tatuagens realizou na prisão?). É certo que a resposta à primeira questão foi mais fácil para os detentos, até porque a pergunta diz respeito a quantas tatuagens realizaram antes do encarceramento. Antes do encarceramento, entende-se as nomeadas na Tabela anterior sobre a *primeira tatuagem*, pois o montante da Tabela 6 está agregado nesta Tabela 7. Já para a segunda pergunta, acredita-se que o resultado é aproximado, porque os detentos realizaram as mesmas em um ambiente onde há proibições para tal.²³ Tatuagem dentro da prisão é algo comum, sabe-se que isso acontece, mas não há um controle absoluto sobre essa prática

²³ Esta afirmação está pautada no Estatuto Penitenciário, normativas internas das prisões, que tatuar é proibido devido as implicações de higiene, saúde e contraversão.

dentro das penitenciárias. As punições são relativas e variam de prisão para prisão, como, por exemplo, o tatuador e o tatuado ficarem em cela disciplinar.

Observando a Tabela 7, percebe-se que em números de produção de tatuagens realizadas “fora da prisão” e “na prisão” a concentração maior está na P2, apontando com um índice acima de 50%. Nesta tabela, podemos constatar que o estabelecimento penal de Portugal apresenta um resultado superior nas duas situações, tatuagens realizadas dentro da prisão e fora dela, onde há um percentual de 58,29% de diferença deste estabelecimento para o estabelecimento penal do Brasil, um resultado significativo que exterioriza os efeitos da visão preconceituosa que subsiste na cultura brasileira. Porém, é interessante cruzar essa informação com a variável *primeira tatuagem* que aponta para as tatuagens produzidas antes dos 18 anos, as quais estão em evidência na P1 e deste modo observando as respostas dos participantes atreve-se concluir que o índice da vida pregressa dessa amostragem está concentrado no Brasil, pois também a dimensão territorial de ambos os países é extrema. Quando descritos os dois ambientes da pesquisa, viu-se a diferenciação entre ambos. Essa diferenciação está ligada não só na questão geográfica dos países, onde as populações carcerárias são consideradas altas, mas também no formato de controle de segurança que são diferenciados entre as prisões dos dois países. Enquanto que no estabelecimento penal do Brasil os detentos não têm a possibilidade de se reunirem sempre, no estabelecimento penal de Portugal os detentos têm um maior contato uns com os outros. Esta situação, a que se adiciona o controle diferenciado na segurança, pode inibir, sobremaneira, a produção de mais tatuagens.

Observou-se na P2 que o número de tatuagens no corpo dos detentos é maior que na P1. Lembro aqui que no Brasil a questão preconceituosa da tatuagem é exacerbada, havendo por isso mais cuidado na realização de tatuagens, conforme a reportagem já publicada em 2016 no *Correio do Estado*²⁴. Nas entrevistas, os detentos declararam que conheciam o preconceito acerca dos tatuados e tatuadores. Porém, isso foi mais acentuado nos

²⁴ <https://correiodoestado.com.br/correio-b/tatuagens-em-%E2%80%9Clocais-estrategicos%E2%80%9Dbr-revelam-que-preconceito-ainda-existe/276854>

entrevistados brasileiros, já nos entrevistados portugueses há a impressão que esse fato em relação ao preceito, não se aplica. Assim, esses montantes são possíveis estarem direcionados a estética, homenagens e outros, sendo comuns, também, na população geral que faz alguma tatuagem, como também aquelas que possuem o estigma prisional.

Mesmo no isolamento, os detentos criam uma nova rede de sociabilidade interna e o seu afastamento do mundo externo amplia essas redes. A tatuagem ainda é comum na prisão, e para ela se manter nesse ambiente, os detentos têm cuidado em mantê-la longe da vigilância e do controle sobre essa situação (Paredes, 2003). Para Paredes (2003), a própria forma de tatuar do tatuador de cadeia vai influenciar no desenho escolhido; uns são mais rápidos, outros mais simples. Santos e Dias (2016, p. 39) acrescentam: “Assim, de uma forma hierarquizada, estabelece-se todo um sistema de trocas, que não se limita somente aos bens materiais, mas também ao apoio mútuo, a fuga às regras, criando um suporte simbólico de solidariedade”. Para Chaves (2012), a própria logística de controle e vigilância faz com que o tatuador de cadeia consiga aumentar a sua criatividade e criar novos grupos de “clientes”. Alguns detentos ficam “na espreita” para ajudar no anonimato, havendo por isso fatores que fazem a tatuagem ser produzida de forma calada, porém necessária para que o serviço seja cumprido. Mesmo com todo o aparato formal de segurança existente em uma penitenciária, não é possível exercer um controle total sobre as automarcações pois o corpo é o *locus* e passa a ser a única “coisa” que ainda pertence ao detento: a posse de si, como afirma Schrader (2000), autor que comunga da ideia que o corpo, em especial a pele, é uma afirmação do domínio do Eu sobre a carne.

As tatuagens realizadas no interior das prisões são de fácil reconhecimento, porém, não se pode afirmar que as tatuagens não profissionais tenham sido realizadas na prisão; muitas foram feitas em outros ambientes já descritos na variável *primeira tatuagem*. No entanto, as pesquisadas, e afirmadas pelos participantes de terem sido feitas na prisão, seguem algumas características como: são monocromáticas, com riscos mais grossos e não bem definidos, como se fosse uma arte *naif* (Cf. Anexo 1, Figura 19).

Como se pode observar na Figura 19 (Cf. Anexo 1), existe na tatuagem um “amadorismo” devido ao equipamento artesanal utilizado e essa prática tem problemáticas que incidem sobre a integridade, a segurança e a saúde dos detentos. Os materiais para realizar as tatuagens são precários e criados pelos próprios detentos (Cf. Anexo 1, Figura 20).

A maioria dos equipamentos são produzidos na prisão, como bem descrevem Dias e Santos:

As tatuagens são realizadas com equipamentos rudimentares, geralmente uma máquina artesanal, improvisada, que é construída pelos próprios reclusos/tatuadores. A máquina é constituída por um motor elétrico (vulgarmente retirado de qualquer pequeno rádio, consola ou leitor de CD), ao qual é acoplado um invólucro plástico (de uma esferográfica). A tinta utilizada é da própria esferográfica e a mola de um isqueiro é utilizada para instilar a tinta na derme. (Dias e Santos, 2016, p. 38)

O aspecto mais preocupante em realizar as tatuagens com esses materiais está na disseminação de doenças devido ao contato com o sangue, podendo transmitir o HIV/SIDA, as Hepatites B e C, o tétano, sendo riscos de contração dessas, além da tatuagem, pelo uso de drogas ilícitas por seringas, exposição ocupacional, uso compartilhado de objetos pessoais, como alicate de unha e lâmina de barbear (Lise *et al.* 2010). Estes fatores de risco são considerados relevantes na população carcerária de forma ampla.

Relação da tatuagem com o delito	P1	P2
Penitenciárias	0	0

Tabela 8 - Tatuagem/delito

Sabe-se que as tatuagens têm um significado para o tatuado. Nas pesquisas consultadas, verifica-se que a questão da tatuagem estar associada ao crime vem sendo cada vez mais investigada. Como exemplo, o Governo do Estado da Bahia, juntamente com a Secretária de Segurança Pública e o Tenente José Alden Silva, publicaram em 2012 a Cartilha de Orientação Policial “Tatuagens: desvendando Segredos”, justificando que a cartilha tem

o objetivo e dar subsídios aos policiais de segurança, explicando algumas características das tatuagens, mas principalmente aquelas que estão nos corpos de alguém que já cometeu algum crime, pois “no momento da abordagem policial podem oferecer dados referentes ao suspeito, sendo assim, facilitando o sucesso da operação e salvaguardar a integridade física dos policiais” (Silva, 2012, p. 11).

Em seu estudo, o Tenente separou tatuagens e presos, e com isto trabalhou com a associação, observando qual tatuagem é utilizada pelo detento que praticou tal crime, e com o histórico criminal as relacionou. Essa pesquisa nos ajudou nas interpretações das tatuagens, pois é um material advindo da experiência de alguém que teve esse convívio efetivo com a criminalidade.

Outro exemplo é o estudo realizado por Santos e Dias (2016) em uma unidade prisional no Porto, os quais entrevistaram 19 detentos e constataram que 5 deles afirmaram que a tatuagem tem uma ligação com o delito. Para os entrevistados desta pesquisa, não se obteve uma resposta positiva para esta questão, até mesmo porque existia um distanciamento entre o entrevistador e o entrevistado e uma possível “resistência” de relatar algo que pudesse ser utilizado contra eles, o que a meu ver é natural devido ao ambiente em que se encontravam. Dos 200 entrevistados, todos responderam que a tatuagem realizada não tem ligação com seu delito, sendo as respostas mais comuns “fiz porque gosto”, aparentando mais ser a tatuagem vinculada à sua identidade e à sua forma de expressar-se do que realmente ser algo para se classificar ou comprovar.

Categorias	Freq. B	%B	Freq. P	% P	Total	% Total
a) Relacionamentos e família	71	71%	88	88%	159	41.84
b) Religião e Espiritualidade	25	25%	43	43%	68	17.89
c) Auto-afirmação e identidade	51	51%	50	50%	101	26.57
d) A prisão	9	9%	21	21%	30	7.89
e) Entretenimento	6	6%	16	16%	22	5.78
f) Totais	162	98.30%	218	99.97%	380	99.97

Tabela 9 - Tatuagem Significativa – categorias

Compreendendo que a tatuagem tem uma ligação estética e emocional com o tatuado, e esse a utiliza como comunicação, pautada portanto na motivação pessoal, será por meio do desenho na epiderme que ele irá expor seus mistérios, suas emoções e suas histórias. Sendo assim, acredita-se que a análise de conteúdo levará à compreensão dos significados pessoais de cada indivíduo. Tendo isto em consideração, optou-se em categorizar as tatuagens. As categorias e subcategorias foram elaboradas por meio das entrevistas, assim, fazendo um cruzamento com as respostas que os mesmos deram para tal escolha.

Referente à Tabela 9, os números apresentados são as quantidades de tatuagens encontradas e subdividas em cinco categorias. Essa opção apresentou-se como pertinente pois como foi exposto na Tabela 7, a qual apresentou o número de tatuagens encontradas nos participantes (1.616 tatuagens), acreditou-se ser necessário restringir esse em montante de 380 tatuagens, ou seja 23,51%. Na Tabela 9 pode-se observar que 57,36% (218) das tatuagens estão concentradas na P2, sendo que na categoria (a) Relacionamentos e família (subcategorias: filhos, pai, mãe, esposas, companheiras, namoradas e ex, parentes: avós, irmãos e primos) estão os maiores números de tatuagens encontradas, com 159 tatuagens direcionadas à família e/ou relacionamentos, o que acentua a motivação dos participantes em homenagear e ter posse da pessoa (na próxima tabela demonstra-se a relação com familiares). A diferença entre as duas unidades é de 17% a mais para a P2, o que demonstra que os detentos nesse local possuem uma relação familiar mais interativa ou a expressam mais do que os outros participantes. Esta relação pode estar associada com a forma de convivência estabelecida entre os detentos antes, durante e depois da prisão com seus familiares e relacionamentos e, também, pelos países pesquisados possuírem formas diferenciadas em estabelecer suas relações sociais. Na categoria (b) Religião e Espiritualidade (subcategorias: misticismo e religião), concentra-se na P2 o total de 18% a mais que na P1, o que pode demonstrar que a relação com crenças religiosas ou místicas tem menos importância para os detentos da P1, ou simplesmente não se interessam com tatuagens relacionadas com a espiritualidade. Sobre essa motivação, na P2 pode-se se reportar a própria história de Portugal, pois é um país majoritariamente religioso em que mais de 7 milhões de habitantes se declararam católicos (Censo 2011), o que equivale a 67% da população portuguesa; enquanto que no

Brasil o *rol* de religiões é inúmeras e assim não motivando os detentos com questões relacionadas a religiosidade. Isto resulta inclusive na forma de construção das relações sociais e acaba por estar relacionado com a baixa taxa de tatuagens associadas à família, como ocorreu com os detentos entrevistados no estabelecimento penal no Brasil.

Na categoria (c) Auto-afirmação e Identidade (subcategorias: Eu e força) tem-se um índice relativamente igual, com diferença de 1% na P1, o que demonstra que em ambas as unidades os internos têm as mesmas necessidades de reconhecimento com as suas marcas, pois no cárcere se perde a identidade e passam a ser chamados por números, e tatuar a marca os leva a lembrar de quem são. Na categoria (d) A prisão (subcategorias: reclusão, liberdade, conflitos com a segurança do Estabelecimento, armas) encontram-se 28% das tatuagens da amostragem, o que desmitifica (nos 200 participantes dessa pesquisa), ou se deduz, que as tatuagens realizadas no ambiente prisional não demonstram, ou não são informadas por eles de estarem ligadas com a criminalidade. Nessa categoria, tentou-se encontrar se essas tatuagens estão ligadas ao delito, o que declaradamente 100% dos participantes afirmaram não estar (Tabela 7).

Porém, algumas tatuagens são conhecidas como sendo “de cadeia”, aquelas que a própria polícia e o *staff* das penitenciárias consideram ser feitas por criminosos, como frases e símbolos, entre outras. Na tabela 9, observa-se que 21 tatuagens foram encontradas no P2, ou seja, 41% a mais que a P1, no entanto, quando se analisa o índice de criminalidade entre Brasil e Portugal, sabe-se, devido à dimensão territorial e números de habitantes, o Brasil dispara no *rank*. Pode-se assim concluir que no Brasil possa existir um “cuidado” maior com essas tatuagens por parte dos criminosos, pois sabe-se que no interior das penitenciárias há muitos integrantes de facções criminosas, como no caso da P1 a qual tem detidos pertencentes a uma das facções mais conhecidas do Brasil. Assim, as chamadas de tatuagens “de cadeia” podem estar camufladas, ou migradas com novas simbologias ainda a serem descobertas.

O que se expôs deriva do fato de ter encontrado algumas tatuagens, como, por exemplo, “*fuck the police*” (P2) na testa de um detento, o que leva a crer que quando ele entrou no

sistema prisional não a tinha e no outro dia lá estava (segundo declaração em entrevista). Essa demonstração de “coragem” por parte desse detento, possivelmente no Brasil não teria passado “despercebido” pelo sistema prisional.

Na categoria (e) Entretenimento (subcategorias: diversão, jogos, consumo de drogas e substâncias) encontra-se novamente o P2 com 37% a mais que a P1. Essa categoria foi interessante, porque nela aparece uma tatuagem considerada “de cadeia” muito emblemática que é o Palhaço²⁵, e os detentos declararam que era uma diversão: “*sou muito brincalhão*”. Assim, pode-se dizer que os detentos conhecem todo o estigma que permeia essa tatuagem como também muitas outras analisadas. Novamente aqui, retoma-se a questão preconceituosa sobre as tatuagens que há no Brasil e até mesmo o cuidado de fazer algumas tatuagens por parte de pessoas que têm histórico criminal. Existe na internet vários *sites* sobre tatuagens que são bem claros quando anunciam: “*Antes de fazer uma tatuagem saiba os significados das tatuagens de cadeia*”, ou “*Cuidado com as tatuagens, na abordagem policial podem te complicar*”.

²⁵ Será explicado nas análises, próximo capítulo.

Capítulo V – As análises das Tatuagens a partir das simbologias e das entrevistas: tatuagens iguais, motivos diferentes? (Brasil/Portugal)

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 8), “o símbolo vivo, que surge do inconsciente criador do homem e de seu meio, preenche uma função profundamente favorável à vida pessoal e social”, e de fato também as diferentes situações vividas dentro da prisão fazem com que os detentos ocupem seu tempo com diferentes tarefas, muitas legais e outras ilegais. Deste modo, novos padrões de tatuagens vão surgindo como símbolo vivo e comunicativo.

Neste sentido, a cultura está vinculada pela literatura técnica escolhida que referencia o corpo, a comunicação e a identidade, cuja ideia é revelada no conhecimento diversificado dos temas das tatuagens no decorrer deste capítulo ao examinar a associação entre cultura-corpo-tatuagem.

Na Tabela 10, observa-se as categorias e subcategorias encontradas por meio das entrevistas. Essa divisão possibilitou a interpretação e mensuração das tatuagens. As categorias foram elaboradas seguindo as diretrizes da metodologia de Análise de Conteúdo a qual destina-se a classificar e categorizar qualquer conteúdo, podendo, assim, reduzir as características em elementos-chaves e agregando outros elementos encontrados (Carlomagno e Rocha, 2016).

Deste modo, para melhor organização das tatuagens, elaborou-se um conjunto de categorias por meio das quais se tornou possível dimensionar a valorização dada pelo tatuado à sua tatuagem, ligando os dois numa relação individual e comunicativa pois *o corpo é meu e faço o que eu quero*, seja ele aprisionado ou não.

Na tabela 10, foram divididas as tatuagens de acordo com as quantidades colhidas em cada instituição, onde B (Brasil) e P (Portugal).

	Categorias Iniciais	Subcategorias	Tatuagem	B	P	Motivação
1	FAMÍLIA E RELACIONAMENTOS	Filhos	Nome	22	35	Sentimento de estar perto mesmo estando longe – Posse/amor/saudade
			Data de Nascimento	1	10	Importância ao evento nascimento/esquecimento
			Retrato	1	3	Lembrar do rosto do filho, carinho
			Horário de Nascimento	1	5	Pontual
			Estrelas	2	17	Fonte de luz-vida
			Cardiograma	0	2	Sentimento de ouvir o coração – amor-posse
		Pai	Nome	4	5	A importância de seus ensinamentos e amor e respeito, homenagem e gratidão
			Frase	0	1	
			Retrato	0	2	
		Mãe	Nome	13	9	A mulher mais importante em minha vida – posse/amor/alicerce
			Retrato	0	2	Homenagem gratidão e respeito
			Frases, Palavras (mãe)	7	2	
			Lágrimas	0	4	Morte, perda
			Diamante	1	2	Valor
		Parentes: avós, primos,	Nomes	3	21	Saudades posse/amor/gratidão/homenagem, Santificar morte, perda, solidão
			Palavra família	0	3	
			Lágrimas	0	2	
			Retratos	1	5	
		Espos a(ex) Namor ados	Coração	7	4	Homenagem Amor eterno, arrependimento homenagem a toda a família,
			Nome esposa - ex	7	9	

			Namorada - ex	6	1	incluindo lado materno e paterno
2	ESPIRITUALIDADE	Religião	Cruz	3	5	sofrimento
			Jesus Cristo	6	4	fé, proteção, crente, oração, devoção, ligação com alguém
			Terço/Rosário	1	6	
			Santas	3	2	
		Misticismo	Demônio/Diabo	0	3	Maldade
			Mago	4	0	Feitiçaria, alquimia
			Morte com Foice	1	2	Provação, defesa, certeza Sabedoria, proteção, dualidade
			Olho-Egípcio	1	4	Esperança
			Yin-Yang	2	2	Energia/vida
			Fênix	2	1	
Sol/Lua	5	1				
3	AUTOAFIRMAÇÃO, IDENTIDADE	Força	Águia	1	1	Força, poder Fidelidade
			Cachorro	2	7	
			Tribal	34	19	
			Carpa	10	8	Objetivos, orientação, Sabedoria, proteção
			Dragão	13	10	
			Aranha	2	0	Destino, prosperidade Disciplina
			Samurai	1	1	
		EU	Escorpião	5	5	Meu signo
			Gêmeos	1	1	
			Nome próprio	7	10	Identificação, minha marca, inicial do nome, representa alguém
			Código de barra e	0	1	
			Letra	7	6	
		4	A PRISÃO	Reclusão	Algemas	1
Arame farpado	1				2	

5	VÍCIOS E ENTRETENIMENTO	Liberdade	Asas	1	1	Fora dos mundos da prisão	
			Frase “Vida Loka”	4	5	Vida na criminalidade, Homenagem à criminalidade	
			Tocha – Estátua	1	1		
		Conflitos com a segurança do Estabelecimento	Frases “COP KILLER”, “Só Deus Pode Me Julgar”, “FUCK CHIBOS”	0	1	Ódio, responsabilidade para outro, delatores	
				1	5		
				0	1		
			Pontos na mão	1	2	Estigma	
			Escudo	1	1	Proteção, revolta	
			Bomba	1	1		
			Caveira	7	6		
		Armas	Espada	2	2	Preferência com armas	
			Mexicana	1	1		
			Faca	1	0		
			Revolver	1	2		
		Consumo de Substância	Folha da Cannabis	1	3	Identificação do consumo	
			Jogos	Bilhar	2	0	Preferência de jogos Vício em Jogos Jogatinas Figura que pode tudo no Baralho
				Cartas	1	5	
Dados	1	1					
Coringa	1	2					
Diversão	Música	3	2	Banda de rock favorita			
	Mulher nua	3	3	Sexo			
	Palhaço	6	4	Brincar com o outro			

Tabela 10 - Categorias da Tatuagens

1. Família/Relacionamentos

Na categoria Família/Relacionamentos (Tabela 10) encontrar-se em ambas as prisões pesquisadas um número significativo de tatuagens, e isto coloca essa categoria como a principal e a mais vasta.

1.1 Nomes

Nesta categoria classificou-se as tatuagens com os nomes das pessoas que os detentos julguem ser importantes, alguns são nomes de filhos, outros dos pais, e também de parentes ou de seus relacionamentos conjugais.

Observa-se, na Tabela 10, que os nomes dos filhos aparecem em 57 tatuagens entre Brasil e Portugal. As motivações para realizar estas tatuagens, segundo os detentos, são equivalentes nas duas penitenciárias, percebendo-se desse modo a importância dos filhos na vida desses presidiários.

Em relação à simbologia de possuir um nome no corpo, isso nos remete ao estar em contato, estar perto ou possuir. Chevalier e Gheerbrant (2009) nos explicam que

[o] nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo, ele é carregado de significação, escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa faz-se com que ela viva ou sobreviva, o que corresponde ao dinamismo do símbolo, o conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa: aspecto mágico, liame misterioso do nome. (Chevalier e Gheerbrant, 2009, p. 641)

Assim, o nome dos seus entes tatuados no corpo (Cf. Anexo 1, Figuras 21 e 22) é uma chamada à existência desses, em momentos de total reclusão, é uma invocação à presença da pessoa, é possuir mesmo estando longe, é o poder de exercer domínio sobre a pessoa.

E6 – 25 anos – P1. “Os nomes dos filhos é a tatuagem mais importante porque é uma forma de expressar meu carinho por eles e estar com eles sempre”.

E59 – 35 anos – P1. “O nome da minha filha é a tatuagem mais importante para mim ela morreu quando tinha 4 anos e hoje teria 10 anos e eu tenho muitas saudades dela é uma recordação, assim está sempre comigo”.

Nestas respostas, percebe-se a relação da tatuagem com o nome dos filhos, e há um entendimento de uma necessidade de proximidade, pertencimento, pois o encarceramento e a ociosidade dos dias os privam de uma vivência efetiva. Por outro lado, fora da prisão muitos não têm o contato efetivo com os filhos; ou pelo filho ter falecido, ou separados do convívio por fatores conjugais; e no cárcere acabam por descobrir ou aumentar a importância da vivência, ou de não terem “aproveitado” melhor o tempo com eles. Assim, segundo os entrevistados, ter o nome dos filhos tatuados no corpo é a forma mais eficaz, quando está no interior da prisão, de demonstrar amor, proximidade, saudade e de homenageá-los.

Ainda com os nomes dos filhos, encontramos a data de nascimento. Essa tatuagem entre os entrevistados ficou mais evidenciada na P2, com 10 tatuagens, sendo talvez menos importante para os detentos da P1 questões relacionadas com a data. Ainda assim, o nome e a data têm uma ligação próxima e individual, como o próprio “nome” sugere. Colocar a data do nascimento do filho junto com o nome representa a importância dada ao momento da natalidade do filho, o que demonstra a afetividade e vínculo. Quando observa-se a grafia das letras, percebe-se que a escolha das mesmas são com fontes especiais, o que enaltece o nome e valoriza ainda mais a função da tatuagem.

Na figuras 23 e 24 (Cf. Anexo 1), ainda vamos encontrar mais elementos adicionados ao nome, como a representação do cardiograma, que nos remete aos batimentos cardíacos do filho.

E20 – 35 anos – P2. “Claro que mais importante são aquelas com o nome do meu filho com a datas de nascimento, por que representa que ele está sempre comigo, não esqueço dele nem um só minuto, e o cardiograma é mesmo o dele quando nasceu!”.

Nestas respostas, pode analisar-se a importância dada ao evento do nascimento. Neste momento de reclusão, os motivos que os aguardam fora dos muros passam a ser algo que os motiva a continuar vivendo, e os filhos incitam a esse sonho da liberdade. O sentimento e a carga emotiva nas respostas demonstram a necessidade de sair desse processo de encarceramento, e uma angústia de sobrevivência que produz, também, o medo do esquecimento: homenagear para não esquecer o nome e a data de nascimento. A tatuagem com o nome, a data de nascimento e o cardiograma representa bem a emotividade da resposta e o orgulho de tê-la feito: *são os batimentos cardíacos do meu filho mesmo!*

Ainda sobre os filhos, uma tatuagem foi encontrada na P2 como diferencial: com a data de nascimento, o horário, os quilos e os centímetros dos filhos no momento do seu nascimento. Nesta tatuagem (Cf. Anexo 1, Figura 25), observa-se a preocupação do detento em marcar os detalhes da certidão de nascimento. Interessante, também, é que o nome dos filhos não foi tatuado, dando importância a outros detalhes menos comuns nas tatuagens. A opção em não colocar os nomes dos filhos pode estar relacionada ao anonimato e preservar a identificação dos mesmos.

E80 – 20 anos – P2. “A tattoo com o horário do nascimento dos meus filhos, os quilos, os centímetros deles, tem um significado muito importante, todo dia quando olho a tatuagem lembro da felicidade do nascimento, e também queria fazer algo diferente, todo mundo põe o nome, esse não esquecemos mas o resto sim.”

Na figura 26 (Cf. Anexo 1), há outros elementos adicionados ao nome do filho: as estrelas, que para Chevalier e Gheerbrant (2009) têm o significado de fonte de luz.

E82 – 32 anos – P2. “Tatuei estrelas com o nome do filho junto, que mostra o quanto ele ilumina a minha vida”.

É perceptível que alguns detentos têm conhecimento das simbologias de algumas imagens, pois quando respondem “...iluminam a minha vida” se remetendo às estrelas evidenciando isso e, assim, dando importância ao filho e o associando a algo que está sempre com luz e orientação. A própria caligrafia escolhida para fazer a tatuagem tem

diferencial: todas as letras estão em maiúscula e a fonte cursiva escolhida aumenta a importância nos detalhes.

1.2 Retrato

Tatuagens com o retrato dos filhos foram encontradas somente na P2. Nas figuras 27 e 28 (Cf. Anexo 1), podemos ver as duas versões, uma com o nome da filha, a mão, o pé e o retrato; e a outra somente com o retrato com estrelas.

Estas imagens são carregadas de emoções e vivências, e atribuem no corpo, identidades, e formas de como vivem. O que fica em evidência é o valor de sua história, pois é no desenho escolhido que estão representados os sentimentos, o desejo de reviver eventos e, poder senti-los. No caso destas tatuagens, os detentos as realizaram em momentos de total cumplicidade com o evento: tatuar o retrato, pé, mão e nome não só emite um valor de pertencimento, mas também o de eternizar o momento. Percebe-se na tatuagem da figura 27 (Cf. Anexo 1) a riqueza dos detalhes, porém o nome escrito em vermelho com algumas manchas na mesma cor dá a impressão de sangue. Nos relatos percebe-se o orgulho de tal tatuagem.

E28 – 30 anos – P2. “A tatuagem que mais gosto é o que tem o retrato de minha filha - rosto, pés e mãos, fiz por amor e para estar sempre perto dela. Tenho mais de 20 tatuagens, mas essa nem doeu, porque é minha filha, quis representar o amor que tenho por ela”.

1.3 Pai

Outra subcategoria analisada é a do pai. Em ambas as penitenciárias o nome do pai foi pouco mencionado, existindo uma relação de desproximidade. Principalmente na penitenciária pesquisada no Brasil, uma percentagem alta se recusou a falar da relação paterna, colocando a figura da mãe com maior expressividade. Na P1 (Cf. Anexo 1, Figura 29) é possível verificar na amostragem que 91% dos detentos não tiveram, ou

tiveram pouco contato com a figura paterna, trazendo dificuldades ao sujeito de compreensão da importância da figura paterna ou ainda a negação desta para sua vida (Serviço Social P1). Já na P2 (Cf. Anexo 1, Figura 30) o nome do pai apareceu diversas vezes no relato dos detentos, sendo o tratamento com a figura paterna com mais carinho, e passando a impressão de dar importância a sua presença.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o pai é símbolo de geração, da dominação e do valor. Ele também é a figura de autoridade, de chefia, professor e protetor, ele é co-responsável na procriação.

E6 – 26 anos – P2. “Tatuei o nome de meu pai porque sinto muita falta dele e isso me faz ficar perto sempre, meus pais são minha razão de viver ainda”.

E75 – 30 anos – P1. “Tenho escrito o nome de meu pai, nem sei se está certo, mas o tatuador aqui da prisão disse que é assim; meu pai foi muito importante na minha vida”.

Muito embora a figura paterna seja pouco mencionada, percebe-se que existe uma relação de dar importância, de respeito, gratidão e também como homenagem. Nas figuras 31 e 32 (anexo 1), observamos o carinho e a preocupação de evidenciar a situação de pertencimento: a frase dá a conotação da existência desse amor, enquanto que no retrato é perceptível a homenagem, como bem aparece nas respostas.

E90 – 23 anos – P1. “Depois que meu pai começou a me ajudar tatuei a frase para lembrar disso e agradecer sempre.”

E45 – 27 anos – P2. – “Tatuei meu pai para homenagear, agradecer e também tenho muito respeito por ele, ele sempre vem me visitar.”

1.4 Mãe

Outra tatuagem comum entre os presidiários é a de mães. Em ambas as penitenciárias os entrevistados salientaram se tratar de uma homenagem. Como aponta Bakhtin (2002, p. 147) “a palavra vai à palavra”, assim quando verbaliza ou lê-se a palavra *mãe* existe uma

carga emocional exacerbada, transmitindo uma aura de sagrado, de carinho, proteção, sendo também marca da posse e da conseqüente subserviência. É notória a devida importância dos detentos para com suas mães nas entrevistas e, também, o local do corpo onde escolheram para tatuar demonstra a importância pois muitas estão no lado esquerdo, onde se localiza o coração, ou nos braços, que têm relação com abraço e aconchego. Das 22 tatuagens dos participantes com o nome da mãe, 15 estão no lado esquerdo tatuadas (sobre o coração), 3 encontram-se no braço esquerdo, e 4 em lugares diferentes (Cf. Anexo 1, Figuras 33 e 34).

Em Chevalier e Gheerbrant (2009) o símbolo da mãe está ligado ao mar, pois são ambos receptáculos e matrizes da vida. A mãe é a figura que expressa segurança, que dá abrigo, amor, alimentação.

E5 – 23 anos – P1. “A mais importante é o nome de minha mãe porque o sentimento de mãe nunca acaba”.

E83 – 38 anos – P2. “Eu tatuei o nome de minha mãe no dia que ela faleceu, eu já estava na prisão, assim foi uma forma dela estar sempre comigo”.

1.5 Frases para a Mãe

Outra variação das tatuagens para as mães são as frases que demonstram a ligação afetiva de mãe e filho (Figuras 35 e 36, Cf. Anexo 1).

E98 – 25 anos – P1. “Fiz essa tatuagem com a frase - amor é só de mãe – porque é a única pessoa que realmente gosta da gente, mesmo estando preso ela me ajuda em tudo e ainda cuida de mim, a frase é para homenagear e mostrar o meu respeito por ela”.

E75 – 35 anos – P2. “Essa tatuagem é para homenagear a minha que já morreu, coloquei ao lado da frase Maria, mãe de Jesus, pois minha mãe era devota, e fiz em cima do coração, para manter-me vivo”.

Nas respostas, observa-se a necessidade de pertencimento do detento com a figura maternal, o qual a julga ser importante em sua vida. Tatuado uma frase sem mencionar o nome da mãe pode estar relacionado, também, em manter o anonimato, sem expor o nome a possíveis situações de identificação. A frase “amor é só de mãe” é uma frase inofensiva para os leitores, porém nas pesquisas realizadas pela Polícia da Bahia, Silva (2012) relata que essa frase dentro do sistema penitenciário é uma tatuagem que remete a homossexualidade. Assim, gera-se um preconceito entre os presidiários que muitas vezes obrigam o tatuado a práticas sexuais. Caso a frase esteja seguida de um nome, então é compreendido como um pedido de perdão para a mãe, assim os demais respeitam. Porém, na P2 não foi possível detectar se estas frases possuem a mesma conotação mencionadas por Silva (2012) até mesmo porque o número maior de tatuagens com essa frase apareceu na P1 (7) e somente duas na P2. Lembramos aqui que a população carcerária brasileira chega quase aos 800 mil, assim, é possível ter esta tatuagem diversas interpretações diante dessa população.

1.6 Lágrimas

No Presídio em Portugal, 4 detentos tem essa tatuagem de lágrimas, as quais relatam a morte da mãe, porém por essas estarem no rosto, os mesmos não autorizaram as fotografias.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 533), a lágrima é “[g]ota que morre evaporando-se, após ter dado testemunho: símbolo da dor e da intercessão”. Também na fala destes detentos se depreende uma forte carga emocional, verificando-se o testemunho que Chevalier e Gheerbrant comentaram, o qual remete para a dor da perda da mãe e consequente sofrimento, assim como para expressar a dor da morte ou o suplício de perdão.

E54 – 26 anos – P2. – “Tatuei as lágrimas no rosto para nunca esquecer que são para a minha mãe que morreu e eu já estava preso”.

E52 – 42 anos – P2. “a tatuagem da lágrima é a mais importante porque representa as lágrimas da minha mãe que sofre por eu estar preso”.

Nas respostas dos detentos, pode-se perceber que de alguma forma eles externalizaram, através dessa tatuagem, o sofrimento deles e de suas mães, sendo essa a maneira mais eficaz de demonstrar o sofrimento, como também uma forma de homenagear ou até mesmo marcar o sofrimento e a dor. Salienta-se aqui que os portadores destas tatuagens possuíam muitas outras, porém em seus relatos as lágrimas foram aquelas sobre as quais eles quiseram falar, sendo por eles consideradas as mais importantes. Tatuado algo no rosto é pôr à prova muitas questões, como por exemplo o preconceito e o estigma que algumas tatuagens possuem na interpretação policial. Assim, não se pode dispensar nesta análise o conhecimento policial. Para a Polícia ou Agentes Penitenciários, como Silva (2012) explica, a lágrima tatuada no rosto pode revelar muito acerca de quem é o detento. Se as lágrimas tatuadas estão abaixo dos olhos, representam a perda de pessoas próximas ao detento; uma única lágrima, por seu lado, parece conotar o sofrimento de estar preso e uma longa detenção; se a lágrima é só o contorno/vazia foi uma tentativa de assassinato não sucedida; por fim, pode ainda representar uma busca de vingança. Os próprios participantes declararam saber do que se trata tais tatuagens, porém declararam ser essas para as mães.

1.7 Diamante

Outra tatuagem feita para a mãe é o diamante (Cf. Anexo 1, Figura 37).

Este símbolo, para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 338), pelas “suas qualidades físicas, a luminosidade, revela perfeição [e] é símbolo da verdade e da sabedoria”. Assim, ao realizar a tatuagem com o diamante junto da palavra “mãe”, os detentos elevam essas questões e emitem um sinal de valor moral.

E95 – 28 anos – P2. “O diamante representa o quanto a minha mãe tem valor para mim, fiz já prisão essa tatuagem, e também elaborei o desenho para o colega tatuar”.

Na resposta acima, percebe-se que o detento elaborou a tatuagem com a intenção de enaltecer o valor que sua mãe tem para ele. Como é uma tatuagem feita na prisão, ela nos leva ao entendimento de que a mãe, por agora, é a pessoa mais importante, aquela que visita, que luta por ele fora dos muros da prisão, e neste momento de reclusão vem à tona a necessidade de expressar a gratidão ou até mesmo um pedido de perdão.

1.8 Retrato da Mãe

Ainda na subcategoria mãe, verifica-se que na P2 há tatuagens com o retrato da mãe (Cf. Anexo 1, Figura 38). Os retratos têm uma função memorial e identitária. Uma tatuagem com este símbolo é, nestes casos, um depósito de memórias e lembranças, uma posse sobre a imagem que em princípio nunca será esquecida. Assim, o símbolo do retrato se relaciona com o seu objeto, no caso a imagem da mãe, por estar intimamente ligado à materialização dele. Esta materialização é efetivada com a tatuagem, a qual passa a ser permanente na pele dessa pessoa.

E88 – 27 anos – P2.. “Tenho tatuado em mim, os rostos que considero importantes, esse é de minha mãe, isso me dá força na prisão, os outros presidiários respeitam isso com as mães, ela sempre esteve comigo nunca me abandonou”.

Observa-se nesta resposta a necessidade de estar próximo da pessoa que nunca o abandonou, e por isso a tatuagem transmite ao tatuado a posse e o alicerce, assim como a proteção e respeito com os demais colegas. Existe uma ligação íntima entre o tatuado e a sua tatuagem e as recordações da falta da pessoa cabendo a homenagem respeitosa.

1.9 Parentes

Outra subcategoria a ser analisada é a dos parentes: avós, primos, irmãos, tios (Cf. Anexo 1, Figuras 39 a 42).

Segundo o dicionário da língua portuguesa²⁶ “parente é pessoa que, em relação a outra(s), pertence à mesma família”. Assim essa aliança entre pessoas faz com que a convivência una mais com um familiar do que com outros, deste modo alguns presos se sentem nesta condição e por meio da tatuagem perpetuaram essa união.

E15 – 21 anos – P1. “Hoje eu perdi a única pessoa da minha família, minha avó morreu hoje, não tenho mais ninguém, tenho tatuado um diamante para homenageá-la”.

E35 – 36 anos – P2. “Todos os nomes são homenagem para a minha família por isso são importantes assim ficam mais perto de mim, quem participou da minha vida tem o nome no meu corpo”.

E43 – 26 anos – P2. “Depois da tatuagem de minha filha, tenho outra que considero muito importante, são 17 estrelas tatuadas, esse número representa o dia da morte de meu tio, que foi uma pessoa que me apoiava”.

É possível identificar nesta pesquisa que os detentos acabam por externalizar em seus corpos, através das tatuagens, a necessidade de se reaproximarem de pessoas que faziam parte de seu cotidiano anterior, demonstrando a necessidade de manter aquele vínculo que no presente se faz distante. Nestas respostas, pode-se compreender a ligação desses presos com sua família, sendo nela depositada a ligação possível além dos muros. Também a questão da posse é bem aparente nestas tatuagens, pois existe uma relação de proximidade e gratidão nestas pessoas, as quais eles resolveram homenagear devido a algum tipo de solidariedade concedida em algum momento da sua vida.

1.10 Palavra Família

Na categoria Família/Relacionamentos encontraremos também, em particular na P2, a palavra “Família” tatuada e seguida no conjunto de um terço católico que simboliza o sagrado dessa relação (Cf. Anexo 1, Figuras 43 e 44). A palavra Família vem do latim *famulus* ou *famuli* e segundo a sua etimologia quer dizer “o conjunto dos escravos da

²⁶ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/parente>

casa; todas as pessoas ligadas a qualquer grande personalidade; casa de família” (Gonçalves, 2003). Deste modo, pode-se entender que há uma relação dinâmica com o lar e com o pertencimento, que no caso destas tatuagens está ligada à inclusão e aceitação, como se percebe na entrevista realizada com os detentos, os quais relataram que, mesmo estando presos, a família os aceita e os apoia em suas decisões: “*é o meu alicerce*”. A colaboração da família é importante para o processo de reinserção social, pois ela é o elo entre a prisão e o mundo externo e muitas vezes essa atitude coloca a família também em uma condição de prisão (Silva, 2012).

E86 – 23 anos – P2. “Tatuei Love Family para declarar o meu amor por eles, estar sempre perto e unidos e também porque somos todos católicos coloquei o terço”.

E100 – 29 anos – P2. “A palavra família para mim significa tudo, é o alicerce é apoio, estão sempre me ajudando, me visitam, trazem as coisas que preciso”.

A variação da palavra com um terço demonstra a fé do tatuado em relação às suas crenças e também a santificação dada à família. A família, no caso, representa a motivação para seguir, é o alicerce e o apoio fora da prisão, a fé. Deve-se compreender a mudança dos hábitos familiares com o encarceramento, pois o tempo ocioso os faz pensar melhor em seus atos, e estes muitas vezes começam a ver a família de uma forma mais digna, levando, por vezes, o encarcerado ao arrependimento. Essa afirmação se dá e pode verificar anteriormente no início da pesquisa, a qual sintetiza a relação familiar, sendo que alguns entrevistados afirmaram que suas relações mudaram com o cárcere, e outros que esta situação de encarceramento não mudou o vínculo familiar, ou seja continua a mesma.

1.11 Esposas (ex), Namoradas (ex), Companheiras (ex)

É comum que na família do detento a esposa/companheira/namorada assuma um papel bem maior do que era para ser, assumindo todo o sustento familiar e a criação dos filhos, ajudando nas questões jurídicas do detento e organizando a ida dos filhos à prisão para

visitas, sem esquecer que muitas vezes os laços afetivos se rompem devido o encarceramento (Cf. Anexo 1, Figuras 45 a 48).

E45 – 30 anos – P1. “Quis fazer uma surpresa para a namorada e tatuei “Sandra eu te amo” junto com o retrato dela, ela é a pessoa que posso contar sempre, me ajuda em tudo até com advogado e tal.

E74 – 36 anos – P1. “Fiz as iniciais dentro do coração da minha esposa, hoje ex-esposa e me arrependo muito porque ela não mereceu o meu amor e nem esforço”.

É perceptível que os relacionamentos vão e vêm; nas respostas existe um apelo ao estar junto, mas ao mesmo tempo compreende-se o arrependimento. O coração representa o órgão vital e central e também a sede da alma e dos sentimentos, assim este símbolo está associado aos relacionamentos, e com uma flecha ele representa o cúpidos. Na resposta do E74, observamos essa dualidade: no princípio era algo propício ao momento, porém agora passa a ser o remorso da marca.

2. Categoria Espiritualidade

Nesta categoria analisaram-se as tatuagens relacionadas com algumas religiões e símbolos que chamaremos aqui de misticismo, devido à concentração de simbologias ligadas a religiões menos convencionais. Em ambas as penitenciárias encontrou-se um número significativo de imagens para essa categoria. Os símbolos cristãos serão mais evidenciados nas tatuagens.

A questão da religião nos presídios é algo que está relacionado com a redenção e ao interacionismo social, e essa interação é privilegiada pelo aspecto simbólico, pois é um reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade carcerária. Assim, os símbolos utilizados por esta comunidade estão relacionados com imagens que os identifique, assim não segregando-os. Deste modo, encontram-se símbolos cristãos que são tatuados com o objetivo de serem reconhecidos perante os demais membros da mesma crença configurando assim a sobrevivência entre os grupos. A realidade social dentro da

prisão está sempre sujeita às mudanças que são adversas, devido aos comportamentos exercidos pelos atores dessa vivência. Com isso, detectou-se uma necessidade de “redenção” e as imagens tatuadas têm uma carga emocional muito marcada. Como explica Eliade:

O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. (Eliade, 1991, p. 8-9)

Essas modalidades estão incrustadas na epiderme e revelam histórias e mudanças de comportamento religioso. Contudo, na prisão é depositada na religião uma conquista de benefícios simbólicos e materiais para os presos que possuem tatuagens com símbolos cristãos, pois para esses é uma maneira de demonstrar que se tornou ou é obediente, como eles mesmo dizem “*mostramos que somos da paz e não queremos confusão*”.

2.1 Cruz

A cruz é o símbolo mais comum entre os Cristãos. Das muitas tatuagens fotografadas, o símbolo da cruz está entre as mais escolhidas pelos detentos (Cf. Anexo 1, Figuras 49 e 50). Nas figuras 45 e 46, encontramos uma cruz simples e, na seguinte, a cruz com nomes de duas pessoas.

A cruz, segundo Lurker (2003, p. 176), “representa a união entre os opostos – céu e terra”. Para os detentos, a cruz representa o sofrimento do Calvário e tem associação com a metáfora de penitência (como o próprio nome os induz: penitenciária), como também está associada a proteção.

E6 – 25 anos – P1. “Fiz essa tatuagem na prisão... essa cruz mostra a minha opção pela religião, e aqui dentro da prisão a gente até reza mais, a cruz representa o nosso sofrimento e também nos remete a proteção”.

E87 – 24 anos – P2. “Fiz essa cruz para demonstrar o sofrimento de estar preso e os nomes são dos meus filhos que estar longe deles também é sofrido”.

Pode-se observar nestas respostas que em ambas as penitenciárias a cruz tem uma conotação de sofrimento. Ter uma cruz tatuada é estar ao mesmo nível de Jesus. Nas entrevistas com os detentos com essa tatuagem, compreendeu-se que os mesmos, além de cristãos, acreditavam numa relação da tatuagem com o seu significado, assim buscando partilhar esse significado com os demais. Observa-se que uma das tatuagens tem o perfil de “cadeia”, ou seja, produzida em seu interior, os traços são mais grossos e sem muita adesão à pigmentação, em contrapartida à da P2 que já possui traços mais suaves e aparenta ter sido produzida em estúdio de tatuagem.

Segundo a Cartilha da Polícia da Bahia, essa tatuagem aparece em detentos que possuem um boletim violento, podendo se tratar de um indivíduo de alta periculosidade e vingativo. Nas figuras 51 e 52 podem ver-se outros exemplos de tatuagens com cruz.

2.2 Cristo

O símbolo de Cristo, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 304), é “a síntese dos símbolos fundamentais do universo: o céu e a terra, por suas duas naturezas - divina e humana; o ar e o fogo, por sua ascensão e sua descida aos infernos; o túmulo e a ressurreição”. Esse símbolo também “representa as consequências do pecado, das paixões, da perversão da natureza humana”. Nas religiões que se baseiam em imagens para adoração, vamos encontrar a imagem do Cristo como central, sendo sinônimo de perseverança e sofrimento, de um Cristo que aceita, de forma passiva, a coroa de espinhos, o sofrimento a Ele imposto, de redimir os pecados da humanidade. Na figura 53, podemos observar a tatuagem do Cristo com coroa de espinhos e o seu olhar representado na tatuagem transmite um sentimento de martírio e de sofrimento. A escolha da tatuagem nos remete para uma pessoa que conhece a religião e a história da figura, assim como se reconhece como sofredor, lutador e até mesmo injustiçado. Observa-se nesta imagem que se trata de tatuagens que podemos considerar profissionais, ou seja,

não possuem as características da tatuagens produzidas no interior das prisões, pois é possível não encontrar os recursos necessários para esse tipo de produção na prisão, pois essas tatuagens necessitam de tempo e materiais apropriados.

Já na figura 54 (Cf. Anexo 1), a imagem do Cristo é serena e, pelo fato de não estar com a coroa de espinhos e com uma túnica, conclui-se que Ele ainda não foi crucificado ou já é ressuscitado. Pode-se observar também que a imagem segue com o nome escrito (Jesus Cristo) abaixo, não havendo dúvidas de quem se trata. Com isso, percebe-se que o tatuado tem uma devoção explícita. Baquião explica, em relação à devoção, que:

Segundo a concepção científica moderna, a fé em Cristo e em seus milagres é considerada como parte da experiência subjetiva, uma construção mítica da imaginação humana que não pode ser demonstrada concretamente. As ciências naturais compreendem Cristo como um objeto de estudo, que só pode ser legítimo se for demonstrado pela experiência racional. (Baquião, 2014, p. 99)

Nas respostas dos detentos encontram-se algumas menções a Cristo:

E6 – 25 anos – P1.. “A imagem do Cristo eu tenho comigo no corpo porque é proteção, e também é status entre os colegas”.

E94 – 30 anos – P2. “Jesus para mim representa a perseverança, o caminho. Tatuei porque sou assim também, vou até o fim”.

Com estas respostas pode-se depreender que a questão de se ligar à vida sofrida de Cristo e aos conhecimentos cristãos tem uma relação com a opção em fazer a tatuagem. A proteção também apareceu por vezes, colocando a imagem como um amuleto que os cuidam dentro do presídio, pois Jesus foi condenado pelos os homens e assim eles também foram.

2.3 Terço / Rosário

Comummente chama-se de Terço. Porém, o terço pertence ao Rosário, o qual é utilizado pelos católicos e, com denominações diferentes, em outras religiões. O nome rosário deriva de Rosa, e essa remete a Virgem Maria pela sua pureza. Assim, as tatuagens do

Rosário com a cruz na ponta nos fazem concluir que a pessoa que as escolheu é católico e também pode ser devoto de Maria. Essas tatuagens foram encontradas somente na Penitenciária de Portugal, e como já citado, Portugal é religiosamente católico, assim essas tatuagens podem estar relacionadas a Nossa Senhora de Fátima, e aos cultos marianos. Porém, pode-se refletir que isso esteja, também, ligado às questões geográficas e ao universo carcerário dos dois países, como também à quantidade de religiões diferentes encontradas principalmente no Brasil.

Na Figura 55 (Cf. Anexo 1), observa-se a tatuagem do Rosário envolta no pescoço, e por isso o tatuado assume o seu posicionamento religioso e o local da tatuagem é propício para essa dedução.

E70 – 26 anos – P2. “Fiz o terço para me dar proteção, e também sou crente, tenho muita fé. Isso foi uma maneira de representar a crença e devoção em Maria, mãe de Jesus”.

Na resposta desse entrevistado, pode-se compreender que essa tatuagem tem uma relação com o conhecimento cristão, assim como ser devoto. Segundo o entrevistado “*tenho muita fé*” representa a opção na feitura dessa tatuagem.

Já na figura 56 (Cf. Anexo 1), o Rosário está em conjunto com as mãos e seguido de um nome. As mãos estão em posição de oração, o que por si só gera outra interpretação. Juntar as mãos é um ato antigo de se posicionar em oração. Porém, para os devotos, esse ato está destinado à oração, às súplicas e à piedade. As mãos unidas recordam também o gesto antigo de atar ou amarrar as mãos dos prisioneiros, sendo por isso que os martirizados caminhavam com as mãos unidas na hora do sacrifício, em oração e entrega. A união, nessa tatuagem, das mãos em oração com o terço nos indica devoção, súplica e piedade. Ligando-se ao nome exposto, remete-nos ainda para a fidelidade e união à pessoa mencionada.

2.4 Santas: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima

Ao observar a figura 57 (Cf. Anexo 1), vemos a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Essa representação é da Santa negra brasileira, a qual é considerada a Padroeira do Brasil e tem sua importância para devotos brasileiros assim como Nossa Senhora de Fátima tem para Portugal (figura 58).

A tatuagem na figura 57 (Cf. Anexo 1) foi produzida no interior da prisão, com traços simples, sem muitos detalhes de Nossa Senhora Aparecida. Essa tatuagem representa para o tatuado a devoção e a crença nesta santidade brasileira.

E95 – 40 anos – P1. “Sou devoto de Nossa Senhora Aparecida porque ela sempre me protegeu na minha caminhada e eu sempre peço ao favor de minha família”.

Segundo Silva (2012), as tatuagens de Nossa Senhora Aparecida têm muitos significados no interior dos presídios, podendo indicar que o portador cometeu latrocínio. Dependendo do tamanho e o local onde está tatuado, pode ainda revelar que o usuário foi violentado sexualmente ou é violador. O Tenente Silva chegou a essa conclusão porque em seus estudos por classificação de crimes cometidos, ele separou os indivíduos, e em sua amostragem detectou esses pormenores.

Na Figura 58 (Cf. Anexo 1), o detento em questão optou por fazer a tatuagem no braço esquerdo, representando Nossa Senhora de Fátima, nos reportando à devoção do mesmo com a santidade. A produção da tatuagem é bem delineada, tendo o tatuador utilizado sombreamentos em azul e preto. É uma imagem que tem no seu entorno outros elementos, como anjos e nuvens, induzindo ao celestial. Na tatuagem, observam-se também duas datas, uma na coroa e outra abaixo, as quais possivelmente têm uma relação importante com o tatuado, podendo ser datas de nascimento ou morte de alguém.

E52 – 23 anos – P2. “Minha família é devota de Fátima, assim fiz para me manter protegido, e eu sempre me reporto a ela quando necessito de ajuda”.

Assim, nesta subcategoria Religião encontramos nas respostas dos detentos das duas penitenciárias que as tatuagens direcionadas à religião têm um contato direto com as diversas situações da vida de cada um. Porém, todos manifestam que essa opção tem uma função devocional, de fé, de proteção, de estar envolvido em oração, assim como um *status* de interação dentro da prisão. A necessidade de acreditar em algo é eminente nesse espaço de ociosidade, assim a religião acaba por ser uma forma de se ocupar e de redimir.

3. Misticismo

Para melhor organizar as tatuagens a seguir, optou-se em classificá-las como Misticismo, entendido enquanto alguma crença, para as separar dos símbolos comuns religiosos cristãos analisados anteriormente.

3.1 Demônio/Diabo

Ambos os nomes, no senso comum, são mencionados como sendo a mesma coisa. Porém, referimo-nos normalmente a demônio (*daimon* - do grego) como sendo a personificação de forças psíquicas humanas ou da natureza, seres poderosos que podem gerar o bem e o mal (Lurker, 2003, p.190), e diabo (*diabolos* - do grego) como a personificação do mal, figura simbólica da indignação contra Deus (Lurker, 2003, p. 202). Na tatuagem da Figura 59 (Cf. Anexo 1), verifica-se a imagem do demônio/diabo, contudo, essa conclusão é devida à escrita de “*Devil*” abaixo da imagem, com os cornos, olhar e sorriso sarcástico, como bem descreve Lurker: a personificação do mal/bem. A tatuagem tem em seu conjunto a representação de dados, números esses que podem estar associados ao vício ou ao trabalho do seu portador, como também vaidade e orgulho, entre outras dualidades. A tatuagem em questão foi apenas detectada nos detentos de Portugal, podendo isso estar relacionado com a questão do cuidado com a questão preconceituosa que há no ato de tatuar, principalmente no Brasil.

Na Figura 60 (Cf. Anexo 1), observa-se outra variação de demônio, neste caso associado à maldade que segura a caveira com correntes, ou até mesmo uma dualidade entre vida e morte, bem e o mal.

E22 – 24 anos – P2. “O demônio representa a maldade, e ao mesmo tempo repele o mal da gente, por isso que tatuei, para ficar entre o bem e mal”.

E31 – 26 anos – P2.. “Eu quis tatuar um demônio diferente, por isso fiz, daí mandei colocar a caveira com as correntes para afastar de mim as coisas ruins e maldade”.

Nestas respostas percebe-se a relação dos tatuados com a questão de afastar o “mal”, assim as tatuagens para eles têm uma conotação de proteção, porém alerta uma tendência maldosa na personalidade. As figuras representam, no ponto de vista externo, algo ruim, são imagens que não passam ao observador uma análise sem julgamento. Já nos estudos de Silva (2012) essas tatuagens são feitas por quem comete latrocínios, roubos e também quem não sente remorso pelos crimes.

3.2 Mago

A tatuagem do mago (Cf. Anexo 1, Figura 61) foi encontrada somente na P1. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), o mago é criador de um mundo ilusório por seus gestos e por suas palavras. Sua atitude é ambivalente, entre a verdade e a mentira, também simbolizando de uma só vez os três mundos - Deus, o Homem e a diversidade do Universo: “é o ponto de partida com todas as riquezas ambivalentes dadas à criatura para que realize seu destino” (Chevalier e Gheerbrant, 2009, p. 583).

E7 – 36 anos – P1.. “Tenho tatuado o mago no braço porque sou envolvido com feitiçaria, e acredito que o mago representa isso. Coloquei meu nome embaixo para mostrar aos colegas que sou do conhecimento, entendeu?”.

Assim, essa tatuagem pode estar ligada ao poder, à sabedoria, ao protecionismo e ao misticismo, porém ao meu ver, essa relação com a alquimia tem algum tipo de ligação

com a produção de entorpecentes, assim como distribuição dos mesmos. A tatuagem indica o “ponto” de onde conseguir o produto. No caso da tatuagem na figura 61, o mago possui ainda um bola de cristal na mão, e a sua posição, tal como está projetada ao leitor, demonstra audácia adivinhatória e segue na tatuagem o nome do tatuado, dando o sentido de ser ele o mago. Outra relação da tatuagem do mago é com a alquimia, a mistura de elementos químicos que pode estar relacionada com o uso de entorpecentes ou produção dos mesmos, como também habilidosos em roubos (Silva, 2012).

3.3 Morte com Foice (Ceifeiro)

A tatuagem representando a morte foi encontrada somente na P1. A imagem na figura 62 (Cf. Anexo 1) é a representação da morte com a foice, símbolo emblemático para essa denominação, pois a foice ceifa a vida. Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 621) explicam que “a morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época”, acrescentando que “enquanto símbolo a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência” (Chevalier e Gheerbrant, 2009, p. 621).

E98 – 24 anos – P1. *“A morte é a única certeza que temos na vida, essa tatuagem é uma provocação que fiz, e ao mesmo tempo uma proteção para mim e para se aproximar, a gente acaba por provar que não temos medo de nada”.*

A morte é a única certeza do homem, o qual tem respeito e medo do fim inevitável. Essa tatuagem pode estar associada à questão do respeito por essas problemáticas, sendo até mesmo provocativa de “não ter medo”. A morte também é ambivalente nas questões místicas e religiosas: ir para céu ou para o inferno, a qual o mandará conforme a sua vivência, correta ou não. Na tatuagem em questão observa-se que o rosto da imagem está todo coberto, não sendo comum nas tatuagens dessa escolha. O rosto coberto pode intencionalmente esconder o tatuado, deixando-o no anonimato. Segundo o Tenente Silva (2012), a tatuagem da morte com foice tem uma relação com os grupos de extermínio, com os justiceiros.

Essa questão colocada por Silva sobre os grupos de extermínio compactua, de alguma forma, com a tatuagem em questão, devido a estarem na P1 alguns presos que pertencentes a facções criminosas que têm como delito principal o tráfico de drogas, mas devido ao enfrentamento desses com outros grupos e com delatores, praticam também chacinas.

3.4 Olho Egípcio

Segundo Lurker (2003, p. 497), “o olho é a janela para o mundo e ao mesmo tempo espelho da alma”. A tatuagem designada como olho egípcio é na realidade mais conhecida como olho de Hórus, o qual no Egito é o deus celestial representado pelo sol e pela lua. O deus Hórus representava a luz na luta com as trevas. O olho também está associado a uma visão espiritual, de sabedoria e de onisciência. Assim, a tatuagem em questão representa a proteção: “mau olhado”, “olho gordo” são termos populares comuns quando se fala da inveja. Com isso, pode-se deduzir que o tatuado busca de alguma forma encontrar proteção, servindo essa tatuagem como um amuleto para esse desejo. Essa tatuagem foi encontrada somente na P2. (Cf. Anexo 1, Figura 63).

E8 – 27 anos – P2. “Eu mesmo faço as tatuagens em mim, fiz todas na prisão. O olho Egípcio fiz para evitar a inveja e também representa a sabedoria, é o terceiro olho meu”.

Em relação a esta resposta, observa-se que a referida tatuagem para o entrevistado tem uma relação de evitar a inveja do outro como também de possuir sabedoria, quando diz “...é o terceiro olho meu” é como se estivesse atento a tudo que se passa à sua volta.

Quando o entrevistado diz que as tatuagens são feitas por ele, demonstra ser ele conhecedor de muitas simbologias agregadas às tatuagens. Ser ele tatuador de “cadeia” aumenta o seu nível de proteção no local. Conforme evidenciado pelo próprio participante, essa profissão no interior da prisão é privilegiada, porém a ter muitos cuidados em relação ao controle de vigilância. Segundo ele, todo o cuidado é pouco.

3.5 Yin-Yang

O símbolo do Yin-Yang, nas palavras de Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 967), designa “o aspecto obscuro e o aspecto luminoso de todas as coisas; o aspecto terrestre e o celeste; o aspecto negativo e o positivo; o aspecto feminino e o masculino; é em suma, a expressão do dualismo e do complementarismo universal”. A representação deste símbolo está no sentido de um completar o outro, jamais se opõem de modo absoluto, antes apresentam uma dupla possibilidade de evolução ou involução. Dito isto, entende-se que o tatuado optou por fazer esta tatuagem por acreditar nessa simbiose entre o certo e o errado, pois os pontos nos símbolos representam a dependência de um com o outro.

Nas entrevistas encontrou-se essa tatuagem nas duas instituições (Cf. Anexo 1, Figuras 64 e 65).

E65 – 35 anos – P2. “Só faço tatuagens que conheço o significado, e fiz essa porque conheço a relação dela com o bem-mal, assim ela me protege e atrai o bem”.

E70 – 30 anos – P1. “Tem a ver com o bem-mal, ninguém é cem por cento mal e nem cem por cento bom, assim fiz pensando nisso, às vezes sou bom e às vezes sou mal”.

É perceptível nas respostas que os detentos têm conhecimento do símbolo, pois ambos responderam na relação de dualidade entre o bem e mal, assim não desassociaram do símbolo. Essa dualidade também pode estar relacionada com a vivência dentro da prisão, pela condição de estar bem e estar mal com a própria integridade física e emocional. Ambas tatuagens apresentam as características de produção artesanal com linhas grossas e pigmentação que se esparramou, como também o formato do desenho. No relato dos detentos, eles são “do bem”, mas também podem ser “do mal”, embora essa possa ser uma característica comum na população não carcerária também.

3.6 Fênix

A fênix é um pássaro de origem mítica, dotado de longevidade e que tem o poder, depois de se consumir em uma fogueira, de renascer de suas cinzas. Assim, o simbolismo é claro: ressurreição e imortalidade, reaparecimento cíclico (Chevalier e Gheerbrant, 2009). Na Idade Média, a Fênix estava associada a Cristo.

Deste modo é possível concluir que a opção por essa tatuagem está na associação de ter passado por muitas dificuldades e conseguir reagir aos problemas, de “ressurgir das cinzas”. Na tatuagem da figura 66 (Cf. Anexo 1), pode-se verificar que a fênix está no sentido para cima, sua cabeça olha para o alto, com isso se deduz que a mesma ressurgiu e avança, numa visão de ressurreição. Esta tatuagem foi encontrada somente na P1.

E4 – 26 anos – P1. “A fênix representa o ressurgir das cinzas, assim como eu sempre faço... um dia por vez”.

Na resposta deste entrevistado, pode-se perceber a carga emotiva quando diz “...um dia por vez”. Essa frase expressa bem a questão de sobreviver dentro da prisão, já que todo dia é um novo dia, um recomeço ocioso e às vezes sem planejar o futuro. A fênix é pássaro mítico e representa bem essa questão de sobrevivência e esperança. Nota-se que os traços da fênix são no estilo tribal e com características de produção carcerária. Essa escolha do estilo tribal pode estar associada à rapidez de sua feitura, ou seja, o tatuador dentro do ambiente carcerário tem que ser rápido, não podendo estar exposto e “perder tempo” em realizar uma tatuagem com muitos detalhes e ou realista. Porém, conseguindo chegar ao objetivo de representação. Para esse caso, é essa diferenciação que vai fazê-la ser diferente das demais, produzidas fora da prisão, onde a população geral também escolhe essa tatuagem, estando presente nos catálogos de tatuadores em estúdios.

3.7 Sol e Lua

A tatuagem da figura 67 (Cf. Anexo 1) representa o Sol e a Lua juntos, neste sentido são únicos no seu significado, porém deve-se analisá-los separadamente. Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 610) “o Sol é a fonte da luz, do calor e da vida. Seus raios representam as influências celestiais - os espirituais recebidos pela terra”. O Sol também possui a dualidade de vida e morte. Ele produz o calor e a energia mas também seca e traz a destruição. Por outro lado, a Lua simboliza, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 418), “o tempo que passa, o tempo vivo, de que ela é a medida, pelas as suas fases sucessivas e regulares”. A Lua muda de fases e de formas, é “Astro que cresce, diminui e desaparece” (2009, p. 418). Assim, a Lua é símbolo de transformação e crescimento. O Sol e a Lua também estão associados aos símbolo do Yin e Yang. Com isto, pode-se concluir que as duas imagens unidas representam a vida, a energia (Sol) e as transformações e crescimento da vida (Lua).

E56 – 25 anos – P1. “Essa tatuagem representa a vida e a esperança, porque a lua tem muitas fases, assim como eu tenho. Elas dão energia e proteção para mim”.

A resposta anterior declara as afinidades que a tatuagem possui com o símbolo em relação às fases vividas na prisão, assim como a relação com a esperança e energia necessárias para dar “conta” das questões de sobrevivências dentro e fora do presídio. Essa tatuagem também pode ser vista num sentido único, ou seja como um eclipse. Essa fusão entre o Sol e a Lua dá essa unicidade que o detento expõe sobre vida/esperança, energia/proteção. Sendo também dia/noite. Essas interpretações são adversas, levando em conta as vivências na prisão, sendo o dia mais protegido (Sol) e a noite mais perigosa (Lua).

4. Autoafirmação e Identidade

Nesta categoria ir-se-á apresentar as tatuagens que os presidiários afirmaram estarem relacionadas com a sua identidade como também uma autoafirmação.

A autoafirmação é um processo que demonstra a independência da pessoa e o seu ponto de vista perante alguns eventos vivenciados, já a identidade é o reconhecimento daquilo que o indivíduo é e o conjunto de características que o diferenciam do outro. Assim, nas tatuagens identificadas como autoafirmação e identidade, optou-se por duas subcategorias: Força e Eu.

4.1 Força e Eu

Nesta subcategoria serão analisadas as tatuagens as quais os detentos relataram estarem direcionadas à força física e emocional. As tatuagens na categoria Eu tem a ligação com o individual.

4.1.1 Águia

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), a águia é considerada a Rainha das Aves devido à sua capacidade de voar mais alto e de fixar os olhos no sol sem queimá-los. A imagem da águia esteve à frente das legiões de César no Império Romano, demonstrando com isso a força e o poder de quem a idolatra.

Nas figura 68 (Cf. Anexo 1), na tatuagem a águia está em repouso com o olhar fixo para frente no sentido de estar sempre atenta, já na figura 69 (Cf. Anexo 1), a águia está de asas abertas no sentido de pouso pronta para aterrissar, tendo no conjunto os raios solares que representam a união da ave com o sol.

E14 – 45 anos – P1. “Fiz a tatuagem da águia porque ela representa força e poder, sei que tem umas “paradas” dela com o sol, por isso coloquei o sol junto...energia né?”

E75 – 22 anos – P2. “A águia é importante porque tem uma relação do poder que ela tem com o sol, daí quis fazer para demonstrar não ter medo de nada...”

Nas respostas dos detentos, verifica-se a relação da tatuagem com a simbologia, já que para eles ter uma águia tatuada no corpo representa de alguma forma a sua relação em ter o mesmo poder da águia, voar o mais alto possível e chegar perto do sol, isto é, sobreviver

e estar em liberdade. Outra relação com essa tatuagem é ser uma ave astuta que pesquisa muito antes de atacar a sua presa. A dimensão de “poder” que os detentos expõem pode estar ligado ao “poder” de escolha, sendo isso algo comum para todos. Não é o sol, não é água que vai lhe dar o que ele necessita, mas sim o significado criado pelo meio prisional para tal símbolo. No caso do detento na P2, essa tatuagem foi realizada no interior da prisão, ocupando uma região grande de seu corpo, o que comprova coragem, dor e determinação em fazê-la, como, também, a adrenalina de infringir regras. Segundo o conhecimento policial e penitenciário, a águia, quando é tatuada dentro da prisão, significa que o detento está prestes a ser libertado.

4.1.2 Cachorro

Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 176) “[a] primeira função mítica do cão, universalmente atestada, é a psicopompo, guia o homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida.” Assim, a tatuagem do cachorro está associada à fidelidade e companheirismo, como também à ferocidade.

Nas figuras 70 e 71 (Cf. Anexo 1), observa-se que os cães escolhidos para a tatuagem são de raça perigosa, e os olhos demonstram ferocidade, dando a impressão de afastamento e proteção.

E22 – 33 anos – P1. “O cachorro demonstra para mim o companheirismo meu com um colega, então resolvemos fazer as tatuagens iguais, isso é fidelidade de nossa amizade.”

E9 – 41 anos – P2. “O Pitbull é um animal muito leal, fiel. Optei tatuar um porque acredito que sou como ele”.

Ao analisar as respostas percebe-se que a opção em tatuar um cachorro/cão na pele está na relação a que o próprio símbolo induz: fidelidade, lealdade e também proteção. Eles próprios se associam com a fidelidade, seja ela legal ou ilegal, como por exemplo a delação de amigos e/ou comparsas. Essa proteção é importante dentro da prisão, como que se esse animal pudesse proteger ou atacar o inimigo. No entanto, sabe-se que há

muitas “rinhas” de cães principalmente da raça Pitt Bull devido à ferocidade desses cães ao serem adestrados para isso. As rinhas também são uma forma de sobrevivência na clandestinidade com apostas e trocas de favores. No Brasil, essa prática é proibida, pois além da crueldade com os animais, acredita-se que nesse meio velado é possível encontrar outras formas ilegais de crimes, como: a jogatina, o tráfico de estupefacientes, a usurpação, as richas entre gangues e até mesmo a prostituição.

4.1.3 Tribal

A tatuagem tribal é um estilo inspirado nos povos para quem “a princípio essas tatuagens tinham significados que marcavam os passos do desenvolvimento do jovem para o adulto dentro de uma sociedade tribal” (Ferreira, 2015, p. 114). Com esse estilo, encontrou-se uma quantidade significativa dessas tatuagens nos entrevistados (Cf. Anexo 1, Figuras 72 e 73). A razão da escolha dessa tatuagem parece estar associada ao sentido de poder, estando relacionada com a própria história da tatuagem, a qual tem origem no interior das tribos há milhares de anos. Ela também está ligada às questões culturais de cada região onde era realizada, já que cada linha, cada movimento na tatuagem tribal tem um significado próprio, e estas tatuagens eram utilizadas pelos guerreiros para dar essa conotação de poder, lealdade e transição. Essas tatuagens, na maioria das vezes, são escolhidas para ser tatuadas no braço, o que ressalta a ligação com a força (Krutak, 2015).

E4 – 26 anos – P1. “Fiz a tribal porque representa a força dos guerreiros Maoris e a fidelidade que ele tem com a sua tribo...”

E8 – 27 anos – P2. “Na prisão quando queremos fazer tatuagem a primeira opção é sempre a tribal, porque os colegas acham mais fácil fazer. Eu escolhi ela porque acho bonita e dizem que representa a força e a fidelidade de quem usa.”

Nestas respostas fica evidenciada a relação que os tatuados têm na escolha da tatuagem. Todos reconhecem o poder simbólico da tatuagem tribal com a força e a lealdade. Essa força tem ligação de não ser somente física mas também a força espiritual de suportar a rotina prisional. Outra situação é de externalizar uma possível força física e psicológica

para se manter intacto dentro da prisão. Na imagem do lado direito, percebe-se até pela verbalização do detento que essa tatuagem foi realizada no ambiente prisional. Observa-se que os detalhes são extinguidos em relação à outra imagem da P1. Vê-se a mudança da coloração como da quantidade dos detalhes. Quando observadas juntamente, percebe-se que a relação da face (olhos, nariz e boca) é igual. Em ambas as verbalizações, nota-se a questão da “fidelidade” que dentro do ambiente prisional é algo importante em relação aos pares. Pode-se nesse sentido interpretar “tribo” como o conjunto de pessoas na comunidade (prisional) com os seus princípios próprios.

Algumas celebridades conhecidas pela mídia também passam essa relação de força, como por exemplo o ex-lutador Mike Tyson e o ator e ex-lutador The Rock Johnson, que possuem tatuagens tribais que remetem a essa impressão de “poder tudo”.

4.1.4 Carpa

Chevalier e Gheerbrant (2009) apresentam a carpa como um emblema de longevidade, bom augúrio e proteção. Para os chineses e japoneses a carpa simboliza a coragem e a perseverança, pois segundo a lenda ela nada contra a água e até contra correntezas. Está também associada à fertilidade e à inteligência. A carpa simboliza a questão de orientação: se a sua cabeça está para cima, representa um objetivo alcançado; e se estiver para baixo, simboliza que está em busca dele. É comum encontrarmos nas tatuagens os dois movimentos juntos (cabeça para baixo e para cima), simbolizando a busca e o encontro do objetivo, como na figura 74 (Cf. Anexo 1).

Na figura 75 (Cf. Anexo 1), a tatuagem mostra a cabeça da carpa direcionada para cima e na figura 76 (Cf. Anexo 1), a cabeça para baixo. Nas entrevistas a resposta para a tatuagem da carpa foi bem pontual, notando-se que os detentos sabiam o significado dela. Assim, assinalam essa busca de objetivos.

E7 – 36 anos – P1. “A carpa representa os objetivos que quero na vida. Sei que ela para cima tem um significado e para baixo tem outro. Como ainda não realizei o meus objetivos ainda tenho ela para baixo...depois coloco a outra.”

E27 – 35 anos – P1. “Eu e meus amigos no bairro fundamos uma gangue daí usamos a carpa como símbolo dela, todos deviam tatuar a carpa, assim sabíamos quem era ou não do grupo. A gente sabia dessas “paradinhas” dos objetivos.”

E10 – 35 anos – P2.. “Fiz minhas tatuagens na prisão. Meus colegas que escolheram para mim, e disseram que a carpa são objetivos e as conquistas nas coisas da vida. Eu ainda tenho vários, por isso fiz a carpa para representar o futuro”.

Percebeu-se que eles escolheram essa tatuagem porque o significado dela é importante para eles, como se fosse um amuleto da sorte em relação aos objetivos e à perseverança. Já para Silva (2012), a maioria dos portadores que possuem esta tatuagem estão ligados à formação de quadrilha e ao tráfico de drogas.

Segundo Silva, a carpa subindo indica o *status* do gerente da gangue e a cabeça para baixo aponta o traficante em posição de privilégio.

Visto isto em Silva, retoma-se a questão que em ambos os países, conforme dados da amostragem, encontra-se um número maior de delitos relacionado ao tráfico de drogas na P2, porém, como já informado, na P1 há integrantes de gangues envolvidos no tráfico, deste modo a fundamentação de Silva está fora dos padrões dessas duas instituições. Salienta-se que as tatuagens com as características “de cadeia”, estão mais localizadas na P2, sendo as tatuagens observadas na P1 aparentam ser profissionais devido aos traços e a utilização da cor, característica essa que não é usada na prisão.

4.1.5 Dragão

Para Lurker (2003, p. 215) “[o] dragão é um ser mítico, híbrido de serpente, ave e às vezes do leão”. Em várias civilizações o dragão é sinônimo de um ser digno de respeito e portador da sorte. A vitória sobre o dragão é considerada uma superação das trevas, na

luta entre o bem e o mal na mitologia. Na Idade Média era considerado a personificação do mal, um demônio. Porém, o dragão também é considerado um ser que transmite sabedoria e proteção, principalmente para os chineses e japoneses.

Na figura 77 (Cf. Anexo 1), a escolha da tatuagem é com a variação dragão/leão e, na figura 78 (Cf. Anexo 1), verifica-se a variação dragão/serpente/alado.

E29 – 24 anos – P1. “O dragão demonstra sabedoria e proteção. Eu sempre gostei dos filmes chineses e sobre a máfia Japonesa que utiliza muito o dragão. Essas coisas de proteção é importante nesse meio que a gente tá vivendo”.

E55 – 30 anos – P1. “Quando resolvi fazer tatuagem o dragão foi a primeira que pensei porque eu sei os significado que tá ligado com a proteção, força. Assim ele me representa”.

E10 – 35 anos – P2. “Ahhhh... o dragão eu gostei de tatuar, ele é igual a mim: forte, vivo, astuto”.

E64 – 38 anos – P2. “Dragão é força, inteligência assim como a gente tem que ser. E também é o meu Porto!”.

Ao analisar essas respostas nota-se que os tatuados se auto-denominam pessoas fortes, sábias e querem ou dão proteção, unindo a imagem ao desejo que o símbolo representa, como se isso pudesse modificar a situação vivenciada e afastar os predadores que convivem no mesmo ambiente. Em Portugal, ainda encontra-se a atração pelo dragão, por ser o clube de futebol da cidade e usar esse símbolo.

4.1.6 Escorpião

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o escorpião é um aracnídeo que desencadeia o mal. Sua cauda está repleta de veneno e ao picar pode provocar a morte; o escorpião está ligado ao espírito belicoso, mal-humorado, sempre à espreita para matar, e por isso alguns o interpretam como defensor, sendo ainda, para os Maias, o Deus da caça. Na astrologia é

considerado um símbolo de resistência, de fermentação e da morte, dinâmico e duro nas lutas.

Em alguns detentos encontrou-se essa tatuagem, tendo os mesmos relatado que a escolha se deveu ao seu signo do zodíaco.

Nas figuras 79 e 80 (Cf. Anexo 1), as tatuagens são em tamanho grande, o que ressalta a importância da tatuagem para o detento. Na figura 79 (Cf. Anexo 1), as garras do escorpião são maiores e na ponta da sua cauda está representado o veneno em gotas.

E47 – 29 anos – P1. “O escorpião tem muito de mim, está sempre atento, não deixa passar as questões... sabe como é... e foi coincidência porque meu signo é escorpião...”

E67 – 34 anos – P1. “Sou eu... o escorpião é como eu, e também não ligo muito para essas ‘paradas’ de signo, mas parece que sou escorpião”.

E8 – 27 anos – P2. “Gostou muito da minha tatuagem do escorpião, fiz porque conheço as qualidades de defesa do escorpião e também porque é meu signo”.

E60 – 34 anos – P2. “Sei lá... o escorpião parece que é o meu signo, daí fiz porque me identifico com ele. O escorpião sabe se safar sempre”.

Nas respostas verifica-se que todos se remetem ao signo, porém conhecem os atributos vingativos do escorpião, e de certa maneira marcam-se com ele simbolicamente buscando proteção e defesa dentro do cárcere.

Segundo os Policiais e Agentes Penitenciários, os detentos portadores dessa tatuagem indicam a participação em facções criminosas. O que corrobora com a pesquisa de Silva (2012) a qual aponta que a tatuagem de escorpião dentro dos presídios demonstra que o detento pertence a alguma facção, mas sem hierarquia, apenas de pertencimento, assim os demais detentos sabem como lidar e ter precauções. Sabe-se que a declaração dos detentos em ressaltar ser o signo do zodíaco também se deve ao conhecimento que eles têm sobre as simbologias das tatuagens de cadeia. A tatuagem realizada pelo detento da P2 talvez não tenha essa conotação, pois essas tatuagens com tais questionamentos

policiais é comum no Brasil. A pesquisa de Silva foi realizada dentro do contexto prisional, por seleção de delitos e tatuagens, assim na figura da P2, essa tatuagem pode, sim, ter a relação que o detento declarou: defesa e signo.

4.1.7 Nome Próprio

O nome é a essência do individual. Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 641), “[c]onhecer o nome, pronunciá-lo de um modo justo é poder exercer um domínio sobre o ser ou sobre o objeto” e essa importância dada ao nome equivale a adquirir poder sobre ele: “escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, faz com que ela viva” (2009, p. 641).

E2 – 26 anos – P1. “Tatuei meu nome na prisão porque não é um nome comum, assim não preciso ficar repetindo ele e também quis ajudar meu colega que estava aprendendo tatuar na cadeia”.

E15 – 28 anos – P2. “Tatuei meu nome porque acho importante as pessoas saberem quem somos, eu gosto muito do meu nome, é uma forma de pertencer em algum lugar ou para alguém”.

Nessas respostas entende-se que há uma relação de identificação com o nome: “*tatuar para ser lembrado*”, pertencer a si e se expor ao outro como autoconhecimento. Dito isso, sabe-se que umas das questões do prisionamento, ou seja, de se adaptar a cultura do cárcere, está na perda temporária da identidade, durante a qual o nome é substituído por um número. Assim, a tatuagem com nome passa a ser autobiográfica. Na tatuagem da P1 (Cf. Anexo 1, Figura 81) observa-se o nome e a tatuagem com características que aparentam ter sido produzida na prisão, porém vê-se a tentativa de tatuarem as letras, principalmente na primeira. Já na tatuagem da P2 (Cf. Anexo 1, Figura 82) percebe-se uma elaboração profissional na tatuagem, e também o cuidado com a escolha das letras para enaltecer o nome.

4.1.8 Código de Barras

O Código de Barras foi patenteado em 1952, sendo usado mundialmente como sistema de identificação de produtos. As tatuagens com essa opção têm o significado de identificação sem utilizar o nome ou impressão digital, tendo sido encontrada somente no P2. (Cf. Anexo 1, Figura 83). Porém, pode-se analisar o desenho dessa tatuagem. Observe-se que as barras têm praticamente todas a mesma espessura, o que nos lembra das barras de ferro da cela. Os números abaixo podem representar datas, um dos números são bem direcionados a isto: 16-8-93, sendo uma data importante para o detento, como também um código. Devido à idade declarada pelo participante, não se pode dizer que esse número seja a data de seu nascimento, mas pode ser de outra pessoa próxima a ele. Em sua entrevista o mesmo afirmou que representa a sua identificação.

E95 – 30 anos – P2. “É muito comum os colegas tatuarem o nome, eu quis fazer algo diferente mas que me identificasse, então lembrei do código de barras”.

5. A Prisão

Nesta categoria analisou-se as tatuagens que foram identificadas como tendo sido produzidas para remeter à situação de estar encarcerado. Observa-se na Tabela 10 que algumas tatuagens estão presentes somente no P2.

Esta categoria foi dividida em quatro subcategorias: Reclusão, Liberdade, Conflitos com a segurança do estabelecimento e Armas.

5.1 Reclusão

5.1.1 Algemas

Esse objeto é comumente utilizado pela Polícia, mas foi sofrendo modificações ao longo da história. As algemas têm seu significado reconhecido visualmente e remetido ao cárcere e ao pré-julgamento. As tatuagens encontradas têm a carga emocional de estar

encarcerado, de condenação e de prisão. O ato de colocar essa tatuagem no corpo, a qual o irá acompanhar sempre, passa a ser uma espécie de autopunição: “não esquecer”. Na figura 84 (Cf. Anexo 1), as algemas estão em um conjunto de significados: as mãos em posição de oração e súplica, acompanhadas de uma frase em inglês (*only God can judge me*) e isto implica que somente Deus pode julgá-lo, assim essa algrma representa a condenação feita pelos homens. Neste conjunto, pode-se perceber a questão da condenação, como também um entendimento de arrependimento. Na figura 85 (Cf. Anexo 1), observa-se uma algrma rompida, podendo significar uma prisão anterior, porém com reincidência, e as iniciais A.C.A.B., que podem estar relacionadas com um rompimento. Acima destas iniciais tem uma data, podendo ser a data da saída de uma outra prisão, por isso a algrma rompida, ou até mesmo, de um relacionamento abusivo.

E93 – 25 anos – P2. “Essa tatuagem representa a minha condenação e também pela injustiça que foi o meu julgamento, agora é esperar com fé...”

O entrevistado da Figura 85 (Cf. Anexo 1) não aceitou responder acerca da motivação dessa tatuagem.

5.1.2 Arame Farpado

O arame farpado é um material criado para delimitar territórios, utilizado em trincheiras, cercas, em cima de muros, para dificultar entradas, para proteção ou para um maior controle de propriedades. Devido a isso, essa tatuagem (Cf. Anexo 1, Figuras 86 e 87) possui uma conexão com a prisão, com o confinamento e com a condenação, nos remetendo, assim, ao sofrimento de estar em situação de encarceramento.

Silva (2012) comenta que essa tatuagem pode ainda informar que o tatuado está condenado por muitos anos ou é reincidente no sistema penal.

Verifica-se nas respostas dos detentos que essa tatuagem tem uma forte ligação com a atual situação, dando a impressão que essa marca pode fazê-los lembrar, quando em liberdade, que não devem cometer o mesmo erro de retorno à prisão.

E42 – 29 anos – P1. “Ela representa a minha atual situação, de prisão, condenação. Se eu sair dessa ela vai me lembrar que não devo voltar!”

E83 – 38 anos – P2.. “Fiz essa tatuagem para representar o meu sofrimento em estar preso, condenado... na prisão as vezes a tatuagem é um meio de fazer algo diferente, muitas vezes nem sabemos o que queremos tatuar, então os colegas dão ideias...”

5.2 Liberdade

5.2.1 Asas

Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 90), “[a]s asas são, antes de mais nada, símbolo de alçar vôo (...) leveza espiritual, alívio, de desmaterialização, de libertação – seja da alma ou do espírito -, de passagem ao corpo sutil”. As asas estão associadas à liberdade, e o símbolo remete ao dinamismo do movimento de ir para o alto e ver a plenitude que isso proporciona.

Para os portadores dessa tatuagem, o ato de ter as asas marcadas na pele é uma forma de estar ou desejar a liberdade da prisão, voltando ao mundo externo de uma maneira totalmente digna. Essa tatuagem (Cf. Anexo 1, Figura 89) tem afinidade nas pessoas que já conseguiram atingir algo, ou que se libertaram de alguma situação. O COE – Curso de Operações Especiais, comandado pelo GOE – Grupo de Operações Especiais, em Portugal, utiliza as asas em seus emblemas, significando a rapidez e determinação na ação.

E48 – 22 anos – P1. “As asas representam o sonho de liberdade que todos temos, ainda não terminei a tatuagem, mas quando sair vou terminar”.

E69 – 39 anos – P2.. *“Quando resolvi fazer essas asas não sabia que ia me envolver com cadeia, hoje aqui entendo o que elas realmente representam... a liberdade podem nos tirar, mas asas dela não”*.

Nas respostas dos detentos é notória a relação da tatuagem com o desejo de liberdade, de sentir por breve momento, a sensação de estar livre ou de avançar em objetivos sonhados.

5.2.2 Frase “Vida Loka”

Esta frase é frequentemente tatuada, dentro e fora da prisão (Cf. Anexo 1, Figuras 90 e 91). Como qualquer outra tatuagem, ela não é exclusiva do cárcere. É uma frase que demonstra rebeldia e liberdade em se fazer o que quiser da vida, é viver com audácia. O relato dos entrevistados que possuem esta tatuagem confirma essa questão de audácia, de fazer o que quer sem medir as consequências. Para Silva (2012), os portadores desta tatuagem não medem esforços em realizar o que querem, são destemidos e encaram o perigo de maneira corriqueira, como se ele pertencesse ao cotidiano, é viver na adrenalina.

E20 – 30 anos – P1. *“Vida Loka quer dizer que a gente vive no crime, nas drogas, dá sensação de liberdade nos nossos feitos, não deixa de ser um homenagem ao crime”*.

E92 – 23 anos – P1. *“Você conhece os Racionais, aqueles Rap? Tem um rap deles que é assim: “De vacilo desarmado era aquilo, sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca Ia nessa sem saber, pro cê vê, Vida Loka!” Daí tatuei...!!”*

E94 – 26 anos – P2. *“Essa tatuagem representa essa vida que tenho agora. Fiz muito de tudo sem me pararem...agora estou aqui, a vida é muito louca mesmo!”*

5.3 Conflitos com a segurança do estabelecimento

5.3.1 Cop Killer

Essa tatuagem foi encontrada somente na instituição de Portugal (Cf. Anexo 1, Figura 92). Sua tradução “assassino de policial” mostra a ira do tatuado, o qual diz não ter

problema nenhum em estar com ela no corpo. Para ele, pode representar um *status* perante os seus colegas de prisão e o conflito com policiais e agentes. Ter essa frase tatuada no contexto prisional pode representar esse *status* devido a coragem de tê-la e de circular pela prisão sendo visualizada pelos agentes e colegas. Essa demonstração de coragem ou até de transgressão pode elevar o *status* desse detento, passando a ser visto como alguém de, ou com, poder. No que diz respeito às prisões brasileiras, essa frase precisamente não seria encarada com essa frivolidade perante o *staff* nas penitenciárias e também perante os colegas, pois seria esse considerado uma pessoa que possa atrair confusão para os demais²⁷.

E29 – 22 anos – P2. “Estou desde os 6 anos de idade em instituições e orfanatos, gosto das pistolas tatuadas porque representam a lei da sobrevivência nas ruas eu já fui agredido por policiais devido as minhas tatuagens, não tenho medo deles, e minha tatuagem impõe respeito Cop Killer.”

Nesta verbalização do detento, pode-se analisar que sua vida pregressa tem uma relação com a transgressão, assim essa frase demonstra embater com o sistema prisional. A tatuagem em questão possivelmente não foi feita na prisão, pois observamos alguns detalhes que habilite essa informação: a cor, as letras e os detalhes sobre as mesmas que dá a sensação de estar quebrada, como se fosse um reflexo no vidro, pormenor que exigiria ao tatuador equipamentos mais arrojados.

5.3.2 Frase “Only God can judge me” (Só Deus pode me julgar)

Pode-se interpretar essa tatuagem como a representação descopromissada de como conduzir a vida. É como se estivesse declarando a impotência em não aceitar nenhum tipo de julgamento. A frase tatuada afirma que não é tarefa do homem julgar o seu semelhante,

²⁷ Poderá também, ter alguma relação com a cultura musical do tatuado, já que “*Cop Killer*” é também o título de uma música de 1992 da banda norte-americana *Body Count*, do *rapper* Ice-T, que fez furor em Portugal, de certo modo.

até porque não sabe como é a vida do outro, assim não tem conhecimentos para fazê-lo. Por isso, segundo Cattalan (2011):

encontram-se imbricados no enunciado posicionamentos de ordem religiosa, política, econômica, sociológica, psicológica e jurídica, que, ao mesmo tempo em que punem e se assumem como contrários à violência buscam formas de explicá-la, contribuindo para justificá-la e discriminá-la. (Cattalan, 2011, p. 139)

Essa frase tem um caráter que antipatiza com a lei pois para o detento é como se ele não aceitasse a condenação dada pelo homem comum, cabendo a Deus essa responsabilidade, desse modo transferindo a culpa. A frase algumas vezes aparece tatuada em inglês, tendo-se detectado isso na P2, como mostram as figuras 93 e 94 (Cf. Anexo 1).

E36 – 26 anos – P2. “Perdi a fé... tatuei para tentar recuperá-la, e se tiver que ser julgado novamente que seja por Deus”.

E82 – 32 anos – P2. “Essa tatuagem eu fiz porque só aceito o julgamento de Deus.”

Observa-se em ambas as imagens que a tatuagem apresenta as características de ter sido realizada fora do ambiente prisional. As letras são delineadas valorizando a mensagem com detalhes. Possivelmente são os portadores reincidentes ao sistema penal, os quais as fizeram e posteriormente foram presos novamente. Assim, dão a entender que não interessa o que fizeram mas sim quem os julga.

5.3.3 Fuck Chibos

Essa tatuagem também foi só encontrada na P2. “Chibos” é um termo usado para designar aquele que denuncia ou delata, sendo um termo desconhecido no vocabulário brasileiro. Na tatuagem da figura 95 (Cf. Anexo 1), pode-se verificar que o tatuado a fez com duas armas ao seu lado, o que significa o fim para os delatores, o que pode gerar um certo desconforto com o meio prisional. Pode-se também perceber que o portador da tatuagem está totalmente despreocupado com essa marca corporal, ou simplesmente prefere demonstrar isso.

E18 – 21 ano – P2. “Estou preso porque fui delatado, mas o recado já foi dado. Aqui dentro da prisão a polícia tem preconceito com essa tatuagem, e fora também”.

5.3.4 *Fuck The Police*

O portador dessa tatuagem apresenta não ter dificuldades ou medo de represálias do sistema penal. Trata-se de uma tatuagem realizada na testa, onde é vista por todos. Ela, representa a situação de seu portador com o estabelecimento, uma vez que a mesma foi produzida dentro da prisão. Ela remete, também, para um posicionamento contra a polícia, ao mesmo tempo emitindo uma situação de coragem, gerando um certo poder dentro da prisão. Essa tatuagem²⁸ foi encontrada na P2. (Cf. Anexo 1, Figura 96).

E34 – 26 anos – P2. “Estava fazendo conexão em Portugal, no Porto, e fui apanhado no aeroporto, desde então não saí daqui, nem conheço a cidade. Fui apanhado com 8 kg de cocaína. Tenho muito ódio dos policiais então resolvi fazer a tatuagem para eles não esquecerem disso e nem eu”.

5.3.5 *Pontos na mão*

Essa tatuagem é tipicamente realizada no interior das prisões. Seu significado está associado ao número de pontos tatuados na mão ou nas costas. Segundo o conhecimento policial e penitenciário, e ainda de acordo com a pesquisa de Silva (2012), a tatuagem com um ponto na mão significa que o portador é punquista (batedor de carteira), com dois pontos é esturpador, com três pontos é viciado ou traficante, com quatro pontos comete furtos, com cinco pontos pratica roubos, e com dez formando uma cruz é homicida e chefe de quadrilha.

Esta tatuagem é de conhecimento da sociedade, assim ela transmite um estigma de ser o portador, detento ou ex-detento (Cf. Anexo 1, Figuras 97 a 100).

²⁸ Mais uma vez, pode estar associada esta tatuagem a cultura musical e o rap *"Fuck the Police"* é uma música de 1988 do grupo de rap norte-americano N.W.A (do álbum *Straight Outta Compton*)

Nas respostas pode-se depreender que todos sabem o que esses pontos transmitem, tanto a população carcerária quanto a sociedade e quem controla a segurança. Assim, de uma forma ou de outra, o detento é estigmatizado e rotulado.

E34 – 19 anos – P1. “Fiz os quatro pontos, mas representa as quatro paredes da cela e a letra E no meio sou eu preso. O pessoal não gosta da gente com esses pontos... não conseguimos trabalho depois. Aqui na prisão também não é muito bom ter, porque os agentes marcam”.

E12 – 54 anos – P2. “Esta é a única tatuagem que tenho. Mas sei que a polícia não gosta nem aqui e nem fora. As pessoas olham e já viram o rosto... é assim...”

E79 – 22 anos – P2. “Essa tatuagem com os pontos é vista com muito preconceito, principalmente para o trabalho e pela polícia, fiz de bobeira sabe...”

Mesmo não declarado pelos participantes, acredita-se que os mesmos sabem o significados das tatuagens (pontos) e sabem o que isso demonstra para a população carcerária.

5.3.6 Caveira

Em uma análise voltada ao inconsciente coletivo, a caveira está ligada à morte. Foi símbolo dos piratas, e é comemorada no México no “dia de los muertos”. Buck-Morss (2002) contribui explicando que esse emblema da caveira tem duas variações a serem compreendidas, uma sendo o espírito humano petrificado; e outra a natureza em decadência. A caveira ou crânio, por estar no cume do esqueleto, pode ainda ser interpretada como sabedoria e a alma (Chevalier e Gheerbrant, 2009).

Essa tatuagem é emblemática na Polícia e reconhecida pelo sistema penal, existindo sobre ela um preconceito que está ligado aos homicidas de policiais. Porém, o símbolo da caveira com uma faca cravada de cima para baixo é, ou foi, utilizada pelo BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais, sendo interpretada como “morte aos bandidos”.

Na figura 101 (Cf. Anexo 1), observa-se uma tatuagem tipicamente produzida dentro da prisão. Essas tatuagens, na sua maioria, são realizadas no momento em que o detento chega no sistema penitenciário, para demonstrar que não tem medo e que também infringe as regras. A caveira está com um punhal nas mãos e a forma como é apresentada, de capuz, blusão e *spray*, interpreta-se como sendo jovem o seu portador. Na figura 102 (Cf. Anexo 1), a tatuagem tem produção profissional, realizada em estúdio fora da prisão. A caveira tem um ar de maldade e seu usuário tem conhecimento do significado dela. Essa imagem pode repelir predadores na prisão, assim tem uma conotação de proteção e conflito.

E39 – 26 anos – P1. “Quando a gente entra na prisão é tanto ódio, que resolvemos fazer tatuagens para passar o tempo. Eu sei o significado dessa tatuagem para os policiais, assim já fica dado o recado”.

E37 – 33 anos – P2. “Gosto muito da minha tatuagem de caveira, foi um profissional que fez, acho que ela transmite bem o que eu queria. Aqui na prisão é tipo uma proteção, ela ajuda os colegas predadores ficarem afastados”.

Na figura 103 (Cf. Anexo 1), observa-se a caveira com um conjunto de sepulturas. Segundo Silva (2012), o número de sepulturas marca a quantidade de homicídios cometidos. Também pode significar um indivíduo que mantém a boca fechada como um “túmulo”, ou que tem o corpo fechado (designa que nada pode lhe acontecer).

Sabe-se que as declarações são feitas em momentos que os detentos já estão se “acostumando” com a prisionização. Assim as verbalizações nos remetem a interpretações diversas, é como se eles já estivessem amortecidos ou que a verdadeira intenção ou motivo da tatuagem tenha se perdido no meio de tantas perdas.

5.3.7 Armas

Nesta subcategoria, ir-se-á agregar as armas encontradas em ambos os presídios para melhor compreender o significado geral para ambos.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 80), “[f]orjada para lutar contra o inimigo, [a arma] pode ser desviada de sua finalidade e servir para dominar o amigo, ou simplesmente, o outro.” Ou seja, a mesma arma defende e ataca, mas tem uma única finalidade, a de abater o outro.

Encontrou-se algumas tatuagens que utilizam a representação do revólver e do fuzil. Duas delas apresentavam uma variação: a arma estava com uma mulher; e em outras duas somente aparecia o revólver.

Na figura 104 (Cf. Anexo 1), observa-se que a arma está sendo segurada por uma mulher, a qual tem espartilhos e meias vermelhas, o que tem uma relação clara com “a bandida”, tatuagem comum nas prisões, como também pode ter relação com alguma propaganda ou filme que o detento tenha visto. A mulher em questão na tatuagem pode ser a escolha por se tratar de sua parceira no ato criminal.

Na tatuagem da figura 105 (Cf. Anexo 1), o fuzil está sendo segurado por uma mulher, a qual se encontra com o rosto coberto, podendo isto estar associado à sua companheira, que cuida de “seu homem”. Essa hipótese é devido ao facto de a palavra *United* (unidos, em português) estar no conjunto da tatuagem, mas também pode simplesmente demonstrar uma opção por mulheres e armas.

Nas figuras 106 e 107 (Cf. Anexo 1), observam-se duas tatuagens praticamente iguais, e ambas localizadas no braço. Pode-se interpretar que a escolha dessa tatuagem não é algo comum, pois parte-se da definição que as tatuagens, de uma forma ou de outra, estão ligadas a fatos vivenciados e comunicativos. De acordo com as pesquisas realizadas por Silva (2012) com detentos portadores desse tipo de tatuagens com armas, esses detentos são acusados de roubo e latrocínio, e com fuzil tratar-se-ia de uma pessoa ligada a roubos de grandes portes.

E41 - 33 anos – P1. “Quando fiz a tatuagem da arma estava ‘chapado’ me arrependi mas já não adiantava mais, mas acho que até me protege na cadeia. Se eu sei o significado? Claro que sei (risos)!”

E65 – 23 anos – P1. “Fiz a bandida, é uma provocação com o crime.”

E6 – 26 anos – P2. “Tenho muitas tatuagens, acho que mais de 30! A bandida eu fiz porque estava no crime já... foi minha mulher que escolheu, acho que isso dá força e proteção, ou talvez poder para gente!”

E29 – 22 anos – P2. “É o instrumento de trabalho... eu sei o a polícia acha dessa tatuagem”.

5.3.8 Faca ou punhal

Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 414) “[o] símbolo da faca é, frequentemente, associado também à ideia de execução, no sentido judiciário, de morte, vingança e sacrifício”. Assim, a faca representa a chamada “arma branca” pois tem uma função e é utilizada em outra, no caso a agressividade.

A tatuagem com a imagem de faca se encontrou na P1. Na figura 108 (Cf. Anexo 1), observa-se uma faca que atravessa a pele na representação, como se fosse o local onde se guarda a faca, sempre pronta a ser utilizada, pois está no braço esquerdo e o movimento de empunhá-la está na altura da mão direita.

E98 – 35 anos – P1. “A tatuagem da faca representa proteção. Os colegas sabem o que representa a tatuagem de faca, carniceiros e sem alma!”.

Na resposta do entrevistado, ele anuncia que a faca tem para ele um significado de proteção, mas ao mesmo tempo de conflito com o local, pois ela repele qualquer agressão que possa acontecer. Assim, a faca pode também ser entendida como amuleto.

6. Vícios e Entretenimento

Nesta categoria foram selecionadas para análise as tatuagens identificadas para essas denominações.

6.1 Consumo de Substância

Encontrou-se para essa subcategoria a tatuagem com a folha da Cannabis (maconha) em ambas as instituições (Cf. Anexo 1, Figuras 109 a 112).

Estas tatuagens remetem diretamente ao vício. É uma marca permanente de sua opção por algum tipo de entorpecentes. Já para o sistema penal, este tipo de tatuagem remete para o tráfico de drogas, como se o portador marcasse o ponto de venda do usuário e do traficante ao mesmo tempo.

E99 – 30 anos – P1. “Essa folha da maconha fiz quando estava ‘chapado’ daí aproveitei porque não sentia dores, (risos), agora tá aí, na rua o pessoal quando vê já me pedem um ‘baseado’”.

E29 – 22 anos – P2. “Na minha tatuagem da cannabis coloquei ela também viciada. Estou nas ruas desde miúdo, para mim essa tatuagem não muda nada, é isso ...”

6.2 Jogos

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o jogo é um símbolo de luta, contra o outro ou contra si. Mesmo se tratando de um divertimento, sempre haverá um ganhador, e por isso está também associado a regras e liberdade.

6.2.1 Cartas / Baralho

O baralho é um conjunto de cartas que são divididas em quatro naipes: copas, espada, ouro e paus. Suas cores são o vermelho e o preto e no conjunto tem letras, números e o coringa. Os jogos com baralhos são bastante comuns na prisão: alguns jogam como

passatempo, outros fazendo apostas a dinheiro. Na prisão, o jogo de baralho é uma forma de entretenimento, mas também uma troca de favores, porém qualquer jogo considerado de “azar” na prisão é proibido. Fora dela, muitas vezes é viciante.

Pode-se observar nas imagens das tatuagens (Cf. Anexo 1, Figuras 113 a 116) que todas aparecem com quatro cartas, os quatro naipes do baralho e com o Ás. No jogo de Poker, o preferido dos detentos, o Ás é a carta mais alta. Assim, analisa-se como sendo um desejo de estar em destaque ou de ser vencedor. Esta tatuagem tem afinidade com jogadores potenciais e ou trabalhadores de casas de jogos.

E06 – 25 anos – P1. “Os jogos de cartas representam um hobby meu, gosto de jogar e já perdi muito dinheiro com jogatinas, passava dias jogando. Aqui na prisão a gente também se distraí com o baralho, às vezes a gente aposta um cigarro, um chocolate...”

E57- 36 anos – P2. “As cartas é meu vício com jogatinas, e também um passatempo, fiz para mostrar que sou jogador mesmo”.

Na fala dos detentos, pode-se perceber uma passividade nas respostas, o que parece demonstrar o vício com jogo ou com a diversão que pode lhes dar. As tatuagens apenas conotam essa relação que os presos têm com o jogo, como também a ociosidade que impera nos dias que se seguem na prisão ou em liberdade.

6.2.2 Bilhar com dados e variações

Bilhar, sinuca ou snooker são as variações de um mesmo jogo, praticado em muitos países. Na mesa de bilhar são necessárias 15 bolas coloridas e numeradas enquanto que a bola branca serve para atacar as demais e derrubá-las em uma das seis caçapas da mesa. Como qualquer outro jogo, o bilhar pode ser um passatempo ou um vício para seus jogadores, com altas apostas de quem joga como de quem assiste às partidas. Ao observar as tatuagens com essa temática, percebe-se que todas têm a bola preta, a número 8. Essa bola é considerada a mais importante no jogo, pois o objetivo dos jogadores é acertá-la para ganhar, “matar a bola”. Nas tatuagens, pode-se interpretar que o seu portador acredita

conseguir escapar das situações (com a polícia, na rua, na família, na prisão), como também ser importante dentro de um grupo e estar sempre em uma relação de adrenalina com a vida e com as pessoas. Em duas das tatuagens a bola está coroada, afirmando ser a figura importante, e em uma delas está com asas, que se interpreta como “sair” livre. No conjunto, as tatuagens apresentam variações com os dados, jogo de roletas e o coringa. Os dados aparecem em todas (Cf. Anexo 1. Figuras 117 a 120). A frase “a sorte está lançada” surgiu a partir dos jogos com dados, há milhares de anos. Nesse sentido, é como se a vida estivesse sendo sempre colocada à prova e perante situações de estresse e adrenalina. Na figura 117 (Cf. Anexo 1), a tatuagem possui ainda o trevo de quatro folhas, conhecido por trazer sorte. A roleta representa a questão da “sorte lançada”. A motivação dos detentos em fazer essas tatuagens tem afinidades com o ter sorte, com a adrenalina da situação de onde se está (bola 8).

E47 – 33 anos – P2. “A vida é um jogo... estamos sempre nos arriscando. Essa tatuagem representa para mim a sorte e também porque já gostei muito de apostas como diversão”.

E97 – 35 anos – P2. “A bola 8 representa o fim do jogo, é a marcada pelo adversário, assim somos nós, dentro e fora da prisão. Tem que ter sorte. Já joguei muito, passava horas na jogatina também, às vezes ganhava, às vezes levava na cabeça”.

6.2.3 Coringa

Segundo Gonçalves e Reily (2010), o coringa ou *joker* tem inspiração na 22^a (ou zero em alguns tarôs) carta do tarô (o louco), representando a liberdade. Outra versão é que essa carta surgiu para completar a corte no jogo de cartas (“bobo da corte”). O bobo da corte era aquele indivíduo que distraía o Rei com brincadeiras e charadas, porém por trás dessas brincadeiras sempre havia a intenção desonesta/honesta de esconder ou contar algo que estava sendo cometido na corte. Assim, a imagem do coringa é sempre enigmática e sarcástica, representando o paradoxo de poder fazer tudo ou nada, da alegria e da tristeza, da inteligência e da ignorância. Dependendo da situação, o coringa age para o seu benefício. Nas tatuagens com o coringa (Cf. Anexo 1, Figuras 121 a 123) pode-se observar (inclusive nas figuras 121 e 123) que ele está usando o emblemático chapéu do

bobo da corte e tem um sorriso sarcástico, aterrorizante, insano e um olhar intimidador. Para o Tenente Alden da Silva (2012), os portadores dessa tatuagem estão ligados a roubos e não se entregam facilmente, sendo violentos e perigosos.

E53 – 27 anos – P1. “Não me importo se os outros sabem o que é o coringa para a polícia ou para os outros, o que vale é que eu gosto. Ela intimida, isso eu sei e é o que importa. Representa estar em qualquer lugar, não sei você entendeu”.

E43 – 33 anos – P1. “Fiz na prisão esta tatuagem, ela é engraçada e dizem que traz sorte, sei lá, estou aqui não deve ser muita sorte (risos)”.

E17 – 26 anos – P2. “Fui para o Brasil uma vez e me meti com jogatinas, tive muito problemas, então fiz o coringa para nunca mais esquecer. Mas sei que existe preconceito, principalmente no Brasil”.

No relato dos detentos é notório o conhecimento que os mesmo têm, porém não parecem atribuir muita importância a isso, até mesmo porque todos têm liberdade de escolha e de como usar o seu corpo. Mesmo sabendo que essa tatuagem pode acarretar algum dano perante a sociedade e polícia, não houve por parte deles nenhum preconceito em fazê-la.

6.3 Diversão

6.3.1 Música

Esta subcategoria somente foi encontrada na P1, e o tatuado afirmou que sua tatuagem foi em homenagem à banda Racionais (Cf. Anexo 1, Figura 124), sendo eles um grupo de *rap* e *hip-hop* brasileiro, da periferia de São Paulo que em suas músicas apresentam um discurso contra a opressão das classes menos favorecidas.

E38 – 25 anos – P1. “Fiz essa tatuagem porque os MCs Racionais tem músicas que diz muito da nossa vida bandida”.

6.3.2 Mulher Nua

Algumas vezes, nesta pesquisa, repetiu-se a frase “o corpo é o único território que pertence ao detento”, onde exprimem seus diferentes sentimentos. Assim, a tatuagem da mulher nua (Cf. Anexo 1, Figuras 125 e 126) pode estar relacionada com a falta de relações conjugais e prazer. Com isto, a imagem da mulher anuncia a sua opção sexual. Já para Araújo (2010), subtenente da PM, as tatuagens de mulheres nuas, quando tatuadas com as genitálias aparentes, são relacionadas a detentos usuários de drogas injetáveis.

E80 – 27 anos – P1. “A mulher nua tem em haver com a nossa situação de ficar sozinho dentro da prisão, daí marcamos nosso opção né...a gente se diverte também com essas tatuagens, na hora de fazer e depois”.

E45 – 29 anos – P2. “é uma homenagem as mulheres e também é um jeito de ficar com elas, aqui é comum essa tatuagem, porque estamos sempre só com os colegas”.

Nos relatos, percebe-se que os detentos, passam a relação que a tatuagem tem com seu corpo, agregando à ela condição de estar só, assim transferindo a imagem a uma potencial “companhia”.

6.3.3 Palhaço

Para Puccetti,

[o] palhaço não tem psicologismos, sua lógica é física: ele pensa e sente com o corpo. O palhaço é um ser que tem suas reações afetivas e emotivas todas corporificadas em partes precisas de seu corpo, ou seja, sua afetividade e seu pensamento transbordam pelo corpo. (2012, p. 124)

Para este autor, a personificação do Palhaço é corporal, sendo capaz de fazer rir e chorar e ser paradoxal em suas mensagens.

Porém, a tatuagem do palhaço é emblemática, principalmente no Brasil, perante a sociedade comum e a policial. Trata-se de uma tatuagem que traz como marca o crime.

Em pesquisa recente, na comunidade de Heliópolis, o pesquisador Ricardo Pereira solicitou às crianças que fizessem um desenho que estivesse relacionado com a criminalidade, e as mesmas desenharam um palhaço. Pereira (2017) explica, observando os desenhos feitos pelas crianças:

No desenho da esquerda encontramos uma espécie de linha do tempo, o acesso ao crime pela arma, a identidade pelo palhaço, a sobrevivência e consumo pelo dinheiro e o a cadeia como destino. Já no desenho do meio duas faces do mesmo palhaço, uma triste com lágrimas e o outra alegre podem sugerir a ambivalência do mundo crime. No desenho da direita há um grande palhaço com os escritos em seu chapéu: \$ = (dinheiro) e 157 = (roubo). (Pereira, 2017, p. 177)

Assim, percebe-se que essa tatuagem é de conhecimento coletivo e parte do imaginário sobre tatuagens prisionais. Pereira (2017) conclui:

A figura do palhaço, como já dito anteriormente, poderia ser um dos elementos constituintes do imaginário de violência, que transversaliza o cotidiano e a realidade das crianças e dos jovens, ou seja, partem de significados construídos não isoladamente, mas sim socialmente concebidos. (Pereira, 2017, p. 177)

Ou seja, essa tatuagem não recebeu esse estigma com o crime gratuitamente, até mesmo porque os criminosos que viviam nessa comunidade tinham essa tatuagem visível; deste modo, as crianças a associaram ao seu imaginário.

Já para o Tenente da PM Alden da Silva (2012), os portadores dessa tatuagem são praticantes de crimes de roubo, tráfico e “podem estar” relacionados com morte de policiais. Nas tatuagens do palhaço encontradas nas P1 e P2 (Cf. Anexo 1, Figuras 127 a 132), os detentos relataram saber dessas questões relacionadas ao crime, porém eles afirmam que essa tatuagem, no caso deles, tem afinidade com a personalidade de ser brincalhão, de levar tudo na brincadeira ou fazer os colegas rir de suas piadas.

São visivelmente comuns, nas tatuagens, os elementos que confirmam ser o palhaço: a bola no nariz, o qual tem a função de chamar a atenção de seus espectadores, juntamente

com a maquiagem e acessórios. Observa-se o olhar e o sorriso sarcástico, demoníaco e intimidador nas tatuagens. Na figura 128 (Cf. Anexo 1), a composição apresenta dados, assim como a bola 8 com coroa, já interpretada anteriormente em Jogos. Nas figuras 129 e 130 (Cf. Anexo 1), surge o palhaço com o chapéu, que no lugar da flor tem uma folha de maconha e na boca um “cigarro”, induzindo ser o portador consumista de substâncias ilícitas. Ainda na figura 130 (Cf. Anexo 1), o palhaço porta uma arma em uma das mãos e na outra o dedo indicador aponta para o observador. Já o número 33²⁹ pode remeter ao Artigo do Código Penal Brasileiro, no qual pode estar o detento enquadrado, ou poderá indicar um ponto de venda de algo. Na figura 131 (Cf. Anexo 1), um conjunto de imagens, o palhaço está com uma arma e esta com fumaça saindo do cano, podendo entender-se que a mesma foi usada recentemente; completando a imagem, tem um conjunto de quatro notas de 100 dólares. Esta tatuagem pode ser interpretada como uma intimidação, ou um ato feito. Na tatuagem da figura 132 (Cf. Anexo 1), por fim, observam-se alguns elementos como jogos de dados e cartas (já interpretado), e no boné vê-se o número 7, podendo esse ser o Artigo 7^{o30} do Código Penal Português e a posição do dedo a indicar que não há preocupação com qualquer situação.

E31 – 25 anos P1. “Eu sou muito amigo dos colegas, e estou sempre contando piadas. Mas já sofri preconceitos com a polícia, eles olham a tatuagem e descem a borracha!”

E43 – 33 anos P1. “É pra assustá mesmo! Os inimigos nem chegam perto da gente... nem tô aí se acham que mato policial. Dane-se tudo!”

E85 – 25 anos P2. “Sei lá por fiz, mas gosto dela. Dizem que sou brincalhão, deve ser por isso que fiz... No Brasil que tem preconceito nessa tatuagem... aqui não!”

E29 – 22 anos P2. “Claro que sei o significado do palhaço, fui criado no crime, mas de um tempo para cá que começaram a ter preconceito na tatuagem do palhaço. Já olham nela e condenam. É até divertido”.

²⁹ **Art. 33** - A pena de reclusão deve ser cumprida em regime fechado, semi-aberto ou aberto. A de detenção, em regime semi-aberto, ou aberto, salvo necessidade de transferência a regime fechado. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984).

³⁰ **Art.7** - Enquanto vigorarem normas que prevejam cumulativamente penas de prisão e multa, a suspensão da execução da pena de prisão decretada pelo tribunal não abrange a pena de multa. (Decreto-Lei n.º 48/95).

7. Reflexão sobre a Parte II tatuagens em prisioneiros

Ao buscar uma metodologia para realizar uma pesquisa de campo, muitas vezes essa procura nos causa uma certa “frustração”. Nesta linha de raciocínio, é possível compreender que esta “frustração” tem um caráter que nos leva a questionamentos sobre o próprio tema escolhido e, conseqüentemente, sobre o objetivo a ser alcançado. No caso desta tese, passamos por trocas de metodologia: encaixes, reencaixes, novas possibilidades, outro objetivo. A pretensão de descobertas acerca da temática foi excitante, ainda mais porque a pesquisa foi feita em um ambiente considerado hostil e o grupo de pesquisados era formado por reclusos. Inicialmente acreditava, e continuo a acreditar, que o local das pesquisas deveria ser vivenciado, no sentido de conhecer de perto, e assim o fiz, mesmo sabendo que conhecer somente duas penitenciárias não revelaria a miríade a ser descoberta devido à população carcerária ser elevada em ambos os países e, sendo assim, o assunto se deu como esgotado nessa amostragem de 200 pesquisados.

Na introdução da pesquisa, ousei referir o “*voyerismo* curioso” que a tatuagem me instigava. E assim aconteceu: ver os corpos marcados dos presidiários, seja por marcas de objetos, por cicatrizes de possíveis brigas, de autoflagelação, cicatrizes do tempo da infância e adolescência e, finalmente, por tatuagens. Estes corpos são autobiográficos, um corpo de memória, um livro-corpo em que cada tatuagem é um capítulo.

As marcas da prisão estão acentuadas nas faces dos entrevistados, jovens com aparência de idoso, corpos que falam através da magreza, da forma de andar, de como as mãos gesticulam e tremem, dos olhos vazios. Nessa autobiografia, anotada em tatuagem, muitos contam suas histórias: de seus amores e de suas dores. É um diário que não se apaga, apenas faz-se outra por cima. Conforme nos informa Ferreira (2009), as tatuagens atribuem e celebram um valor emocional e biográfico sobre algum momento vivenciado.

Essas marcas tatuadas observadas são marcas privadas que guardam segredos que podem significar muito mais dos que nos foi confessado, como afirma Ribeiro (2003) quando

nos diz que não existe nada tão seu quanto o corpo. Assim, nestas marcas encontramos a exclusão e inclusão de seus grupos, os quais se afiliaram por necessidade de sobrevivência, por necessidade de companherismo ou simplesmente por estar.

Nas entrevistas realizadas, o comportamento dos detentos era de estranhamento em querer saber o porquê da pesquisa. O medo das respostas era perceptível em seus olhos e no modo como o seu corpo o demonstrava. Na penitenciária brasileira, essa situação foi acentuada devido à vigilância nos dias da pesquisa, sendo que na penitenciária portuguesa foi totalmente diferente, com detentos muito mais participativos e falantes. Como aspecto positivo, observou-se que em especial naquela unidade penal brasileira havia um certo caráter de humanidade com os detentos, percebia-se algum respeito e cuidado com o bem estar deles. Devido à quantidade de penitenciárias brasileiras, sabe-se que os recursos governamentais e a morosidade judiciária leva as cadeias e penitenciárias a ficarem abarrotadas de prisioneiros, misturados entre crimes considerados pequenos com os crimes considerados hediondos. Pode-se assim compreender o termo “escola de bandidagem”, por não haver uma seleção de criminalidade. Já na unidade penal portuguesa, embora essa seleção também não aconteça, o perfil criminal é acentuado em “menos grave”. Em relação aos crimes, o que constatou que na P1 ficou concentrado em homicídios e na P2 em furto e tráfico de drogas, sendo que nos dois países as dificuldades em corrigir são as mesmas, por exemplo, de como ressocializar os ex-presos.

A partir do contato *in loco* dos atores da pesquisa - os detentos e a penitenciária - tornou-se possível evidenciar que a edificação dos saberes se dá coletivamente, isto é, ela é vivida em grupo, bem como a forma como essa situação cria sociedades paralelas dentro de quatro muros/paredes. Com as entrevistas, por seu lado, verificou-se que a tatuagem dentro da prisão é algo proibitivo, e embora todos saibam que acontece, não há uma ação preventiva. De fato, o ato de se tatuar na prisão acarreta situações de risco no que diz respeito aos equipamentos rudimentares e pela falta de higiene, o que pode provocar e transmitir doenças.

Também se percebeu que existe por parte dos detentos uma forma de organização para que isso não seja “descoberto” pelo controle de vigilância, e isto influencia na forma como a tatuagem é feita pelo tatuador: mais rápida, menor, maior, estilos mais comuns e simplórios ou elaborados. Assim, os detentos elaboram formas de distração para não serem descobertos e punidos. Essa organização faz com que a criatividade dos tatuadores de prisão aumente, pois eles devem ser ágeis para que a sua “clientela” permaneça satisfeita.

Outra questão evidenciada foi que as tatuagens realizadas no interior da prisão estão condicionadas com o próprio ambiente, nomeadamente a ociosidade que parece levar a uma frivolidade com a situação, como também o infringir do controle de vigilância dos estabelecimentos que podem estar relacionados com a rebeldia e a provocação. Outro fator observado é que a tatuagem se integra numa espécie de pertencimento ao convívio local e grupal, isso declarado quando afirmam que “*o meu colega fez e eu quis fazer*”, ou nos casos das facções que se utilizam de alguns símbolos para identificar participantes. É notório que o meio cultural e local interfere na tatuagem escolhida: alguns tatuados têm conhecimento sobre a imagem, outros fazem-na porque a isso foram incitados, outros por motivos adversos.

Outra questão que se detectou na pesquisa é que a primeira tatuagem foi realizada entre os 11 e os 17 anos, sendo 54% na P1 e 33% na P2, o que aponta para as situações de estarem na vida pregressa há mais tempo do que eles possam controlar, no sentido de romper regras, realizar a tatuagem sem autorização dos pais, viver nas ruas, ou por estarem em instituição de amparo ao menor. Essa porcentagem se dá devido à diferença territorial de ambos os países, o que demonstra a vulnerabilidade familiar brasileira. Ainda sobre a idade, 68% dos reclusos estão dentro da faixa etária dos 26 aos 32 anos, permitindo alertar que a juventude está presa com idades ainda produtivas para o trabalho, estudos e vivências sociais saudáveis, porém, por escolhas e situações que se desconhece, estão reclusos.

Nesta pesquisa, intentou-se verificar, também, se as tatuagens realizadas no Brasil (P1) e Portugal (P2) possuem os mesmos significados e motivações. Interligando as categorias apresentadas, pode-se realizar um cruzamento entre as tatuagens. Com isto, foi evidenciado que as tatuagens seguem o mesmo padrão simbólico e motivacional, ou seja, o simbólico é atribuído de forma diferenciada para cada tatuado. Foi declarado por eles que a motivação é a mesma para uma tatuagem, porém, o caráter simbólico é íntimo, o que pode estar camuflado ou simplesmente não ter sido pronunciado. Todavia, sabe-se que quando as pesquisas são por meio de entrevistas, as respostas dadas são vistas como verdadeiras, sem refutar o que foi dito. Desse modo, as interpretações relacionadas com tatuagem e vida dos detentos foram aceites para as análises.

Em relação às tatuagens, foram declaradas pelos participantes da pesquisa 1.177, sendo 439 produzidas na prisão, ou 37,29%. Os números apontam que na P2 o número de tatuagens é maior que no Brasil nos dois quesitos: número de tatuagens (58%) e quantidade de tatuagens feitas na prisão (55%). Nas entrevistas, foi possível perceber que os detentos do Brasil possuíam ainda percepções acerca de que a tatuagem é vista de forma preconceituosa na sociedade, na família e com a polícia. Porém, na P2, entendeu-se que essas situações relacionadas com o preconceito pouco importam, até mesmo porque a tatuagem já não é mais vista como pertencente somente aos presidiários, conforme afirmações de responsabilidade das teorias criminais do início do século XX, mas antes pela população em geral.

No que tange aos padrões das tatuagens, as mesmas são uniformes e estão ligadas a algum tipo de homenagem. Assim, é na privação que os detentos realizam inúmeras tatuagens, onde utilizam o corpo para externalizar suas vivências, seus códigos e suas fúrias. E isto foi percebido nas entrevistas, pois os detentos sabiam dos significados de suas tatuagens, principalmente aquelas direcionadas à família, sejam esses significados pertencentes ao consciente coletivo ou direcionadas a etapas e situações vividas. No entanto, as tatuagens seguem ou progridem conforme a movimentação carcerária e se adaptam de acordo com as necessidades criadas por essa sociedade prisional. Assim, as tatuagens migram e

mudam seus significados, sendo que muitas perdem ou aumentam o estigma de “tatuagem de cadeia”.

Nas tatuagens analisadas detectou-se que a principal motivação dos detentos desta pesquisa está ligada aos familiares, por isso na categoria “Família e Relacionamentos”, das 216 tatuagens declaradas, 88 (40%) delas são direcionadas aos filhos, sendo a motivação principal para realizá-las o pertencimento, a homenagem e o sentimento de estar junto. Isto parece demonstrar que a relação pai/filho exerce sobre os detentos algo importante, e mesmo para aqueles que têm um distanciamento provável das relações conjugais, os filhos são a motivação para estarem livres e de futuro. É importante ressaltar que a maioria dos detentos pesquisados já havia realizado tatuagens anteriormente à prisão, o que demonstra que a forma de expressão, de linguagem de suas emoções, da forma do pensar é antecedente ao mundo carcerário e, apesar de estas tatuagens referentes às relações familiares terem se destacado nesta pesquisa, as literaturas afins ao tema não trazem esta discussão.

Conclusão

Os saberes acumulados sobre a história da tatuagem ainda são escassos e incompletos, devido à grandiosidade arqueológica que está por ser descoberta. Uma vez que a tinta da tatuagem não é projetada nos fósseis, as épocas se tornam incertas para datar o seu surgimento. Porém, os estudos apontam para uma investigação que perpassa as áreas médica, psicológica e antropológica, tentando compreender como essas marcas alteram a saúde, as vivências emocionais e culturais de seus portadores.

No limiar do século XXI, as questões sobre as modificações corporais estão cada vez mais em voga, até mesmo porque o corpo é o território mais individual que se possui, e as possibilidades de o transformar, transmutar, mutilar, tatuar, com ou sem apelos estéticos e ideológicos, tornou-se quase comum na sociedade atual: “o corpo é meu e eu faço o que eu quero”.

Foi também possível perceber que a tatuagem na contemporaneidade assume o seu papel no capitalismo, incluída na indústria cultural e recebendo destaques na mídia e em eventos mundialmente evidenciados e realizados também no Brasil e em Portugal, demonstrando o quanto essas questões corporais ainda estão buscando os seus significados particulares, coletivos ou performáticos.

No entanto, mesmo com todo esse aparato, a tatuagem comumente enfrenta preconceitos. Em tempos remotos era um ritual de iniciação; atualmente é um ritual de exclusão voluntária e involuntária. Assim, a tatuagem é uma forma de comunicação individualista, em que o meio cultural e social onde se está inserido exerce um papel de destaque.

“O Corpo indelével: Tatuagens em presidiários” constituiu-se em uma investigação que pensou no corpo como meio cultural no qual as marcas indelevéis estão condicionadas no físico e no emocional. Dito isso, é no físico que se encontra as questões do corpo transformado pelas necessidades individuais de sobrevivência, dentro do meio prisional

ou não. Já o corpo emocional é o agregado do corpo físico e interpelam no condicionamento psicológico deixando marcas que refletem em seu comportamento.

Assim, por meio, das análises não só das tatuagens, mas também do corpo tatuado, concluiu-se que esse corpo é biográfico. Com isto, os elementos emanados por esse corpo, carregam a capacidade de expressar os sistemas de valores instituídos pelo ambiente o qual está condicionado. Pois são nas comunidades criadas e nas vivências com as mesmas que se adquire tradições que acontecem de várias maneiras e são determinadas pelo local, neste caso o cárcere. Talvez isto esclareça o termo “tatuagem de cadeia” a qual é produzida neste ambiente. Essas são produzidas com características aprendidas pelos tatuadores dentro de suas condições (materiais de tatuar) e de conhecimentos adquiridos (técnica de tatuar) perante as situações de marcações e do controle de vigilância. A cultura carcerária, ao meu entender perante a tatuagem, é uma cultura engessada ou ultrapassada, o que caracteriza as poucas mudanças no hábito de fazer. Sendo que os próprios entrevistados acrescentavam na conversa sobre o assunto que “todos fazem”, “sempre foi assim”, “é comum fazer na prisão”, “é um hábito”, e isto acaba por defenir um prática corriqueira e muita das vezes, como é comum mencionar associada a ociosidade que o ambiente proporciona.

Esta questão da ociosidade, particularmente, se desmitificou ao visitar os ambientes prisionais pesquisados. Até mesmo porque nas duas penitenciárias pouco se viu de “ócio”. Em ambas instituições estavam acontecendo atividades cotidianas de trabalho, presos em atividades físicas, na orquestra, em estudos ou lazer. O que se parece é que se tornou um “costume” classificar a prisão ao ócio, para Sarmiento (2007, p. 486) “[u]m costume só tem significado quando ligado ao contexto em que se insere”, assim sendo a ociosidade em algumas situações não se insere ao contexto prisional pesquisado.

A tatuagem no ambiente carcerário é aqui trazida à tona devido à sua relação com a história das teorias criminais do final do século XIX, que direcionou a tatuagem para a formação de um pensamento preconceituoso, assim aguçando a curiosidade de pesquisadores em realizar investigação sobre o componente tatuagem/delito, e que nas

pesquisas aparecem em diversos formatos como tatuagem/fator violência, tatuagem/crimes praticados, tatuagem/história de vida, tatuagem/transmissão de doenças, tatuagem/comportamento.

Nesta pesquisa buscou-se encontrar a motivação do detento em se tatuar e conclui-se após entrevistas e análises de seus relatos e cruzando as categorias que os 200 detentos pesquisados se utilizam da tatuagem como uma forma de comunicação para expressar suas emoções, e as fazem em seu corpo de forma individualista, onde eles externalizam seus desejos, angústias, fúrias e homenagens, sendo a principal motivação a demonstração da importância que determinadas pessoas, em especial dos filhos, possuem em sua vida.

Foi por isso possível constatar que os detentos que fizeram tatuagens no interior do cárcere já possuíam a prática de tatuar-se anteriormente à prisão, o que mudou neste processo foi o ambiente e os motivos que os fizeram tatuar-se. Este estudo demonstrou ainda que as imagens escolhidas transmitem a identidade do indivíduo, pois é a forma como ele vê e sente o mundo interior e exterior.

Esta pesquisa trouxe a possibilidade de desmistificar a visão reproduzida em alguns estudos como Paredes (2003) e Silva (2012) de que as tatuagens no interior da prisão ou no “mundo do crime” são totalmente voltadas ao reconhecimento, comprovação e afirmação referentes aos delitos cometidos, ao pertencimento a determinados grupos. É claro que existem detentos que irão fazer as tatuagens para esta finalidade, mas não se trata de um resultado absoluto.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, por ter sido desenvolvida em um ambiente de total observação e controle, permanece a inquietação se as respostas obtidas foram mascaradas. Contudo, cabe reiterar que os resultados do número de tatuagens vinculadas às relações familiares foram incontestáveis e, sendo assim, restou insatisfatória no processo de análise da história de vida pregressa do detento, para buscar compreender os reais motivos de suas tatuagens motivadas pelas relações familiares. Outro ponto carente foi a constatação da ausência da figura paterna nas tatuagens, bem como o alto índice de

detentos que tiveram sua infância e adolescência sem a figura paterna presente em suas vidas o que poderia ter uma correlação ou não, porém deixa alguns questionamentos para futuramente ser estudado.

Por fim, acredita-se o que o meio interfere na decisão e motivação das escolhas para tatuar. Embora aqui se conclua esta pesquisa, ela não se considera esgotada. Assim é possível elencar temas futuros a pesquisar, como: a tatuagem do ponto de vista de registro da história do indivíduo (e que na prisão demonstrou não ser diferente); as relações de poder presente na tatuagem e tatuador na prisão; pai/filho: a tatuagem entre o pertencimento, identidade e conflitos; a ambiência do indivíduo e sua relação com as tatuagens; e também pode ser um assunto a ser debatido mudar o ambiente masculino para o ambiente feminino carcerário.

Finaliza-se este trabalho compreendendo que a tatuagem é uma forma de linguagem corporal, onde escolhemos o que nos motiva, o que nos importa para registrar no corpo. Essa forma de se expressar é muito antiga e suas finalidades foram moldando-se e se adaptando à história e às culturas, sendo que isto não difere na cultura carcerária.

Referências

- Adorno, T. W. e Horkheimer, M. (1997). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar.
- Almeida, T. e Reis, M. A. G. S. (2013). O Corpo e a representatividade social: reflexões sobre a tatuagem e a linguagem corporal. *GT-26 Sociologia de Los Cuerpos y Las Emociones. Acta científica. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. Guadalajara, México.
- Andrade, A. B. P. de e Mathias, A. F. (2015). Símbolos de uma vida criminosa: Identidades desveladas em tatuagens. Blucher Design Proceedings, São Paulo. *Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação/Proceedings of the 7th Information Design International Conference*, 2(2), pp.1646-1651.
- Aranha, M.L.A. e Martins, M.H.P. (s.d.). *Filosofando, introdução a filosofia*. São Paulo, Editora Moderna.
- Araújo, A. (2010). *A marca do criminoso*. [Em linha]. Disponível em: <<https://forcapolicial.wordpress.com/tatuagem-de-cadeia/>> [Consultado em: 10/01/2018].
- Araújo, L. (2005). *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo, Editora Cosac Naify.
- Artuso, A. R., França, L.A. e Steffen, A. (2016). *As marcas do cárcere*. Curitiba, Ira Editora.
- Assis, L.M.S.(2017). *Execução da Pena: Alguns Caminhos Para a Ressocialização*, Mestrado Científico em Ciências Jurídico-Criminais. Coimbra, Faculdade de Direito de Coimbra. [Em linha]. Disponível em<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/83979/1/DISSERTA%C3%87%C3%830_LUANA%20MAYARA%20coimbra.pdf>.[Consultado em 10/04/2020].
- Aumont, J. (2002). *A Imagem*. São Paulo, Editora Papirus.
- Bakhtin, M. (1981). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2002). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec.
- Baldaev, D. (2003). Prefácio. *Russian Criminal Tattoo Enciclopédia*. Londres, Editora Full.
- Bales, W. D., Blomberg, T. G. e Waters K. (2013). Inmate tattoos and in-prison and post-prison violent behavior. *Lifescience Global, Int. J. Criminol. Sociol*,2, pp. 20-31. [Em

linha] Disponível em :
<https://www.researchgate.net/publication/314788227_Inmate_Tattoos_and_In-Prison_and_Post-Prison_Violent_Behavior>. [Consultado em 15/07/2016].

Barbosa, A. F. (2012). *Fatores preditivos da reincidência: análise de uma amostra aleatória de reclusos portugueses do sexo masculino*. Tese de Mestrado em Psicologia da Justiça, Braga, Uminho. [Em linha] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/24285>> [Consultado em 10/03/2018].

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70.

Barthes, R. (1984). *Óbvio e obtuso*. Lisboa, Edições 70.

Bastos, A. T. (1903). *A tatuagem nos criminosos: estudo feitos no Porto anthropometrico da cadeia da relação*. Repositório Aberto UP. [Em linha]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/16453>> [Consultado em 10/05/2015].

Bauman, Z. (2010). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar.

Baquião, R. C. (2014). *Estabilizações e mudanças na composição semiótica da imagem de Cristo: o cruzamento entre sagrado e profano*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, UNESP.

Belo, W. (2015). *Da aplicação da Lei Penal*. Joinville, Clube dos Autores.

Bentham, J. (1822). *Theoria das penas legais. Soberano Congresso das Cortes Geraes, extraordinárias e constituintes da mesma nação*. Lisboa, Imprensa Nacional.

Berchon, E. (1869). *Histoire Médicale du tatouage*. Paris, Academie Imp. De Medicine.

Berger, G. (2009). A investigação em educação modelos socioepistemológicos e inserção institucional. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 3(4), pp. 23-26.

Berger, M. (2000). O significado da tatuagem ao redor do mundo e ao longo do tempo. Assunto principal: tatuagem. *Revista Superinteressante*. 159.

Berger, M. (2000). Tatuagem: a Memória na Pele. *SINAIS-Revista Eletrônica das Ciências Sociais*. Vitória. CCHN, UFES, 5(2), pp. 65-83.

Berger, M. (2006). *Corpo e identidade feminina*. Tese de Doutorado em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Universidade de São Paulo. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/pt-br.php>>. [Consultado em 09/05/2015].

Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia fundamental*. São Paulo, Editora Escuta.

Bezerra, A. V. (2011). A forma da estatística e o conteúdo do desemprego. *XIII Jornada do Trabalho*. São Paulo, Presidente Prudente. [Em linha]. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/49.pdf>> [Consultado em 09/06/2018].

Bezerra, J. S. (2014). *Corpo-arte, corpo-sentido, corpo-linguagem a constituição da sociedade/ sujeitos transgressores a partir de tatuagens*. Porto Alegre, UFRGS. [Em linha]. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_SoaresBezerra.pdf> [Consultado em 30/11/2017].

Bezerra, J. S. (2014). *Experiências Subjetivadoras no limite da pele: uma análise de práticas discursivas inscritas em tatuagens*. Tese de Doutorado Estudos da Linguagem. Natal, UFRN. [Em linha]. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19385/1/JosenildoSoaresBezerra_TESE.pdf> [Consultado em 30/11/2017].

Birmingham, L., Mason, D. e Grubin, D. (1999). The psychiatric implications of visible tattoos in an adult male prison population. *Journal of Forensic Psychiatry*, 10 (3), pp. 687-695.

Bitencourt, C. R. (2000). *Manual de Direito Penal, Parte Geral*. São Paulo, Martins Fontes.

Bogado, F.T. e Medina, T.F. (2012). O Exame Criminológico Como um instrumento de viabilização de Direitos: Uma Experiência na Penitenciária Industrial de Cascavel/PR. *O Serviço social e o Judiciário*. [Em linha]. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1364500-O-exame-criminologico-como-um-instrumento-de-viabilizacao-de-direitos-uma-experiencia-na-penitenciaria-industrial-de-cascavel-pr.html>>. [Consultado em 20/02/2021].

Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

Bourdieu, P. (2005). *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand.

Buck-Morss, S. (2002). *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Belo Horizonte, Editora da UFMG; Chapecó, Editora Universidade Argos.

Bradley, J. (2000). Body modification? Class and Tattoos in Victorian Britain. *Written on the Body: The Tattoo in European and American History*, edited by Jane Caplan, London, Reaktion Books, pp. 136–155.

Braga, S. (2009). A Tatuagem Como Gênero: Uma Visão Discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, LemD. 9(1), pp. 131-155. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n1/a07v9n1>>. [Consultado em 20/08/2015].

Branco, C. (2017). O mais profundo é a pele. Lisboa, *Boletim Informativo Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos*. 28. [Em linha]. Disponível em: <http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Boletim-InformativoNHMOM-N%C2%BA-28_JUNHO.pdf>. [Consultado em 10/10/2017].

Braunstein, F. e Pépin, J. F. (1999). *O lugar do Corpo na Cultura Ocidental*. Lisboa, Instituto Piaget.

Brasil (1940). *Código Penal. Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. [Em linha]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm>. [Consultado em 21/05/2017].

Brasil. (2011). *Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde*. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Sistema de Informação de Agravos e Notificação – Sinan: normas e rotinas. 2. Brasília, Ministério da Saúde. [Em linha]. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/20/estupro-no-brasil-vitimas-autores-fatores-situacionais-e-evolucao-das-notificacoes-no-sistema-de-saude-entre-2011-e-2014>>. [Consultado em 21/05/2018].

Brasil. (1998). *Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, Senado.

Braz, C. A. de (2006). *Além da Pele: um olhar sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Campinas, Unicamp. [Em linha]. Disponível em <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d41-cbraz.pdf>>. [Consultado em 05/03/2018].

Campana, A. R. (2004). Corpo, pulsação, expansão e cidadania: resgatando a vida/identidade. Foz do Iguaçu, Convenção Brasil Latino-América. *Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias corporais*. 1(4), p.9.

Carlomagno, M.C.; Rocha, L. C. Da (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciências Políticas*, v. 7, n. 1, UFPR, Curitiba. [Em linha]. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>>. [Consultado em 08/03/2022].

Carvalho Filho, L. F. (2002). *A prisão*. São Paulo, Publifolha.

Carvalho, A. C. C. de. (2017) *Suicide girls: tatuagem e sensualidade no estilo estético da moda alternativa*. 80f. Monografia, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, CAA Design.

Cattalan, J. C. (2011). Só Deus pode me julgar. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v.8, n.2, pp. 134-144. [Em linha]. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p134>>. [Consultado em 04/12/2017].

- Chaves, K. B. e Silva, R. C. M. (2012). A tatuagem na prisão: Considerações acerca da identidade e do estigma. *Revista Pleiade*. 6(1). [Em linha]. Disponível em: <<http://intranet.uniamerica.br/site/revista/index.php/pleiade/article/view/176>>. [Consultado em 15/10/2017].
- Chevalier, J. e Gheerbrant, A. (2009). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Colaboração de André Barbault, [et al.]. 23, Rio de Janeiro, Editora José Olympio Ltda.
- Clastes, P. (1990). *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Editora Cosac&Naify.
- Clemmer, D. (1958). *Prision Community*. Nova York Holt, Rinehart & Winston.
- Código Civil Brasileiro. (2002). *Lei 10.406 no Artigo 5º*. Brasília, Senado. [Em linha]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>. [Consultado em 03/01/2018].
- Código Civil Português (1966). *Decreto-Lei n.º 47344, no Artigo 122º e 128º*. Página Oficial do Ministério Público. [Em linha]. Disponível em: <http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=775&tabela=leis>. [Consultado em 03/01/2018].
- Código Penal Brasileiro (1940). *Decreto-Lei n. 2.848 – Código Penal*. Senado Federal, Brasília.
- Código Penal Português (1982) *Decreto- Lei 48/95 – Código Penal. Artigo 7º*. Lisboa, Portugal.
- Coelho, D. M. S. (2014). *A evolução do quotidiano prisional em Portugal: o caso da cadeia de Braga*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Portugal, Universidade Católica Portuguesa. [Em linha]. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/18070>>. [Consultado em 09/02/2018].
- Coelho, H. C. O. *et alii* (2009). Soroprevalência da infecção pelo vírus da Hepatite B em uma prisão brasileira. Departamento de Análises Clínicas, Toxicológicas e Bromatológicas. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 12(2), pp. 124-131. [Em linha]. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/5802/art_COELHO_Soroprevalencia_da_infeccao_pelo_virus_da_Hepatite_2009.pdf?sequence=1>. [Consultado em 15/06/2016].
- Collier, D. (1993). Método comparativo. *Revista Uruguaya de Ciência Política*. Montevideo. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.fcs.edu.uy/archivos/RUCP-05-04-Collier.pdf>>. [Consultado 12/01/2018].

Comfort, M. (2003). In the tube at San Quentin: The Secondary Prisonization of Women Visiting Inmates. *Journal of Contemporary Ethnography*, 32(1). [Em linha] Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0891241602238939>> [Consultado em: 06/08/2018].

Comfort, M. (2008). Tanto bom homem atrás das grades!: o encarceramento maciço e a transformação das relações amorosas nos Estados Unidos. In: Cunha, M. I. (org.) *Aquém e Além da Prisão: Cruzamentos e Perspectiva*. Lisboa, 90 Graus Editora.

Corazza, M. (2018). Tráfico de drogas motivou a maioria de homicídios em Cascavel. *Jornal CGN*. [Em linha]. Disponível em: <<https://cgn.inf.br/noticia/272420/trafico-de-drogas-motivou-a-maioria-dos-homicidios-em-cascavel>>. [Consultado em: 06/06/2018].

Costa, A. (2003). *Tatuagem e marcas corporais atualizações do sagrado*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Costa, K. (2008). *Estudo deve diminuir pena em presídios*. [Em linha]. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/thogesticl.mmp>>. [Consultado em: 22/02/2018].

Costa, K.R.L. (2013). *Disciplinar, regenerar e punir: os caminhos do menor delinquente sergipano (1891-1927)*. Dissertação de Mestrado em Educação, UFS.

Crespo, J. (2001). A civilização do Corpo. *Revista de Ciências Sociais*. Porto, Universidade Lusófona. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.ulusofona.pt/media/texto2-a-civilizacao-do-corpo.pdf>>. [Consultado em 14/02/2018].

Csordas, T. (1994). *Embodiment as a paradigm for anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, Ethos.

Cukiert, M. e Prizskulnik, L. (2002). Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia: Eu e o corpo em Lacan*. 7(1), pp. 143-149. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>>. [Consultado em 05/05/2017].

Damázio, D. S. (2010/11). *O sistema prisional no Brasil: problemas e desafios para o serviço social*. Florianópolis, UFSC. [Em linha]. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Geografia283197.pdf>>. [Consultado em: 19/04/2018].

Danto, A. (2008). Marcel Duchamp e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea. *Revista ARS. USP*, 6(12). [Em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202008000200002>. [Consultado em 06/02/2018].

Darwin, C. [1879] (2004). *A descida do homem e a seleção em relação ao sexo*. Nova York, Penguin Clássicas.

Del Priore, M. L. M. (1995). Dossiê: a História do corpo. N. Ser, São Paulo, *Anais do Museu Paulista*, 3, pp. 9-26. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v3n1/a02v3n1.pdf>>. [Consultado em 10/02/2018].

Deleuze, G. e Guattari, F. (1980). *Mil Platôs*. Paris, Minuit.

DeMello, M. (1993). The Convict Body: Tattooing among Male American Prisoners. *Anthropology Today. Published by: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland Stable*. 9(6), pp. 10-13. [Em linha]. Disponível em: <<https://jstor.org/stable/2783218>>. [Consultado em 14/05/2016].

DeMello, M. (2001). *Arte à flor da pele*. [Em linha]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/2000/conteudo_158295.shtml>. [Consultado em 14/05/2016].

Dicionário da Língua Portuguesa (s.d.). *Definição de psicopompo*. [Em linha]. Disponível em: <<http://dicionarioportugues.org/pt/psicopompo>>. [Consultado em 21/01/2018].

Dias, T. M. D. O. (2014). *Tinta e dor: a prática da tatuagem na construção da identidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas. Natal, UFRN. [Em linha]. Disponível em: <http://www.uern.br/controladepaginas/ppgcish-disserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963thassio_martins_de_oliveira_dias.pdf>. [Consultado em 05/06/2015].

Dias, I. e Santos, M. J. (2016). Tatuagem em meio prisional: fenómeno de saúde pública. *Revista Adictologia*. 3. Coimbra, Associação Portuguesa de Adictologia. [Em linha]. Disponível em: <http://www.adictologia.com/images/Revista_Adictologia_N3_2016.pdf>. [Consultado em 22/10/2017].

Durand, G. (2000). *A imaginação simbólica*. Lisboa, Edições 70.

Eco, U. (2007). *Tratado Geral de Semiótica*. Perspectiva. São Paulo, Série Estudos,.

Elíade, M. (1991). *Imagens e Símbolos*. São Paulo, Editora Martins Fontes.

Eusébio, A. (2012). “O que fazer com um adolescente que decide marcar o corpo com um tatuagem?” [Em linha]. Disponível em <<http://poralineeusebio.blogspot.pt/2012/08/o-que-fazer-com-um-adolescente-que.html>>. [Consultado em 01/08/2017].

Fabrizio, H.M., Gomes, R.Z. e Lopes, M.S. (2011). *Tecnologia e arte digital: um estudo sobre imagens virtuais e dispositivos móveis (mídias móveis) visualiDaDes*, Goiânia, 9(1) pp. 77-91. [Em linha]. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/17386621-Tecnologia-e-arte-digital-um-estudo-sobre-imagens-virtuais-e-dispositivos-moveis-midias-moveis.html>>. [Consultado em 25/07/2021].

- Farcas, C. M. T. (2014). Comunicação e Semiótica. *Revista Científica do Curso de Comunicação Social da Fasul*. 2(2). [Em linha]. Disponível em: <http://www.midiacao.fasul.edu.br/index.php/asd123/article/viewFile/22/pdf_20>. [Consultado em 01/02/2016].
- Featherstone, M. (1991). *The Body in Consumer Culture*. London, Sage Publications Ltd.
- Ferrara, L.D. (2004). Entre a comunicação e a semiótica, o mundo. *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria*. 5. São Paulo.
- Fernandes, M. P. R. (2016). *O olhar dos reclusos adultos e idosos sobre o envelhecimento em contexto prisional*. Porto, UP. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. [Em linha]. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=849463>. [Consultado em 03/09/2017].
- Fernandes, V. e Fernandes, N. (2010). Criminologia Integrada. *Revista dos Tribunais*, 3, São Paulo.
- Ferrara, L. D. (2014). Entre A Comunicação e a Semiótica, o Mundo. (CISC) Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. USP, *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*. 5.
- Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Revista Etnográfica*. 11(2). [Em linha]. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1979>>; DOI:10.4000/etnografica.1979> .[Consultado em 10/05/2016].
- Ferreira, V. S. (2011). *Tatuar o Corpo Jovem Hoje: rito de passagem ou ritual de impasse?* Investigação de pós-doutorado do Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/VitorSergioFerreira_2011_n1.pdf>. [Consultado em 01/05/2016].
- Ferreira, V. S. (2015). A pele hipertatuada sob os olhares dos outros. In: Funari, P. P. A. e Marquetti, F. R. *Sobre a pele, imagens e metamorfoses do corpo*. São Paulo, Ed Intermeios. pp. 109-132.
- Figaró, R. (2010). A comunicação como campo de sentidos em disputa. *COMPÓS*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. *Anais do XIX Congresso*. [Em linha]. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt7_roseli_figaro.pdf>. [Consultado em 04/09/2015].
- Filho, T. D. M. G. (2013). *História das Prisões*. Dissertação de Mestrado Ciências Criminais. Porto Alegre, PUCRS. [Em linha]. Disponível em: <<repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/1741>>. [Consultado em 01/06/2017].

Fonseca, A.L.P. (2003). *Tatuar e ser tatuado. Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem. Estúdio: Experience Art Tattoo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. [Em linha]. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86023/197049.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. [Consultado em 10/04/2021].

Foucault, M. (2006). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Editora Graal.

Foucault, M. (2008). *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro, Editora Vozes.

Franchetto, B. e Leite, Y. (2004). *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar.

Fruh, K. e Thomas, E. (2012). Tattoo you: personal identity in ink. *ARP, R. (Ed.). Tattoos, philosophy for everyone: I ink, therefore I am*. Oxford, Wiley-Blackwell, pp. 83-95. [Em linha]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781118252789.ch7>>. [Consultado em 10/06/2016].

Fusco, R. (1998). *História da Arte Contemporânea*. Lisboa, Editorial Presença.

Gallois, D.T. (2005). *Rede de relações nas Guianas*. São Paulo, Humanitas-Fapesp.

Gerdes, P. (2011). *Mulheres, cultura e geometria na África Austral*. Londres, Lulu Morrisville.

Germano, M.G. (2011). *Uma nova ciência para um novo senso comum*. Campina Grande, EDUEPB. [Em linha]. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/qdy2w/pdf/germano-9788578791209.pdf>>. [Consultado em 05/05/2016].

Ghiraldelli Jr., P. (2007). *O corpo de Ulisses: modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo, Editora Escuta.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Editora Atlas.

Godoi, E. S. (2015). *Produção de identidade e modos de objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista Inked*. Tese de Doutorado em Linguística e Práticas Sociais, João Pessoa, UFPB. [Em linha]. Disponível em: <<tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7719/2/arquivototal.pdf>>. [Consultado em 07/02/2018].

Goffman, E. (1975). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Gondim, C.G. (2012). Pinturas Rupestres: a representação da imaginação do homem primitivo. *Revista Temática*. 8(4).

Gonçalves, R.A. (1999). *A adaptação à prisão – Um processo vivido e observado*. Lisboa, Direção Geral dos Serviços Prisionais.

Gonçalves, C.W.P. (2003). *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo, Editora Contexto.

Goscilo, H. (s.d.). *Texto e corpo: tatuagens criminosas soviéticas*. [Em linha]. Disponível em: < https://www.academia.edu/5879410/Texting_the_Body_Soviet_Criminal_Tattoos_Helena_Goscilo>. [Consultado em 04/04/2018].

Govenar, A. (2000). The Changing Image of Tattooing in American Culture, 1846–1966'. In: Caplan, J. (ed.) *Written on the Body: The Tattoo in European and American History*. Princeton, NJ, Princeton University Press.

Greimas, A. J. e Courtés, J. (2008). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Editora Contexto.

Gramsci, A. (1995). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Greiner, C. (2005). *Corpo, pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo, Editora Annablume.

Gomes, L.K. (2017). Prisão e Ciência Penitenciária em Portugal. *Revista de História de Las Prisiones*, 4. [Em linha]. Disponível em: <www.revistadeprisiones.com>. [Consultado em 10/04/2021].

Gonçalves, L.H. e Reily, L. (2010). Elementos iconográficos da carta do louco no tarô: Jacquemin Gringonneur, Visconti Sforza, Mantegna, Mitelli, Noblet. *Revista de Cisualidades*. Goiás, UFG.

Guareschi, N. M. F. e Hennigen, I. (2006). A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. *Revista Psicologia da Educação*. pp. 57-74. [Em linha]. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n23/v23a04.pdf>>. [Consultado 13/06/2016].

Guimarães, C. (2005). Subjetividade e estratégias de resistência à prisão. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 26(4), pp. 632-645.

Habermas, J. (1984). The theory of communicative action. 1. *Reason and the Nationalization of Society*. Boston, Beacon Press.

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Editora DP&a .

Hannerz, U. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana*, 3(1).

Harry, B. (2015). Tattoos, Body experience, and Body image boundary among Violent Male Offenders. *Lei de Psiquiatria Bull Am. Acad., US National Library of Medicine*. 15(2), pp.171-178. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/3435782>>. [Consultado em 04/04/2016].

Heilborn, M. L. (1997). Corpo, sexualidade e gênero. In: Dora, DD (Org.). *Feminino, Masculino: igualdade e diferença na justiça*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.

Hewitt, K. (1997). *Mutilating the body: identity in blood and ink*. Winconsin, USA, Bowling Green, University Popular Press.

Horcades, C. M. de. (2007). *A Evolução da escrita, história ilustrada*. São Paulo, SENAC.

Howel, R. J., Payne, I. R. e Roe, A.V. (1971). Differences among Behavioral Variables, Personal Characteristics, and Personality Scores of Tattooed and Nontattooed Prison Inmates. *Jornal de Pesquisa em Crimes e Delinquências*. [Em linha]. Disponível em: <<http://jrc.sagepub.com/content/8/1/32.short>>. [Consultado em 10/04/2016].

Hunt, S. A. e Phelan, M. P. (1998). Prison Gang Members' Tattoos as Identity Work: The Visual Communication of Moral Careers. *Symbolic Interaction Wiley Library*. 21(3), pp. 277-298. [Em linha]. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/si.1998.21.3.277/abstract>>. [Consultado em 05/07/2015].

Infopédia Dicionários Porto Editora (2003-2021). *Definição de retrato, misticismo, parentes*. [Em linha]. Disponível em < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>> [Consultado em 21/04/2018].

Jakobson, R. (1970). *A linguística em suas relações com outras ciências*. São Paulo, Editora Perspectiva.

Joly, M. (2008). *Introdução à análise da Imagem*. Campinas, Papirus Editora.

Jorge, C. M. S. (2011). *Prisionização Secundária: a outra face da prisão*. Dissertação de Mestrado em Sociologia: exclusões e políticas sociais. Universidade da Beira Interior Ciências Sociais e Humana. [Em linha]. Disponível em <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2811/1/Prisioniza%C3%A7%C3%A3o%20Secund%C3%A1ria-a%20outra%20face%20da%20pris%C3%A3o.pdf>> [Acessado em 19/07/2021].

Jung, C. G. (1977). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

Karam, M. L. (2009). *A privação de liberdade: o violento, danoso, doloroso e inútil sofrimento da pena*. Rio de Janeiro, Editora Luemen Juris.

- Krutak, L. (2015). *Arqueologia da tatuagem*. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.larskrutak.com/new-tattooed-tiger-men-of-india/>> [Consultado em 04/10/2017].
- Lacassagne, A. (1881). *Le tatouage: Etudes anthropologique et medico-legale* (Tattooing: Anthropologic and forensic studies). N.C. N.P.
- Lacan, J. (1981). *O Seminário*. Livro 10. A angústia. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar.
- Lakatos, E. M. e Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Editora Atlas.
- Le Breton, D. (2002). *Adeus ao corpo*. Campinas, Papirus Editora.
- Le Breton, D. (2004). *Sinais de Identidade, tatuagens, piercings e outras marcas*. Lisboa, Miosótis Ed.
- Leitão, D. K. (2004). *À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos*. 10(37), Porto Alegre, Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30230>>. [Consultado em: 10/04/2015].
- Lévi-Strauss, C. (1975). *El pensamiento salvaje*. México, FDE.
- Lévi-Strauss, C. (1996). *Tristes trópicos*. São Paulo, Editora Companhia das Letras.
- Lins, D. (2001). A memória tatuada: epifania corporal da ordem comunitária. *Revista del CESLA*. 2, pp.150-161. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/356>>. [Consultado em 10/04/2018].
- Lise, M. L. Z. et alii (2010). Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. *AnBras Dermatol*. 85(5), pp. 631-8. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abd/v85n5/v85n05a06.pdf>>. [Consultado em 10/09/2016].
- Lise, M. L. Z., Gauer, G. J. C. e Neto, A. C. (2013). Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*. 2(3), pp. 294-316. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.ipebj.com.br/forensicjournal/edicoes?volume=2&numero=3&artigo=94>>. [Consultado em 10/05/2016].
- Lobosco, F. (2011). Prisionização: múltiplos aspectos da assimilação prisional. Minas Gerais, Ministério Público. *Biblioteca Virtual do Repositório Institucional, CEAF*. [Em linha]. Disponível em: <<https://aplicacao.mpmg.mp.br>>. [Consultado em 15/03/2018].

Locard, E. (1932). Les services actuels d'identification et la fiche internationale. *Archives d'Anthropologie Criminelle*, 147, pp. 145-206.

Lurker, M. (2003). *Dicionário de Simbologia*. São Paulo, Editora Martins Fontes.

Magalhães, M.F. (2010) *Maquiagem e pintura corporal: Uma análise semiótica*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

Maluf, S.W. (2011). Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Departamento de Antropologia da UFSC. *Revista Esboços, Dossiê Corpo e História*. 9(9). [Em linha]. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563>>. [Consultado em 07/02/2018].

Manuel, L. e Retzlaff, P. D. (2002). Psychopathology and Tattooing among Prisoner. *Criminal National Library of Medicine USA. Int. J. Ofensor Ther Comp*. 46 (5), pp.522-31. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12365141>>. [Consultado em 05/05/2015].

Manzini, J. E. (1990). *Entrevista na pesquisa social*. São Paulo, Editora Didática.

Marcelino, F. C. (2007). *A mensagem por trás da imagem: estudo de tatuagem à luz da análise do discurso*. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo, Universidade Mackenzie. [Em linha]. Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2234/1/Fernando%20Cesar%20Marcelino.pdf>>. [Consultado em 20/04/2017].

Marques, J. F. (1953). *Da competência em Matéria Penal*. São Paulo, Editora Saraiva.

Marques, T. (1997). *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro, Editora Rocco.

Martín-Barbero, J. (2006). *Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ Editora.

Mascia-Lees, F. e Sharpe, P. (1999). *Tattoo, Torture, Mutilation, and Adornment: The Denaturalization of the Body in Culture and Text*. (SUNY Series, the Body in Culture, History, and Religion). Albany, Press University New York.

Matos, L. M., Perassi, R. e Teixeira, J.M. (2011). Análise semiótica da imagem de uma cadeira. *Revista Estudos Semióticos*. 7(2), pp. 102-109. [Em linha]. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35255/37975>>. [Consultado em 20/04/2018].

Mauss, M. (1997). *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a marcas corporais*. Lisboa, Miosótis.

Marx, K. e Engels, F. (1984). *A ideologia alemã; seguido das teses sobre Feuerbach*. São Paulo, Editora Moraes.

Máquina de Tatu Caseira. (s.d.). *Figura da máquina artesanal*. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/tattoomaze/prison-tattoo-gun/>>. [Consultado em 17/11/2017].

McLuhan, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Editora Cultrix.

Mcnaughton, M. J. (2007). Hard Cases: Prison Tattoing as visual argument. *Argumentation Advocacy*. 43, pp.133-143. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00028533.2007.11821669?journalCode=rafa20>>. [Consultado em 10/05/2015].

Merleau-Ponty, M. (2006). *A estrutura do comportamento*. São Paulo, Editora Martins Fontes.

Meus dicionários (s.d.). *Origem da frase Vida Loka*. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/vida-loka>>. [Consultado em 23/04/2018].

Miège, B. (2000). *O pensamento comunicacional*. Petrópolis, Editora Vozes.

Nöth, W. (1995). *Panorama da semiótica: De Platão a Peirce*. São Paulo, Editora Annablume.

Novak, P. D. S. (2012). *A tatuagem como sistema semiótico da cultura*. Porto Alegre, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67641/000871719.pdf?sequence=1>>. [Consultado em 11/05/2015].

Nunes, E. O. (Org). (1985). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar.

Oettermann, S. (1985). *An Art as Old as Humanity*. London, Editora Quartet.

Onofre, E. M. C. (2006). Escola da Prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado? *GT em Educação Popular n 6*. Reunião da Anped. São Carlos, UFSCar. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/escola-da-prisao-espaco-de-construcao-da-identidade-do-homem-aprisionado>>. [Consultado em 03/03/2018].

Ordem Honoríficas Portuguesa (2011). *Siglas do COE e GOE*. Página Oficial do Grão-Mestre das Ordens H. Portuguesa. [Em linha]. Disponível em <<http://www.ordens.presidencia.pt/>>. [Consultado em 01/02/2018].

Orlandi, E. P. (2010). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes Editores.

Ortega, F. (2004). *Modificações corporais e bioidentidades*. Rio de Janeiro, Editora Garamond.

Osório, A. (2006). *O gênero da tatuagem: pensamento masculino e feminino em estúdios do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, UFRJ. [Em linha]. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17149/12606>>. [Consultado em 04/06/2016].

Paim, M. C. C. e Strey M. N. (2004). Corpos em Metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Edportes*. a.10(79). [Em linha]. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>>. [Consultado em 10/06/2016].

Paredes, C.V. (2003). *A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias*. Monografia de graduação da Universidade Federal do Paraná, Paraná. [Em linha]. Disponível em:<http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/monografia_cezinando.pdf>. [Consultado em 10/02/2020].

Parry, A. (2006). *Tatuagem: segredos de uma arte estranha*. Nova York, Dover Publications.

Peirce, C. S. (1995). *Semiótica*. São Paulo, Editora Perspectiva.

Pereira, F.M.G. (2007). *Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais: Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri*. Tese de Doutorado em Antropologia. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

Pereira, B. P. (2013). *A pele pede a palavra: reflexões sobre o caráter artístico e a agência da tatuagem*. Monografia - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos. [Em linha]. Disponível em:<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7471/DissBPP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. [Consultado em: 25/03/2021].

Pereira, B.P. (2016). O mais profundo é a pele: processos de construção de identidade por meio da tatuagem. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 157p. [Em linha]. Disponível em:<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7471/DissBPP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. [Consultado em: 25/07/2021].

Pereira, R. R. R. (2017). *Os meninos de Heliópolis e Região: o ser e fazer de adolescentes em conflito com a lei e a sintomática criminal*. Mestrado em Criminologia. Porto,

Universidade Fernando Pessoa. [Em linha]. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/6081>> [Consultado em 15/01/2018].

Perez, C. (2007). Gestão e Semiótica da publicidade como construção e sustentação signica. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*.

Pérez, A. L. (2006). *A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. 1(12), Rio de Janeiro, Mana.

Peruzzolo, A. C. (1998). *A circulação do corpo na mídia*. Santa Maria, UFSM.

Pierrat, J. (2000). *Les hommes illustrés. Le tatouage des origines a nos jours*. Paris, Larivière.

Pignatari, D. (2004). *Semiótica da arte e da arquitetura*. Cotia, Ateliê Editorial.

Pires, B. F. (2005). *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo, Editora SENAC.

Pires, L. M. B. A. R. (2014). *Riscos associados às tatuagens decorativas*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde. Porto, Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/76529>>. [Consultado em 10/06/2017].

Pitts, V. (1999). Body Modification, Self-Mutilation and Agency in Media Accounts of a Subculture. London, Sage Publications, *Body&Society*, 5(3), pp. 291-303.

Poletto, M. e Koller, S. H.(2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estud. psicol. (Campinas)*. 25(3), pp. 405-416. [Em linha]. Disponível :< <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>>.[Consultado em 20/02/2020].

Polícia Judiciária de Portugal. (2017). Combate ao tráfico de Estupefacientes em Portugal. *Relatório Anual*. [Em linha]. Disponível em <<https://www.policiajudiciaria.pt/wp-content/uploads/2018/03/Relat%C3%B3rio-ANUAL-2017-vers%C3%A3o-digital.pdf>>. [Consultado em 05/06/2018].

Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. (2007). *Símbolo da caveira para BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais*. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.pmerj.rj.gov.br/>>. [Consultado em 06/01/2018].

Práticas de Segurança nas Unidades Penais do Paraná. (2011). *Cadernos do DEPEN*. [Em linha]. Disponível em <http://www.espen.pr.gov.br/arquivos/File/caderno_seguranca.pdf>. [Consultado em 30/05/2018].

Procuradoria Geral do Distrito de Lisboa. (2001-11). *Artigo 7*. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.pgdlisboa.pt/home.php>>. [Consultado em 15/01/2018].

Puccetti, R. (2012) O Riso em três tempos. *Revista do LUME 1*. São Paulo, Unicamp. [Em linha]. Disponível em:<<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/issue/view/22>>.[Consultado em: 10/03/2020].

Putnins, A. (2011). Young Offenders, Tattoos and Recidivism. *Revista Psiquiatria, Psicologia e Direito*. 9(1), pp.62-68. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1375/pplt.2002.9.1.62#.VaTmdLxXa1M>>. [Consultado em 10/04/2017].

Ramos, C. M. A. (2001). *Teorias da tatuagem: o corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra*. Florianópolis, UDESC.

Ramos, C. M. A. (2006). *As nazi-tatuagens – inscrições ou injúrias no corpo humano?* São Paulo, Editora Perspectiva.

Ribeiro, A. (2003). *O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa, Editorial Notícias.

Ribeiro, E. S. (2010). Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. [Em linha]. São Paulo, *Estudos Semióticos*. 6(1), pp. 46–53. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. [Consultado em 20/04/2018].

Ribeiro, F. N. (2013). *Estudos culturais em educação ambiental: os usos e consumos dos produtos culturais em espaços na/da biorregião do Caparaó*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, Centro de Educação.

Ribeiro, M. (2014). *Cherchez les Femmes - Uma Análise Sociológica da População Prisional Feminina Portuguesa*. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/101344>>. [Consultado em 21/02/2022].

Ribeiro, M. (2011). Condições objectivas e subjectivas para a reinserção social a partir do meio prisional: Entre o possível e o desejável. In: Jolluskin, G. e Sacau, A. (eds.). *A justiça em análise: Aspectos jurídicos, sociais e psicológicos do cumprimento das penas*. Porto, Ed. UFP, pp. 39-48.

Ricoeur, P. (1978). *O Conflito das Interpretações*. Rio de Janeiro, Editora Imago.

Ricoeur, P. (1977). *Da Interpretação*. Rio de Janeiro, Editora Imago.

Riley, W. (2006). Interpreting Gang Tattoos. *Corrections Today Magazine*, 68(2),

pp.46-47, pp. 51-53. [Em linha]. Disponível em:
<<https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=235389>>. [Consultado em 03/07/2016].

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.

Rodriguez, L. S. (2011). *À flor da pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Niterói, UFF. [Em linha]. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000145&pid=S0102-7182201400030002300016&lng=en>. [Consultado em 10/04/2015].

Rodriguez, L. S. e Carreteiro, T. C. O. C. (2014). Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. *Psicologia & Sociedade*. 26(3), pp.746-755. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n3/a23v26n3.pdf>>. [Consultado em 13/02/2017].

Romão, M. L. (2014). *Prisão e ciência penitenciária em Portugal*. Coimbra. Editora Almedina.

Rüdiger, . R. (1998). *Introdução a teoria da comunicação*. São Paulo, Editora Edicon.

Rüdiger, F. (2003). *Introdução a Teoria da comunicação: Problemas, correntes e autores*. São Paulo, Editora Edicon.

Sá, A. A. de (2010). Criminologia Clínica e Psicologia Criminal. *Revista dos Tribunais*, São Paulo.

Saikali, C.J. *et alii* (2004). Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Revista de Psiquiatria Clin.* 31(4), pp.164-166. [Em linha]. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832004000400006>. [Consultado em 10/09/2016].

Salla, F. (1999). *As prisões em São Paulo: 1822-1940*. São Paulo, Editora Annablume.

Sanches, R. S. (s.d.). *Las Origenes historicos y culturales de la Union Europea*. Extremadura, Ed. Sanz y Torres.

Sanders, C. R. e Vall, D. A. (2008). *Customizing the Body: The art culture of Tatting*. Philadelphia, Temple University Press.

Santaella, L. (2003). *Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo, Editora Paulus.

Santaella, L. (2004). *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo, Editora Paulus.

- Santaella, L. (2005). *O que é semiótica*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- Santaella, L. (2007). Pós-humano, porquê? *Revista USP*.74, pp. 126-137.
- Santaella, L. e Nöth, W. (1997). *Imagem, Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Editora Iluminuras.
- Santaella, L. E Nöth, W. (2004). *Comunicação e Semiótica*. São Paulo, Hacker Editores.
- Sarmiento, C. (2007). Práticas, discursos e representações da cultura popular portuguesa. *Open Edition Journals. e-cadernos CES*. [Em linha]. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/eces.607>> [Consultado em 13/03/2022].
- Saussure, F. de (1978). *Curso de linguística geral*. 4. Lisboa, Dom Quixote.
- Schrader, A. M. (2000). Branding the other/tattooing the SeLO: inscription among convicts in Russia and the Soviet Union. In: Caplan, J. (ed.). *Written on the Body: the tattoo in european and american history*. New Jersey, Princeton.
- Scott, J. (2017). What Criminals' Tattoos Symbolize: Drawing on Darwin, Durkheim, and Lombroso. *Deviant Behavior*. 38(11), pp. 1303-1317. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01639625.2016.1197606?scroll=top&needAccess=true>>. [Consultado em 07/11/2017].
- Secretaria de Segurança e Administração Penitenciária. (2017). *Relatório Anual de Criminalidade do Paraná*. [Em linha]. Disponível em <http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/Relatorio_Estatistico_4Trimestre_2017_4.pdf>. [Consultado em 06/06/2018].
- Semprini, A. (1999). *Multiculturalismo*. Bauru, Edusc.
- Shohan, E. (2009). Signs of Honor among Russian Inmates in Israel's Prisons. Ashkelon Academic College, Israel. *Int Journal Offender Ther Comp Criminology*, 54(6), pp.984-1003. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19721060>>. [Consultado em 10/03/2016].
- Silva, M. L. (1997). *Do Império da Lei as grades da cidade*. Porto Alegre, Edupucrs.
- Silva, L. S. (2007). *Penitenciária Industrial de Cascavel: uma administração que visa a reintegração dos internos à sociedade*. Trabalho de Conclusão de Curso em Administração e Gestão de Negócios. Cascavel, FAG. [Em linha]. Disponível em: <www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/LEANDRO_SANTOS2007.pdf>. [Consultado em 10/04/2017].
- Silva, A. J. L. (2012). *Tatuagens: desvendando segredos*. Cartilha de Orientação Policial.

Governo do Estado da Bahia e Secretaria de Segurança Pública da Bahia. Salvador, Magic Gráfica. [Em linha]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/215932252/Tatuagem-Desvendando-Segredos-Cartilha-de-Orientação-Policial>>. [Consultado em 10/02/2018].

Silva, C.B.M. (2012). *A vida de ex-recluso, por suas palavras: os liames entre a vida na prisão e a (re)inserção social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto, Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em <<repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66006/2/tesemestceciliasilvavida000190557.pdf>>. [Consultado em 10/04/2018].

Silva, L. G. (2012). *Análise histórica do sistema penitenciário: subsídios para a busca de alternativas à humanização do sistema prisional*. Portal E-GOV Inclusão Digital e Sociedade do conhecimento. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/an%C3%A1lise-hist%C3%B3rica-do-sistema-penitenci%C3%A1rio-subs%C3%ADdios-para-busca-de-alternativas-%C3%A0-humaniza%C3%A7>>. [Consultado em 10/04/2016].

Silva, S. P. R. (2013). Corpo-Obra: manipulações corporais como processo de (des)construção ético-estético. *Revista dos Mestrados do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneo das Artes UFF*, Niterói. (5)5. [Em linha]. Disponível em: <www.uff.br/gambiarra/edicao_05/pdf/Gambiarra_5_pag_29_40.pdf>. [Consultado em 10/08/2015].

Silveira, F. de A. (2001). *Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Psicologia. Ribeirão Preto, USP. [Em linha]. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-17052004-120350/>. [Consultado em 02/02/2018].

Silveira, M. C. (2012). *As penalidades corporais e o processo de consolidação do Poder monárquico Afonsino (1254-1284)*. Tese de Doutorado em História. Niterói, UFF. [Em linha]. Disponível em: <www.historia.uff.br/stricto/td/1392.pdf> [Consultado em 20/07/2017].

Stohlrck, D. (2013). *Em vez de prisionizar, socializar: a incompatibilidade entre o encarceramento e a inserção social*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Porto Alegre, Faculdade de Direito da UFRGS. [Em linha]. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/91068/000914081.pdf?sequence=1>>. [Consultado em 14/03/2018].

Sweetman, P. (1999). Anchoring the (postmodern) self Body modification, Fashion and Identity. *Sage Journals*. 5, pp.51-76. [Em linha]. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1357034X99005002004>>. [Consultado em 09/11/2017].

Thevoz, M. (1984). *The Painted Body*. New York, Editora Rizzoli.

Thompson, A.F.G. (1993). *A questão penitenciária*. Petrópolis, Editora Vozes.

Todorov, T. (1977). *Teoria do símbolo*. Paris, Unesp.

Toffolli, R. O. (2005). Corpos tatuados: preliminares à uma abordagem semiótica. *Revista Estudos Semióticos*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP. São Paulo, USP. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe1/2005-SSe1R.T.OLIVEIRA.pdf>>. [Consultado em 10/04/2015].

Toscan, M. (2013). *As simbologias religiosas dos Santuários do Bom Jesus do Monte de Braga e do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Cultura. Vila Real, UTAD. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/3243/1/msc_mtoscan.pdf>. [Consultado em 03/08/2017].

Varella, D. (1999). *Estação Carandiru*. São Paulo, Editora Companhia das Letras.

Visão (2015). *Tatuagens: Há ou não discriminação?* [Em linha]. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/tatuagens-ha-ou-nao-discriminacao=f826229>>. [Consultado em 10/05/2017].

ANEXOS

Anexo 1 – Figuras

Figura 1- Tabela evolutiva da tatuagem

12.000 anos	Período Paleolítico
5.300 anos	Ötzi, o homem de gelo
5.000 anos	Japão
4.000 anos	Egito, Oriente Médio, Austrália, Índia, África, Burma e Ilhas do Pacífico Sul
2.400 anos	Rússia
2.000 anos	Celtas
1000-1200 anos	Cruzadas, Brasil, América Central e América do Sul
238 anos	Capitão James Cook e a ocidentalização das tatuagens
207 anos	Europa
116 anos	O'Reilly e a invenção do tatuógrafo
87 anos	O circo

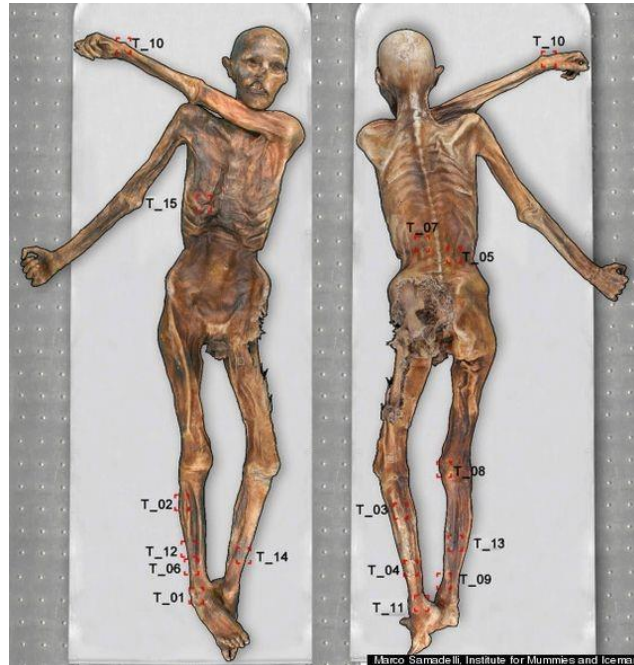
Fonte: Marcelino, 2007

Figura 2- Cabeças tatuadas de guerreiros Maoris.



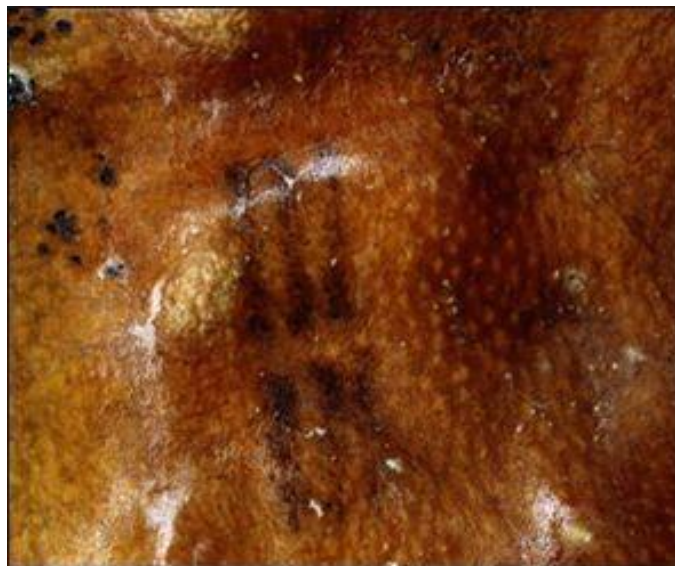
Fonte: <http://www.cvltnation.com/mokomokai-the-preserved-heads-of-maori-tribespeople/>

Figura 3- Homem do Gelo – Otzi.



Fonte: <http://www.ancient-origins.net/news-history-archaeology/did-tzi-iceman-actually-freeze-death-007973> - Museu de Arqueologia do Tirol do Sul

Figura 4- Detalhe de tatuagem de Otzi.



Fonte: <http://www.ancient-origins.net/news-history-archaeology/did-tzi-iceman-actually-freeze-death-007973> - Museu de Arqueologia do Tirol do Sul

Figura 7 - Cartaz de divulgação do programa Ink Master.



Fonte: <https://filmow.com/ink-master-6a-temporada-t130154/>

Figura 8- Cartaz de divulgação da convenção Oporto Tattoo.



Fonte: <https://www.worldtattooevents.com/oporto-tattoo-expo/>

Figura 9- Cartaz de Evento sobre Tatuagem.



Fonte: <https://www.worldtattooevents.com/brasil-tattoo-experience/>

Figura 10- Ana Mendieta, Tree Of Life, 1976.



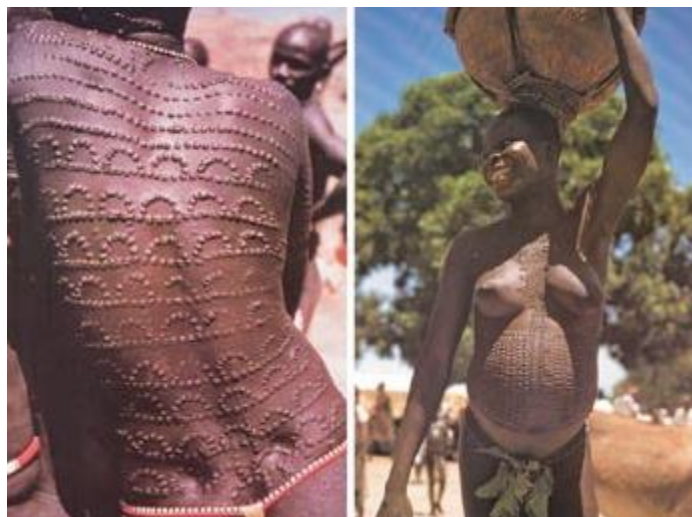
Fonte: <http://www.christies.com/lotfinder/Lot/ana-mendieta-1948-1985-arbol-de-la-4597549-details>.

Figura 11- Mulher Ndebele.



Fonte: <http://geotrabafrica2.blogspot.pt/2013/08/tribos-africanas-ndebele-e-padaung.html>

Figura 12- Mulher aldeã com escarificações.



Fonte: Eric Lafforgue

Figura 13- Maria José Cristerna, a “Mulher Vampira” (la historia detras del mito – TV Asteca 2015)



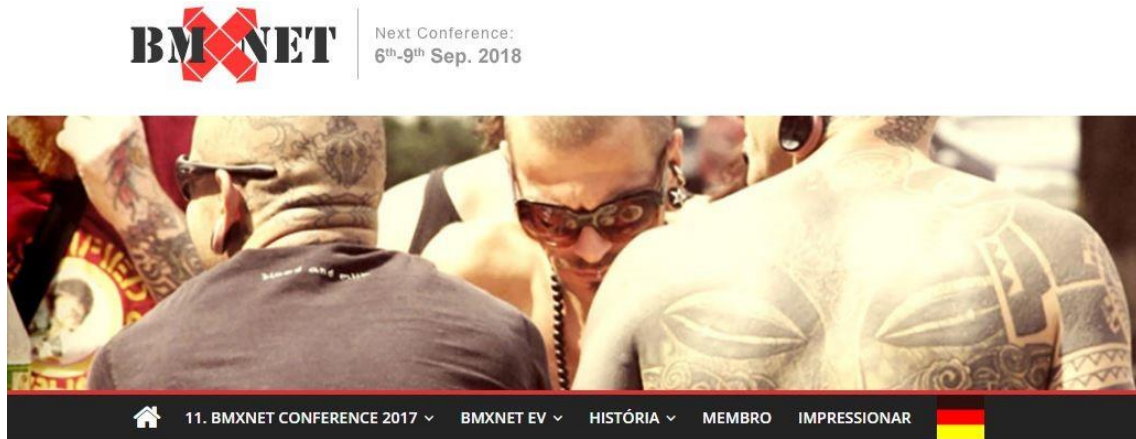
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FIShtENZEs&t=247s>

Figura 14- Maria José Cristerna, a “Mulher Vampira” (la historia detras del mito – Tv Asteca 2015)



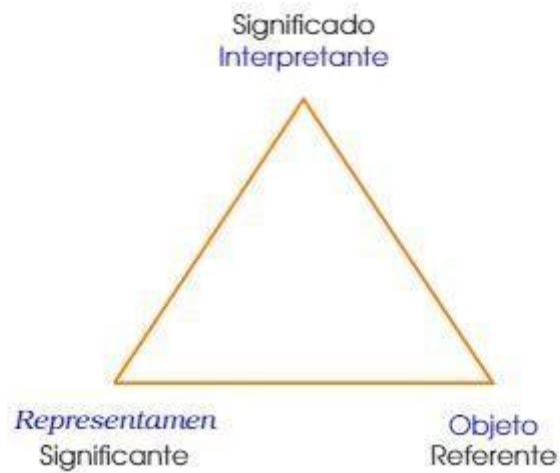
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FIShtENZEs&t=247s>

Figura 15- BMXNET, evento de modificações corporais.



Fonte: <https://www.bmxnet.org/en/conference-2017/>

Figura 16- Composição da Tríade de um signo.



Fonte: Adaptação de Joly (1996, p. 33)

Figura 17- P1



Fonte: P1

Figura 18- P2



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 19- Tatuagem prisional – P2



Fonte: Arquivo pessoal/ Márcia Toscan

Figura 20- Máquina de tatuar caseira – prisão



Fonte: <https://www.pinterest.pt/tatoomaze/prison-tattoo-gun/>

Figura 21- Nome filhos – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 22- Nome dos filhos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 23- Nome dos filhos com variações – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 24- Nome dos filhos com variações – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 25- Filhos - variações – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26- Filhos variação – P2



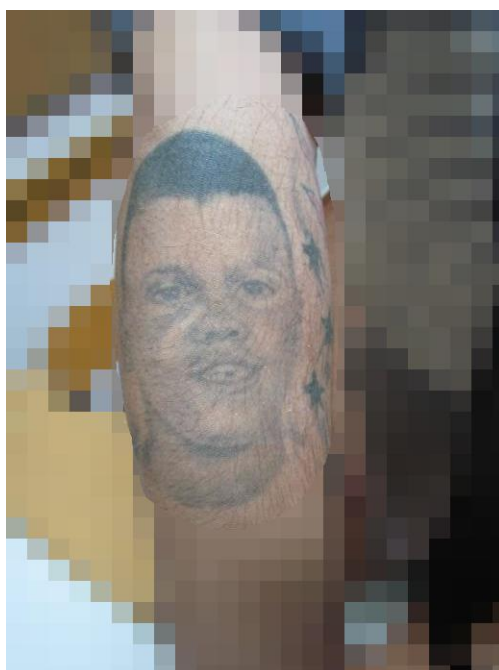
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 27- Filhos - variações – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 28- Filhos - variação retrato – P2



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 29- Nome do Pai – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 30- Nome do Pai – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 31- Pai - Frase – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 32- Retrato – P2



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 33- Nome da mãe – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 34- Nome da mãe – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 35- Frase para a mãe – P1.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 36- Frase para a mãe – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 37- Mãe - Diamante – P2.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 38- Mãe - retrato – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 39- Parentes – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 40- Parentes – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 41- Parentes – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 42- Parentes – P2



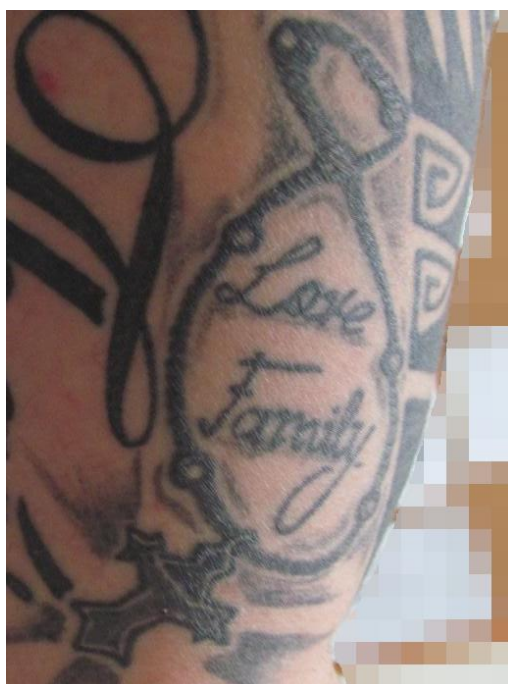
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 43- Parentes - palavra família – P2



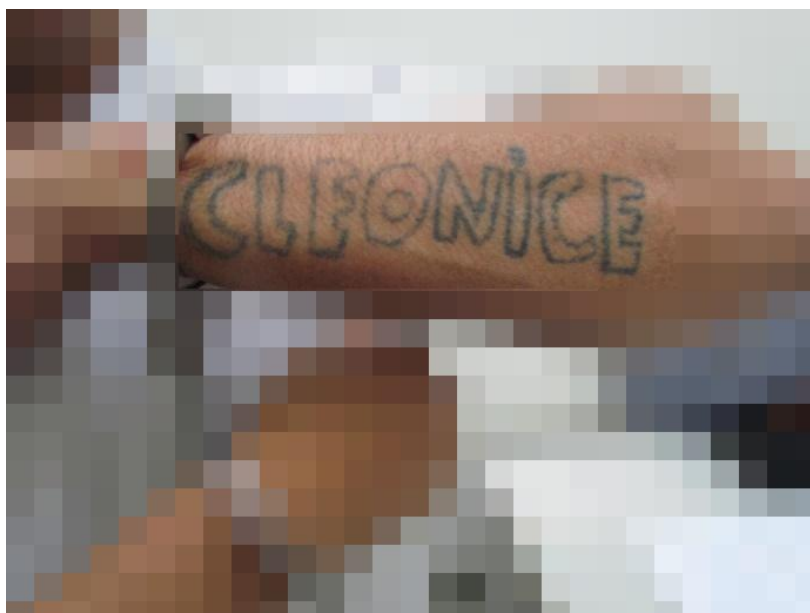
Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 44- Parentes - Palavra família – P2



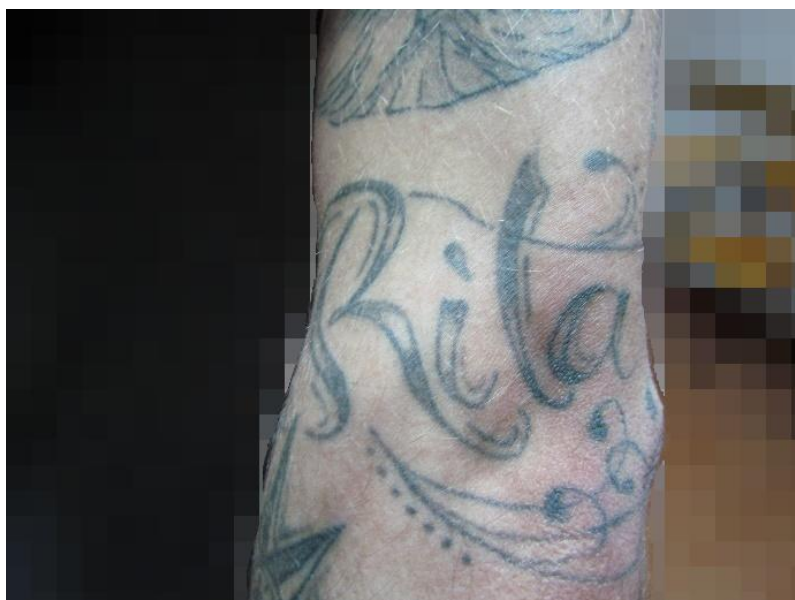
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 45- Relações conjugais – P1



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 46- Relações conjugais – P2



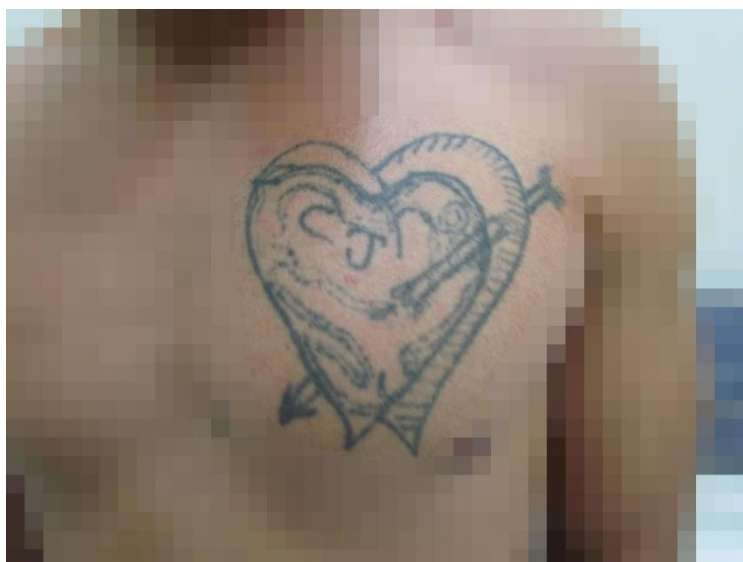
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 47- Relacionamentos – P1



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 48- Relacionamentos – P1



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 49- Religião P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 50- Religião – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 51- Religião- P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 52- Detalhe da Figura 51 - com a Frase: Deus perdoa eu não



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 53- Religião – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 54- Religião- P1



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 55- Religião - Terço – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 56- Religião - Terço nas mãos – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 57- N.Sra. Aparecida – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 58- N.Sra de Fátima – P2



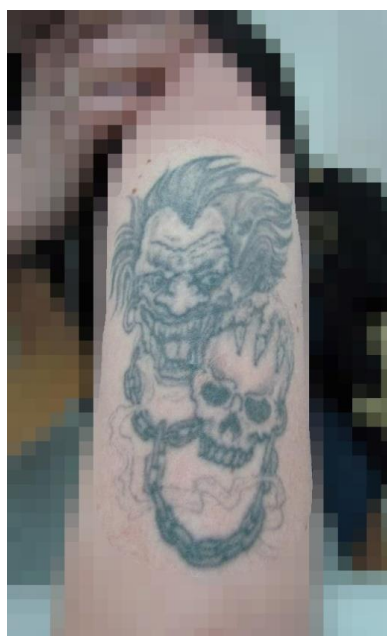
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 59- Misticismo - Demônio – P2



Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 60- Misticismo - Demônio – P2



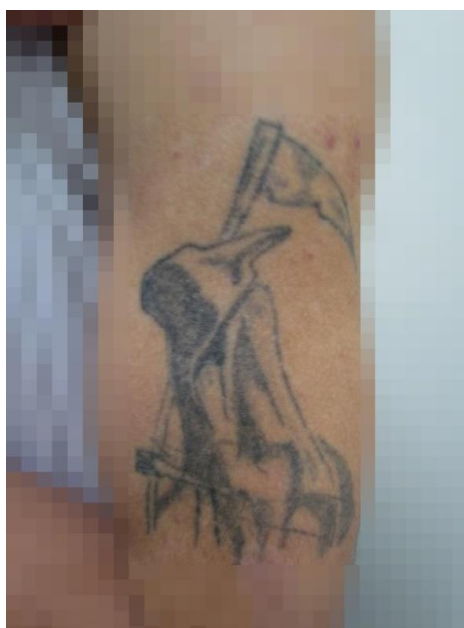
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 61- Misticismo - Mago – P1



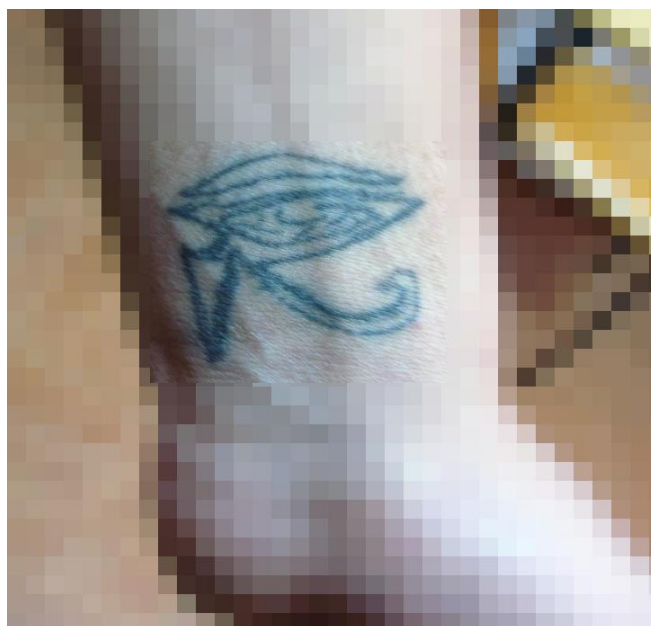
Fonte:Arquivo Pessoal

Figura 62-Misticismo - Morte c/ foice – P1



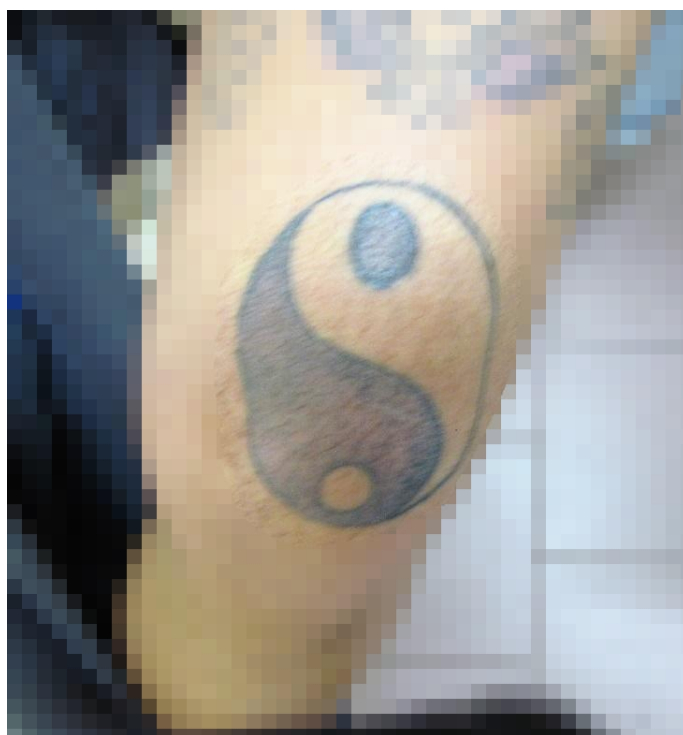
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 63- Olho Egípcio – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 64- Misticismo- Yin Yang – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 65- Misticismo - Yin Yang – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 66- Misticismo - Fênix – P1



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 67- Misticismo – Lua/Sol – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 68- Autoafirmação / Águia - P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 69- Autoafirmação / Águia - P1



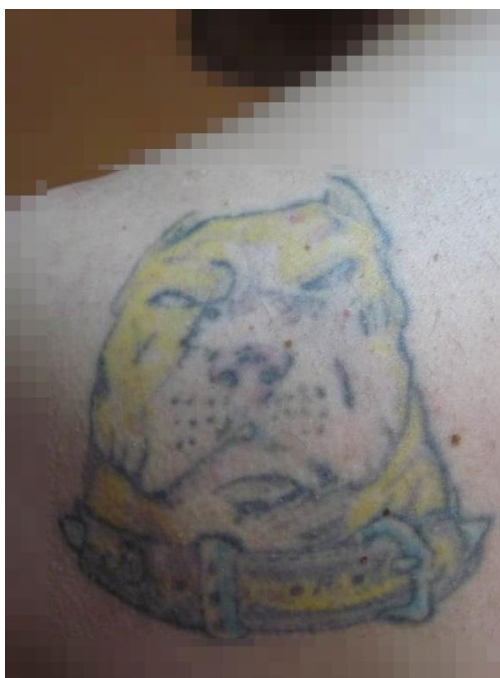
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 70- Autoafirmação - Cão – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 71- Autoafirmação - Cão – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 72- Autoafirmação - tribal – P1



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 73- Autoafirmação - Tribal – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 74- Autoafirmação - Carpa – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 75- Autoafirmação - Carpa – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 76- Autoafirmação - Carpa – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 77- Autoafirmação - Dragão – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 78- Autoafirmação - Dragão – P2



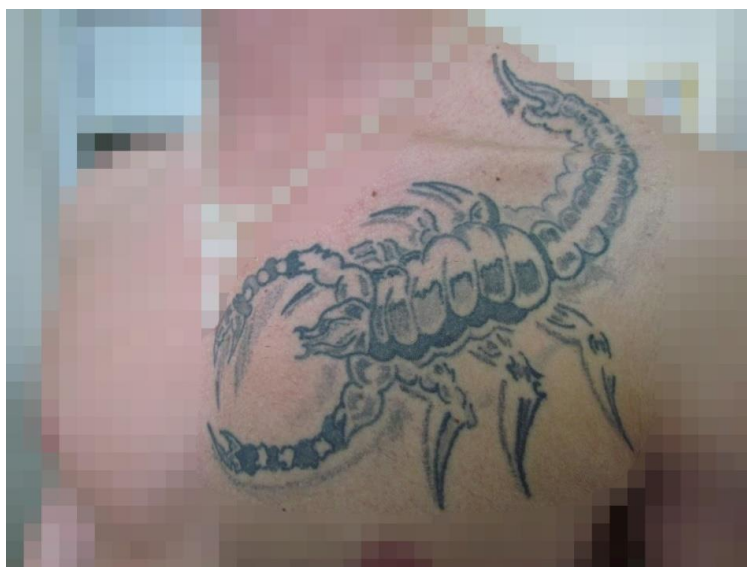
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 79- Eu - Escorpião – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 80- Eu - Escorpião – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 81- Identidade - Nome Próprio – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 82- Identidade - Nome Próprio – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 83- Identidade - Código de Barra – P2



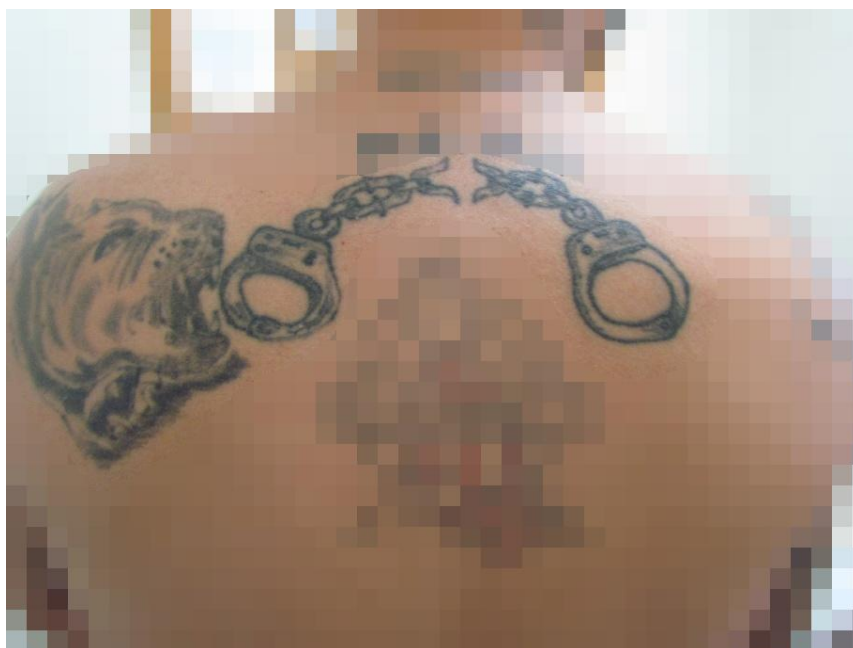
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 84- Reclusão – Algemas – P2



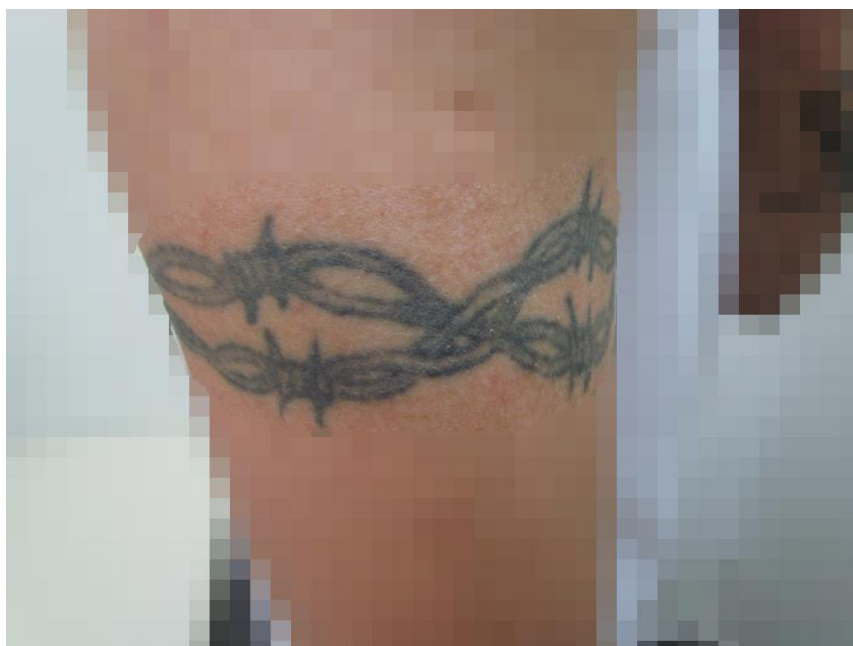
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 85- Reclusão – Algemas – P2



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 86- Reclusão – Arame Farpado – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 87- Reclusão - Arame Farpado – P2



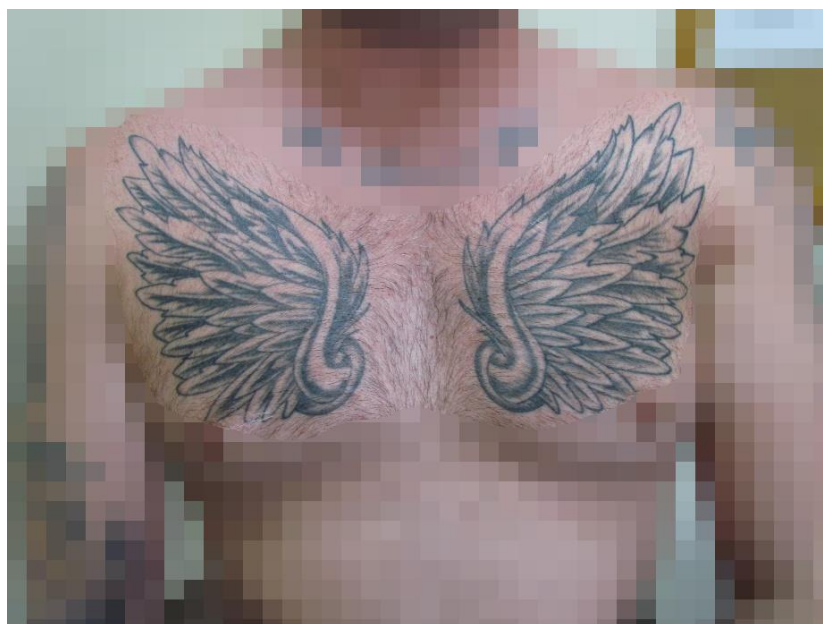
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 88- Liberdade - Asas – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 89- Liberdade - asas – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 90- Liberdade - Vida Loka – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 91- Liberdade - Vida Loka – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 92- Conflitos - Cop Killer – P2



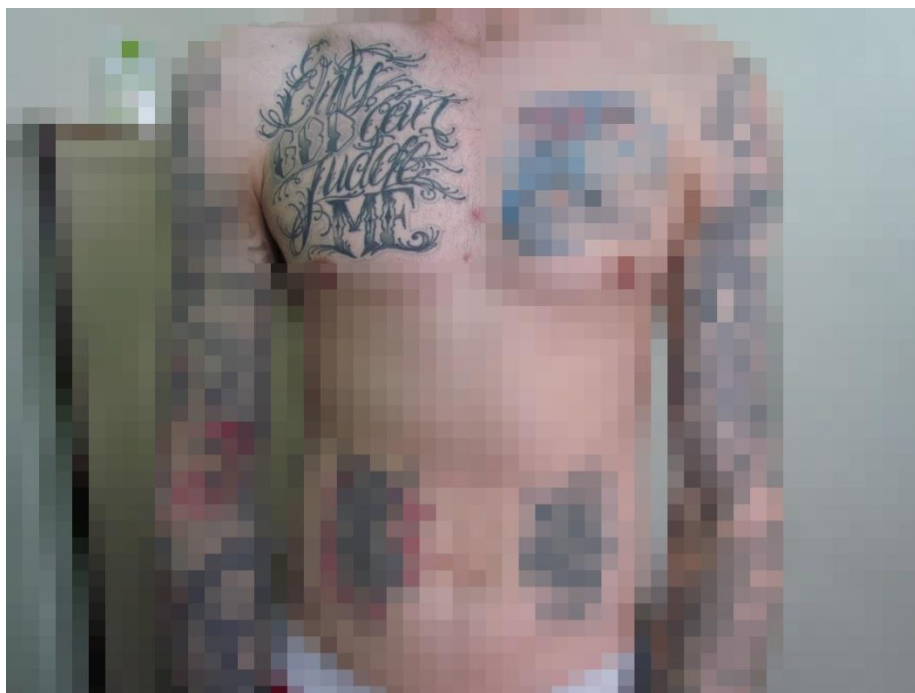
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 93- Conflitos - Só Deus Pode me Julgar – P2



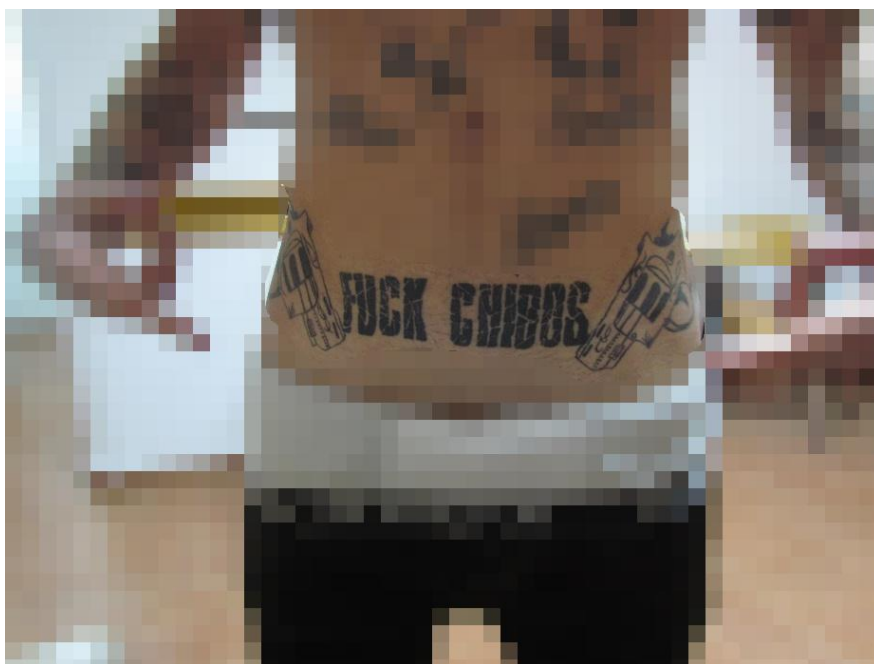
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 94- Conflitos - Só Deus Pode Me Julgar – P2



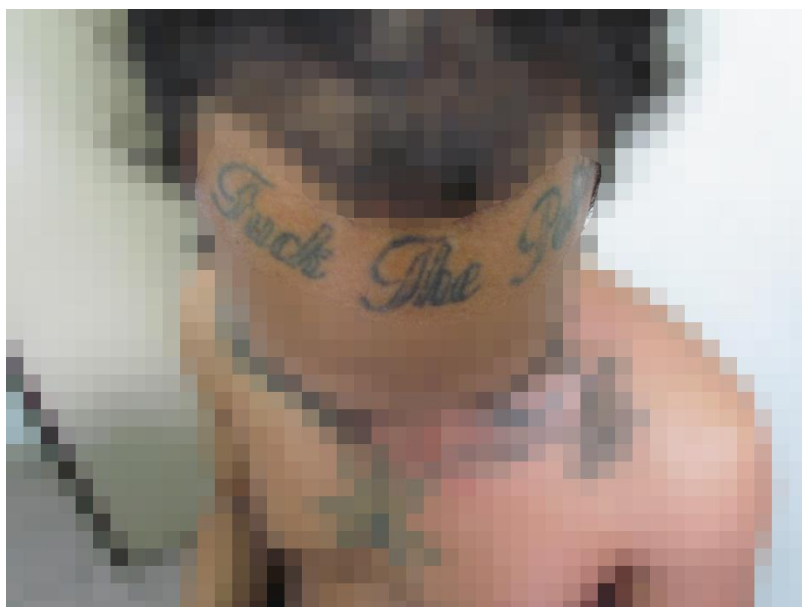
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 95- Conflito- Fuck Chibos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 96- Conflitos - Fuck The Police - P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 97- Conflitos - Pontos – P1



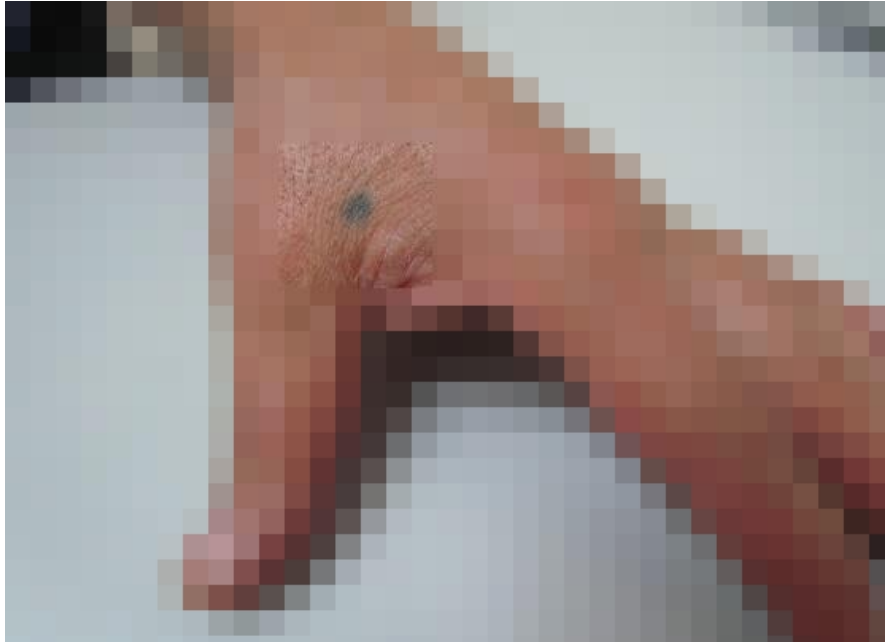
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 98- Conflitos - Pontos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 99- Conflitos - Pontos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 100- Conflitos - Pontos – P2



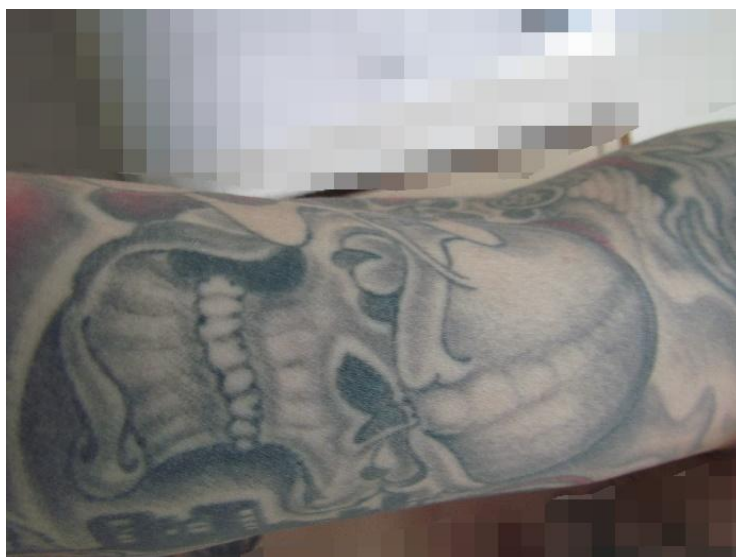
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 101- Conflitos - Caveira - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 102- Conflitos - Caveira – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 103- Caveira - Variação com outros elementos



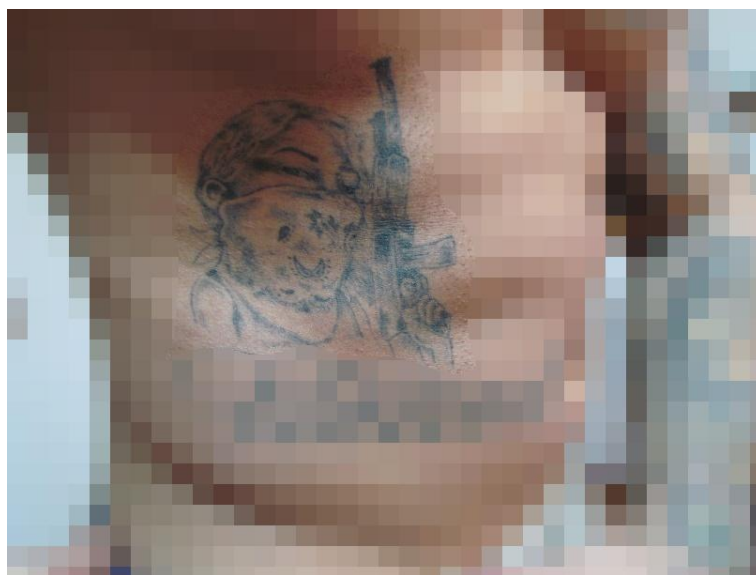
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 104- Armas - Mexicana - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 105- Armas - Fuzil - P1



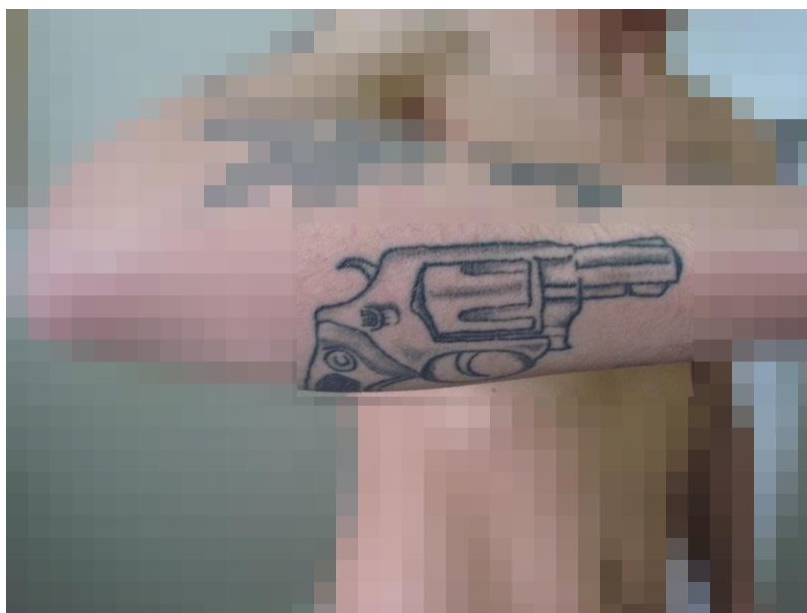
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 106- Armas - revolver - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 107- Armas - Revolver – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 108- Armas - Faca - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 109- Vícios - Folha da cannabis – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 110- Vícios - Folha da Cannabis – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 111- Vícios - Folha da Cannabis – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 112- Vícios - Folha da Cannabis - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 113- Jogos – P2



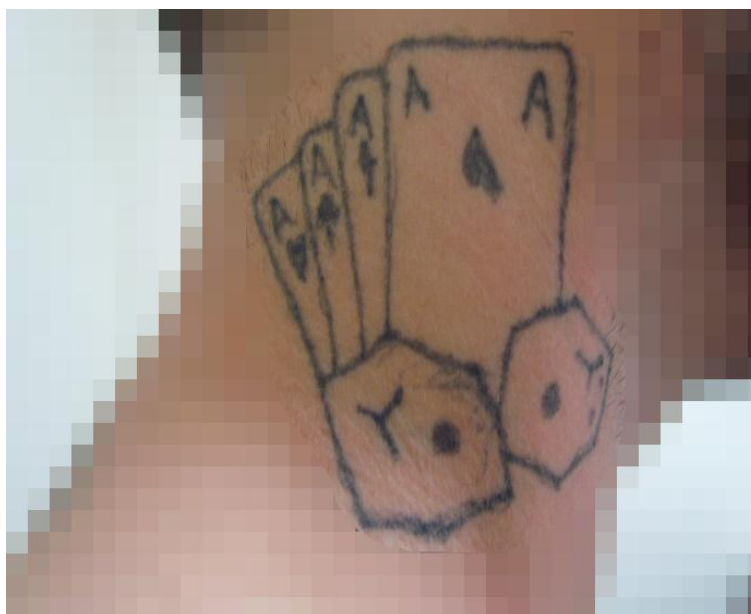
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 114- Jogos - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 115- Jogos - P1



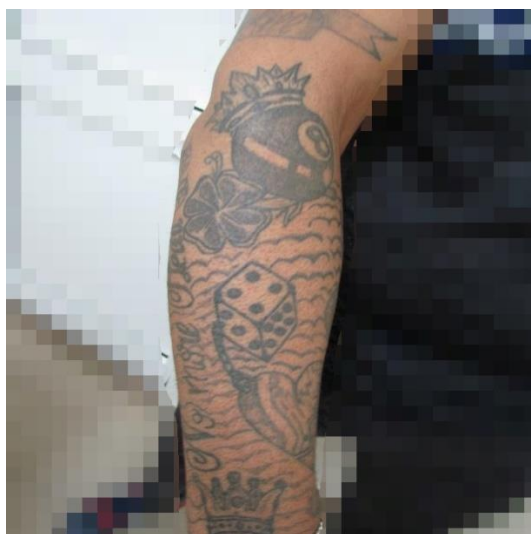
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 116- Jogos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 117- Jogos - Bilhar – P2



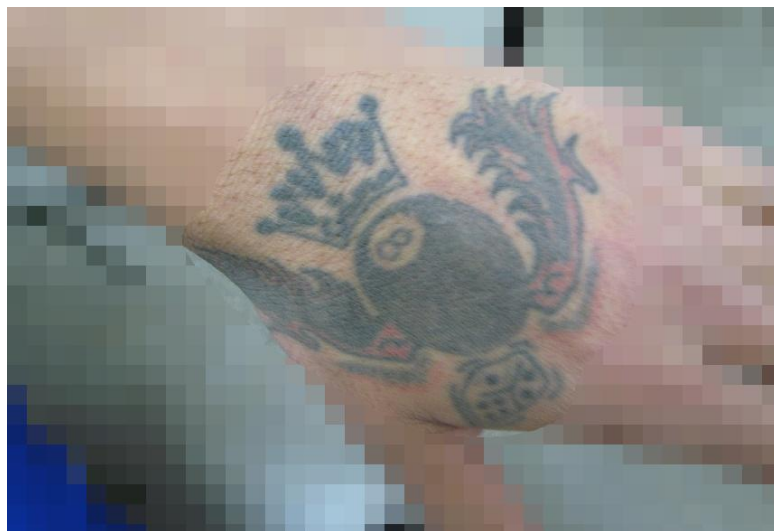
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 118- Jogos - Bola 8- P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 119- Jogos - Bola 8 - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 120- Jogos – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 121- Jogos - Coringa - P1



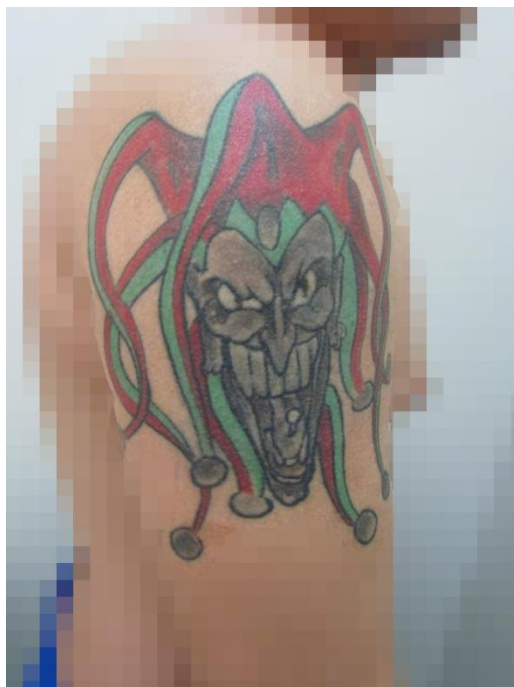
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 122- Jogos - Coringa - P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 123- Jogos - Coringa – P2



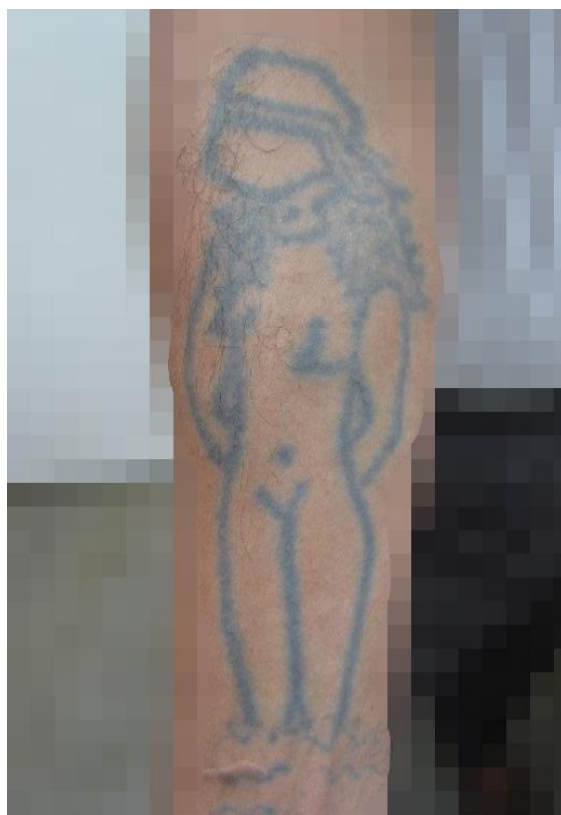
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 124- Música - Banda favorita - P1



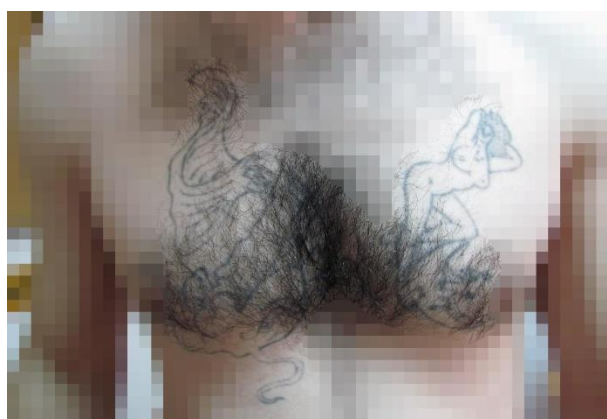
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 125- Diversão - Mulher nua – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 126- Diversão - Mulher nua – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 127- Diversão Palhaço – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 128- Diversão Palhaço – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 129- Diversão Palhaço – P1



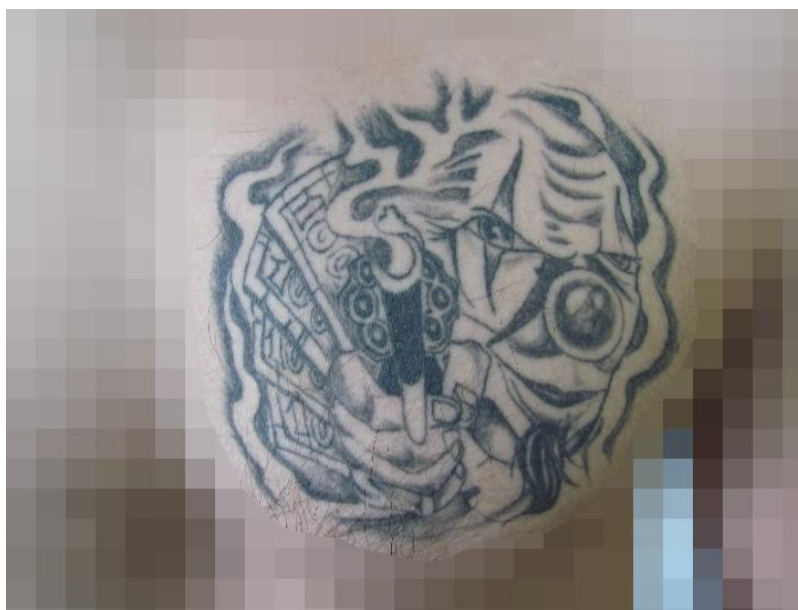
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 130- Diversão Palhaço – P1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 131- Diversão Palhaço – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 132- Diversão Palhaço – P2



Fonte: Arquivo Pessoal

Anexo 2 – Parecer da Justiça Portuguesa / Parecer DEPEN- Brasil



Exmo(a) Senhor(a)

Dra. Márcia Toscan

toscanmarcia@gmail.com

V/ referência	N/ referência	Ofício N.º	Data
		256/DSOPRE	02.11.2016

Assunto: Investigação académica para Doutoramento em Ciências da Informação pela Universidade Fernando Pessoa

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Sr. Diretor-Geral, Dr. Celso Manata, datado de 2/11/2016, foi autorizada, no âmbito do Doutoramento em Ciências da Informação, a realizar a investigação académica no [REDACTED].

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do estabelecimento prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- a entrada da máquina fotográfica, pelo tempo estritamente necessário, e o local onde a investigadora poderá colher imagens das tatuagens, deverá ser diretamente acordado com a Direção do EP;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, sendo necessária, também, a autorização relativamente à recolha da imagem fotográfica;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas
Travessa da Cruz do Tovel, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853896 – E-mail: dsopre@dgrsp.mj.pt
Apartado 21207 – 1131-001 Lisboa



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO



Protocolado nº 14.087.745-0

INFORMAÇÃO Nº 12/2016

Assunto: Solicitação de autorização para pesquisa científica para MÁRCIA TOSCAN, doutoranda pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, com as pessoas privadas de liberdade custodiadas na [REDACTED]

Interessado: [REDACTED]

Em atendimento ao Ofício nº 387/2016, emitido pela Direção da Penitenciária Industrial de [REDACTED], onde solicita apreciação, ao Diretor do DEPEN, sobre a solicitação de MÁRCIA TOSCAN, doutoranda pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, acerca da autorização para desenvolvimento de Pesquisa Científica, bem como se manifesta favorável ao deferimento do pleito em questão, "haja vista se tratar de pesquisa acadêmica, com objetivo de analisar a linguagem (tatuagem) dos presos, e por considerar o interesse em compreender ainda mais esse meio de linguagem", às fls. 03 e considerando:

- O requerimento de MÁRCIA TOSCAN, RG 4.510.511-3, Professora e Doutoranda pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, acerca da autorização para desenvolvimento de Pesquisa Científica, que traz como objeto de estudo e pesquisa "O corpo indelével: tatuagens e histórias de vidas em presidiários em uma análise semiótica", com o intuito de:
 - Compreender o processo de história de vida dos presidiários baseados em suas tatuagens e decodificadas na análise semiótica;
 - Identificar a relação dos símbolos com a história deletiva;
 - Categorizar a linguagem codificada;
 - Realizar análise sob perspectiva semiótica;
 - Apresentar as representações de como é compreendida as tatuagens pelo detento através da análise semiótica, às fls. 04.
- Que a Professora e Doutoranda MÁRCIA TOSCAN, pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, cita que este Projeto se trata de um comparativo entre duas Penitenciárias, uma localizada na cidade do Porto em Portugal e a outra possível pesquisa em [REDACTED], às fls. 04
- Que esse Projeto integra o Doutorado em Ciências de Informação – estudos midiáticos – iniciado em 2014 na Universidade Fernando Pessoa na Cidade do Porto em Portugal, às fls. 04.
- Que para desenvolver a pesquisa será necessário abordar a metodologia de História de vida, assim necessitará de entrevista local e registrada com as devidas autorizações dos detentos como também e registro fotográfico das tatuagens, às fls. 04.
- A Declaração emitida pelo Gabinete de Relações Internacionais da Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa, que confirma a matrícula da Doutoranda MÁRCIA TOSCAN no 2º ano curricular do Programa de Doutorado em Ciências da Informação, às fls. 05.



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO



Protocolado nº 14.087.745-0

- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que aborda: natureza da pesquisa, participantes da pesquisa, envolvimento na pesquisa, sobre as entrevistas, riscos e desconfortos, confidencialidade, benefícios, pagamento, às fls. 06 e 07.

Face ao exposto esta Divisão de Educação e Produção se manifesta ciente e solicita informar a interessada em desenvolver a pesquisa acerca do que segue:

- Os Artigos 153 e 154 do Código Penal Brasileiro:

"Art. 153 - Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem:

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

Art. 154 - Revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem:

Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa."

- Termo de Cessão de Uso de imagem, em caso da necessidade de referenciar ou citar algum dado pessoal e/ou depoimento de preso(a) seja realizada, previamente, a autorização por escrito a ser assinado pelas pessoas entrevistadas.
- O resultado seja apresentado ao DEPEN/SESP.

Para subsidiar a análise e parecer da Direção do DEPEN, encaminhe-se, antes, à CEQP para ciência e considerações.

Após retorne a esta Divisão de Educação e Produção para prosseguimento.

Piraquara, 27/06/2016.


Cristiane Valeria Ribeiro

Assessoria de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados
Divisão de Educação e Produção
DEPEN/SESP/PR


Boanerges Silvestre Boeno Filho

Chefe da Divisão de Educação e Trabalho
Portaria nº070/2015 - DEPEN



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO, QUALIFICAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE APENADOS

Informamos que somos de Parecer Favorável ao desenvolvimento da pesquisa de doutorado, vinculada ao programa de Doutorado em Ciências da Informação na Universidade Fernando Pessoa de Portugal, na Penitenciária Industrial de [REDACTED] assim identificada:

- **Doutoranda:** Marcia Toscan

- **Título da Pesquisa:** "O corpo indelével: tatuagens e histórias de vidas em presidiários em uma análise semiótica."

Objetivos:

- Compreender o processo de história de vida dos presidiários baseados em suas tatuagens e decodificadas na análise semiótica;
- Identificar a relação dos símbolos com a história deletiva;
- Categorizar a linguagem codificada;
- Realizar um comparativo entre duas penitenciárias uma localizada na cidade do Porto em Portugal e a outra na cidade de Cascavel, Penitenciária Industrial de Cascavel.

- **Entrevistados:** 100 aprisionados da [REDACTED] com

tatuagens.

- **Metodologia:** Serão aplicados instrumentos de coleta de dados e registro fotográfico de tatuagens.

Diante do exposto, além das recomendações da Divisão de Educação e Produção/DEPEN às fls. 25, **recomendamos:**

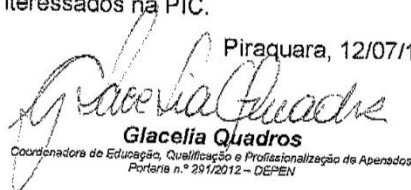
- que as imagens a serem utilizadas sejam submetidas à apreciação da Direção do DEPEN antes de sua utilização;

- a pesquisadora, a monografia intitulada "A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das Penitenciárias", de Cezinando Vieira Paredes, disponível em

http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/monografia_cezinando.pdf

Encaminhe-se para a Direção do DEPEN para ciência e autorização, após aos interessados na PIC.

Piraquara, 12/07/16.


Glacelia Quadros
Coordenadora de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados
Portaria n.º 231/2012 - DEPEN



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA e
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
ASSESSORIA GABINETE
Rua Dom Pedro I, 752, Água Verde - CEP 81.170-320 - Curitiba - Paraná
e-mail: depen@depen.pr.gov.br

DESPACHO

<p>19/07/2016 15:52:31</p> <p>A PIC</p> <p>Protocolo: 14.087.745-0</p> <p>Assunto: Pesquisa científica.</p> <p>1 - Ciente;</p> <p>2 - Autorizo, cumpridas as orientações da CEQPA, fls.26.</p> <p>3- Encaminhe-se a Penitenciária Industrial de [redacted] providências.</p> <p>Rejane C. Simioni Niemeyer. Chefe de Gabinete/DEPEN</p> <p>De acordo: 19/07/16</p> <p>Luiz Alberto Cartaxo Moura Diretor do DEPEN</p> <p>Cezinando Vieira Paredes Diretor Adjunto-DEPEN</p>	<p>I - Ciente e Recebido em 25/07/16;</p> <p>II - Colocar Ciente e Orientação a Pesquisa;</p> <p>III - Posterior arquivo.</p> <p>Valdeson [redacted] Diretor-DEPEN</p> <p>Ciente</p> <p>W. P. [redacted]</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO - DEPEN
ASSESSORIA JURÍDICA

DESPACHO

05/07/18 - 10:51:56

A Assessoria Técnica/Depen

Protocolo n.º 14.087.745-0

I. O presente protocolado versa sobre solicitação de autorização para pesquisa científica de MARCIA TOSCAN, doutoranda pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, com as pessoas privadas de liberdade custodiadas na Penitenciária [REDACTED]

II. Temos a informar que essa Assessoria Jurídica não encontra impedimentos para a publicação do material contido na presente pesquisa, uma vez que esta preenche os requisitos exigidos pelo Departamento Penitenciário do Estado do Paraná.

Rejane C. Sinhorj Niemeyer
Assistente Jurídica/Depen

De Acordo:

Josua Ferreira Rodrigues,
Advogado do Poder Executivo do Paraná.
Chefe da Divisão Jurídica do DEPEN

Anexo 3 – Questionário

- 1 - Quantos anos o senhor tem?
- 2 - Com quantos anos realizou a sua primeira tatuagem?
- 3 - Quantas tatuagens possui? Quantas realizou na prisão?
- 4 - Alguma de suas tatuagens tem relação com o seu delito?
- 5 - Qual a tatuagem mais significativa para o senhor e porquê?
- 6 - Qual é a sua relação familiar?

Anexo 4 – Declaração de Consentimento Informado

Designação do Estudo (em português):

“O corpo indelével: tatuagens e histórias de vidas em presidiários em uma análise semiótica”

Eu, abaixo-assinado, _____, **RG** _____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/_____/2016

Assinatura do participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome: MÁRCIA TOSCAN

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo 5 – Comissão de Ética da UFP



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*com conhecimento à
altura e orientador(a).*

Gomes
13/10/2016

Exma. Senhora
Prof. Doutora Inês Gomes
Diretora da FCHS

Porto, 10 de Outubro de 2016

Exma. Senhora Prof. Doutora,

A Comissão de Ética, depois de apreciado o projeto de doutoramento em Ciências da Informação (Jornalismo e Estudos Mediáticos), de Márcia Toscan, intitulado "O Corpo Indelével: Tatuagens e história de vida em presidiários em uma análise semiótica", considera nada haver a opor ao mesmo. Chama, contudo, a atenção para a necessidade de obtenção de autorização da entidade da tutela da instituição prisional (Secretaria da Justiça ou do Ministério da Justiça do Brasil) para a sua concretização.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

T. Martinho Toldy
Teresa Martinho Toldy



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

MPC 501 051 602 - Reg. Conservatória 26 Conservatória da Região Comercial do Norte
REITORIA - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais | Faculdade de Ciência e Tecnologia | Praça 9 de Abril, 349 - 4249-004 Porto-Portugal - T +351 22 507 1300 - F +351 22 550 8269 - geral@ufp.pt
Faculdade de Ciências da Saúde | Escola Superior de Saúde | R. Carlos Da Maia, 296 - 4200-150 Porto - Portugal - T +351 22 507 4630 - F +351 22 507 4637 - R. Dielhm Maia, 334 - 4200-253 Porto - Portugal
T +351 22 509 6371 - geral.asaude@ufp.pt UNIDADE de Ponte de Lima - Casa da Garrida - R. Conde de Berridos - 4999-078 Ponte de Lima-Portugal - T +351 258 741 026 - F +351 258 741 412 - geral.phma@ufp.pt